
Doce
Tentação
Autora Best-Seller do New York Times
K. BROMBERG

K. BROMBERG

Doce Tentação

Tradução
Andreia Barboza

1ª edição - 2018

ALLBOOK EDITORA

Copyright © 2016. Sweet Cheeks by K. Bromberg
Copyright da tradução © 2018 Doce Tentação por Allbook Editora
Diretora editorial: Beatriz Soares
Tradução: Andréia Barboza
Título original: Sweet Cheeks
Copidesque: Luizyana Poletto
Revisão final: AllBook Editora
Projeto gráfico miolo: Luizyana Poletto
Capa original: Perfect Pear Creative Covers
Adaptação de capa: Flavio Francisco
Fotografia de capa: Wander Aguiar Photography
Modelo de capa: Andrew Biernat @ ZinkModels
Todos os direitos reservados pela AllBook Editora para publicação no Brasil. A reprodução, transmissão ou distribuição não autorizada de qualquer parte deste trabalho protegido por direitos autorais é ilegal. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação, sem a permissão dos detentores dos copyrights.

Os direitos morais do autor foram declarados.

Esta obra literária é ficção. Qualquer nome, lugares, personagens e incidentes são produto da imaginação do autor. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou estabelecimentos é mera coincidência.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Bianca de Magalhães Silveira - CRB/7 6333

B869

Bromberg, K.
Doce tentação / K. Bromberg; Tradução de Andréia Barboza.– Rio de Janeiro: AllBook Editora, 2018.
190p. Livro eletrônico.

Tradução de: Sweet Cheeks
Formato: Epub
ISBN 978-85-906622-1-1

1. Literatura Americana. 2. Romance. I. Título.

CDD: 813

"O amor não precisa ser perfeito, ele só precisa ser verdadeiro."
Autor desconhecido

Índice

Prólogo
Um
Dois
Três
Quatro
Cinco
Seis
Sete
Oito
Nove
Dez
Onze
Doze
Treze
Catorze
Quinze
Dezesseis
Dezessete
Dezoito
Dezenove
Vinte
Vinte e Um
Vinte e Dois
Vinte e Três
Vinte e Quatro
Vinte e Cinco
Vinte e Seis
Vinte e Sete
Vinte e Oito
Vinte e Nove
Trinta
Trinta e Um
Trinta e Dois
Trinta e Três
Trinta e Quatro
Trinta e Cinco
Trinta e Seis
Trinta e Sete
Trinta e Oito

Trinta e Nove
Quarenta
Quarenta e Um
Quarenta e Dois
Quarenta e Três
Quarenta e Quatro
Epílogo
Agradecimentos



Isso só pode ser piada.

É a única coisa que passa pela minha cabeça enquanto olho para o convite quadrado que está em minhas mãos e percebo as estranhas semelhanças.

Fonte cursiva.

Decoração com arabescos.

Papel cartão telado na cor creme.

As palavras, a disposição delas no papel e todos os outros detalhes que posso perceber. Checado duas vezes.

Como é possível que o convite que está em minha mão seja praticamente igual ao que passei horas namorando quando estava decidindo os detalhes do meu próprio convite de casamento?

Esfrego o papel caro entre os dedos como se precisasse ter certeza de que é real. Quando finalmente me convenço, examino minuciosamente os detalhes de novo.

Parece mesmo com o meu convite de casamento. O mesmo noivo — Mitch Layton. Mesmo horário da cerimônia. Mesmo local: o paraíso tropical das Ilhas Turcas e Caicos.

Tudo é idêntico, exceto o nome da noiva e a data. Porque neste convite diz *Sarah Taylor*.

E essa não sou eu.

Na verdade, o único lugar em que está escrito Saylor Rodgers é do lado de fora do envelope, abandonado na minha mesa. Dou uma olhada no endereço mais uma vez. Sim, definitivamente foi enviado para mim. De propósito.

Sou uma das *convidadas? Sério?*

Sem dúvida, o homem que abandonei uma semana antes do nosso casamento não me convidaria para o casamento dele — com outra pessoa — apenas seis

meses depois que cancelei o nosso.

Mas aí está. Meu nome. Meu endereço.

Sweet Cheeks CupCakery
A/C srta. Saylor Rodgers
State Street, 1313
Santa Barbara, CA
CEP: 93101

Com certeza não é um erro, porque essa sou eu, e ele sabe que pode me encontrar nesse endereço.

A ironia: já se passaram seis meses e Mitch nunca me procurou querendo uma explicação mais detalhada sobre o motivo pelo qual fui embora além de "porque não posso mais fazer isso".

E sua primeira tentativa de contato é essa? Me convidar para seu casamento em uma tentativa óbvia de me mostrar com que facilidade posso ser substituída? Tentar me fazer sentir inadequada, ao mesmo tempo em que inflama seu ego ferido?

Jogada clássica de Mitch Layton. Agressão-passiva no melhor estilo.

Fico com raiva, mas não entendo o porquê. Isso não importa. *Ele não importa*. Mas se não dou a mínima, por que olhar para este convite faz meu estômago revirar?

E ainda mais importante, por que estou separando o cartão de RSVP, pegando uma caneta e selecionando o filé mignon em vez do linguado incrustado com macadâmia como opção de entrada quando não tenho intenção de ir?

Não mesmo.

De jeito nenhum.

Marcar alguma coisa é só maluquice da minha parte.

E mais estranho, por que estou assinalando um X ao lado de "acompanhante" quando não há ninguém na minha vida?

Olho para o local onde escrevi meu nome no cartão de RSVP, penso em tudo o que passei nos últimos seis meses e sei a resposta: *porque me sinto bem ao fazê-lo*. Por saber que Mitch não pode mais me afetar. Ele queria me chatear com o convite e, droga, por um minuto fiquei com raiva e magoada. Quem não ficaria se descobrisse que o ex-noivo se arranjou tão rápido? Mas, no fim das contas, ele não fez nada além de me deixar grata por não estarmos nos casando. Atribuo isso a Mitch sendo Mitch. Egoísta, arrogante e infantil.

Ele que se dane.

Coloco o cartão RSVP dentro do pequeno envelope de resposta com o endereço já preenchido.

O tempo todo imaginando o olhar do Mitch quando abrir e encontrar meu

nome escrito no cartão ali dentro.

Passo a língua sobre a cola na aba.

Imagine a surpresa dele quando vir que vou levar um acompanhante. Você não é o único que encontrou alguém para te fazer feliz, Mitch.

Fecho a aba do envelope e a pressiono para que cole. *Fico imaginando a cara da Sarah Estepe quando ele entregá-lo para ela e pedir para adicionar mais dois convidados à conta. Será que ela vai zombar dele? Isso vai causar uma briga? Ou eles vão rir da situação até não aguentarem mais e ficarão se perguntando se eu realmente vou aparecer?*

E então ficarão preocupados pensando se vou.

Mesmo que só eu saiba, tenho um estranho sentimento terapêutico de satisfação ao segurar aquele papel. Em saber que o plano dele saiu pela culatra.

Deus, estou sendo ridícula.

Reviro os olhos e jogo o envelope lacrado na mesa, sem intenção de pensar nisso novamente. Não deveria ter desperdiçado meu tempo preenchendo isso, porque não me importo. Nem um pouco. Nem com ele, nem com a aparência da futura sra. Layton ou sua necessidade infantil de dar a palavra final sobre o nosso relacionamento ao me mandar esse convite.

Definitivamente, deixá-lo foi a melhor coisa que fiz.

Estou mais feliz agora.

Sem dúvida.

Com certeza, mais feliz.

Eu acho.



— Saylor.

Meu irmão resmunga meu nome pelo que parece ser a décima vez em vários minutos. Eu o ignoro e mantenho o foco no desenho elaborado que estou fazendo no cupcake a minha frente.

É muito mais fácil fingir que nada está acontecendo do que ouvir o sermão que sei que virá. Os comentários sobre como as contas a pagar são maiores que as contas a receber. *E você sabe que mesmo com o empréstimo para pequenas empresas que conseguiu, ainda vai se afogar em dívidas a menos que descubra como alavancar os negócios, não é? Você precisa criar um plano de marketing diferente de todos os outros para atrair mais clientes.*

E então ele vai começar a lenga-lenga. Sobre eu precisar ser mais ativa nas redes sociais, sobre como as encomendas pela internet têm um volume enorme hoje em dia e onde a confeitaria pode encontrar longevidade e sucesso. Vai me dizer para conseguir pedidos suficientes pela internet, aumentar a demanda do produto nas cidades vizinhas, vender oportunidades de franquia para atender a essas demandas e depois me sentar e aproveitar as recompensas.

Será que ele não vê que estou fazendo tudo que posso? Que dei meu sangue, suor e lágrimas nesse sonho desde que terminei com Mitch? Não só para provar a mim mesma que foi a decisão certa, mas, provavelmente, em grande parte para provar isso a todo mundo. Provar que posso conseguir sozinha. Sem ele, sem o sobrenome da sua família ou as contas bancárias cheias de dinheiro. Mostrar a todos que nada disso *me* define.

Então continuo de cabeça baixa, adiciono uma fita de pérola na borda do cupcake que estou decorando (para um casamento) enquanto olho de vez em quando para o trânsito lá fora, esperando que as pessoas parem e comprem um doce.

Ou dúzias deles.

Porque quanto mais ele entrar de cabeça na bagunça que fiz na planilha eletrônica que, para seu cérebro calculista é algo fácil de entender, mais barulho vai fazer. Aquelas colunas, linhas e fórmulas com símbolos não fazem sentido para mim. Tenho coisas mais importantes a fazer do que me estressar em adicionar números a ela.

Como, por exemplo, administrar todos os aspectos do negócio sobre o qual ele está — merecidamente — reclamando sem parar.

— Saylor?

A mudança em seu tom de voz me faz levantar a cabeça para olhá-lo pela porta aberta, de onde ele está. Seus olhos azuis estão confusos e refletem o que imagino ser raiva. Há algo em suas mãos que não consigo identificar.

Droga. O que fiz agora?

— Aquele babaca teve mesmo a audácia de te convidar para o casamento dele?

Abaixo lentamente o saco de confeiteiro e apoio as mãos na bancada de madeira na minha frente, me preparando para o senso de proteção de irmão mais velho de Ryder. Para a raiva que virá em minha defesa, quando ele deveria estar puto depois do que a família de Mitch fez com ele por minha causa. E graças à minha própria estupidez por não ter rasgado o convite logo de cara.

Me esqueci completamente disso.

Ou, pelo menos, é o que digo a mim mesma quando olho para o papel cartão cor creme em sua mão e me lembro do cartão RSVP que preenchi às pressas no mês passado. Foi mais como um ato de “vou te ferrar” do que de intenção real. Independentemente disso, o pavor que senti foi mais do que real quando minha assistente, DeeDee, me disse que havia enviado o envelope que deixei na mesa. Aquele que eu pretendia jogar fora, mas me distraí com um cliente e esqueci completamente.

Meu sorriso é tenso enquanto finjo estar perfeitamente bem por ter sido convidada. É mais fácil fingir a deixar que as lágrimas de culpa apareçam por saber que aquilo o afetou também. Meu irmão meigo, calado e superprotetor, que me emprestou o dinheiro para começar esse negócio e depois descobriu que seu maior cliente — a Layton Industries — cancelou seus negócios com ele, a principal fonte de renda confiável nos últimos oito anos.

Vejo o estresse em suas marcas de expressão. Sei que está tentando me ajudar o máximo que pode e, ao mesmo tempo, corre atrás de novos clientes para manter a empresa de consultoria funcionando. E ainda por cima, fazendo a função de mãe, pai e irmão mais velho para mim, tudo de uma vez só. Mas sei que ele odeia quando agradeço por isso, então me concentro em responder à

pergunta. Reconheço o tom que ele usou como: *o filho da puta do Mitch realmente te convidou?*, apesar do jeito educado com que colocou a frase.

— Parece que sim — murmuro e mordisco o lábio inferior, tentando mudar de assunto. — Baguncei muito a planilha?

— Que se dane a planilha, Say. Esse idiota realmente pensa que...?

— Eu terminei com ele, Ryder. — Minha voz soa baixo quando falo e um traço de incerteza a permeia. — Não o contrário.

— Foi por um bom motivo. — Ele faz uma careta quando percebe que seu tom é mais duro do que pretendia, deixando transparecer sua própria raiva por Mitch. — Olha, sei que tem sido difícil. Basicamente, você teve que começar tudo de novo. Um lugar novo para morar, todos os seus amigos ficando do lado dele e te tratando como se você não existisse, tendo que trabalhar infinitas horas na confeitaria e ficando solitária... tudo isso. Mas você está conseguindo. Está começando uma vida nova. Tem um negócio funcionando e...

— Mal — murmuro enquanto esfrego o rosto em sinal de frustração e, no processo, espalho glace por ele todo.

— É muito mais do que a maioria das pessoas estaria fazendo sete meses depois do rompimento de um relacionamento longo.

Inspiro profundamente e concordo enquanto trago à tona a conhecida frase sobre iniciativa própria. Isso foi opção minha. *Foi minha escolha* terminar quando poderia ter continuado. Ao perceber que embora Mitch e eu estivéssemos juntos há seis anos, a chama havia se apagado muito antes. Claro que há mais coisas em um relacionamento do que apenas *o desejo de jogá-lo contra a parede no minuto em que ele chega em casa e fazer sexo selvagem*, mas, na verdade, esse sentimento nunca existiu, para começar.

Crescer com pais que se amaram com tanta intensidade, mas que se referiam constantemente aos inúmeros objetivos, sonhos e desejos dos quais desistiram porque Ryder e eu éramos prioridade me fez parar para avaliar do que eu estaria desistindo para me casar e entrar na família de Mitch. Porque o compromisso teria sido exclusivamente da minha parte. Não da parte dele.

Independentemente das minhas razões, ninguém de fora poderia entender o motivo pelo qual eu decidi romper. Afinal, ele era Mitch Layton, perfeito em todos os aspectos imagináveis: educado, bem-sucedido, bonito como um modelo da Ralph Lauren — e mesmo com toda essa perfeição, ainda me lembro de olhar no espelho nas semanas que antecederam o nosso casamento e pensar que apesar de tudo isso ser bom, eu não queria viver uma vida me perguntando se bom *era o suficiente*.

Me afasto daqueles pensamentos e olho para meu irmão, para as tatuagens intrincadas e coloridas nos antebraços. Observo as imagens, que normalmente

ficam escondidas sob as camisas que usa para trabalhar, enquanto ele levanta o convite para lê-lo mais uma vez.

— Sinto muito que essa situação também tenha te afetado. Que o meu término com ele...

— Já te falei para não repetir isso. A culpa não foi sua.

— Falou como um amigo de verdade. — Eu rio e pego o saco de confeiteiro de novo. Estava mais para o meu único amigo – e, infelizmente, é porque ele é meu irmão, então tem que ser – uma vez que o círculo de amigos que Mitch e eu conquistamos ao longo dos anos resolveram ficar do lado dele depois do rompimento. Os encontros semanais para almoço foram remarcados repentinamente com um SMS dizendo: "Te ligo quando tiver tempo livre", e os jantares mensais só para garotas, por algum motivo, pararam de acontecer. Até mesmo a minha manicure, que fazia as unhas da mãe de Mitch, de repente, não tinha mais horário para mim.

— Ele realmente acha que você vai?

— Ele me convidou, não é? Ou talvez tenha sido a noiva... quem sabe? E quem se importa?

— Você a conhece?

— Nunca ouvi falar dela antes.

— Quem quer que seja, é provável que só queria esfregar isso no seu nariz. Ele é arrogante o suficiente para isso. Pensa que é um grande prêmio. Então, por que não fazer com que você se preocupe e se pergunte se cometeu um grande erro ao terminar tudo, já que se arranjou com alguém tão depressa? Que merda de piada.

Adoro que ele tenha chegado imediatamente à mesma conclusão que eu sobre a intenção de Mitch ao me enviar um convite. Ao mesmo tempo, lá no fundo, detesto o fato de que desde de que o recebi, tenho repassado mais do que deveria minhas razões para cancelar nosso casamento.

Me recuso a reconhecer que tem algo a ver com Mitch ou o convite.

É perfeitamente normal ter dúvidas. Do tipo, *no meio da noite, olhar para o teto quando não se consegue dormir pensando se a grama é mais verde do outro lado*. Não se faz grandes mudanças na vida sem tê-las.

E se afastar do homem que você amou e com quem esteve durante a maior parte da vida adulta se qualifica como uma grande mudança, por isso é justificável ter algum nível de incerteza.

— Concordo — considero enquanto coloco outra linha de contas no próximo cupcake. — Mas você não se sentiria da mesma maneira se alguém fizesse isso com você? — Meu irmão só me olha, mas a expressão cínica em seu rosto trai a calma em seus olhos. — Entendo porque você está chateado e também estou

pelo que ele fez com você, mas quando se trata de mim, Ryder, ele tem o direito de ficar bravo. Fui eu quem terminou de forma inesperada.

— Ah, eu lembro bem — ele fala por cima do ombro enquanto volta para a mesa. E sei que se lembra mesmo. Como ele poderia se esquecer de ter me abraçado enquanto eu soluçava de tanto chorar quando percebi que não poderia continuar com o casamento? Ou como ele foi a voz da razão durante a minha histeria, me acalmando e me incentivando a ouvir meu coração? E depois, segurando minha mão enquanto eu pegava o telefone e dizia a Mitch que precisava falar com ele. — Quer realmente saber o que me irritou mais do que qualquer coisa? Você terminou um relacionamento de quase sete anos, e em nenhum momento ele ficou com raiva, magoado ou veio na sua porta e implorou para você reconsiderar. Ele não lutou por você, e você é alguém por quem vale a pena lutar. Em vez disso, ele agiu como o idiota passivo-agressivo que está mandando um convite para o novo casamento.

Dou de ombros, amando saber que ele acha que sou alguém por quem vale a pena lutar e, ao mesmo tempo, entendendo o fato de que Mitch não fazer isso foi uma resposta por si só.

— Se você estivesse no lugar dele, como teria lidado com essa situação?

— Eu? — Ele ri de um jeito tímido, que sugere que o que está prestes a dizer pode ou não ter acontecido no passado. — Depois que a garota se recusasse a falar comigo, eu teria ficado bêbado. Não ia ser bonito. Então, é provável que eu batesse na porta da casa dela a noite toda até que ela estivesse tão cansada que tivesse que me encarar. E se mesmo assim ela não o fizesse e eu precisasse de um pouco de autoestima, provavelmente, eu teria saído, bebido mais e teria dormido com a primeira mulher que aparecesse porquê... bem, porque se eu pedir alguém em casamento, é pra valer. E aí, se descobrisse que desperdicei seis anos da minha vida, ficaria puto pra caramba e gostaria de me sentir melhor comigo mesmo de alguma forma. Então, sim... não é elegante, mas é o que eu teria feito.

Eu bufo.

— Parece certo, mas lá no fundo, não consigo imaginar o Mitch agindo assim... saindo e transando com a primeira mulher que ele visse.

Sua risada sarcástica ecoa pela confeitaria.

— Odeio acabar com suas ilusões, mana, mas claramente foi o que ele fez, ou não se casaria tão rápido.

E eu não posso esconder o fato de que essa ideia dói. Mas, pelo menos, isso solidifica uma de duas coisas: ou ele se sentia da mesma maneira sobre o nosso relacionamento ou se apaixonou pela *Sarah Estepe* porque feri seu ego, e ela o fez se sentir bem novamente.

— Talvez ele queira provar que me superou, apesar dos comentários que ouvi sobre ela ser uma cópia minha. — Com o canto do olho, vejo como essas palavras o fazem parar no caminho para o escritório. A noção de que Mitch está se casando com outra mulher alta, de cabelos loiros e pele morena o atinge.

Ele ri com sarcasmo enquanto ouço o barulho de papéis na minha mesa bagunçada na sala dos fundos.

— Onde está o cartão RSVP? Vou mandá-lo de volta e deixá-lo saber o que eu penso sobre o quanto você foi inteligente em ter dado um pé na bunda dele. Idiota pretensioso.

Felizmente, Ryder não pode me ver de onde está, porque tenho certeza de que estou com o nariz franzido e o gesto hesitante em meus movimentos demonstrariam o que fiz.

— Saylor?

— Humm? — Demonstro indiferença.

E deve haver algo em como respondo que capta a pequena inflexão no meu tom.

— Por favor, me diga que você não está realmente pensando em ir.

— Não. Claro que não. — Mantenho os olhos no próximo cupcake. Meus dedos pressionam outra fita de pérolas ao redor dele. Meus pés remexem para diminuir o peso do seu olhar me examinando.

— Então onde está o cartão?

— Devo ter perdido. Ou jogado fora. — Esquivar. Evitar. Ignorar. — Ah! Talvez tenha caído no chão e esteja debaixo da mesa...

— Você sempre foi uma péssima mentirosa. — Posso ouvir a descrença e confusão em seu tom quando ele dá alguns passos na minha direção. No mesmo instante, solto a mecha de cabelo que está enrolada em meu dedo. *É o gesto que sempre faço sem perceber quando minto.* — A questão é, no que, exatamente, você está mentindo?

— Em nada. Deixe isso pra lá.

— Você enviou o RSVP, Saylor?

— Sim. Não. Não é o que você está pensando. — Solto um suspiro exasperado enquanto ele me olha, esperando que eu continue. Odeio me sentir como uma criança prestes a ser repreendida por fazer algo estúpido. — Preenchi o cartão só de raiva. Eu não tinha intenção de ir... mas então a DeeDee o pegou e o enviou por acidente e... bem, agora eles acham que eu vou. Com um acompanhante.

— Isso é clássico. — Ele ri, mas o som diminui quando ele semicerra os olhos e os pensamentos se conectam. — Espere. Você preencheu o cartão por raiva. Posso aceitar isso. Mas se não tinha intenção de ir, então por que colocou no

envelope? Isso me diz que você chegou a pensar no assunto.

— Não sei. — Dou de ombros, tentando descobrir onde ele quer chegar com isso. — Só coloquei. Não havia nenhum significado oculto por trás, Ryder. — Ele está começando a me irritar. Sei que está analisando tudo, pensando mais do que deveria, e só quero que ele vá embora para que eu possa trabalhar em paz.

Mas ele não vai. Fica parado e continua me olhando como se eu tivesse feito algo errado.

— Você entende que o Mitch te enviou o convite como uma piada, certo? Que nenhum deles te quer realmente no casamento.

Reviro os olhos e bufo.

— Não sou criança. Nem idiota. Sei que eles não me querem lá e te garanto, não quero estar lá também.

— Tem certeza disso?

Viro a cabeça para encontrar o questionamento em seus olhos.

— Tenho certeza do quê? — Há uma pontada de raiva na minha voz. Um tom de: *por que você está me questionando?*.

— Só estou tentando descobrir se você está tendo dúvidas.

Eu bufo.

— Se estiver, é um pouco tarde, já que parece que ele vai se casar.

— Hum-hum. — Há algo de condescendente na maneira como ele diz isso, o que me faz ranger os dentes.

— E o que significa esse hum-hum? — Coloco as mãos na cintura, começando a ficar irritada.

— Acho interessante que você não tenha dito nada sobre o convite. Então isso me diz que te atingiu mais do que você está deixando transparecer. Se não te incomodasse ou se você não estivesse tendo dúvidas, teria dito algo.

— Eu não disse porque não é grande coisa.

— Hum-hum.

Ele dá essa resposta de novo.

— Só me diz o que você quer. Não estou no clima para esses jogos de psicologia reversa que você está jogando aqui.

— Seria totalmente normal que você tivesse dúvidas, sabe?

— Concordo, mas o que as dúvidas têm a ver com isso? — Aponto para o convite na mesa entre nós.

— Só estou me certificando de que você não está planejando fazer nada de que vá se arrepender, só isso.

— O quê?

— Algo como aparecer nesse casamento idiota. — Ele levanta as sobrancelhas quando fala e me deixa completamente irritada.

— Por que você continua insistindo nisso? Sai do meu pé. Você acha que eu tenho um plano secreto para ir ao casamento escondida? Vou usar o voucher de viagem que o resort me deu como crédito para o meu próprio casamento cancelado e simplesmente aparecer porque, de repente, estou preocupada com o fato de que posso ter cometido um grande erro? O que você acha que vou fazer, espionar através das cercas durante a cerimônia para que eu possa satisfazer minha curiosidade mórbida sobre como é a futura sra. Layton, o tempo todo agradecendo a Deus, em silêncio, por não ser eu caminhando em direção ao altar até ele?

— Say, não foi isso que eu quis dizer...

— Melhor ainda. Acho que eu deveria ir. — Minha irritação está no limite e não consigo impedir que as palavras saiam, nem se eu tentasse. — Na verdade, vou contratar um gostosão de um serviço de acompanhantes para me levar. Afinal, marquei um acompanhante. E então, quando entrarmos na festa, ficará muito óbvio que ele está perdidamente apaixonado por mim e aqueles idiotas – as pessoas que pensei que eram minhas amigas e que sumiram quando mais precisei delas – vão poder ver. Por que não, certo? Se eu aparecesse loucamente apaixonada por um cara gato, se Deus quisesse, todos veriam que não estou em casa encolhida, lambendo minhas feridas, porque percebi que cometi um erro como pensam que estou fazendo. — Finalmente paro, arfando, com as mãos cerradas e com a raiva por ser questionada pesando no espaço entre nós. Os olhos de Ryder permanecem presos nos meus, mas ele não diz uma palavra. — Se é isso que você quer dizer com fazer algo estúpido, não se preocupe, Ryder, já tenho uma ideia idiota. No entanto, obrigada pelo voto de confiança.

Bato com o saco de confeitar para dar ênfase. Uma enorme mancha de glacê cor-de-rosa surge com a força e esguicha na bancada. Fico olhando por um momento, querendo rir e chorar ao mesmo tempo com a situação: em Ryder, pensando que eu realmente quero voltar com Mitch e em mim mesma por perder a paciência com ele e deixar meu temperamento levar a melhor.

Não é culpa dele. É minha. É a sobrecarga de emoções que guardei desde o rompimento. É o fato de saber que tudo o que fingi fazer — querer ver como a *Sarah Estepe* é, querer ver Mitch e me sentir aliviada por ter terminado, querer provar a nossos antigos amigos que estou melhor agora — são pensamentos que eu realmente tive nas últimas semanas. Validações que não preciso, mas que tenho pensado a respeito.

— Say.

Não há nada além de empatia em sua voz e, ainda assim, não posso olhar para ele. Não posso desabar quando tento tanto manter tudo sob controle – minha vida, minhas emoções, minha sanidade – para provar a todos, inclusive a ele, que

tomei a melhor decisão.

Precisando de um minuto para me recompor, inclino a cabeça, respiro fundo e digo a mim mesma que não tem problema eu me sentir um pouco desequilibrada. Que deixar a vida que tive e, essencialmente, começar tudo de novo enlouqueceria a maioria das pessoas.

— Não. Estou bem. — Limpo a garganta e foco em limpar o glacê colorido da bancada para que ele não consiga ver as lágrimas em meus olhos. Todo o tempo, espero que ele diga mais. Sei que ele quer. No entanto, quando apenas o silêncio pesa no ar entre nós, sou forçada a olhar para cima.

A cabeça de Ryder está inclinada para o lado enquanto ele me olha com nada além de compaixão.

— Não foi isso que eu quis dizer, Say. Só queria dizer que dúvidas e curiosidade são normais. Que não há nada de errado se fizer isso e não quero que se sinta obrigada a esconder isso de mim.

Eu rio, nervosa, sem querer discutir isso.

— Obrigada, me desculpe. Acho que cheguei no fundo do poço.

— Foi divertido imaginar você espiando pelos arbustos com folhas no cabelo.

Olho para ele.

— Engraçado.

Sua expressão suaviza, mas a intensidade em seus olhos permanece.

— Só para que fique claro, você não cometeu um erro ao terminar com o Mitch. Não que eu possa ver, de qualquer maneira. — Aprecio a demonstração de solidariedade. Seu apoio à minha decisão.

As lágrimas que segurei ameaçam cair mais uma vez.

— Obrigada. Aprecio ouvir isso mais do que você imagina. Podemos simplesmente esquecer esse assunto? Não planejo ir ao casamento. Nunca planejei. Foi só um acidente o RSVP ter sido enviado.

— Certo, temos um acordo. Mas tenho que admitir, eu meio que gosto de saber que ele está preocupado se você vai mesmo aparecer. É bem-feito por ele ter te mandado o convite.

— O que eu realmente preciso é voltar ao trabalho. O relógio está correndo e esses cupcakes precisam ser decorados. — Pego o saco de confeitar sem olhar para ele, examino os cupcakes que sobraram sem glacê e aprecio a necessidade de focar em fazê-los e entregá-los ao invés de pensar em Mitch e seu casamento copiado.

Do meu casamento.

Felizmente, Ryder me deixa em paz e volta para o pequeno escritório no canto da cozinha. Um suspiro de discordância ainda é audível de tempos em tempos quando ele encontra algo que devo ter feito de errado na planilha que fez. Mas

com certeza, há uma razão pela qual ele é o cara dos números e eu cozinho para ganhar a vida.

Trabalho na decoração ao ritmo da música. Um pouco de Maroon 5 para aliviar meu humor enquanto adiciono desenhos aos cupcakes, parando a cada dez minutos ou mais para flexionar as mãos e esticar os dedos quando sinto cãibras. Meus pensamentos se voltam para Mitch. Não consigo evitar. É quase como se fosse mais fácil para as pessoas imaginarem que nosso relacionamento terminou com uma grande discussão, mas não foi o que aconteceu.

Ele era perfeito em todos os sentidos. Educado, bem-sucedido, gentil. Liste todas as características do homem com quem você gostaria de se casar e uma foto dele no clube de campo seria postada bem ao lado da lista.

Mas, às vezes, perfeição demais é ruim. Especialmente quando estou longe de ser perfeita. Como achei que poderia me casar com ele e viver de acordo com os padrões e ideais sociais ridículos dele e de sua família sobre o que se espera de uma esposa?

Nós éramos o clássico caso de não é você, sou eu. E eu assumo totalmente a culpa por isso.

Mas por mais perfeito que ele fosse, faltava paixão. E não só o sentimento que se esvai quando você está com alguém há anos, mas aquele que nunca esteve lá, desde o começo. O tipo de sentimento que eu negligenciei desde o primeiro dia, porque se um cara te trata tão bem quanto Mitch me tratava, e é tão bom quanto os nossos amigos — com olhos arregalados e cheios de inveja — diziam que era, então você deveria deixar passar, certo?

Mas havia mais que isso. Ele nunca entendeu por que eu preferiria estar com as mãos em uma vasilha cheia de massa de bolo com cobertura cor-de-rosa espalhada pelo cabelo em vez de passar um tempo com a Liga Júnior comemorando a chegada da primavera em algum tipo de evento social que fosse mais uma desculpa para comprar um vestido novo e extravagante e sapatos de sola vermelha. Ou como o chá com sua mãe — onde ela falava sem parar sobre assuntos superficiais — era o suficiente para me deixar entediada, mas para mim, passar algumas horas me dedicando à Sociedade Americana de Prevenção à Crueldade aos Animais, limpando canis e dando atenção extra aos animais solitários, era uma tarde bem aproveitada.

Porque, *Deus nos livre de ter um cachorro*. Para Mitch, cachorros significavam pelos, o que significava confusão, e eu já fazia bagunça o suficiente com minhas coberturas e confeitos na opinião dele.

Não foi a diferença em nossa criação, porque os opostos frequentemente se atraem, mas tinha muito mais a ver com vontades e necessidades do dia-a-dia.

Seu desejo de que eu ficasse em casa em vez de trabalhar, em oposição à

minha necessidade de sair e fazer algo para minha satisfação. Nossa sessão semanal de sexo com hora marcada funcionava, mas nunca cumpriu a necessidade que havia dentro de mim de ter um orgasmo de abalar as estruturas que algumas de minhas amigas se gabavam. Esse desejo me fazia sorrir automaticamente quando recebia uma mensagem de texto dele no meio dia em vez de me encolher imaginando o que havia feito de errado daquela vez.

Balanço a cabeça e me lembro do dia em que a percepção me atingiu do nada. Estava perdendo tanto tempo, obcecada com cada detalhe do nosso casamento e tentando fazer tudo perfeito, porque se a cerimônia fosse perfeita, então o casamento também seria, certo?

No entanto, eu não estava alheia a minha estupidez. Estive tão focada nos votos, em escolher centros de mesas e coisas assim que quando tive um dia para me sentar e relaxar enquanto Mitch estava fora em um dos fins de semana dos rapazes no *country club*, isso me atingiu como uma tonelada de tijolos.

— Uma parte minha – aquela que eu realmente odeio agora – te acha *brilhante*.

As palavras de Ryder me tiraram dos pensamentos que corriam uma maratona na minha cabeça nos últimos seis meses. Quando olho para ele, meu sorriso vem com facilidade pela primeira vez na última hora.

— Você levou, o quê, quase vinte e oito anos para descobrir o que eu sabia o tempo todo: que sou a mais inteligente?

— Vai sonhando. — Ele revira os olhos.

— Então do que você está falando?

— Só para constar, ainda acho que a sua ideia é horrível, mas você pode estar trilhando um bom caminho.

— Minha ideia? Do que você está falando?

— Você tem a empresa há quanto tempo? Dez meses?

— Desde que abrimos oficialmente a loja, cerca de oito. Por quê? O que estou deixando passar? — Coloco o saco de confeiteiro no balcão e me inclino contra a mesa atrás de mim.

— Durante esse tempo, já passou pela sua cabeça que a família Layton, enquanto a organização que é, pode estar influenciando nas suas vendas? — Solto uma risada, desacreditando dele no mesmo instante. — Não. Estou falando sério, Say. Sei que esta é uma cidade grande e é só uma família, mas eles são bem conhecidos por aqui. O tio do Mitch é congressista e o pai é dono de metade da cidade. Acho que faz mais sentido que eles não...

— Duvido que os Layton estejam perdendo o tempo precioso deles para sabotar a *Sweet Cheeks*. Eles têm pequenos países para administrar ou algo assim.

— Não é disso que estou falando.

— Vá direto ao ponto. — Minha. Paciência. Acabou.

— Tudo o que estou dizendo é que quando há um rompimento, as pessoas tendem a se afastar de quem acham que é o culpado, certo? Normalmente, eles ficam ao lado daquele que sentem que foi injustiçado.

Olho para ele com desconfiança.

— Devo supor que você está se referindo a mim como sendo a culpada? — Cruzando os braços, odeio que seu comentário me amedronte.

— Sim. E não. — Ele dá um passo para mais perto, enfia o dedo em uma das vasilhas vazias e lambe a cobertura. — Os amigos do Mitch já provaram ser superficiais e críticos. Fizeram isso pela forma que, basicamente, te cortaram da vida deles depois que vocês terminaram. Bem... e se virarmos o jogo?

— Cara. Eu te amo. Tenho certeza de que você pensou em alguma coisa. Mas, de verdade? Não estou acompanhando seu raciocínio e tenho o que parece ser um milhão de cupcakes para decorar, então você pode, por favor, concluir o que quer que esteja dizendo para que eu possa terminá-los?

— É tudo sobre percepção.

Eu bufo e reviro os olhos para ele.

— E como é que a coisa brilhante que eu falei vai tornar meu negócio bem-sucedido de repente, mudando a percepção dos meus ex-amigos? Depois do modo como eles me trataram, nunca mais quero ser amiga deles de novo.

— Seu pequeno discurso me deu uma ideia.

O quê?

— Eu estava brincando, Ryder. — A inquietação faz minha nuca se arrepiar.

— Apenas me ouça. — Ele levanta as mãos. Ele está relaxado, Saylor. Está na cara dele. — Digamos que você apareça no casamento com alguém mais bonito, mais influente e mais importante aos olhos deles do que seu precioso amigo Mitch. Não tenho dúvidas de que eles te veriam de uma forma diferente.

— Isso é ridículo — retruco e imediatamente me censuro por defender as pessoas que me magoaram.

— Para nós é, sim. Fomos ensinados a não prometer lealdade ao amigo com a maior conta bancária, mas depois de como agiram, parece que é o que eles fazem.

— Bem. Certo. Se for esse o caso, então é bom que não sejam mais meus amigos. — Volto minha atenção para os cupcakes, sem querer desperdiçar outro pensamento com eles ou onde quer que meu irmão esteja querendo chegar com isso.

— Você não está se dando conta do que estou dizendo.

— Então fale.

— Acho que você deveria ir ao casamento. Fazer exatamente o que disse que faria de brincadeira. — Ele bate as mãos na bancada de madeira para dar ênfase. — Vá até lá com a cabeça erguida e aja como se terminar com o Mitch fosse a melhor decisão que você já tomou, mesmo que vê-lo te faça sentir como se tivesse levado um soco no estômago. O fato de você ter viajado milhares de quilômetros e ter culhões para estar lá já deveria ser uma declaração e tanto, sem que você tenha que dizer nada.

Ele está louco. Completamente.

— Você se esqueceu de uma coisa. Não tenho culhões. — Tento aliviar o clima e encerrar o assunto.

— Ha. Ha. Ha. Qual é, estou falando sério.

— Também estou. — Como é que ele passou de ouvir meu discurso a pensar que isso é uma boa ideia? Suspiro. — E daí? Você acha que ao mostrar que estou mais confiante, eles vão, de alguma forma, passar a apoiar meu negócio? Não é como se fazer cupcakes fosse resolver a crise da fome mundial ou qualquer coisa parecida. Isso é exagero.

— Talvez, sim. Talvez, não. Mas se você deixou o garoto de ouro, não está na pior e realmente tem coragem de aparecer no casamento, sabe que com certeza todos vão se perguntar do que você tem conhecimento que eles não têm.

— Só para deixar claro, ainda acho que você é louco, Ryd, mas graças a Deus não compartilho do mesmo ponto de vista que você.

Ele me mostra o mesmo sorriso arrogante que tem desde quando era criança.

— Pense nisso dessa maneira: se virem você confiante desse jeito, vão achar que a confeitaria está nadando em dinheiro — ele fala, erguendo as sobrancelhas enquanto reviro os olhos. — Sendo burros e superficiais, vão farejar o dinheiro tradicional e achar que precisam conhecer sua nova loja para ver o que mudou *em você*.

Nos encaramos. Seus olhos observam para ver se concordo com o que ele está dizendo. Vejo algum mérito nessa ideia. Me lembro das inúmeras vezes em que me sentei com todos os meus amigos na hora do almoço e os ouvi falar sobre um ou outro e como deveriam estar se dando bem. A conversa voltava para que, talvez, devêssemos conferir por nós mesmos.

Não posso nem acreditar que estou considerando isso ou que esse conjunto maluco de contratempos levou a essa discussão. Uma coisa é imaginar o Mitch em pânico. Outra é descobrir que o RSVP foi realmente enviado pelo correio. E agora isso? Ryder pensando que preciso aparecer para salvar a confeitaria?

Não posso acreditar que estou imaginando que o que ele está dizendo tem um pingo de mérito.

— Possivelmente — finalmente murmuro, desviando o olhar e começando a

próxima linha idêntica de confeito. Estou brava com ele por fazer sentido e irritada comigo mesma por estar considerando essa conversa. E então me ocorre como encerrar esse papo de uma vez por todas. — Você se esqueceu uma coisa, Ryder. Eu teria que ter um cara gato que estivesse loucamente apaixonado por mim. Não é isso que meus amigos precisam ver para que tenha uma chance remota de conseguir? Você acompanhou minha vida amorosa nos últimos meses. *Netflix* e *Nutella* são as coisas mais emocionantes que ando encontrando. E não vou contratar algum acompanhante para me levar para outro país. Sinto muito.

Quando olho para cima, não consigo ler a intenção em sua sugestão de sorriso, mas algo nisso faz eu me endireitar. Nossos olhos se prendem e a cabeça dele assente com muita sutileza enquanto esfrega as mãos sobre a linha da mandíbula.

— Posso pensar em algumas opções.

— Pare com isso — protesto. — Você é louco. A discussão acabou. — Me inclino de volta, efetivamente dispensando o assunto em questão.

Ele não se move. Só fica lá e me observa. E eu odeio cada segundo disso. Mas não olho para cima e não digo uma palavra.

A discussão está encerrada.



— Sabe o quanto te quero? — Minhas mãos estão apoiadas nas laterais do corpo dela. Seus mamilos estão duros e pressionados contra o meu peito. A seda fria dos lençóis desliza sobre minha bunda enquanto me esfrego entre o calor das suas coxas.

— Me mostre. — Os olhos de Tessa se fecham quando seus lábios encontram os meus. Meu pau endurece. É impossível ignorar as lembranças da noite passada — seu beijo, seus gemidos, suas unhas — quando isso foi real entre nós. Pele contra pele. Sem o tapa sexo ou o spray de glicerina para simular suor. O vazio do calor das luzes no set ou de toda a equipe nos observando. Ou melhor, a observando, porque, definitivamente, ela é um deleite para os olhos de qualquer pessoa.

É a Saylor. Ela precisa da sua ajuda.

Minha próxima fala vacila. As palavras que decorei me escapam quando o SMS que recebi mais cedo me distrai mais uma vez. O corpo de Tessa enrijece debaixo do meu, seu rosto se contorce em sinal de aborrecimento e sei que não há como suavizar a fala que perdi.

— *Merda*. Desculpe. — Me sento e estou prestes a esfregar as mãos no rosto, mas me detenho antes de estragar o trabalho da maquiadora que passou uma hora criando um olho roxo de dois dias e um corte com pontos na minha bochecha. Em vez disso, aperto a ponte do nariz enquanto olho para Tessa, em baixo de mim. A atriz linda e sexy com cílios escuros e maquiagem carregada que está zombando de mim. Aborrecido por não conseguir acertar as falas hoje, minha concentração está continuamente prejudicada.

Mas não é como se eu não as soubesse. Tenho certeza de que o diretor acha que eu fiquei até tarde em festas e não estudei o roteiro para a maratona de quinze horas ou mais de hoje. É exatamente o que preciso: que ele fique irritado

e faça um milhão de *takes* até que fique perfeito, o que resultará em uma das birras bem divulgadas de celebridade de Tessa.

As críticas, eu mereço. A birra, não.

A ironia nisso é que Tessa sabe exatamente onde eu estava: em cima dela.

Debaixo dela. *Dentro dela.* A noite toda.

E se ela fizer birra, o que aconteceu entre nós na noite passada vai vazar de alguma forma. Ela não segura a língua quando está com raiva e isso não é bom, já que estou tentando me manter discreto. Porque mesmo que este seja um set fechado, alguém vai falar. E isso leva a revista de fofocas, que levam a bisbilhotar. Na situação atual, bisbilhotar leva ao desastre.

E por mais que eu esteja levando a culpa por todas as outras coisas que estão acontecendo — as acusações de traição feitas pelas revistas de fofocas — prefiro mantê-las exatamente assim: acusações em vez de fatos comprovados.

Além do mais, eu estraguei tudo. A coisa com Tessa não era para acontecer. Estávamos ensaiando nossas falas para hoje, essa cena de sexo... e uma coisa levou a outra.

Não que eu esteja reclamando, pois Tessa Gravestone é a fantasia da maioria dos homens.

Mas quando olho em sua direção, deitada na cama, com os seios perfeitos à mostra — porque sua teoria é que se ela os comprou, então as pessoas deveriam vê-los — eu apenas suspiro e balanço a cabeça. Outro pedido de desculpas escapa dos meus lábios.

E por mais que eu quisesse me convencer de que o sexo com ela na noite passada foi ótimo e que fazer isso de novo agora é o que me faz esquecer minhas falas como se fosse um ator iniciante, *não é.*

Não é o estresse de manter em segredo o que aconteceu com ela ou o que está acontecendo com Jenna nas revistas de fofocas ou qualquer outra coisa.

É a droga do Ryder. Não falo com o cara há mais de oito meses e, de repente, conversamos duas vezes em uma semana. Mas não foram os planos que fizemos de, finalmente, nos encontrarmos quando eu voltasse para casa depois de tanto tempo que me fez esquecer minhas falas. Era a porcaria do SMS que ele me mandou.

Seu pedido simples. A menção do nome da única pessoa da qual tínhamos um acordo não verbal para nunca mencionar: Saylor.

E de jeito algum eu admitiria que só ver seu nome é a razão pela qual minha concentração foi para o espaço.

— Hayes? — É a voz do diretor.

— Sim? — Olho para cima, meus pensamentos imediatamente arrancados de pernas longas e bronzeadas, penduradas no píer, das noites quentes de verão que

passamos transando na casa da árvore em que havíamos deixado de brincar há muito tempo e vendo meu nome nas costas da jaqueta esportiva enquanto ela andava pela calçada até a porta da frente de sua casa.

Todas as pessoas no set estão me encarando. Tempo é dinheiro. E estou aqui, sentado perdendo-o, pensando no passado. Uma outra vida da qual escapei, mas, de repente, sinto que estou sendo puxado de volta para ela.

Tudo por causa de um simples nome.

— Sinto muito. Me distraí.

Tessa empina o peito — os mamilos rosados em exibição — pensando que é a causa da minha distração. Luto para não revirar os olhos. Engulo a vontade de dizer que ela não é tão boa assim, só para derrubar seu ego, que cresce a cada dia.

— Você está concentrado agora? — As risadas soam pela sala enquanto os técnicos e operadores de câmera assumem que meu pau me distraiu. *Compreensível*. Aposto que alguns deles também estão a meio mastro com a visão de Tessa.

Ela sorri de forma presunçosa enquanto me afasto e volto a minha marca original para iniciar a cena.

— Sim. Vamos recomeçar da última marca. Vou dar duro desta vez.

Pelo menos ganho algumas risadas com isso.

As horas passam depressa. Tomada após tomada. Fala após fala. Tudo é repetido até ser considerado perfeito por Andy Westin, nosso aclamado diretor. A principal razão pela qual fiz o possível e o impossível para conseguir o papel. Assim, eu poderia ter a chance monumental de trabalhar e aprender com ele.

Mergulho fundo no meu personagem. Digo a mim mesmo para bloquear qualquer coisa externa. *Ignorar todos os pensamentos sobre Saylor*. E passar a primeira parte do dia e todas as filmagens agendadas de forma acelerada serviu para esse propósito.

Quando paramos para o almoço, às quatro da tarde, faço um lanche rápido e volto ao meu trailer para descansar um pouco. Vejo o celular no canto quando entro. *O* SMS ainda continuava na minha cabeça. A mulher a que ele se refere, mais ainda.

Querendo tirar uma soneca rápida durante a pausa de noventa minutos até a próxima chamada, me deito no sofá, apoio os pés em um dos braços e a cabeça no outro. Repasso a próxima cena na cabeça. As falas que conheço como as palmas da minha mão. Aquelas que, definitivamente, não posso ferrar nas próximas filmagens.

... *Saylor*...

A emoção e entonação que preciso usar em cada palavra do roteiro.

... a garota de dezessete anos que deixei para trás...

As expressões faciais que preciso fazer para transmitir a agitação interna do meu personagem.

... sorrisos doces, lábios macios, meu mundo adolescente...

As ações físicas necessárias para mostrar um homem em conflito quando ele faz amor com a mulher que suspeita estar envolvida no assassinato do seu pai e, ainda assim, não pode evitar amá-la.

... o único arrependimento que já tive...

— Droga. — Esfrego as mãos sobre o rosto em sinal de frustração. Preciso focar. Me concentrar. E não em Saylor. A garota de quem nunca me despedi. As promessas vazias que ficaram. A porta que fechei, assim não me sentiria como um idiota egoísta por correr atrás dos meus sonhos sem pensar nela uma única vez.

Merda. É incrível como as luzes brilhantes desta grande cidade afastaram tudo isso. Apagou as memórias. Reforcei minha decisão com o sucesso que veio.

E tudo o que é preciso para tudo voltar é um SMS do meu amigo mais antigo que nunca me pede nada.

Cobrando aquela dívida. É a Saylor. Ela precisa da sua ajuda. Ligue quando puder.

Porra, cara. Tentar esquecê-la é como tentar me lembrar de alguém que nunca conheci. *É impossível*. E não importa o quanto eu tente tirar o SMS de Ryder da minha cabeça, ele ainda está lá.

Claro como dia.

Porque nada melhora a lembrança do que tentar esquecer.



— Essa cor fica ótima em você.

Olho para os cupcakes na minha frente e depois para DeeDee.

— Engraçadinha.

— Me deixe adivinhar, houve uma batalha entre você e a cobertura e ela ganhou?

— Está tão ruim assim? — Estendo a mão para passar no cabelo, mas paro, já que elas estão cheias de cobertura também.

O sorriso de DeeDee aumenta quando percebe as consequências de tentar fazer muitas coisas ao mesmo tempo. Como usar a batedeira e pegar o telefone, fazendo com que as hastes saiam da tigela e respinguem a cobertura azul por todo o lugar.

Mais especificamente em cima de mim. Se o meu avental for qualquer indicação, só posso imaginar a quantidade de manchas azuis no meu cabelo, como se alguém tivesse jogado confete em mim.

— Não. *É só você*.

Eu rio e sei que essa é exatamente uma das coisas que tanto irritava Mitch. Minha capacidade de ficar tão perdida no trabalho que não penso duas vezes em estar coberta de ingredientes. Como em alguns dias que eu entrava em seu carro e sujava com alguma coisa — massa, cobertura ou, Deus me livre, *granulado colorido* — os assentos de couro personalizados do seu precioso Mercedes.

— Acho que isso explica por que minha vida amorosa está tão atribulada ultimamente, não é?

— A nossa — ela fala quando desvia o olhar do computador, arqueando as sobrancelhas. — Estou verificando as redes sociais para você.

— A pedido do Ryder, tenho certeza.

Ela ri alto, me dando uma resposta sem precisar dizer nada.

— A mãe da noiva do último fim de semana *tuitou* dizendo que adorou os cupcakes e queria agradecer. Enviei uma mensagem privada e perguntei se ela poderíamos usá-la como referência. Ela concordou e perguntou se teria problema se recomendasse a *Sweet Cheeks* ao gerente do bufê no centro de convenções em que trabalha.

— Sério? — A ideia de entrar na lista de fornecedores indicados me faz sorrir, apesar das nove horas que já trabalhei hoje.

— Sim. Dedos cruzados para que ela consiga. Viu? Esse é o poder das redes sociais. — *Alguém tem conversado muito com Ryder.* Balanço a cabeça com o pensamento enquanto ela se levanta e caminha em direção à mesa onde estou trabalhando.

— Uau. Estes estão ótimos. É o pedido para a família Rosemont que chegou ontem? — Ela dá um passo à frente para olhar mais de perto as dez dúzias de cupcakes nos quais estou dando os últimos retoques. Todos estão decorados com o uniforme azul dos fuzileiros navais, concluídos com barras precisas e honrarias.

Inclino a cabeça para o lado, observo meu próprio trabalho e assinto, satisfeita com a forma como ficaram.

— Sim. São para um funeral. Ele era fuzileiro naval aposentado.

— Altamente condecorado, pelo jeito.

— Parece que sim.

— Quer que eu faça a entrega?

— Não precisa. Virão buscá-los depois das cinco. — Olho para o relógio na parede e me encolho. Tenho quarenta minutos para terminar.

O sino soa na porta da confeitaria, anunciando a chegada de um cliente, e DeeDee sorri.

— O jogo deve ter acabado. Vou cuidar do balcão — ela fala enquanto se dirige para a parte da frente para recebê-los. E agradeço a Deus pelo jogo, ou melhor, a série de jogos de basquete em um torneio da copa do estado, sendo realizada na mesma rua da escola. Várias pessoas desconhecidas pararam aqui nesta semana com o panfleto de compre três e ganhe um que deixamos na escola, resultando no impulsionamento das vendas.

Vou comemorar qualquer vitória que conseguir nesse momento.

O tilintar intermitente da porta me anima enquanto termino a última dúzia de cupcakes temáticos, os arrumo e coloco na vitrine de pedidos concluídos atrás do balcão. Sei que Ryder ficará feliz com os recebimentos desta semana e, mais do que tudo, me dá um pouco de esperança de poder descobrir algo para manter meu sonho vivo.

As cores no céu começam a desaparecer enquanto limpo a sala dos fundos e

faço alguns pedidos pelo telefone. O que eu realmente quero é correr até o meu apartamento na parte de cima da confeitaria e tomar um banho rápido. Mas acho que se esperar até fecharmos, posso me recompensar com uma taça ou duas de vinho enquanto tomo um banho quente.

O sino toca novamente e ouço um homem dizer: “Boa tarde”. Algo no som da sua voz me faz parar por tempo suficiente para perceber que depois de alguns segundos, DeeDee ainda não respondeu.

— Dee? — chamo enquanto sigo pela porta para a frente da loja. Ela aparece primeiro — os olhos arregalados e a boca aberta — olhando para a frente. Imediatamente começo a pedir desculpas ao cliente por sua grosseria, mas as palavras — assim como meu coração — param abruptamente quando ele entra em cena.

Sinto que cada parte de mim vacila e, no entanto, meus pés ficam completamente imóveis enquanto um par de olhos castanhos da cor de chocolate encontram os meus. Um sorriso arrogante, mas cauteloso, se curva lentamente no canto de sua boca.

Aquela boca. Que sussurrava palavras doces. *Mentiras*. Me disse que ficaria para sempre. *E foi embora sem nunca me dizer uma palavra.*

É como se o ar tivesse sido sugado do cômodo. Me esforço para respirar com firmeza e o tempo parece parar enquanto nos encaramos.

Porque é ele.

Hayes Whitley.

Uma versão mais velha do garoto que foi embora há tantos anos. Deu as costas a mim e ao que tínhamos, sem dizer nada. A pessoa que partiu meu coração em todos os sentidos imagináveis e roubou mais do que apenas a minha inocência quando foi embora.

Segundos passam. Se assemelham àqueles nas primeiras semanas depois que ele foi embora — longos, confusos e dolorosos. E a dor que pensei ter superado há anos, me atinge como um canhão.

Mas, Deus me livre deixá-lo saber disso.

— Marinheira. — Sua voz... parece seda sobre cascalho. Como ainda pode causar arrepios na minha pele apesar de tudo? Como esse apelido idiota, que é uma piada com o significado do meu nome, e que não ouço há quase dez anos ainda me faz arrepiar e lembrar de coisas que pensei que havia expurgado da minha memória? Como isso pode me fazer dizer o único nome que jurei nunca mais dizer?

— Hayes. — Minha voz é calma. Equilibrada. Disfarça com habilidade meu pulso acelerado e o repentino surto de todas as emoções imagináveis que me dominam.

— Há quanto tempo, Saylor. — Ele não exibe nenhum sorriso agora, apenas a mandíbula tensa, assim como seus olhos fixos nos meus e as mãos flexionando ao lado do corpo.

— Uma vida inteira. — Afasto o olhar, observo a minha confeitaria e, de repente, me sinto completamente inadequada. Minha loja, pequena e aconchegante, comparada à sua carreira pública grandiosa. Limpo as palmas das mãos úmidas no avental, sujo com um pouco de cobertura no processo, mas estou muito sobrecarregada por vê-lo novamente para me importar. Dou alguns passos à frente, nervosa e tremendo por dentro, e nunca fui mais grata como agora pela bancada entre nós. Uma barreira. Alguma distância. *Qualquer coisa* para quebrar a atração que os olhos dele sempre exerceram sobre mim.

Olho para DeeDee. Não tenho meios para tentar descobrir se o choque em seu rosto é causado porque o famoso galã de Hollywood Hayes Whitley está na *Sweet Cheeks* ou porque ele, obviamente, me conhece.

Ela pisca, olhando de mim para ele em um silêncio desconfortável, amplificado por anos de perguntas não respondidas antes de balançar a cabeça como se soubesse que precisamos de um momento a sós. Ela olha para Hayes por um segundo e depois nos deixa sozinhos.

Eu me viro, vendo-a seguir para a área da cozinha e uso aqueles poucos segundos para tentar superar o choque de encontrá-lo mais uma vez. Mas quando ela desaparece, não tenho escolha a não ser me virar e encará-lo. Sem saber o que dizer, olho para todas as direções, menos para o elefante branco na sala.

— Parabéns pelo seu sucesso.

— Obrigado. — Sua voz é suave – quase em tom de desculpa – e chama minha atenção para olhar mais de perto e ver as perguntas não formuladas refletidas em seus olhos. Ele começa a falar, mas depois para. Hesita. Olha para os cupcakes na caixa ao meu lado e então, de volta para mim. — Você está ótima, Saylor.

Suas palavras inesperadas me surpreendem. O simples elogio me abala. E enquanto uma pequena parte de mim se envaidece por ele perceber minha aparência, também sei que está mentindo. Estar cheia de cobertura azul não parece bom para ninguém.

Mas preciso do lembrete do quanto Hayes Whitley pode ser bajulador, para que eu possa controlar a estranha mistura de emoções que estou sentindo. A familiaridade de ver um velho amigo e a amargura de ter sido deixada para trás pelo meu primeiro amor.

Preferiria manter a amargura e a raiva do que reconhecer aquela vibração incipiente de esperança que meu eu adolescente deve ter guardado em algum lugar lá no fundo. *Algum dia, Hayes pode voltar para mim.*

Nem pense nisso, Saylor. Não é por isso que ele está aqui. Além do mais, ele está dez anos atrasado.

— Obrigada. Você também. — Limpo a garganta. Afasto o olhar. Tento me concentrar em passar os próximos momentos sem deixar escapar as perguntas que guardei por anos sobre o porquê ele me deixou. Digo a mim mesma para deixar pra lá. Afinal, eu tentei. Mandei mensagem e liguei várias vezes, sem obter resposta depois que ele foi embora. Se ele quisesse que eu soubesse de algo, teria respondido.

Mas não o fez.

Fim da história.

Quando o silêncio continua, meus olhos são atraídos de volta para ele. Todo ele.

No quanto os anos foram gentis com ele. A camisa escura e o jeans de grife que parecem desgastados, mas, provavelmente, custam mais do que a nova vitrine que eu adoraria comprar. Ele ainda é tão musculoso quanto antes, ainda tem aquele jeito misterioso que me atraiu quando era adolescente, mas agora há mais personalidade em seu rosto. Mais linhas e ângulos — uma maturidade para suas feições — que me fazem imaginar o que aqueles olhos viram. Seu corpo é maior, mais amplo, mais preenchido em comparação ao do adolescente que conheci e, ainda assim, são seus olhos que me fazem ficar encantada. São os mesmos castanhos quentes, os mesmos cílios escuros, mas a intensidade neles é nova. A maneira como ele me olha — implacável e minuciosamente — deixa quaisquer palavras que eu esperava falar vacilando em minha língua.

— Conversei com o Ryder na semana passada. Ele me contou sobre a confeitaria, então pensei em passar aqui quando chegasse à cidade para conhecer.

Eu olho para ele, e minha cabeça gira me perguntando o motivo pelo qual meu irmão diria a Hayes qualquer coisa a meu respeito. Há alguns anos, nós dois brigamos, depois que eu soube que eles conversavam ocasionalmente. Fiquei pálida e me senti traída pelos dois. Hayes não podia pegar um telefone e falar comigo, mas podia fazer exatamente isso e conversar com Ryder? E meu irmão estava bem em ser amigo de Hayes depois de tudo que ele me fez? A única solução com a qual poderíamos concordar era em não tocar no assunto. Nunca perguntei se Ryder ainda conversava com Hayes e ele não me disse se o fazia. Ele também me prometeu que eu nunca seria um tópico em suas conversas.

Então, ou Ryder está mentindo para mim todo esse tempo ou algo mudou para fazê-lo quebrar a última parte do nosso acordo.

Posso pensar em algumas opções.

As palavras do meu irmão voltam para mim. Porque aquele alvoroço de

pânico disparou profundamente dentro de mim quando as peças começaram a se encaixar. O olhar que ele me lançou quando falou aquilo. O aparecimento repentino do único homem que nós dois conhecemos e é, decididamente, mais bem-sucedido que Mitch ou qualquer um dos Layton. E é famoso também.

Puta. Merda.

Meu irmão não deixou a discussão de lado, nem sua ideia ridícula sobre o motivo pelo qual eu deveria ir ao casamento de Mitch como eu achava que havia feito. Semanas se passaram. *Semanas!* E, de repente, Hayes Whitley aparece do nada?

Só é preciso uma fração de segundo para concluir por que ele está aqui. O que Ryder fez. E minha dignidade morre lentamente. Meu orgulho, destruído por completo.

Me sinto furiosa: com Ryder, por ligar para ele. Com Hayes, por ter vindo até aqui, o que poderia ter me revirado por dentro e trazido de volta sentimentos, emoções e lembranças quando não quero lembrar. Quero continuar com raiva dele por ter me deixado, por nunca mais falar comigo, por aparecer aqui com aquele sorriso que me desarma e saber que ele vai me conquistar num piscar de olhos.

Bem, ele não vai.

— Não preciso da sua ajuda. — Meu orgulho luta em todos os níveis com o comentário. O reconhecimento do porquê ele está aqui. A necessidade de não querer que ele pense que pareço bem, mal ou mais ou menos. — Ou dos seus elogios — retruco, a emoção soando em minha voz. Amargura se inflamou com o tempo.

— Deixei passar alguma coisa? — ele solta a pergunta enquanto eu apenas olho para ele com as mãos na cintura, muito convicta do que meu irmão fez.

— Eu vou matá-lo — resmungo baixinho, decidindo concentrar minha raiva em Ryder, porque é mais fácil do que reconhecer a confusão que estou sentindo.

Sua risada soa pela confeitaria vazia. Ela atinge a minha alma e abre as feridas que eu pensava ter curado.

— Bem, que bom que você disse *ele*, assim eu posso concluir que você está falando de outra pessoa.

— Você não está muito atrás do Ryder na lista de alvos.

— Você sempre foi rápida com esse seu temperamento. — Um sorriso. Um balançar de cabeça. E aquele olhar implacável.

E eu odeio que ele pareça estar se divertido. Sinto que estou sendo ridicularizada. Sacaneada. Cada pedacinho disso atinge a minha sensibilidade. A reação visceral do meu corpo a ele — a atração inegável que ainda ferve sob as camadas de ressentimento —, batalhas contra a forte recusa da minha cabeça em

reconhecê-lo.

— Você perdeu o direito de saber alguma coisa a meu respeito há dez anos.

— Concordo. — Ele franze os lábios e assente com as mãos enfiadas nos bolsos e os ombros encolhidos como se entendesse a minha posição. E não quero que ele seja compreensivo. Quero que aja como um imbecil arrogante, porque me recuso a cair no charme do garoto da casa ao lado, que sei, por experiência, que ele pode ativar como se estivesse tocando em um interruptor.

Estou mortificada. Meu irmão ligar para o único homem que me arrasou e pedir a ele para ser o meu acompanhante no casamento do meu ex-noivo, não poderia ser mais parecido com o tema de um *talk show* diurno, nem se eu tentasse.

— Eu deveria ter imaginado — murmuro para mim mesma, pensando em como eu imaginei que o assunto estava encerrado. Que porque Ryder não falou mais do RSVP ou do casamento de Mitch desde o dia em que encontrou o convite, o tópico foi esquecido.

Vou matá-lo.

Repetir isso na minha cabeça me faz sentir melhor. Bem, não de verdade, mas é mais fácil me concentrar nisso do que em qualquer coisa sobre o homem diante de mim.

Fecho as mãos em punhos. Minha mandíbula tensiona.

Hayes ri, mas, no entanto, tudo que ouço é condescendência. Zombaria.

— Você se importa de me explicar por que vai...?

— Seja qual for o motivo que Ryder tenha dado a você para dizer que eu precisava de ajuda, não preciso mais... sou uma garota crescida. Uma mulher adulta que consegue lidar com a própria vida, então não, obrigada. Gostaria de dizer que é ótimo te ver, Hayes, mas não é. Ainda que eu aprecie o gesto, porque não sou mal-agradecida, é realmente desconfortável saber por que você está aqui. Deve ser divertido para você voltar depois de ter sido convidado pelo meu irmão para desempenhar o papel de acompanhante para tentar ajudar a garota que você largou. — Paro por um segundo para recuperar o fôlego, o turbilhão de palavras é quase catártico. Ele semicerra os olhos, franze a testa e balança a cabeça quando me olha, como se não entendesse o que estou dizendo. Então continuo enquanto a coragem está vencendo a mágoa e a vergonha. A hostilidade toma conta da minha voz. — Olha, faz muito tempo e, ainda assim, nada mudou. Você ainda é o sr. Perfeito e eu estou longe disso. A última coisa que preciso é de você aqui, pensando que está melhorando as coisas quando, no fim, só será pior. Então, agradeço, Hayes... de verdade. É um gesto legal, mas foi um dia longo e estou cansada, então vou fechar a loja um pouco mais cedo e deixar de lado o constrangimento do dia. Tá?

Solto um suspiro e olho para ele, a impaciência que emana de mim com a minha postura — mãos no peito e dentes cerrados — enquanto ele digere o que falei. Tenho certeza de que o olhar de choque em seu rosto vem do fato de que, provavelmente, ninguém diz não a ele agora que foi eleito um dos homens mais bonitos da revista People. No entanto, no momento não consigo encontrar meios para me importar.

Até ele falar.

— Acho que subestimei sua capacidade de guardar rancor, Saylor. Mas entendi porque você está com raiva. Eu tinha minhas razões naquela época, mas não sou mais aquele garoto. Sei que o que eu fiz foi errado. — Odeio o vislumbre de emoção que vejo em seus olhos, mas não consigo lê-lo. Já faz muito tempo e não sei nada sobre o homem que ele se tornou para tentar assumir o que é. Tudo o que sei é que o arrependimento em sua voz me atinge e penetra minha raiva, mas não na aflição que sinto, sabendo que meu irmão recrutou Hayes. *Como ele pôde não pensar que estou desesperada?*

— Hayes — falo seu nome. Um pedido para ele parar, se virar e sair pela porta sem dizer mais nada. Um aviso para deixar tudo para trás e esquecer o que Ryder disse a ele. Qualquer coisa para que a adolescente em mim, ainda agarrada ao primeiro amor, permaneça enterrada sob a mulher forte que me tornei. Um pedido de desculpas é só uma palavra e quando vem de um ator, não posso confiar em sua sinceridade mais do que posso confiar em mim mesma para não acreditar.

— Não precisa dizer nada. Eu entendo — ele fala enquanto levanta as mãos em resposta. — Só vou pegar meu pedido e sair.

— Pedido? — Minha voz falha. A palavra única me faz ficar mais ereta enquanto o pavor começa a me atingir.

Procuro em minha cabeça por um pedido que eu possa ter deixado passar com o nome Whitley. Nenhum pedido para a mãe dele. Nada para alguém que conheço que seja ligado à sua família.

— Sim. O sobrenome é Rosemont.

Ah. Meu. Deus.

— Esse é o nome de solteira da minha mãe. — O sangue some do meu rosto.

— Estou na cidade para o funeral do meu tio-avô.

Ele não está aqui por causa de Ryder. Ou de mim. Ou de algum plano complexo de ser meu acompanhante para que eu pudesse me salvar.

Merda. Merda. Duas vezes merda.

— Me ofereci para pegar a encomenda para que eu pudesse... não sei. — Ele dá de ombros com voz firme. — Soube que a loja era sua e queria ver como você estava.

Faça alguma coisa. Diga algo. E, ainda assim, não encaro Hayes paralisada e surpresa. Meu tormento alcançou novos níveis, mas por um motivo diferente.

— Seu tio-avô? — Minha voz soa aguda, e ele assente, seus olhos nunca deixando os meus. — Ah, meu Deus, Hayes. Sinto muito pelo que eu disse. Não fazia ideia de que eram para o seu tio-avô. Ou que ele morreu. Sou uma idiota. — Não consigo parar de pedir desculpas enquanto vou até o balcão refrigerado e ocupo minhas mãos como se pegar os cupcakes rápido fosse corrigir meu erro de ter explodido. Coloco cada uma das cinco caixas em cima do balcão o mais rápido possível, na esperança de que minha preocupação e falta de contato visual durante aquele tempo me permitam recuperar um pouco de dignidade.

— Aí estão — falo enquanto coloco a última caixa no balcão. — Cento e vinte cupcakes, pagos adiantados. Espero que você... a família do seu tio-avô ache que eles refletem o serviço dele. — Mantenho meus olhos treinados nas caixas e minha voz cheia de alegria forçada, como se eu não tivesse acabado de bancar a boba.

As mãos de Hayes entram no meu campo de visão enquanto levantam a tampa listrada de rosa e branco da caixa de cima. Me concentro nelas. Sempre tive uma queda pelas suas mãos. Meus pensamentos voltam ao passado. *Deitada em um cobertor na parte de trás da sua caminhonete. As árvores balançando acima de nós. O calor dele ao meu lado. Meus dedos traçando as linhas em sua palma. Nossa conversa sobre o futuro. Nossas esperanças. Nossos sonhos.*

— Saylor?

Sua voz chamando meu nome parece um *déjà vu*, mas é o suficiente para me tirar de pensamentos que não deveria ter. Pisco para ele e sou imediatamente trazida de volta à realidade. Ao nervosismo que vibra em mim. Para aquela dor rápida que a lembrança causou.

— Sim?

— Estão incríveis. Obrigado. Minha mãe vai amar.

Meu sorriso é natural quando penso em sua mãe.

— Por favor, dê minhas condolências a ela. Não percebi a conexão ou teria ligado para ela, enviado um cartão. Feito algo. — Suspiro, sem deixar de ficar constrangida. A curiosidade em seus olhos sobre o meu discurso não se manifesta em palavras, e não ofereço as respostas. Olho para os meus dedos inquietos e volto para ele. — Você pode esquecer tudo o que eu disse? Achei... entendi mal uma coisa, e eu... podemos fingir que nunca aconteceu?

Por favor, por favor? Meus olhos imploram a ele enquanto minha postura permanece rígida.

— Claro. — Isso é tudo o que ele diz. Sua expressão é cautelosa e não me dá qualquer indicação se acha que sou louca. Se eu fosse ele, ficaria chateada se

alguém me tratasse como eu o tratei – fizesse as suposições que fiz – e ele tem todo o direito de querer sair daqui e nunca mais me ver de novo. — Vou transmitir suas condolências a minha mãe.

Ele pega as três primeiras caixas de cupcakes, e eu dou a volta no balcão.

— Aqui, me deixe te ajudar.

— Não. Por favor, não — ele fala enquanto se dirige até a porta. — Também não preciso da sua ajuda.

Paro quando ele abre a porta com o quadril e desaparece do lado de fora. O orgulho me faz evitar a humilhação. Algo desconhecido que sinto por dentro me faz querer acertar as coisas, de modo que a última impressão que ele tem de mim não seja dessa mulher esquizofrênica.

Pego as duas caixas restantes, saio da loja e vou até onde ele as coloca no porta-malas de um carro esporte ridiculamente sexy e elegante. Quando ele se levanta e encontra meus olhos, uma mecha de cabelo cai sobre a sua testa, e eu me lembro de quem costumávamos ser quando estávamos juntos. Ele pega as caixas das minhas mãos sem dizer nada, as coloca lá dentro e fecha o porta-malas. Seus olhos estão nas chaves em suas mãos enquanto caminha lentamente para o lado do motorista do carro.

Tantas coisas que preciso dizer a ele, sobre o que aconteceu minutos atrás e há mais de dez anos e, ainda assim, acho que já falei o suficiente.

Ele apoia os antebraços no alto do carro, com os olhos ainda focados nos dedos, que brincam com as chaves.

— Você sempre teve um temperamento esquentado. Costumava te causar muitos problemas. Parece que ainda causa. — Ele levanta o rosto para encontrar o meu, mas os óculos de sol escondem seus olhos. — Obrigado pelos cupcakes. Te vejo por aí.

Sem dizer mais nada, Hayes entra no carro. Liga o motor, que ressoa no meu peito, e sai do estacionamento enquanto eu fico lá, observando-o ir embora.

A diferença é que, desta vez, sei que ele está indo. E, pelo menos, sei porquê.

Foi culpa minha ele ter ido embora da última vez também? Foi por causa da minha impaciência? Das minhas suposições? Não o compreendi no passado, assim como não pude compreendê-lo hoje? Odeio as perguntas não respondidas que passam pela minha cabeça e desprezam as dúvidas que pesam sobre elas. Porque, independentemente de quantas vezes eu as tenha desacreditado no passado, elas ainda permanecem.

Ainda me assombram.

Não sei quanto tempo fico lá olhando, mas estou bem ciente que DeeDee está esperando para me atacar em busca de informações no minuto em que eu entrar. Quando abro a porta, a visão dela parada ali — braços cruzados, batendo os pés,

o sorriso tão grande que suas bochechas parecem a ponto de rachar — confirma minha suspeita.

— Não. Posso. Acreditar. — DeeDee arregala bem os olhos enquanto eu entro na *Sweet Cheeks*. — Aquilo foi... ele era... ah, meu Deus, você conhece Hayes Whitley. Tipo, conhece mesmo.

Ouço o que ela diz, sua tagarelice, mas passo por ela e entro na cozinha sem dizer nada. Só preciso de alguns minutos para entender exatamente o que aconteceu. Minhas suposições. Meu temperamento.

Porque, quando Hayes partiu, uma pequena parte da minha esperança nostálgica era de que ele voltaria para mim. E isso, por si só, me irrita.

Dez anos se passaram. Não sou mais aquela jovem que ele conheceu. Eu vivi, cresci e aprendi com meus erros. Em maior parte, os que cometi ao amá-lo.

— Saylor.

— Agora não, Dee. — Levanto a mão para ela com o coração acelerado e a cabeça rodando.

— Não. Você não pode me ignorar, Saylor. Como eu não sabia que você o conhece? Quer dizer, eu sabia que ele cresceu aqui, mas, puta merda, acabei de bancar a idiota na frente dele.

Eu bufo.

— Nós duas. — Vou direto para a sala dos fundos e destranco a porta que leva ao meu apartamento. — Me dê uns minutos.

Quando fecho a porta, DeeDee ainda está falando. Ainda está me dizendo que ela não vai parar de fazer perguntas até eu responder. E tudo o que posso pensar ao entrar no meu apartamento é que as respostas não importam. Hayes Whitley fazia parte do meu passado. *Faz* parte do meu passado. E se vê-lo agitou todas essas emoções não reconhecidas que jurei ter superado há muito tempo, então ele precisa ficar bem onde está.

No passado.

Porque, sem nunca olhar para trás, ele deixou claro que não queria nada com o meu futuro.



— Você está aí, Marinheira?

Cruzo os braços e reviro os olhos. Suspiro. Ele não vai parar com esse apelido idiota?

O som de seus passos subindo as escadas da velha casa na árvore saúda minha frustração e sei que, como sempre, não vai me deixar em paz. Ele é tão chato. E é um cara. Argh.

Mantendo os olhos fixos no buraco que fica no telhado do meu lugar favorito no mundo, olho para as estrelas no céu — traçando visualmente as constelações — em vez de olhar para onde a porta improvisada se abre, anunciando sua presença.

— Ei, garotinha.

Cerro os dentes. Odeio a sensação do meu estômago dando um nó com o som da sua voz. Com o apelido estúpido que me faz sentir como se ele pensasse em mim como uma criança quando não sou. Ele é só dois anos mais velho que eu.

Os meninos são tão frustrantes. E idiotas. E grosseiros.

Mas ele é Hayes Whitley. Todo desgrenhado e alto, com o cabelo castanho claro e olhos castanho-escuros. Ele é engraçado, paquerador e supostamente sabe como beijar melhor do que qualquer outro cara da escola. Pelo menos, é o que as garotas mais velhas dizem quando estão rindo do outro lado do vestiário antes da aula de ginástica.

Porque eu nunca beijei um menino antes.

Mas não acredito nelas. Ele é só o Hayes Whitley. O melhor amigo do meu irmão. Aquele que durante a minha última festa do pijama, ajudou o Ryder a pingar gotas de mostarda no rosto de todas as minhas amigas adormecidas antes de fazer cócegas de leve em suas bochechas com uma pena para que pudessem manchar tudo. O garoto que tira um biscoito da minha mão depois da

aula, sem agradecer, antes de ir para o quarto do meu irmão e fechar a porta para fazer sabe-se lá o que antes de irem para qualquer treino que tenham no dia.

O mesmo cara que toda vez que Ryder faz uma festa quando meus pais saem da cidade, faz questão de subir a escada até minha casa na árvore para se certificar de que não quero descer e fazer o mesmo que os outros jovens estão fazendo lá em baixo.

Eu gosto e odeio, e não entendo por que me sinto assim.

— Não sou mais uma criança, então não me chame assim. Vá embora.

E, claro, sendo o adolescente teimoso que sei que é, ele não sai. Em vez disso, seus passos ao redor da pequena área me dizem que ele está invadindo meu espaço. Me concedendo um alívio das risadas aborrecidas das garotas populares do último ano que estão lá embaixo tentando impressionar os atletas.

As tábuas do assoalho flexionam abaixo de mim por causa do seu peso. O cheiro sutil do seu shampoo e cerveja enche o espaço a nossa volta. O som do seu corpo se movendo — sapatos fazendo a madeira ranger, jeans deslizando sobre ela, o grunhido enquanto ele se acomoda ao meu lado. O calor do seu braço pressionado contra o meu enquanto ele se aproxima de mim.

— O que você está olhando? Ah, cara, há uma tonelada lá em cima hoje à noite — ele diz ao ver as estrelas brilhantes se espalharem pelo céu escuro acima de nós.

— Aham. — Por alguma razão, não posso dizer mais nada. Me sinto nervosa quando é só Hayes.

Irritante.

Frustrante.

O garoto que é como um terceiro filho em nossa casa na maioria dos dias. Um segundo irmão irritante.

E, apesar disso tudo, os sentimentos que não entendo estão lá.

Me concentro no céu. Tento desenhar linhas de estrela para estrela e torná-las de qualquer forma que quiser. É muito mais fácil me concentrar nisso do que na maneira engraçada como meu sangue corre em meus ouvidos. Ou nos calafrios que, de repente, cobrem minha pele nua apesar da noite quente.

— Você já?

Sua pergunta me tira dos meus pensamentos. Me faz perceber que ele perguntou alguma coisa. Limpo as palmas suadas no short. Engulo as palavras que dão um nó em minha garganta.

— Já o quê? — É quase um sussurro, e eu me pergunto se ele me ouviu com a música da festa e as risadas que chegam aqui.

Viro a cabeça e fico assustada quando encontro seu rosto voltado para o meu,

nossos narizes separados um do outro por centímetros. O calor da sua respiração bate nos meus lábios. Meu coração parece dar cambalhotas no peito e cai em algum lugar na minha barriga. Encontro o castanho escuro dos seus olhos e evito meu olhar imediatamente, me sentindo muito desconfortável e, ao mesmo tempo, querendo olhar de volta para eles.

Ele espera. Parece uma eternidade no pequeno espaço da casa da árvore, mas sei que são apenas segundos. Segundos em que deixo de respirar. Esqueço de pensar. E só quando levo os olhos de volta para ele, de repente, desconfiada de que eu possa ter meleca no nariz ou folhas no cabelo, que ele responde a minha pergunta.

— Viu alguma estrela cadente?

Ofego quando ele move o braço e as costas de sua mão roçam as minhas.

É assim que um garoto faz quando tenta segurar sua mão? Não quero que ele faça isso.

Quero que ele faça.

Este é o Hayes. Apenas o Hayes. Não seja idiota. Ele não vai segurar sua mão.

A pergunta. Responda a pergunta.

Limpo a garganta, tentando fazer minha língua, que parece ter três vezes o tamanho normal, trabalhar.

— Sim.

Não consigo ver sua boca, mas sei que ele sorri, porque os cantos de seus olhos franzem quando seu cabelo, molhado da piscina, cai sobre a testa.

— O que você desejou?

Que você me beijasse.

Meus olhos se abrem e as sombras familiares no teto do meu quarto não fazem nada para diminuir a batida rápida do meu coração no peito. O sonho, revivendo a lembrança, parece ter sido ontem e há muito tempo, ao mesmo tempo.

Aquele primeiro desejo de ser beijada por um garoto. O cheiro do verão ao nosso redor e os primeiros momentos da minha adolescência em que Hayes Whitley se tornou muito mais do que o melhor amigo do meu irmão mais velho.

Ele se tornou minha primeira paixão. E depois, o meu primeiro amor.

E, em seguida, meu primeiro coração partido.

Suspiro, me aconchego de novo nas cobertas da minha cama grande e vazia, e odeio que o fato de ter visto Hayes ontem fez com que as lembranças esquecidas ressurgissem. Como aquele nervosismo que senti naquela noite na casa da árvore quando algo mudou entre nós. Um grande contraste com o arrependimento que tenho sentido desde que tirei conclusões precipitadas. Meu gênio. Meu temperamento. A reviravolta no meu estômago quando ele foi embora sem me

permitir explicar minhas atitudes, mesmo que eu não pudesse realmente explicar sem me sentir mais patética.

Maldito seja, Hayes Whitley.

Maldito seja por sempre voltar à minha vida: o trailer do seu filme em constante repetição durante os comerciais de televisão, encontrar sua mãe na mercearia, sentar em uma Starbucks na cidade e vê-lo de longe nas raras ocasiões em que se incomodou em se aventurar de volta para casa. Tudo isso causou aqueles sentimentos de rejeição e mágoa quando tudo que eu queria era que eles estivessem mortos e enterrados.

Mesmo quando eu estava noiva de Mitch. Aquela faísca que faltava era culpa de Hayes Whitley, que não estava lá, em primeiro lugar. Por que não posso me libertar dele? Já faz dez anos. Eu ia me casar com outro homem, pelo amor de Deus. *Merda*. Não quero isso. Não tenho tempo para essa lembrança perturbadora. Não quero esse sentimento incerto.

Mas não é como se Hayes se importasse. Provavelmente, ele atribuiu o que tivemos ao amor de adolescência pela irmã mais nova de seu melhor amigo. Um pontinho no radar antes que fosse engolido por inteiro pelos flashes das câmeras que constantemente o seguem para documentar cada movimento seu. Então, por que eu diria que ele pensaria duas vezes a meu respeito, o fantasma de uma lembrança do passado?

Não é como se eu também pensasse muito nele. Uma vez que conheci Mitch, ele foi o cara paciente que ganhou minha confiança. Sentimento que nunca dei a ninguém depois do que Hayes fez. Porque sim, enquanto posso admitir que o que Hayes e eu tínhamos, provavelmente, era um amor adolescente, também foi a primeira vez que meu coração se partiu, e não se esquece nenhuma dessas coisas com muita facilidade.

Mas se era amor de adolescente, por que vê-lo ontem me afetou com tanta força?

É irônico. Estou deitada na cama pensando em Hayes todos esses anos depois e não me questionando por que não é em Mitch que estou pensando.

Faz apenas oito meses. Não dez anos. E, no entanto, a atração por Hayes me domina, sem dúvida.

Mitch foi gentil, paciente e o homem com quem eu ia me casar. Hayes foi impetuoso, assertivo e me deixou com o coração magoado e ferido.

Talvez seja só porque Hayes é o que eu não pude ter. Talvez seja uma coisa particular me sentir assim, embora eu fosse jovem, sem a menor ideia a respeito da vida ou o amor. Independentemente disso, não importa.

Não vou mais ver Hayes, a não ser em seus anúncios de outdoor em tamanho gigante. Ou em uma das inúmeras capas de revista que enfeitam o caixa do

supermercado, acusando-o de trair Jenna Dixon: sua namorada ou ex-namorada ou quem sabe o que ela é para ele, porque são fofocas no fim das contas. Ou se eu não mudar de o canal rápido o suficiente quando ele fizer uma aparição promocional na Ellen Degeneres ou no Jimmy Fallon. Porque estraguei tudo. Presumi que ele tivesse aparecido porque Ryder havia ligado para ele. E talvez ele se sentisse mal com o que havia acontecido há muito tempo, me achava patética e tinha pena da minha situação com Mitch, então ele viria para salvar o dia. Ou rir de mim. As duas coisas me fizeram sentir do mesmo jeito.

Mas não foi isso.

Não chegou nem perto disso. Ele não tinha ideia do que eu estava falando, mas meu gênio assumiu o controle e falei sem pensar. Tudo o que Hayes queria era pegar um pedido para o funeral do seu tio-avô. Mitch costumava brincar, dizendo que precisava levar fita adesiva para minha boca caso eu perdesse a calma, assim eu não faria uma cena e mancharia a reputação dos Layton. *Agora posso entender porquê.*

Agi como uma idiota com I maiúsculo.

Pior ainda é que, apesar de tudo isso, enquanto estou deitada na cama, cada parte de mim quer encontrar uma maneira de se desculpar com Hayes. Preciso explicar, mas sei que isso só me faria sentir mais idiota quando dissesse a ele que era uma noiva fugitiva. Que os sinos de casamento que pensei ter ouvido eram, na verdade, alarmes me alertando para me salvar e seguir pelo caminho oposto. Como faço para manter a expressão neutra e fazê-lo ver que não sou louca enquanto digo isso? Que estive em um relacionamento perfeitamente sólido por seis anos, mas quando se tratou de torná-lo definitivo, não fui capaz?

Vou ter que ficar quieta. Guardar para mim e ficar longe de qualquer um dos lugares que sei que ele frequenta quando está aqui. Provavelmente, evitar é o melhor a se fazer neste momento.

Com isso decidido e me sentindo um pouco mais tranquila, caio lentamente no sono.

Minha mente vaga para o primeiro beijo. Para o nosso último beijo.

Para como meu coração pulou na garganta e cada parte feminina do meu corpo reagiu à visão dele na confeitaria.

Para o homem no qual eu não deveria estar pensando, mas não consigo tirar da cabeça.



Eu deveria estar trabalhando.

Deveria estar ouvindo as promessas que fiz para mim mesma.

Deveria estar fazendo um monte de coisas e o que eu não deveria, estou prestes a fazer.

O som do bar estava alto quando entrei. A cadência profunda do baixo soou pelos alto-falantes e levou um segundo para os meus olhos se ajustarem à escuridão dentro do Blue Devil.

É tudo culpa de Ryder. Ele e seu discurso: *você precisa sair e se divertir. Um monte de gente vai sair hoje à noite para beber e relaxar depois de uma longa semana. Você vai se esgotar, porque está trabalhando demais. Você passou por muita coisa e não vai te matar se não estiver lá por uma noite.*

Talvez eu ache que devo aparecer depois de recusar seu convite semana após semana, quando ele só está tentando ser um bom irmão, cuidando de mim. Ou, talvez eu tenha aparecido esta noite, porque me sinto culpada por assumir que ele havia entrado em contato com Hayes e tenha ameaçado matá-lo. *Não que ele soubesse, claro.*

Independentemente disso, estou aqui e, de repente, me sinto totalmente fora de lugar neste clube noturno enorme cheio de bíceps protuberantes e peitos em pé. Vejo as saias curtas subindo pelas coxas das mulheres ao meu redor e as camisas apertadas colocando o resto dos seus atributos em exibição e me sinto completamente inadequada, usando calça preta e blusa rosa claro.

Não é como se eu fosse desleixada no que diz respeito a aparência — pelo menos, não estou com a cobertura azul que decorou meu cabelo ontem — mas aqui é muito diferente dos lugares que Mitch e eu costumávamos frequentar. É mais próximo da minha idade do que o *country club*, e ainda assim, odeio me sentir tão desconfortável quando, aos vinte e sete anos, eu deveria me encaixar.

Penso em como deixei a influência de Mitch me modificar aos poucos, de selvagem e imprudente para sofisticada e reservada. De cores vibrantes a beges discretos. Como eu compreendo a complexidade do conceito agora — que menos também pode ser mais — uma parte de mim jura que daqui em diante vai usar um pouco de cor novamente para recuperar o espírito da garota que eu costumava ser.

A que Hayes gostava.

Aquela para quem Mitch fazia careta.

Olho para Ryder quando ele coloca outro drinque na minha frente e balanço a cabeça — feliz pela bebida e pelo rumo dos meus pensamentos.

— Está tentando me embebedar? — Uma risada escapa dos meus lábios e parece estranho, porque não rio. Nunca.

— Não tenho culpa se você é um peso leve. — Ele sorri e se inclina para mais perto do meu ouvido para que eu possa ouvir o que diz. — Você merece uma noite de folga. Admiro o quanto você está trabalhando, assim não vamos nos dar mal, mas você vai se esgotar se não der um tempo. Além disso, você é jovem. Não saiu uma vez desde que ficou solteira. Viva um pouco, mana. *Seja tudo o que Mitch não te deixaria ser.* Vou me certificar de que você não se meta em muitos problemas.

Ele pisca para mim quando dá um passo para trás com um sorriso juvenil em seu rosto que se transforma quando uma linda morena caminha em sua direção. Ele desliza a mão na parte inferior das suas costas e a risada dele se torna um pouco mais alta, tomando a atenção dele. Observo, hipnotizada, me perguntando quando foi a última vez que me senti como ele: despreocupada, jovem e confiante. Também me pergunto quando me senti como uma mulher que prende a atenção de um homem pela última vez. Atraente. Sedutora. Alguém para ser conquistada. *Alguma vez* já fui esse tipo de garota?

Seja tudo o que Mitch não te deixaria ser.

As palavras de Ryder me tocam. Não tenho certeza se estou pronta para enfrentar isso ainda, mas não consigo parar de pensar, enquanto estou sentada e vejo os outros clientes no clube, de onde estou, no canto de trás. Os casais que se encontraram e estão se divertindo com os amigos depois de uma longa semana de trabalho. O grupo de mulheres em pé, no canto oposto, agindo como se não se importassem por serem abordadas por alguns homens, mas cujos olhos estão constantemente vagando em busca dos solteiros do clube e, de repente, agindo de forma tímida quando eles se aproximam. Os caras à espreita: arrogantes e com uma bebida na mão tentando encontrar alguém com quem se relacionar. Observo todos eles enquanto tomo meu drinque e converso com os amigos e conhecidos do meu irmão. Me divirto, mas ainda me sinto fora de lugar nessa

cena da qual deixei de fazer parte há seis anos.

O engraçado é que a maioria das pessoas adoraria curtir a vida de solteiro. E talvez, com o tempo eu também, mas, por enquanto, ainda estou tentando resolver as mudanças que estão acontecendo comigo.

O tempo passa. A música fica mais alta. O álcool flui. As risadas no clube se tornam mais altas à medida que as inibições são esquecidas a cada gole, cada bebida, cada sorriso do cara que está outro lado do clube.

Eu rio de Frankie, um dos amigos de Ryder enquanto ele tenta reproduzir os passos da dança de uma música popular. Tentativa é a palavra de ordem. Minha cabeça está inclinada para trás, os olhos fechados e minha mão está pressionada contra o estômago. Dói rir tanto. Mas quando abro os olhos, encontro Hayes sentado bem de frente pra mim e seu olhar é uma mistura de curiosidade e intensidade. Quando ele me olha através do clube mal iluminado, o riso morre nos meus lábios.

A música toca e apesar da aba do seu boné de beisebol estar descansando em sua testa, meus olhos estão fixos nos dele. Palavras, desculpas, pedidos de perdão por como eu agi no outro dia passam pela minha cabeça e nada forma as palavras adequadas para expressar o que preciso dizer.

Então, novamente, por que eu me importo? É Hayes. O homem que sei, por experiência própria, que vai ficar um tempo na cidade e depois irá embora sem dizer nada.

No entanto, eu me importo. E odeio isso.

— Hayes! Você conseguiu vir, irmão. É bem a sua cara aparecer sem dizer nada a ninguém. — Nossa conexão se quebra. Ele franze a testa mais uma vez antes que as linhas de expressão do seu rosto se tornem mais suaves, o sorriso se espalha, os olhos franzem e ele estende a mão para apertar a do meu irmão. Vejo a transformação em sua linguagem corporal enquanto eles entram em um ritmo que só eles conhecem. Fico me perguntando como ele pode parecer tão relaxado quando um simples olhar deixou todo o meu corpo em uma confusão frenética de adrenalina e emoções não especificadas.

Afasto os sentimentos que não entendo — coloco a culpa nas bebidas que tomei e no álcool que me fazendo ver coisas que não existem — e lido com a presença de Hayes da única maneira que sei: pedindo outro drinque. Espero que o álcool ajude a afastar os pensamentos que estão querendo vir à tona para saber o que ele pensa a meu respeito, e também os que não querem, tudo ao mesmo tempo.

Odeio estar aqui perdendo tempo, imaginando se ele *pensa em mim. Não deveria importar. Ele se mudou para muito longe.* No entanto, toda vez que olho para algum lugar aleatório, meu olhar acaba encontrando o caminho para ele.

Detesto isso.

E fico ainda mais confusa, porque sempre quando olho em sua direção, percebo que seu foco está em mim.

Amo isso.

Ele fica completamente imperturbável quando o pego me olhando. Isso me incomoda e me deixa autoconsciente. Depois de algumas vezes, desperta o desafio que esteve adormecido dentro de mim pelo que parece ser uma eternidade. Eu o encontro me olhando fixamente. Ergo as sobrancelhas e dou de ombros, querendo dizer algo do tipo: *você não tem mais ideia de quem sou ou do que passei, então não se atreva a me julgar.*

Odeio que isso me faz pensar se o que as revistas de fofocas dizem é verdade. Os inúmeros relatos nos últimos meses o acusam de trair a namorada de Hollywood, Jenna Dixon. E no estilo próprio de Hayes com que cresci e aprendi a conhecer muito bem: se fizer pressão, vou ignorar, ele não comentou as acusações. Não confirmou nem as negou. Sequer deu uma declaração dizendo: *sem comentários.* Absolutamente nada.

Detesto saber disso. Saber que acompanhei tanto as notícias sobre ele a ponto de saber das fofocas. Pior ainda, quando olho ao redor e encontro seus olhos novamente, não quero que seja verdade. Porque se for, então Hayes Whitley não é quem eu conhecia — Hollywood o mudou — e algo sobre isso faz meu estômago revirar.

Minhas tentativas de manter distância dele falham. As pessoas descobrem que a estrela da cidade, Hayes Whitley, está aqui. Para sua sorte, os seguranças do clube isolam nossa área para impedir que o ataque de admiradores cause tumulto ali. A escuridão e nosso local exclusivo no canto VIP, perto de uma entrada reservada proporciona a ele um pouco de privacidade e distância dos celulares com câmera que estão sempre a postos. Azar o meu, pois isso significa que não posso me virar sem notá-lo.

Só quero ir embora daqui agora.

Mas não faço nenhum esforço para sair. Por alguma razão, meus pés se recusam a se mover em direção à saída. Então decido ignorá-lo. Mas depois de pouco tempo, percebo que isso é impossível, porque cada coisinha nele me chama a atenção. A tensão da sua camisa apertando os bíceps enquanto ele leva a garrafa de cerveja aos lábios. O som distinto da sua risada soando nos meus ouvidos. O modo como a calça abraça a curva, muito agradável, da sua bunda quando ele se inclina para falar com Ryder, que está sentado em um sofá. O cheiro limpo do seu shampoo — que não mudou depois de todo esse tempo. Seus olhos constantemente me observando, me julgando em silêncio.

Ele está em todos os lugares quando quero que não esteja em lugar algum.

Mas não foi por isso que vim esta noite? Posso dizer a mim mesma que concordei em ficar com Ryder e seus amigos porque me sinto culpada por ter me afastado de todos no passado, mas estaria mentindo para mim mesma. E não é uma mentira muito boa também.

Quando encontro o olhar de Hayes mais uma vez, sei que ele é a razão pela qual estou aqui hoje à noite. A chance de que ele poderia aparecer para ver Ryder, seu amigo mais antigo, me fez caprichar mais na aparência do que faço há algum tempo. Como ir até o armário para encontrar algo para vestir que não fosse roupas que uso na confeitaria, tirar o glacê do cabelo e realmente colocar mais maquiagem do que o gloss labial e máscara para cílios de costume.

O fato de ele me questionar me enfurece. E a noção de que passei boa parte da última hora e meia pensando mais sobre o que Hayes vê quando olha para mim do que realmente me divertindo é a última gota.

Dane-se ele. Dane-se suas opiniões, pensamentos e aqueles olhos que julgam e que estão me observando de novo. Foi ele quem partiu. Ele que desistiu de uma coisa boa sem lutar e se continuar me olhando, vou mostrar exatamente o que perdeu.

Tomo outro gole da minha bebida, bem consciente de que minha coragem vem dela, mas não me importo.

Orgulho continua sendo orgulho.

Minha risada se torna um pouco mais alta. Meus quadris balançam no ritmo ainda mais. Na próxima vez que olho para ele, sua mandíbula pulsa e a expressão é mais intensa. Meu único gesto de reconhecimento é um sorriso.

Bebo mais um gole. Um giro brincalhão de outro amigo de Ryder me faz ficar pressionada contra seu peito quando me viro de volta em sua direção. Estou sem fôlego pelo esforço e extremamente embriagada, então posso demorar um pouco mais para me afastar enquanto nossos peitos estão colados um contra o outro. Ou eu poderia estar bem ciente de que Hayes está com a bunda muito bem acomodada em um banquinho a poucos metros à nossa direita e seus olhos não me deixam.

A noite continua. Minha preocupação com o que Hayes pensa ou não de mim desaparece lentamente a cada bebida que tomo, cada pessoa com quem converso e a cada risada que sai dos meus lábios.

Ryder sente que algo está acontecendo. Ele percebe essa dinâmica não verbalizada entre Hayes e eu e a barreira invisível da nossa história compartilhada vibrando entre nós. Meu irmão me chama a atenção algumas vezes, pergunta se estou bem e sorrio em resposta.

Ele me disse que eu tinha que reencontrar minha confiança. Mas o que ele não sabe é que estou escolhendo hoje à noite para fazer exatamente isso.

Estou rindo de algo trivial, focando a atenção em alguma brincadeira de um dos caras quando sinto uma mão na minha nuca. De alguma forma, ainda sei a quem aquela mão pertence.

Calor. É tudo que posso sentir. Toda minha mente se concentra na sua pele tocando a minha. Na presença inesperada do seu corpo atrás de mim, seus lábios em meu ouvido e sua respiração deslizando em minha pele. Na dor repentina que surge na junção das minhas coxas.

— Adoro essa risada muito mais do que seu gênio difícil. — O comentário de Hayes é apenas um murmúrio e, ainda assim, posso ouvir cada palavra apesar do barulho constante da música.

Engulo em seco e assinto, precisando de toda a minha confiança e esperando me manter firme, porque estar perto dele está me deixando desequilibrada por algum motivo.

— Então talvez você não devesse me irritar. — Viro a cabeça na direção dele, com as sobrancelhas erguidas, orgulhosa de mim mesma pela resposta, até que percebo que ele está tão perto que estamos respirando o mesmo ar. Me assusto, desconfortável com a proximidade dele e confusa com a repentina percepção de tudo nele: seu perfume, os dedos, ainda descansando no meu pescoço, o cheiro de menta e cerveja em sua respiração.

Tem que ser o álcool. Essa deve ser a explicação para minha reação visceral e muito carnal a esse homem de quem eu não deveria gostar. Dez anos deveriam ter restringido esse desejo.

E, ainda assim, não aconteceu.

Seu sorriso é rápido e desarmado.

— Parece que te chatear é algo que sei fazer muito bem.

Eu bufo. Não consigo pensar em mais nada para fazer, porque entre o roçar do corpo dele contra o meu e o álcool na minha cabeça, as palavras me falham. Tudo o que eu quero é odiá-lo — validar a dor que guardei ao longo dos anos — enquanto, ao mesmo tempo, me inclino contra ele e me lembro de tudo o que senti uma vez. Sentimentos que ele não merece.

Álcool estúpido. Sentimentos estúpidos.

Meu desafio permanece, mas é muito mais difícil aguentar quando aqueles olhos cor de chocolate estão olhando para mim de perto, e me lembro muito bem que aquelas pequenas manchas neles são quase douradas.

Mas vou resistir a você. Porque você perdeu, Hayes. Você não me quis.

Ou como seus lábios, ligeiramente separados agora e a poucos centímetros dos meus, poderiam me beijar loucamente. E isso quando éramos adolescentes. Ele tem anos de prática agora. Tenho certeza de que ficou ainda melhor com a idade.

Não gosto de você. Nem de você nem seus olhos escuros e beijos perfeitos.

Ou da forma de seu corpo. Estou cansada. Meus pés doem. Aposto que se eu me inclinasse contra ele, seu corpo seria tão musculoso quanto parece. Porque eu nunca assisti seus filmes. Nunca. Jamais vi as cenas de sexo em que ele atua ou aquela em que ele anda nu até o chuveiro. Nunca as rebobinei para assistir novamente. Não. Bem, pelo menos é o que eu diria a ele.

Eu rio enquanto ele semicerra os olhos para mim. Um ligeiro sorriso surge em seus lábios novamente quando não quero mais pensar neles.

Hayes olha para o meu irmão e acena para alguma coisa. Reviro os olhos. Aqui vamos nós de novo. Eles se veem pela primeira vez em anos e, sem perder o ritmo, voltam à maneira silenciosa de falar. Me frustrando, porque sei que tudo o que eles dizem é a meu respeito.

Assim como costumavam fazer quando éramos crianças.

Mas desta vez não pode ser sobre mim, porque fiz Ryder jurar nunca mais falar com Hayes a meu respeito. Nem mencionar meu nome. Porque foi por causa dele que conheci Hayes. E foi ele que me magoou. Então, seja lá com o Ryder tenha concordado, definitivamente, não tem nada a ver comigo.

— Está na hora de encerrar, Marinheira.

— Mas eles não podem encerrar, porque eu nem estou bêbada ainda.

Sua risada é alta e diferente e odeio que ela me faça sorrir.

— Você está muito bêbada. Vamos lá. Vou te levar para casa.

— Não. — *Não vou a lugar algum com você.*

E então o braço dele está ao redor dos meus ombros. Seu bíceps firme. O perfume sexy. Tudo nele ele é muito mais potente do que meus drinques dessa noite.

Tenho certeza de que acabei de dizer não. Ou eu só pensei e não disse?

— Sim.

— Tenho um gênio difícil, lembra?

Aquela risada de novo.

— Deus, sim, eu me lembro. Mas isso nunca me assustou antes. Garanto que não vai me assustar agora.



— Você está falando sério? — Saylor me olha com aqueles olhos arregalados de surpresa quando a risada sai de seus lábios. Pelo menos, isso tirou dela um sorriso, considerando que está o tempo todo no carro como uma menina de cinco anos fazendo beicinho — me odiando em um minuto e gostando de mim no seguinte. Uma batalha contínua entre me encarar em silêncio e depois rir comigo como nos velhos tempos. — O que estamos fazendo aqui?

— Queria ver se ainda estava aqui.

— É claro que está — ela fala enquanto anda pelo caminho de terra com os pés instáveis. A certeza em sua voz me faz sorrir. Ela me olha, as bochechas coradas por causa do álcool e pelo ar fresco da noite. Por um momento, vislumbro a garota que conheci. É engraçado que, apesar dela estar tentando ser uma chata guardando rancor — o que eu mereço —, a verdadeira Saylor ainda está ali. — Você acha que meus pais iam derrubá-la só porque crescemos?

Sua voz falha nas últimas palavras e me sinto como um imbecil insensível por trazê-la aqui por capricho. Sem ter consideração.

— Não sabia o que havia acontecido com ela — murmuro baixinho, me sentindo desconfortável, de repente, sem saber o que dizer quando chegamos ao fundo da casa da árvore, no canto da propriedade dos seus pais. Olho em direção a sua antiga casa, no alto da colina que está a nossa esquerda.

Todas as luzes estão apagadas.

— Sinto muito, Saylor. Não estava pensando. Não deveria ter te trazido aqui.

Ela me olha e seu sorriso é agridoce.

— Gosto daqui. Me traz boas lembranças. — Ryder mora aqui agora, então não me deixa mais triste. — Ela olha para a casa por um momento. Balança a cabeça como se estivesse tentando aceitar suas próprias palavras.

— Quis te ligar para vir ao funeral quando soube, mas estava gravando na

Indonésia... — Minhas palavras morreram. A desculpa soou péssima. *Ela havia acabado de perder os pais – que eram seu mundo – e eu não tinha tempo para estar lá?* — ...e eu não sabia o que te dizer. — *Assim como não sei agora.*

— Tudo bem. É sério. — Ela funga de leve e estende a mão para apertar meu antebraço como se fosse eu que precisasse de consolo. — De qualquer forma, não havia muito que você pudesse dizer.

— Eu poderia ao seu lado.

O olhar que ela me dá — gelo misturado em um mar de dor — me impede de dizer mais alguma coisa. Porque ela está certa. Eu não tinha o direito de oferecer conforto para ela e, ainda assim, uma parte de mim odeia saber que nunca tentei.

— Não vou lá há anos — ela fala enquanto quebra o contato e observa a casa da árvore e depois volta a me olhar. Posso dizer que ela está desesperada tentando mudar de assunto. Consigo vê-la afastar a tristeza do olhar e substituí-la pela travessura que eu costumava amar ver ali, me dando um vislumbre da garota forte que eu sei que está escondida em algum lugar.

Me pergunto mais uma vez o que é que estou fazendo aqui. Com ela. No meio da noite. Gostaria de saber o que me fez parar aqui, relembrando os velhos tempos quando deveria estar levando-a para casa. Deixando-a. E, em seguida, ligando de volta para Tessa.

— Vem — ela sussurra, dando algumas risadinhas. Apesar de soar forçado, é muito melhor do que seu olhar, então deixo o assunto de lado. Uso o momento para permitir que ela mude sua seta mental da escala *O quanto eu gosto do Hayes* de odeio para gosto. E antes que eu possa impedi-la, seus pés com salto alto estão subindo os degraus de ardósia. Ela olha de volta para mim e me dá um sorriso de orelha a orelha — tópico intenso ofuscado pela nostalgia — e isso me faz pensar sobre aquela menina selvagem, que era dona do meu coração.

Não vou mentir e dizer que não aprecio a vista do seu traseiro enquanto ela sobe. Merda, ela flertou com todo mundo, menos comigo e me sinto irritado. É o momento que tenho para admirá-la sem que outros observem cada movimento meu. Nem *dela*.

Então continuo olhando, porque Saylor sempre teve um traseiro lindo. Era lindo antes e muito mais agora. Seria uma pena não aproveitar a vista. Usando calça preta justa que se prende perfeitamente às suas curvas enquanto ela sobe cada degrau, usando sapatos que não são adequados para isso, mas que têm um apelo incrível.

Sigo atrás dela, dizendo a mim mesmo que só estou fazendo isso, porque ela está um pouco bêbada e é minha obrigação garantir que depois de todo esse tempo, a estrutura ainda esteja segura. Não tem nada a ver com o fato de que quando estou perto dela, especialmente neste quintal onde passamos muitas

horas juntos, eu a seguiria a qualquer momento.

Então, agora estou subindo uma escada frágil para voltar ao passado, às duas horas da manhã com meu primeiro amor. Eu deveria estar me afastando de tudo que sinto quando olho para ela: complicação, nostalgia, curiosidade, excitação e diversão.

Ouço o rangido familiar da porta se abrindo, e Saylor desaparece na escuridão. Quando me impulsiono para o alto, alguns segundos depois, ela está com seu bumbum muito bonito encostado no tronco da árvore que serve como centro da estrutura.

Juro que quando a vejo sentada lá, olhando para a pintura desbotada nas paredes com um sorriso bobo — como se estivesse muito orgulhosa por ter subido a escada com aqueles sapatos — sinto como se tivesse sido transportado de volta para a nossa juventude. Para aqueles beijos roubados e esperanças inocentes, nos esgueirando nas noites de verão e fazendo amor na beira do lago, na parte de trás da minha caminhonete.

E me pergunto, pela segunda vez, o que é que estou fazendo aqui. Como a Saylor está sentada à minha frente com seus olhos selvagens e algumas folhas presas nos cabelos — que ela não se incomoda em tirar e um rubor nas bochechas? Como essa garota — agora, definitivamente, mulher — que costumava ser meu mundo, está me fazendo questionar tudo na minha vida atual: as pessoas, a sinceridade delas e o caos?

A resposta é simples: eu estava em dívida com Ryder há muito tempo.

Mas, droga, eu não esperava sentir aquele frio na barriga no minuto em que a vi na confeitaria. Pensei que sua antiga chama ainda pareceria a mesma, com suas linhas retas e seu comportamento de moleca, mas então, depois de vê-la... havia curvas nos lugares certos e ela estava sexy demais. Isso era algo que eu não esperava.

— Qual era o seu problema? — Seus olhos estão em mim, a risada foi substituída por um sorriso de gozação enquanto sua pergunta me tira dos pensamentos que eu nem deveria ter. Me traz de volta ao presente. Para as falas que eu deveria estar decorando no hotel e as coisas que tenho que fazer para ajudar minha mãe amanhã. Para a vida que tenho que voltar. Mas quando olho para Saylor, tudo em que penso é no aqui e agora. E *nela*.

— Quem disse que eu tinha um problema?

Ela semicerra os olhos, me olha através do espaço com a luz do luar, e eu me pergunto quanto tempo vai demorar para ela deixar de ter raiva de mim. Ela começou a cuspir fogo outro dia na confeitaria, e então se tornou completamente indiferente e agora isso essa noite... não sei o que ela estava tentando fazer. Mas a única coisa que sei é que Saylor não faz nada a menos que tenha um propósito.

A pergunta é: qual é esse propósito? De qualquer forma, isso fará com que minha dívida com Ryder seja dez vezes mais difícil de ser paga se eu não conseguir fazer com que ela me perdoe mais cedo ou mais tarde.

— Se você está curioso a respeito de algo, pergunte, Hayes. Ficar aí sentando encarando alguém não é educado. Ou legal.

Ah. Ali está um vislumbre do seu gênio.

— Não estava te olhando.

— Mentiroso. — Ela bufa. — Você ficou me olhando no clube e agora está me encarando. A maioria das pessoas acharia isso bastante assustador.

Eu rio. Não consigo resistir quando ela revira os olhos e cruza os braços. Seu peito sobe e desce com o movimento e, por sorte, está escuro o suficiente para que meu olhar fixo em seu decote não seja notado.

— Assustador. Vou me lembrar disso.

— Você deve se lembrar mesmo. Parece assustador. Talvez isso te ajude a conseguir um papel algum dia.

— É provável. E vou dever tudo isso a você. Até te darei crédito no meu discurso do Oscar.

— Vou esperar por isso. Mas se não estava me olhando, o que estava fazendo?

Nossos olhares se encontram enquanto eu penso na resposta que vou dar. Sei que posso falar qualquer mentira para ela, o que, provavelmente, é o esperado, mas por alguma razão, não quero. Talvez seja culpa pelo passado. Ou talvez seja a sensação de que lhe devo um pouco de honestidade.

— Eu estava tentando ver o quanto da garota que conheci ainda está aí.

Sua cabeça balança sutilmente, como se ela estivesse incerta se devia gostar da minha honestidade. Leva um segundo para responder. Nós dois estamos trilhando com cuidado as questões não resolvidas entre nós.

— Não há nada dela.

— Discordo. Vejo muito dela. — *Muito mesmo.*

Ela franze os lábios. Envolve os braços com mais força ao redor do corpo. Esse gênio que eu sei que está prestes a estourar. Ótimo. O adolescente que fui tinha medo daquele lado infernal dela. O homem adulto que sou meio que gosta. Saber que ela pode lidar consigo mesma, definitivamente, é uma vantagem.

— Por que você se importa? — Sua pergunta me atinge. O tom defensivo, ainda mais.

— Não sei ao certo. Talvez estar com você me faça sentir como o Hayes do passado. Me lembra quem eu costumava ser antes de... — Dou de ombros quando minhas palavras se arrastam com a percepção de que acabei de pisar em uma mina terrestre: reconhecer minha vida de antes significa ter que reconhecer como eu parti sem nunca olhar para trás. Quando minha vida era muito mais

simples, sem a pressão constante dos paparazzi e dos fãs. Quando eu podia comprar uma pizza sem câmeras me fotografando ou sair com uma mulher que eu sabia que realmente gostava de mim por quem eu era mim. Quando não havia rumores sobre traições que eu precisava ignorar, porque eu estava sendo um cara bom e levando a culpa para proteger meu futuro.

— Antes de você ir embora, me deixar confusa e de coração partido, sem dizer absolutamente nada? Você quer dizer antes disso? — Sua voz se eleva a cada palavra. Dor surge em seu olhar, clara como o dia, mesmo através da luz da lua.

Eu fiz isso com ela.

E eu odeio ver aquilo. Talvez porque eu era muito covarde para encarar isso. Então, mais uma vez, talvez seja porque eu aproveitei aquela chance única na vida que me foi dada e me arrisquei, fazendo uma vida excelente para mim, e se eu voltasse, bastava dar uma olhada para ela para desistir de tudo.

Eu tinha razão. Não há como negar o aperto no meu peito ao vê-la novamente. O ressurgimento de sentimentos que eu pensava que haviam morrido.

Merda. Eu era jovem e inexperiente naquela época. Deixei o fascínio por Hollywood dominar meus pensamentos e possuir meu coração.

Ainda possui. O problema é que não sou mais jovem nem inexperiente. Será que o homem que sou agora poderia lidar com ela e Hollywood?

Jesus Cristo, Whitley. O que você está pensando? Não está vendo a mágoa em seus olhos? Sua postura defensiva? A culpa é toda sua.

A culpa volta como uma vingança. O mínimo que posso fazer é dar uma resposta honesta.

— *Exatamente*. Esse antes. — Meu tom é equilibrado e meu olhar é inabalável.

— Ah.

— Ah? — *Como devo entender essa resposta?*

— Sim. *Ah*.

— Você se importa em desenvolver? — Minha risada é tensa enquanto tento entender o que ela quer dizer com aquela palavra. Droga, é mais como se eu estivesse tentando entendê-la.

— Não. Só estou tentando medir o tamanho do seu ego para pensar que eu gostaria de vê-lo de novo.

— Obviamente não é muito grande, já que me encaixo na porta da casa da árvore. — Ela luta contra um sorriso, mas falha, então olha para as estrelas no céu ao invés de me mostrar que a atingi. Quebrei aquela fachada de garota durona com a ajuda da sua habilidade de beber todas essa noite.

— Você é um idiota, sabia?

— Sei. É isso mesmo. É por isso que preciso de você sendo a velha Saylor. Você não tem medo de me xingar enquanto todo mundo só quer babar meu ovo.

— Se quiser que eu continue, tenho muito mais nomes pra usar.

— Você sempre foi criativa. — Ela pisca para mim e depois olha para onde seus dedos estão descascando um pouco de tinta no chão ao seu lado.

— Uma lista de nomes, na verdade.

Ela ignora completamente o meu comentário, então ajusto minhas táticas.

— Manda ver, garota bêbada.

— Não estou bêbada. — Seus olhos encontram os meus, ela faz beicinho e franze a testa. — Uma garota não pode sair e se divertir sem precisar ouvir um sermão por isso?

Ela bufa novamente e é adorável. Mordisco o lábio para não sorrir, pois não acho que agora ela queira parecer adorável. Ela quer se firmar e provar para mim que não quer nada comigo. Mas é muito difícil não reagir quando ela continua a bufar, esfregando as costas da mão no nariz.

Neste momento, ela parece a Saylor irritante — a irmãzinha de Ryder que costumava nos aborrecer quando jogávamos videogame. A menina de voz chorosa e joelhos ralados. Aquela que revirava os olhos quando a chamava de Marinheira só para irritá-la. Tudo o que falta são as sardas em seu nariz.

Olho para seu rosto. As lembranças claras como o dia. Ryder e eu correndo, e ela vindo atrás. Nós dois enganando-a e, às vezes, a deixamos nos acompanhar. Porque, às vezes, ela era legal. *Para* uma garota.

— Você está me olhando daquele jeito de novo — ela avisa.

— Você não mudou, não é? Continua mandona. — Estou atormentando-a. Imagino que se provocá-la, ela vai gritar comigo e posso descobrir qual era sua intenção essa noite no clube. O balanço extra nos quadris e a provocação em seu sorriso não foram para nada.

— Nem você. Ainda causa problemas onde quer que vá. Imaginei que Hollywood teria dominado esse seu lado, mas, mesmo assim, o tabloide *National Enquirer* parece te amar hoje em dia.

Recebo sua ironia pelo que é. Entendo que ela está tentando me machucar da maneira que pode. Merda, ela tem todo o direito de fazer isso. Meu ego gosta de saber que ela me acompanhou, mas meu orgulho odeia ter conhecimento que ela notou que a imprensa marrom sempre está descontrolada.

Engulo a repreensão. Combato o desejo de explicar que não sou esse cara e confessar a verdade por trás dos rumores. Mas não posso. Estou me divertindo ao tentar ajudá-la, mas ainda assim, ela faz parte do meu passado, e os rumores são uma tentativa de proteger meu presente.

— Não acredite em tudo que lê sobre mim.

— Não se preocupe. Nunca li nada a seu respeito. — Vejo uma sugestão de dor. Um traço de despeito.

— Eu mereço isso. — *Ela está mentindo.* O dedo enrolando uma mecha de cabelo me diz isso. Luto contra um sorriso ao ver o simples gesto que ela ainda costuma fazer quando mente.

— Não, você não merece nada de mim. — *E aqui vem o gênio difícil.*

— Ainda bem que não quero nada. — Por que sinto como se fosse eu quem estivesse contando uma mentira agora?

— Por que você está aqui, Hayes? Por quê? Não estou falando sobre estar na cidade para o funeral, mas sobre essa noite. Por que ir ao clube e por que estamos aqui agora? Se você não quer nada de mim, então por que me trouxe para a casa da árvore?

Que merda eu devo dizer quando não sei a resposta?

— Estava no clube porque Ryder me convidou e eu queria vê-lo. Não esperava que você estivesse lá. Pensei que fosse sair com seu noivo. Qual o nome dele? Mitch *alguma coisa?* — Layton. Sei seu sobrenome. Me lembro de ele ser um idiota pomposo quando joguei baseball contra ele no ensino médio.

Mas vamos ver se ela morde a isca. Concluí a pergunta. Abre uma brecha para começar a conversa que precisamos ter.

— Humm. — Isso é tudo que ela responde.

Observo a sua reação. Olho para seus lábios. Ela enrola o cabelo no dedo mais uma vez e as pernas, de repente, ficam inquietas. Eu poderia pressioná-la. Mas há algo nela que não consigo entender. Então, em vez disso, opto por terminar de responder sua pergunta. Tento ganhar sua confiança para que ela pare de me odiar.

— E estamos aqui... por que é meio que conveniente. Depois do outro dia na confeitaria e hoje à noite no clube, não sei... precisava me desculpar com você. Explicar porque eu... — Solto um suspiro e passo os dedos pelo cabelo sem saber o que dizer. — Era onde sempre íamos quando precisávamos conversar.

— No passado — ela sussurra olhando para o céu, mas o desprezo em sua voz foi substituído por mágoa.

Não é passado. Não para ela. E esse é o problema, não é? Quando se conhece alguém tão bem e durante muito tempo, mesmo que esse tempo passe, você não deixa de conhecê-la. Consegue ler sua linguagem corporal e deduzir seu tom de voz e, dessa forma, não consegue escapar das consequências de seus atos.

— Você não me deve nada. Nem um pedido de desculpas. Não importa se tenha feito qualquer coisa — ela responde enquanto olha para baixo e encontra meus olhos. O desafio que vejo neles luta contra minha consciência cheia de culpa. — É tarde demais.

Assinto em sinal de compreensão. A decisão que tomei naquela época parecia tão simples, mas agora, enquanto olho para Saylor sob a luz do luar nessa casa da árvore antiga, tenho minhas dúvidas.

— Saylor. — Seu nome é parte suspiro, parte pedido de desculpas da minha parte.

— Não. Esqueça isso. — Ela se move de forma repentina, terminando o assunto de uma vez por todas e se deitando de costas no chão.

Fazendo qualquer coisa para evitar contato visual.

Ela não vai facilitar isso para mim, não é?

Olho para ela. O cabelo espalhado no chão, olhando para o céu, irritada pra caramba comigo, e isso me faz lembrar da noite em que as coisas começaram entre nós.

O que eu esperava quando a trouxe aqui? Que as lembranças iam amolecê-la e *não* iam me afetar?

Eu só deveria levá-la para casa. Pegar o telefone e ligar para o Ryder e me desculpar por não poder retribuir o favor desta vez. Mentir que o estúdio chamou, que precisam de mim para refazer algumas cenas antes de passarmos para a próxima gravação. Dar o fora daqui antes que a situação fique complicada. Porque olhar para ela e me lembrar do passado está mexendo comigo muito mais do que eu esperava. Merda, não preciso de complicação na minha vida, que já é complicada. Isso é algo que eu não posso começar sem ir embora e repetir a história. E não quero fazer isso com ela. Não posso.

Não sou tão idiota assim.

Porcaria de lembranças, cara. Estão fodendo com a minha cabeça.

Então suspiro e faço a única coisa que posso: tento fazer tudo direito. Fico de joelhos, cruzo o espaço entre nós e desdobro minhas pernas até que estou deitado ao lado dela, exatamente como fiz naquela noite. Seu corpo continua parado e ela ofega quando nossos braços se tocam, mas não se afasta.

Ficamos ali por algum tempo olhando as estrelas que iluminam o céu noturno, apesar da lua cheia. Os grilos cricrilam ao nosso redor, mas não falamos nada.

Segundos se transformam em minutos. Seu perfume me atinge. Nossa história domina meus pensamentos. Minha mente divaga por coisas que não deveria estar pensando. *Tire as mãos, Whitley.* É muito mais fácil falar do que fazer quando estou deitado, no escuro, com uma mulher linda.

E ela é exatamente isso, linda. E mulher em todos os sentidos. No entanto, apesar dos anos que se passaram, estar aqui com ela parece normal. A sensação de que ela ainda me conhece melhor do que ninguém, quando isso não é possível.

Mas era assim naquela época. Ela podia terminar minhas frases. Me amou

incondicionalmente. Me encorajou a correr atrás dos meus sonhos, apesar das minhas dúvidas.

Até que permiti que meus sonhos me consumissem e nos separasse. E a deixei.

Nos deixei.

— Olha! — Ela me tira dos meus pensamentos quando aponta para uma estrela cadente que passa pelo céu.

— Faça um pedido — falamos juntos e rimos. Uma volta a outra noite, outro momento, e sinto o corpo dela tensionar no minuto em que fala isso. Como se percebesse que baixou a guarda acidentalmente, mas o pequeno momento é o suficiente para acabar com a tensão que ocupa o espaço ao nosso redor. Me dá uma abertura.

— Já fiz o meu — ela sussurra depois de alguns segundos e, imediatamente, me pergunto o que foi que desejou. Há dez anos, eu saberia a resposta sem precisar perguntar. Mas agora, não. Não com a mulher adulta, tão diferente, mas, ao mesmo tempo, tão igual ao meu lado.

— Eu também — finalmente digo, mas sei que meus sonhos já se tornaram realidade. Sou um sortudo filho da puta, então uso meu desejo para ela. Aproveito de sua guarda baixa para minha vantagem. — Está vendo essa constelação? Aquela bem ali? — Aponto para um trio de estrelas no céu e faço o meu próprio padrão.

— Como se você realmente entendesse de astronomia — ela zomba, lembrando o quanto isso me entediava quando estávamos na escola.

— Não, é sério. Eu entendo. Tive que aprender por causa de um papel que interpretei.

— É mesmo? — O tom exasperado aparece novamente em sua voz e fico feliz em ouvi-lo. Posso lidar melhor com a irritação do que com a tristeza. — Se é verdade, o que é aquilo ali? — Sigo a direção para onde seu dedo aponta e vejo o que parece ser glitter espalhado no céu... ou pequenas luzes brilhantes em todos os lugares.

Sorrio abertamente, sabendo o que preciso fazer. Levanto o dedo e aponto.

— Aquela ali é a constelação chamada “Sinto muito”.

Seu suspiro enche a casa da árvore.

— Ah, por favor.

— Não. Espere. Apontei para a de nome “Sou um babaca”, mas confundi com a “sinto muito”, então me dê um minuto. Não. Tenho certeza. Definitivamente aquela é a “Sinto muito”.

— Isso é muito conveniente.

— A primeira regra de atuação é aprender a improvisar. — Sua risada enche a

noite e acho que posso ter começado bem.

— Parece que você domina essa arte.

— Estou falando sério, Saylor. Sinto muito. — As explicações que eu havia pensado morreram em meus lábios, pois soavam como desculpas esfarrapadas. Percebo isso agora, então deixo assim. Espero que ela ouça meu pedido de desculpas e saiba o quanto estou falando sério.

Mas ela não diz nada por um tempo. Apenas olha com calma para as estrelas enquanto tento descobrir o que fazer a seguir. Na realidade, estou perfeitamente confortável neste chão duro de madeira, com as pernas dobradas como um *pretzel* para que possa caber no pequeno espaço ao seu lado.

— O sobrenome do Mitch é Layton. — O comentário repentino de Saylor me surpreende.

— Acho que me lembro dele. — *Como eu não poderia?* O garoto de fraternidade, egoísta e dono de um fundo fiduciário. Mesmo no ensino médio, ele achava que era melhor do que todo mundo. Não posso imaginar como ele está agora. Continuo com cuidado. — Como ele está? — Finjo que me importo.

Ela ri, mas o som não é alegre.

— Vai se casar. — Hesito em responder, porque não pensei muito a respeito, e não tenho certeza se deveria continuar fingindo ou agindo como se não soubesse. — *E não é comigo.*

— Ah. — Minha resposta é tanto de choque pelo que ela acabou de confessar, como um fingimento. E decido ficar quieto. Deixo que ela leve essa conversa da forma que quer para aliviar minha culpa por mentir para ela mais uma vez.

— Sim. — Sua risada não tem humor. — Simplesmente não consegui. Não podia me casar com ele. Um relacionamento de seis anos, Hayes. Seis anos jogados no lixo e tudo porque um dia olhei para ele e... não sei.

— Você olhou para ele e o quê? — Não posso evitar. Tenho que perguntar. Tenho que forçar. Descobrir por que parece que ela ainda ama aquele idiota quando foi ela quem terminou tudo.

Isso eu soube por Ryder. Ele parecia orgulhoso pra caramba quando disse que ela deu um pé na bunda dele.

Ela vira a cabeça para me encarar e o calor da sua respiração bate na lateral da minha bochecha enquanto mantenho meus olhos treinados no céu, porque não posso confiar em mim mesmo nesse momento para não tirar proveito de uma situação na qual eu nem deveria estar metido.

— Olhei para ele e percebi que ele não me fazia sentir como vo... nada. Deixa pra lá. Só não era certo. — Ela ri novamente e o nervosismo transparece. — Você acredita que ele teve a audácia de me convidar para o casamento? Para o *meu* casamento?

— Seu casamento? — Ela não pode estar tão bêbada a ponto de estar misturando as coisas, pode?

— Sim. Meu casamento. Tudo planejado por mim. Todas as horas que passei cuidando cada detalhe. Tudo o que ele fez foi mudar a data e a noiva. *Quem faz isso?*

— Espere um minuto. Eles estão usando seus planos?

— Sim. Pelo que posso dizer, parece que sim. Mesmo local paradisíaco. Mesmo horário da cerimônia. Até a porcaria dos convites. Que tipo de mulher se casa com um homem e mantém todos os planos de casamento da ex? Bem, o bom é que ela tem a mesma inicial que eu, assim puderam aproveitar todas as porcarias com monograma que a mãe dele comprou.

Eu rio. Não consigo evitar. Ryder não me contou essa parte da história.

— Talvez a mãe dele tenha falado com ela.

Ela bufa novamente.

— *Ursula Descontrolada.*

Eu rio. Ela parece a garota sardenta de antes.

— Esse é o nome dela?

— Não. Mas é assim que eu a chamo. E é provável que você esteja certo. Ela deve ter ido falar com a nova namorada dele, pois era uma vaca muito controladora. E pensar que ela seria minha sogra.

Eu a sinto tremer ao meu lado, fingindo desgosto. Talvez ela não o ame mais.

— Eles realmente acham que você vai subir em um avião e aparecer lá? — *Merda*. Espero que ela tenha bebido o suficiente para não perceber que eu sabia que teria que voar para chegar lá.

— Essa é a questão, uau! — ela fala enquanto se senta rapidamente e, em seguida, coloca a mão na minha coxa para se firmar.

— Você está bem? — pergunto quando ela ri.

— Não bebo assim há muito tempo, uau... isso está engraçado. — Ela parece envergonhada.

Limpo a garganta. Tento me concentrar na conversa em vez da mão dela na minha coxa, onde seus dedos estão perigosamente perto do meu pau. Me concentro em tudo menos isso.

— Você está bem?

Ela olha para mim: lábios entreabertos, olhos arregalados. E que se dane se a expressão em seu rosto — inocente, complicada, pura Saylor — não me faz pensar na pressão de seus dedos novamente.

— Sim. — Ela engole em seco e assente. — Estou bem. Só fui pega desprevenida.

— Certo. — Me movo para cima. Imagino que é a melhor maneira de tirar a

mão dela da minha coxa. Tento ser o bom rapaz aqui. E no minuto em que me mexo, ela afasta a mão, como se não tivesse percebido que estava ali. Ainda bem que ela a tirou. O lado ruim? É que seus lábios estão a centímetros dos meus.

Sinto o cheiro do seu perfume. Veja a luz do luar em seu cabelo. Ouço-a respirar fundo. E droga, preciso de uma distração para não cruzar uma linha que não posso.

O balanço do seu traseiro essa noite no clube.

O som da sua risada enquanto ela subia os degraus até aqui. A forma com que ela passou de ardente a fofa em um milésimo de segundo.

Afaste-se, Whitley. Afaste-se, cara.

— Você estava dizendo algo sobre ter sido convidada, Saylor? — *Distração.* Coloque a conversa de volta aos trilhos. E meus pensamentos fora de seus lábios.

— Ah. Sim. — Ela balança a cabeça como se quisesse afastar o momento que acabamos de ter e se inclina para frente para pegar algo e ter uma razão para se afastar de mim. — Ryder perdeu a cabeça.

— E isso é novidade?

Recebo o sorriso que eu queria, mas desta vez é mais tímido do que confiante. Ela remexe nas pernas da calça. Eu espero.

— Nós dois concordamos que Mitch mandou o convite para me sacanear, mas Ryder acha que eu deveria entrar no jogo dele. Que eu deveria aceitar o convite e aparecer no casamento. Ele acredita que os Layton estão falando mal da confeitaria, e é por isso que ela não está indo muito bem. Que eles têm força suficiente com as pessoas nesta cidade, então agora eu estou sendo excluída ou algo assim. Não sei. — Ela encolhe os ombros e morde o interior da bochecha enquanto faz uma pausa momentânea. Posso dizer que ela está magoada com essa possibilidade. A garota sem um pingo de maldade no corpo. — Ele acha que se eu fosse para o casamento, demonstraria absoluta confiança, como se soubesse que de fato teria tomado a melhor decisão de não me casar com Mitch, e isso não passaria despercebido. Na verdade, ele acha que como é provável que a maioria dos convidados tenha sido informada de coisas horríveis sobre mim, me ver tão pouco afetada os deixaria curiosos. Eles se perguntariam o que eu sei sobre Mitch que eles não sabem, e a curiosidade pode levá-los a visitar a confeitaria e...

— Deixar as pessoas curiosas com a loja poderia gerar negócios.

Ela olha para mim, surpresa que eu tenha chegado à mesma conclusão que Ryder, e eu me encolho por dentro, no caso de ter revelado demais.

— Então você acha que ele está certo?

— Acho que há algum mérito nisso — reflito.

— Por quê?

Penso em Jenna. Na obrigação que tenho ao jogar um jogo semelhante, tudo por causa da imagem. E saber que estou fazendo isso por ela, e como isso pode afetar minha carreira, tenho certeza que vou ajudar Saylor se ela pedir. Agora só preciso convencê-la disso.

— Porque vejo isso acontecer todos os dias. Imagine uma atriz que terminou com alguma celebridade de alto escalão. Há rumores sobre o motivo, mas ninguém sabe a verdade, e eles não comentam publicamente sobre a separação. De repente, a imprensa não quer nada com ela. Ela não é chamada para os papéis. Não é convidada para nenhuma das festas. Ela pode até ser esnobada por seus amigos se frequentarem os mesmos círculos, porque é uma droga, mas as pessoas não querem irritar os mais poderosos nos relacionamentos.

— Porque isso é muito justo. Aff.

— Sim, mas ela ri por último. De alguma forma, ela se dá bem. Aparece dez vezes melhor do que antes, com alguma estrela, diretor ou magnata mais poderoso que seu ex, e é incrível como, de repente, as pessoas que não queriam nada com ela agora estão morrendo para serem melhores amigos.

— Que babaquice — ela murmura, e tenho certeza que está pensando em alguns nomes que se encaixam nessa crítica.

— Muito. Mas a vida é assim.

— Na sua bolha de Hollywood, talvez. Não na minha — ela resmunga como se estivesse vendo a situação por um ângulo diferente pela primeira vez, mas aceitando de má vontade.

— Não é a minha bolha. — Eu rio, balançando a cabeça e precisando que ela saiba que não sou assim. Ela me olha e não sei o motivo. Será que ela está juntando as peças?

— E daí? Só devo voar até lá e aparecer no casamento? Fazer joinha enquanto sigo confiante? E a maré vai virar?

— Não.

— Não? Ah, sim, esqueci. Para parecer segura de mim, preciso ter um homem grande, poderoso e musculoso ao meu lado, porque essa é a única maneira pela qual uma mulher pode estar confiante, certo? — Sinto um toque de amargura em sua voz.

Não posso dizer que a culpo.

— Não aos meus olhos, mas aos deles? Possivelmente. — Meu comentário se estabelece entre nós. Ela gira os ombros. É a única demonstração física sobre o quanto está irritada com isso.

— E aí? Eu deveria dizer: *Ei, Hayes, quer deixar sua agenda de filmagem e a vida glamourosa para ir a uma viagem ridícula comigo para o meu casamento*

que não é mais meu? — Odeio o meu lado que adora o fato de ela pensar em mim quando precisa de um homem para acompanhá-la. — Como se você realmente fosse voar para alguma ilha comigo para que a gente mostrar a meu ex-noivo, para a família e os amigos tensos que estou melhor sem ele, porque estou "saindo" com você. Um homem que é muito maior, melhor, mais bem-sucedido e bonito do que ele? Como se isso fosse acontecer.

— Por que não aconteceria? — Minha fala interrompe seu discurso e apaga o sarcasmo da sua última frase.

Sua cabeça se levanta e seus olhos encontram os meus. A mão para a meio caminho do cabelo enquanto uma risada incrédula sai da sua boca.

— Você realmente iria?

Dou de ombros.

— Sim. Por que não? Eu poderia aproveitar para relaxar e descansar um pouco ao lado de alguém que conheço e que não espera nada de mim. — Algo que não consigo ler brilha em seus olhos. — Além disso, agora que eu me lembro dele, Mitch sempre foi um idiota no ensino médio, eu teria certa satisfação de mostrar àquele filho da puta o que ele perdeu.

— Que ironia — ela sussurra, e as duas palavras me atingem no estômago.

A pontada de arrependimento não está muito atrás disso.

— Saylor...

— Não. Deixa pra lá. Isso foi golpe baixo — ela fala, mas a verdade permanece em seus olhos. Ela estende a mão e coloca sobre a minha. — Obrigada. A oferta é fofa. A intenção por trás disso, ainda mais. Mas mesmo que eu quisesse, nunca seria capaz de fazer.

— Você se esqueceu do que eu faço para viver? — Minha risada soa mais alto do que deveria. O Oscar na prateleira da minha casa pisca na minha cabeça quando a necessidade de convencê-la, de repente, fica mais forte do que quando Ryder ligou a primeira vez. Maior do que quando a vi mais cedo, esta noite. — Garanto a você que podemos fazer isso.

— Acho que está na hora de irmos embora. — Ela fica de joelhos de repente e se move em direção à porta. Detesto a dor que ouço em seu tom de voz. Odeio saber que o filho da puta do Mitch não foi o único responsável por isso.

Eu também sou.

— Saylor.

— Não. Estou cansada. Preciso ir para casa.

— Certo. Me deixe descer primeiro para o caso de você precisar de ajuda.

Ela me encara com um olhar insinuando que não vai precisar, mas passo por ela, nossos corpos roçando um no outro, e tomo a liderança mesmo assim.

Meus pés estão na porta quando olho para ela.

— Só para deixar registrado, Say, acho que você deveria ir. E eu deixaria tudo para estar lá com você. É o mínimo que eu posso fazer.

Ela não diz nada, apenas assente enquanto eu saio de seu campo de visão e desço os degraus.

Estou no chão em poucos segundos e uma Saylor muito quieta vem logo atrás de mim enquanto espero lá em baixo. Quando ela está quase chegando no chão, seu salto escorrega. Assim que dou um passo para frente e estendo a mão para ajudá-la, ela se vira.

Nossos corpos estão pressionados um contra o outro e as mãos dela apoiadas em meu peito. Sua expressão é assustada, mas seus olhos permanecem nos meus. Ela ofega de forma audível.

Ficar assim com ela me faz querer me inclinar e beijá-la. Tudo volta: seu gosto, aquele som baixo que ela costumava fazer no fundo da garganta, a cicatriz na parte de trás da cabeça, por causa da queda de uma parede de tijolos, que eu sentia quando a segurava para beijá-la. Tudo isso.

E é uma tentação como nunca senti.

— Hayes.

— Sim? — Olho para seus lábios e depois volto a encarar seus olhos. Quero saber o que eles estão me dizendo.

— Nada. Não importa. — Ela balança a cabeça e se afasta.

Aperto meu queixo. Fecho as mãos em punho. Digo a mim mesmo para deixá-la ir embora. Para não notar as sardas que ainda estão em seu nariz. As que eu costumava provocar quando era criança, depois, adorava olhar quando ela dormia na parte de trás da minha caminhonete no drive-in quando éramos adolescentes.

O pensamento provoca muitas outras coisas que eu costumava amar nela. Me lembra o quanto estávamos perto. Quantas partes das nossas vidas foram entrelaçadas com tanta força que era como se fôssemos um só.

Meu Deus. Sei que éramos jovens. Sei que fiz a coisa certa em correr atrás dos meus sonhos, já que ela só tinha dezessete e eu, dezenove. Mas o quanto fui egoísta em ir embora sem dar uma explicação ou um adeus?

Idiota. Babaca. *Sim. Com certeza, você é, Whitley.*

E por isso eu mereço sua compreensível cautela, cada pedaço da sua ira e cada gota do seu ódio.

Sigo atrás dela pelo caminho em direção ao carro. Uso a visão de seus quadris balançando para me distrair das lembranças que não param de voltar.

Minha cabeça não para, mas não deixo de pensar em como isso deveria ser fácil. Como eu deveria voltar, convencê-la a ir ao casamento e fazer minha parte para ajudá-la a se mostrar para Mitch. A dívida seria paga apenas a tempo de ir

embora. *De novo.*

E bastou um olhar para Saylor no outro dia, para saber que não ia ser nada fácil. Ver a combinação da jovem garota de cara limpa que deixei com a mágoa e a agressividade que vejo agora, e não posso deixar de me perguntar e se. E se eu não tivesse partido? E como a minha partida mudou o rumo da vida dela?

Que se dane, Whitley. Você fez o que tinha que fazer. Aproveitou uma oportunidade única na vida que, definitivamente, deu certo.

Mas observá-la à minha frente, com a dor em seus olhos fresca na minha cabeça me faz ter certeza de que isso vai ser mais difícil do que eu esperava.

Ainda bem que ela rejeitou a oferta.

Tenho um plano. Tenho meu mundo. Meu mundo perfeito, caótico, surreal e foda. Não há espaço para erros. Ela não se encaixa em nada ali. Foi o que eu disse a mim mesmo quando fui embora. É o que defendo até agora.

Só estou aqui para pagar uma dívida com Ryder.

Apenas para diminuir a culpa pelo que fiz com ela.

Então, por que já estou pensando em quando vou poder vê-la novamente?



Queria que ele tivesse me beijado.

É a primeira coisa que penso quando acordo. Quando estávamos de pé embaixo da casa da árvore, com suas mãos na minha cintura e a luz da lua em seus cabelos, no campo em que costumávamos brincar quando crianças, quis que ele me beijasse. Queria que se inclinasse e mandasse ver. Afastasse todas as dúvidas sobre porque eu terminei com Mitch. Racionalizasse porque vê-lo novamente me fez desejá-lo de formas que eu não deveria.

E então eu me mexo. Minha cabeça dói e minha boca está seca. Meu cabelo está todo embaraçado. E ainda estou usando a roupa da noite passada.

Quero morrer. Quero enfiar a cabeça no vaso sanitário e vomitar tudo que puder para fazer com que tudo que estou sentindo — esse incômodo no estômago, a cabeça girando e minha pele quente e dolorida — sumam logo.

Mas não posso. Acho que meu corpo quer me punir por ter sido tão idiota na noite passada. Por pensar que se eu balançasse o suficiente os quadris ou flertasse mais com os amigos de Ryder, isso faria Hayes perceber o que ele perdeu.

Uma besteira idiota e amadora. Como se ele já não tivesse visto esse tipo de comportamento antes de um milhão de mulheres, que fariam qualquer coisa para ficar com ele.

E a piada fica comigo quando me deito na cama enquanto o resto da noite — ou o que eu me lembro dela —, se repete na minha cabeça. Como agora não conseguiria nem vomitar para me sentir melhor se quisesse, e ainda, ontem à noite, consegui para fora cada detalhezinho a respeito de Mitch para Hayes. Como terminei um relacionamento muito bom e sobre o casamento dos sonhos de toda garota. Como Mitch me convidou para vê-lo se casar com sua noiva, sem dúvida, *bem-sucedida e mais adequada.* Como culpei Ryder por pegar o fato de

que respondi o RSVP, distorcendo esse fato de todas as maneiras, e depois tentando colocar na minha cabeça a ideia de que eu deveria comparecer, porque minha presença poderia ajudar a loja. Tudo isso, até quando ele perguntou por que eu terminei o relacionamento.

Olhei para Mitch e percebi que ele não me fazia sentir como você me fez, Hayes.

Os pensamentos giram pela minha mente, e me levanto da cama. E então me odeio, pois o quarto gira. Mas, pior ainda, não me lembro se terminei o pensamento em voz alta ontem à noite ou se eu tive condições suficientes para me impedir.

Merda. Merda. Puta merda.

Repito isso constantemente até me lembrar que não terminei a frase. Que me impedi antes de cometer o pior de todos os erros.

Porque não foi por isso que não me casei com o Mitch. Não houve comparação com Hayes naquele momento. Ou agora.

No entanto, enquanto me deito para tentar parar o tambor que bate em minha têmpora, não posso deixar de lembrar o primeiro pensamento nesta manhã: *queria que ele me beijasse.*

Foi por isso que terminei com o Mitch? De forma inconsciente, comparei o modo como os dois me fizeram sentir e depois de ver Hayes na noite passada — depois de me lembrar daquela dor pulsante no estômago que ele me fez sentir só com um olhar — foi assim que eu soube?

É um absurdo. Estupidez total. Não há nada de Hayes que pertença a minha vida.

Muito menos seus olhos castanhos ou os cílios grossos.

Devia ter sido o álcool que me fez pensar assim.

Não foi sua vida de Hollywood e as festas glamourosas.

Era a casa da árvore. Uma volta ao passado até quando as únicas coisas que conhecíamos sobre a vida era sua simples e que elas giravam uma em torno da outra.

Não tinha nada a ver com sua oferta para me ajudar agora ou quando ele foi embora.

Foi a nostalgia. Déjà vu. Apenas um momento no tempo. Um pensamento estúpido que é melhor esquecer.

Não foi o jeito que ele me olhou quando me acompanhou até a porta de casa e fez com que eu entrasse em segurança antes de só me olhar com aqueles intensos e não músculo da mandíbula pulsando de um jeito que me fez querer levantar e passar a mão sobre ele.

Pare com isso, Saylor. Ele só estava sendo legal. Só se ofereceu para te ajudar

porque você contou que foi convidada para o casamento. Provavelmente, ele se sentiu mal, então disse que iria com você.

O desconforto foi tão grande que acabou *se oferecendo para viajar para uma ilha paradisíaca só para te ajudar, porque ele é um cara legal.*

Mas de jeito algum vou ao casamento do Mitch. Não estou desesperada. Não tenho nada a provar e se tivesse, as últimas pessoas a quem eu precisaria provar algo seriam os Layton e todos os seus convidados monótonos e superficiais.

Não. Estou muito bem com a minha decisão de ter terminado E ter dito a Hayes que não, muito obrigada. Minha decisão foi tomada.

Além disso, não é como se eu fosse voltar a vê-lo mesmo.



— Obrigada. Tenha um ótimo dia. — Vejo a doce sra. McMann sair pela porta da loja.

— As bordas desse lote estão um pouco queimadas, mas, com certeza, melhores desde o conserto — DeeDee fala enquanto vem dos fundos da loja enxugando as mãos no avental.

Suspiro e agradeço em silêncio ao universo por deixar o forno trabalhar mais um dia e não estragar outro lote de cupcakes.

— Graças a Deus. Dedos cruzados para que esse conserto dê certo, porque ter que comprar um forno novo não é uma opção. — Me encolho com a noção do quanto isso me custaria.

— Por enquanto, está dando... — O sino na porta da confeitaria interrompe DeeDee, e um sorriso largo e bobo se forma em seu rosto. Sei, no mesmo instante, quem estará ali quando eu olhar para trás.

E não vou mentir que meu estômago revira só de pensar.

Então me viro. Um soco direto de luxúria misturado com surpresa aparece em um flash de segundo quando olho nos olhos castanho escuros, sorriso preguiçoso, short e blusa exibindo tanto o bíceps que tenho que afastar o olhar.

E assim como nas outras duas vezes que eu o vi na última semana, a reação visceral do meu corpo guerreia contra a minha habilidade inata de me fazer de boba na sua frente. Como esse homem, que costumava saber tudo sobre mim e que era parte de quase todas as minhas lembranças de infância, agora me faz sentir sem palavras e fora de mim?

Porque sou uma idiota. Esse é o meu único pensamento quando seus olhos brilham assim que encontram os meus. Sinto o baque. Meu coração não deveria se sentir assim, mas, ainda assim, sente.

— Oi. Não esperava te ver aqui. — Tento parecer indiferente e estou orgulhosa por não soar como uma hiena estridente, assim como tenho certeza de que a maioria das mulheres faz.

— Sim, bem, eu teria vindo mais cedo, mas estava ocupado ajudando minha mãe a arrumar algumas das coisas do meu tio-avô.

Ele coloca os óculos de sol na frente da camisa enquanto enfio as mãos nos bolsos de trás da calça jeans e me remexo. Me atrapalho com as palavras e em como juntá-las, porque a forma como ele está me olhando torna difícil fazer outra coisa a não ser ficar ali.

Ele sempre me olhou assim ou é só agora?

— Eu, hum, queria te agradecer por se certificar de que cheguei bem em casa na outra noite. Fazia tempo que não ficava daquele jeito. — Dou de ombros. Minhas bochechas ficam vermelhas. — E peço desculpas por qualquer coisa estúpida que eu possa ter dito.

Ele ri enquanto se aproxima do balcão entre nós.

— Estúpida, não. Fofa.

Respiro fundo e olho para baixo antes de voltar a encará-lo.

— Eu não estava tão fofa quando acordei com a cabeça latejando na manhã seguinte.

— Aposto que não, mas às vezes, é preciso tomar alguma coisa para relaxar. Não há vergonha nisso.

— Então, o que posso fazer por você? — A curiosidade me ganha.

— Estou indo embora. Tenho que voltar, já que o cronograma da produção está em andamento. São as duas últimas semanas de filmagens. — Odeio o fato de que uma pequena parte de mim se entristece com suas palavras. Não gosto de pensar que por mais que ele me irrite de todas as maneiras imagináveis quando não quero que ele fique, ainda quero que ele fique mais. Quero vê-lo outra vez.

Porque sei que quando ele sair pela porta, é provável que não o verei por mais dez anos.

— Ah.

— Mas eu queria pegar alguns cupcakes para levar para a minha assistente. Ela adora doces e merece algo por me aturar. — Ele dá de ombros e seu sorriso é envergonhado. Imediatamente, fico irritada com ela. — Também queria falar com você de novo.

A irritação diminui quando meu sorriso se alarga.

— Sobre o quê? — Seus olhos se movem para a vitrine refrigerada atrás de mim, onde DeeDee está, ocupada. Sei que ele vai mencionar Mitch, o casamento e sua oferta para me levar. Além do fato de que aquilo não é um problema, são apenas mais informações que não quero que ela saiba.

Já tem muita fofoca sobre mim nesta cidade.

— Tudo bem — digo, tentando mudar de assunto. — Não vale a pena falar sobre isso.

— Você me frustra. — Ele dá um passo à frente, sorri de forma tensa e olha por cima do meu ombro, na direção de DeeDee mais uma vez. — Qual é o grande problema? Se você não for, sempre vai se perguntar *e se*. Se for, saberá a resposta.

— Não preciso de resposta. As coisas estão bem assim.

Ele arqueia as sobrancelhas e me olha de um jeito que diz que esteve conversando com o Ryder e sabe o quanto estou lutando para fazer o meu negócio dar certo.

— Vamos, Say, já olhei minha programação e consigo ficar livre.

Semicerro os olhos.

— Como você descobriu a data?

— Perguntei ao Ryder. — Ele dá de ombros, mas seus olhos não se desculpam.

— Você é arrogante em assumir que eu concordaria. Não me importo com o que as pessoas pensam sobre mim. Nunca me preocupei. E não vou começar agora.

— Se há uma coisa de que me lembro, é disso. — Seu sorriso suaviza. Mas os olhos são implacáveis. — Sempre amei isso em você.

Seu comentário atinge um ponto muito desagradável. *Amou. Amava em mim. Passado, Saylor. Passado*. Independentemente disso, as lembranças passam pela minha cabeça. Às vezes que eu corria solta e despreocupada, e ele apenas ficava sentado e balançava a cabeça com aquele sorrisinho, me deixando fazer o que quer que fosse sem dizer nada. Sem revirar os olhos e sem ficar envergonhado. Só aceitando por completo.

Ser tudo o que Mitch não deixaria você ser.

O engraçado é que Hayes me deixava ser eu.

— Sim, bem... algumas coisas nunca mudam. — Dou de ombros, um pouco desconfortável com o elogio e precisando mudar o rumo da conversa. — Que tipo de cupcakes você quer?

Ele não fala nada durante um minuto, seus lábios estão franzidos, os olhos me questionam sem dizer uma palavra, mas tenho a sensação de que quer dizer mais, mas está se segurando. Seu olhar pisca para a vitrine e depois volta para o meu.

— Me dê uma dúzia do seu favorito.

— Vou pegar. — DeeDee fala enquanto se aproxima da vitrine com uma caixa listrada de rosa e branco na mão.

— Certo. Obrigada. — Estou um pouco assustada, porque queria fazer algo para ocupar minhas mãos e agora estou olhando para Hayes.

Ele sorri.

— Um dia desses, Saylor, nós dois vamos nos sentar e conversar adequadamente, então vou poder te explicar o que aconteceu. O motivo de ter ido embora. Aí você pode decidir se quer aceitar meu pedido de desculpas ou não. Ter um motivo tornará a sua vida muito mais fácil, porque essa coisa de, *em um minuto você está puta comigo e no minuto seguinte você está sorrindo* deve ser cansativa.

E assim, meu sentimento mudou para raiva.

— Como eu disse, você é um idiota arrogante.

— É possível que sim. Mas, mesmo assim, preferiria que você soubesse o porquê...

— Faz dez anos, Hayes. As explicações realmente não importam mais. — Retorço os dedos. Meus pés se remexem de novo. O assunto, em geral, me enerva.

— Os motivos sempre importam. *Sempre* — ele diz quando coloca a mão no bolso de trás e pega a carteira. Ficamos em silêncio, porque, por mais que eu não queira admitir que ele está certo, sei que está: sobre a minha atitude em relação a ele nas três vezes que o vi desde que voltou e sobre o fato de que saber o porquê, com certeza ajudaria a encerrar algo que pensei que tinha superado, mas, obviamente, não superei.

— Aqui está — DeeDee fala, quebrando o momento entre nós e colocando a caixa no balcão ao meu lado.

— Obrigado, DeeDee. Sou muito grato. — Hayes olha para o crachá e depois de volta para ela, oferecendo seu sorriso lindo. DeeDee fica sem palavras e sorri amplamente. — Quanto eu devo?

— É por conta da casa — respondo.

— Não seja ridícula. Eu não quero sua caridade...

— Te acompanho até a porta, Hayes. — Saio de trás do balcão, efetivamente terminando com a discussão que decido travar com ele propositalmente ao invés de começar a mostrar meu comportamento esquizofrênico.

— Ela sempre consegue o que quer — ele resmunga para DeeDee, mas posso ouvir divertimento em sua voz e sei que, provavelmente, está sorrindo quando pega a caixa de cupcakes.

Espero do lado de fora, surpresa com o frio, apesar do céu ensolarado e cruzo os braços para me esquentar. O sino na porta soa, me dizendo que Hayes está atrás de mim.

— Sabe, você ainda fica fofa quando está chateada comigo.

— Você é tão frustrante — murmuro e, ao mesmo tempo, não gosto que partes de mim derretam com o fato de ele ainda perceber e se lembrar.

— Saylor, eu parti há muito tempo. Não te culpo por guardar rancor... mas em algum momento, gostaria de pensar que podemos ser amigos de novo.

— Amigos? É isso que você quer de mim? — Aperto meus braços sobre o peito, não para afastar o frio, mas para proteger meu coração, porque há algo sobre Hayes Whitley que me atinge. Das partes que quero proteger e mesmo assim sei que ele pode entrar sem mesmo tentar.

E é por isso que preciso manter meu gênio alerta. Usar minha raiva como um escudo contra esse homem encantador, que é uma mistura perfeita de beleza e charme. O homem que sabe, por experiência própria, exatamente o que mexe comigo.

Ele significa problemas a quilômetros de distância, em todos os sentidos da palavra, especialmente para o meu coração, porque nunca vai ficar. E é o Hayes.

— Se lembra daquela noite na propriedade de Todd Schilling?

Sua mudança de assunto me atinge. Estou prestes a perguntar que noite, já que houve muitas noites em que todos nós saímos da terra da sua família. Noites e noites perdidas por todos nós, agindo como se fôssemos jovens perdidos quando, na realidade, não fazíamos nada demais. Mas não preciso perguntar a que noite ele está se referindo, porque mesmo com muitas lembranças, eu sei.

Como poderia não saber?

— Sim. — Minha voz soa baixa e meus olhos são inquisitivos. — Você se lembra do que eu disse depois?

Assinto.

Eu protejo aqueles que amo.

As emoções daquela noite são tão poderosas e a sensação de segurança que ele me proporcionou, mais ainda.

E odeio que com essa única lembrança e aquela frase improvisada, ele tenha conseguido me amolecer. Me fez lembrar aquelas palavras e essa promessa enquanto tentava afastá-lo.

— Falei sério na época e estou falando agora. Agi errado com você e não mereço o seu perdão, embora eu tenha pedido por isso, mas no fim, Saylor, você faz parte da minha família. Ryder também. Não consigo pensar em uma lembrança anterior aos meus vinte anos que vocês dois não tenham participado, de uma forma ou de outra. Os Layton fizeram muita merda para você, intencionalmente ou não. E eu gostaria de te ajudar se você precisar, tá?

Toda minha raiva passou com o olhar implacável em seus olhos e a honestidade em suas palavras. Meu orgulho luta contra as emoções do passado. Contra querer perdoar e precisar seguir em frente.

Não quero ter sentimentos por esse homem — continuar sentindo a dor que ele causou quando foi embora e me lembrar por que não deveria sentir nada agora. Mas como posso lutar contra tudo isso quando ele diz algo assim?

— Obrigada. Eu agradeço mesmo, mas não é necessário. Provavelmente, é melhor deixar Mitch no passado e tentar criar um futuro novo e diferente.

Como eu fiz depois de você.

Hayes faz a ligação entre minhas palavras e o que meus olhos estão dizendo. Ele sabe que não se encaixa mais neste mundo de pessoas comuns, nem na State Street.

— Da próxima vez que nós nos virmos, Saylor, vou recuperar a chance de ser seu amigo. — O músculo em sua mandíbula pulsa. Ele umedece o lábio inferior.

Mas amigos podem partir seu coração também.

— Adeus, Hayes. Foi muito bom te ver de novo.

Luto contra cada parte de mim que quer esperar e ver o que ele vai dizer para acreditar em sua declaração, mas no fim do dia, tudo o que me resta é o meu orgulho. A única coisa que posso fazer é seguir em frente. E com isso em mente, ofereço um leve sorriso e viro as costas para o homem que eu costumava achar que era o meu futuro.

Porque preciso voltar para a minha realidade.

O cheiro doce da confeitaria e o som reconfortante do sino me saúdam quando abro a porta. DeeDee me encontra com um largo sorriso, ainda olhando para fora, onde Hayes deve estar entrando no carro. E eu não quero ter que responder a um milhão de perguntas que ela deve ter. Não quero sentir que acabei de romper com Hayes de novo quando, na realidade, nunca terminamos.

Ele foi embora.

E preciso me lembrar disso. Não preciso ficar cega pelos sentimentos que ele provocou quando estou me sentindo vulnerável pelo casamento de Mitch. Ainda estou reconstruindo minha vida e, até certo ponto... a mim mesma.

— Então, hum, por que eu sinto que Hayes Whitley era mais do que só um amigo de infância como você me disse? — DeeDee pergunta enquanto eu lavo as mãos na pia, tentando mudar o foco. No entanto, os batimentos do meu coração me dizem que levará alguns minutos.

Dou de ombros em resposta e pego uma toalha para secá-las.

— Namoramos por um tempo. Então ele foi para Los Angeles, e eu nunca mais ouvi falar dele. — Por que isso é tão difícil de admitir? Quando me viro, seus olhos estão arregalados, a boca se abre e fecha como se ela quisesse perguntar muito mais, mas não tem certeza do quanto deveria se intrometer no passado da sua chefe. Garota esperta.

— Isso explica por que havia tanta tensão sexual entre vocês dois. Era

palpável.

— Ah, Dee. — Eu rio. Mais alto do que deveria, mas não sei de onde ela tira essas coisas. — É engraçado. Definitivamente, ele não está sofrendo no departamento de sensualidade, mas acho que você precisa se afastar do seu vício em romance. A vida não é como nos livros. A tensão sexual não pode ser sentida. As pessoas não conhecem almas gêmeas na escola primária. E eu te garanto que a mocinha não tem um orgasmo toda vez que ela faz sexo com o mocinho, tá?

— Mas o mocinho, às vezes, paga por seus cupcakes, embora tenham dito que era por conta da casa e, em seguida, deixa uma passagem de avião misteriosa no balcão antes de pedir à assistente que espere e a entregue para sua chefe depois que ele tenha ido embora.

Semicerro os olhos, tentando descobrir do que ela está falando até que ela puxa lentamente um envelope azul escuro das suas costas e o estende para mim.

— Acho que ele ainda gosta de você, Saylor.

— Não. Ele não gosta. — *Eu protejo aqueles que amo.* Por que suas palavras escolhem aquele momento para voltar à minha mente? — Acho que vocês dois estão loucos. — Suspiro enquanto viro o envelope na mão, a descrença tomando conta dos meus pensamentos e a sensação de ter sido manipulada alimentando meu temperamento explosivo. Respiro fundo, me preparo para me irritar e abro o envelope. Dentro há uma passagem de primeira classe da American Airlines para as Ilhas Turcas e Caicos e uma reserva completa para o *Seven Stars Resort and SPA* em meu nome.

Meu coração bate tão forte que escuto em meus ouvidos. Minhas mãos tremem e lágrimas se formam em meus olhos. Muitas emoções — descrença, raiva, gratidão, irritação, tudo — reverberam dentro de mim ao ver essas reservas e a quantia que Hayes deve ter pago.

Deixo de lado a confirmação do hotel para encontrar um post-it amarelo escrita em uma caligrafia que conheço muito bem.

Só para o caso de você querer fugir para o paraíso comigo por alguns dias. Não é para provar nada a eles, mas para provar a você mesma. Você é melhor que eles, Marinheira. Adoraria te ajudar a acreditar.

Hayes

Olho para o bilhete por alguns instantes e tento identificar como me sinto. Sou muito grata a Hayes por estar disposto a tirar um tempo da sua agenda exigente,

se eu quisesse, e me sinto lisonjeada por ele pensar tão bem a meu respeito, mesmo depois dos últimos dias.

E me pergunto se ele se lembra de alguma coisa sobre mim. Em particular, como eu odeio me sentir obrigada a fazer qualquer coisa. E se me sentir assim, que faço exatamente o oposto, só para provar que não vou ser persuadida.

Mais ou menos como estou me sentindo agora.

Olho para o bilhete em minhas mãos. Sei que não vou. Não posso. É melhor deixar o passado para trás. A confeitaria vai sobreviver, de alguma forma, sem isso. Então tento descobrir como conseguir que seu dinheiro seja devolvido. Como agradecer, mas, ao mesmo tempo, recusar sua oferta.

No entanto, não posso negar os sentimentos que esses pedaços de papel me provocaram: entusiasmo por ele pensar em fazer isso por mim, descrença por ele ter tanta fé em mim depois da forma como eu o tratei esta semana e paz por me dar a oportunidade de decidir o que fazer.

Olho para cima e vejo DeeDee esperando pacientemente e observando minha reação. Seu sorriso hesitante, sua esperança de que eu optasse pelo romântico feliz para sempre que ela lia em seus romances.

Mas todos nós sabemos que livros são ficção.

O amor nos romances é uma porcaria. Às vezes, o mocinho ainda vai embora no fim.

E a mocinha é deixada mais uma vez para juntar seus pedaços.



Mãos.

Suas mãos estão em toda parte quando não quero que elas estejam.

Em minha boca. No meu peito.

Arranhando minhas costas. Os joelhos pressionando entre minhas coxas. Sua risada excitada enquanto tento sacudir minha cabeça. Assim poderei gritar. E morder.

O gosto do medo. Isso preenche minha boca. Possui meus sentidos.

O som dos grilos. Parece tão alto. Grito para ele parar, já que eu não posso.

O tufo de grama contra as minhas pernas. Frio. Amargo. Ilusório. Esconde as pedras irregulares que estão machucando a minha pele.

Assim como ele.

O cheiro de cerveja em sua respiração. Escorre no chão ao meu lado, onde a derrubei enquanto estava lutando.

O som distinto da alça do meu vestido novo rasgando. Economizei durante semanas para comprá-lo. E agora está rasgado.

Não tenho certeza do porquê me concentro nisso. No tecido se rasgando. Talvez porque seja mais fácil do que pensar no que vem a seguir.

Ah, Deus.

A força nas mãos dele me segurando. Impedindo minha fuga. Eu luto. Chuto. Me debato. Mas algumas coisas parecem muito vivas em minha mente.

Ela já está ficando entorpecida, pois não quer processar o que pode acontecer a seguir. Não pode.

— Saylor? Saylor? — Ouço gritos chamando meu nome. Hayes. É o Hayes. Estou aqui. Por favor. Por favor, me encontre.

A sensação de calor quando minhas lágrimas escorrem e deslizam dos cantos dos meus olhos até minhas orelhas.

Sinto o ar fresco da noite na minha barriga, onde ele puxou meu vestido.

Ouço o barulho de um rugido. Acho. Não sei. Não consigo processar nada. Mas escuto de novo e então não sinto mais seu peso.

Estou vazia. Oca.

Me levanto e rastejo — as pedras ralam meus joelhos nus — para escapar o mais rápido que posso.

Há confusão e muita gritaria.

Ouço uma expiração vigorosa como se tivesse levado um soco no estômago. Um "eu vou te matar" com os dentes cerrados. Depois vem o som de mais socos.

— Vá buscar ajuda, Ryder. Agora. — Mais barulhos de socos.

Meus ouvidos apitam. Sinto frio por todo corpo. Não consigo parar de tremer e nem de chorar. Ou de balançar para frente e para trás segurando os joelhos contra o peito.

Quero desaparecer daqui. Sumir dentro de minha cabeça. Quero fingir. Esquecer.

— Saylor. Saylor.

Recuo enquanto sinto que mãos me tocam. Tento lutar contra elas.

— Sou eu.

Eu o afasto.

— Sou eu.

Paro de lutar.

Ele passa as mãos pelos meu braços, costas e bochechas. Levanto o rosto para encontrá-lo olhando diretamente para mim. Há sangue em suas mãos e uma marca vermelha em sua bochecha. Um fio de suor escorre por sua têmpora.

Vejo preocupação. Medo. Fúria. Incerteza. Descrença. Está tudo em seus olhos que me dizem que ele está tão assustado quanto eu.

Mas sua voz é calma e reconfortante.

— Estou aqui, Say. Bem aqui.

Suas mãos me pedem para que eu me mexa. Ele me tira do chão e me coloca sentada em seu colo. Seus braços deslizam ao meu redor. Ele me puxa de encontro ao seu peito, de encontro a ele.

Coloco meu nariz em seu pescoço. Seu cheiro faz o medo ir embora. Me traz segurança.

Sinto seu calor na minha pele. Mas meu interior ainda está frio.

— Está tudo bem. Estou com você. Está tudo bem. Juro que você está bem.

Ele me abraça no escuro. Uma mão acaricia meu cabelo. A outra sobe e desce pela minha coluna. Sua respiração quente está na minha cabeça e seu peito vibra enquanto ele fala. Sua mão treme enquanto ele continua a me

acalmar.

Com palavras. E pelo toque.

Ouço sirenes à distância.

Estou segura agora. Nos braços de Hayes.

— Você está segura, Saylor. Sempre. Estou com você. Eu protejo aqueles que amo.



Contenho o que parece ser o meu centésimo bocejo do dia. Minha cabeça dói. Meu corpo está exausto e as minhas emoções estão em frangalhos. O sonho da noite passada ainda pesa na minha cabeça.

Tomo um gole de café que queima minha língua enquanto olho ao redor da Starbucks. Me viro de onde estou, de costas para a maioria das mesas, para poder ver o fluxo de pessoas que se aproximam do balcão. Seguido por sua viagem até a estação para modificar seu café e depois a procura frenética para encontrar um lugar no local sempre lotado.

Independentemente do quanto eu me concentro em observar as pessoas, minha mente ainda se volta para o pesadelo que não tinha há tempos. Só podia ser por causa das palavras do Hayes na semana passada. A renovação da promessa que ele havia feito e o lembrete que ele manteve no bilhete.

Por que ele acha que eu preciso ser protegida? Ele acha que vou precisar?

Típico dos homens assumir o papel de cavaleiro que salva o dia da donzela que não está em perigo. Ou não é sua para salvar.

O fato de eu ter brigado com Ryder sobre como Hayes ficou sabendo dos detalhes do casamento de Mitch também não ajuda. Como o meu irmão havia entrado na loja em uma manhã em que eu estava fora, comprando alguns suprimentos e pegou os detalhes sobre as reservas do meu casamento no computador. E aí deu a Hayes a informação do voucher para que ele pudesse ligar e marcar a viagem. *A nossa viagem.*

Ou, provavelmente, foi a sua assistente quem marcou. Aquela para quem ele levou os cupcakes.

Desnecessário dizer que ele está na minha lista negra. Em contrapartida, é provável que eu esteja na lista de Hayes, já que precisei pedir a Ryder seu número de telefone e, em seguida, ligar para ele para recusar educadamente a

passagem. Sua resposta de *A oferta ainda está de pé*, não era exatamente o que eu queria ouvir.

Isso significa que se eu quiser, ainda poderemos ir. Mesmo que eu diga não.

Há muita confusão. Muitas lembranças se acumularam em tão pouco tempo. Não é de se *admirar* que minha cabeça esteja doendo.

Tomo um gole de café. Anoto algumas ideias para a loja: novos sabores, novas promoções, mudanças na embalagem. Qualquer coisa para tentar aumentar as vendas. Quando olho para cima, sorrio automaticamente quando vejo uma garota em uma mesa na frente da minha, abrindo a caixa rosa e branca — com o logotipo da *Sweet Cheeks* na frente — e tirando dela um dos meus cupcakes de chocolate.

Uma emoção boba me atinge com a noção de que alguém está escolhendo comer o meu cupcake ao invés de um dos itens da Starbucks. Percebendo que estou olhando e esperando para ver sua expressão facial quando ela morde para ver se gosta ou não, me forço a me concentrar nas anotações na minha frente. Assim que estou pronta para escrever o próximo item, ouço um comentário atrás de mim que me faz parar.

— Sim. São os cupcakes da loja dela.

— Humm. É melhor que ela os aproveite agora, porque esse lugar não vai para frente.

Congelo com o último comentário. O da garota com a voz um pouco fanhosa atrás de mim. Pisco várias vezes, quase como se estivesse tentando pensar se acredito no que elas estão dizendo mesmo.

— Que porcaria de nome é esse, *Sweet Cheeks*?

— *Sweet Cheeks.* Credo. Que nome brega. Me faz pensar... em coisas desagradáveis. — Nojo atinge seu tom nasal, e eu me sento, descrente e com raiva. Não sei porque uma parte de mim quer empurrar minha cadeira para trás e me virar para que elas possam ver meu rosto, ver quem eu sou e deixá-las saber exatamente o que eu penso *delas*.

Mas a outra parte se afunda mais na cadeira. *Quero* ouvir mais sobre o que está sendo dito pelas minhas costas, mas *não quero* ouvir nada disso. Toda a situação parece planejada. Como se houvesse uma câmera escondida em algum lugar filmando minha reação e a piada fosse comigo.

— Bem, ela parece estar gostando — a pessoa com a voz mais aguda e estridente fala. Imagino que ela esteja se referido à garota em frente a mim que está dando uma mordida enorme no paraíso de chocolate.

A dona da voz fanhosa estala a língua.

— No almoço do outro dia, a sra. Layton disse para as convidadas que os cupcakes dela eram secos, quebradiços... e nada originais. Ela explicou que os

provou antes de toda aquela... *situação*. — Ela abaixa o tom de voz na última palavra, como se estivesse falando sobre um grande escândalo. — Você sabe... *coitado* do Mitch. Aquela Saylor o fez passar por maus bocados.

Aturdida, balanço a cabeça sutilmente e tento pensar na coincidência do que está acontecendo: eu ter sentado justamente onde estou para ouvir essa conversa.

Isso tem que ser uma piada. Uma armação de Ryder para me convencer a ir ao casamento, porque sinto que essas duas mulheres estão interpretando um papel a pedido dele.

É por isso que estou aqui sentada, encolhida em descrença em vez de ficar de pé e dizer a elas para irem para o inferno?

Odeio não saber a resposta.

— Definitivamente, ele está melhor sem ela. — A voz aguda suspira, e juro que posso ver seus olhos revirando juntamente com o som.

— *Não é?* Eles nunca combinaram mesmo. O mais engraçado é que pessoas como ela matariam para viver a vida que Mitch poderia ter proporcionado.

Pessoas como ela? Meu sangue ferve e o corpo vibra com o insulto que uso orgulhosamente como um distintivo. Não quero ser nada parecida com elas, se esse é o tipo de pessoa que elas esperavam que eu fosse.

— Muito estúpido da parte dela. Só pode haver algo de errado com essa moça. Quero dizer, ela nunca mais terá uma chance de conseguir alguém como ele.

— É verdade. Pode imaginar como foi embaraçoso para o Mitch e sua família ser rejeitada pela pobretona? Foi um livramentooo — a voz nasalada estica a última palavra.

Aperto a caneta na mão. A garota do cupcake não percebe que estão arruinando meu caráter e criticando as migalhas que ela está lambendo das pontas dos dedos.

— Sem mencionar a quantidade de dinheiro que a família deve ter com fornecedores, porque, você sabe, ela não se importava. Ela era *do vale*, então a família não estava pagando por nada do casamento.

A outra bufa muito alto e de um jeito bem esnobe.

— Definitivamente, não.

— Que bom que o carma está cobrando sua dívida por isso.

E eu tenho que dar o braço a torcer para a mulher de voz nasalada, porque ela me deu uma chicotada com esse comentário.

— Espere! O que você quer dizer com carma? O que você está me escondendo, Tish? — A mulher de voz aguda pergunta, agora dando a outra um nome que me é familiar, mas que não consigo associar.

— Nada. Só ouvi conversas das mulheres no clube. Acho que a Saylor abriu a confeitaria pensando que a sra. Layton encorajaria seus amigos a contratá-la para

fornecer as sobremesas naqueles eventos intermináveis. — Posso ver um sorriso se formando em seus lábios se formando em um sorriso presunçoso.

Sério? É isso que a Ursula Descontrolada está dizendo às pessoas?

— Sim, mas desde que ela o deixou e cancelou o casamento...

— Graças à Deus — A mulher da voz aguda interrompe.

— Com certeza. Pense do que ele se livrou com ela. Se casar com alguém que não pertence ao nosso meio? No que ele estava pensando? Mas voltando à minha história. Acho que desde o rompimento, os rumores de um dos seus fornecedores cujo pai conhece um dos funcionários da casa da sra. Layton, é que o negócio caiu consideravelmente. Está demorando a ter lucro.

— Ah, coitadinha. — Sua risada é pomposa enquanto eu pisco rapidamente, tentando descobrir onde é que elas estão ouvindo essas merdas. Eu sou a fornecedora. Eu e minha visita semanal ao supermercado.

— Volte a viver como a outra metade vive, querida.

— Deus, sim. Deixe a classe alta em paz, garotinha.

— Não importa, tenho certeza de que uma vez que a mamãe Layton estiver falando mal, ela terá que fechar as portas.

— Livramento.

— Concordo.

— Está pronta?

— Claro. A Saks está me chamando.

As vozes desaparecem quando elas saem e continuo sentada no mesmo lugar. Estou atordoada.

Desanimada. Furiosa.

Essa conversa não era parte de um plano. Ryder nunca iria tão longe. Preferia estar errada. Em vez disso, penso que pessoas sem graças e cegas como elas não existem no mundo.

Mas não era o caso.

Elas são reais e existem.

Minhas mãos tremem. Lágrimas queimam em meus olhos porque estou chateada comigo mesma por não ter dito a elas para se ferrarem. Por não me levantar, defender e fazer uma cena enorme para fazê-las se sentirem como as idiotas superficiais que são. O problema é que estou tão chateada, e tão confusa, que mesmo que eu tivesse me virado e dito alguma coisa, sei que teria saído uma confusão e me feito parecer a idiota que elas estavam dizendo que sou. A desonra se estabelece e é cem por cento destinada a mim pelo fracasso de encontrar um pilar onde me apoiar.

Seus comentários frios se repetem em minha cabeça. *As* suposições.

Seus julgamentos. *Tudo*.

Então eu faço a única coisa que posso — com meu gênio forte em chamas e a mente atordoada pela situação. Remexo na minha bolsa até encontrar o telefone. Meus dedos apertam o botão errado várias vezes enquanto digito o número que salvei recentemente em meus contatos, mas jurei que nunca usaria.

O telefone toca. Meu corpo vibra com o constrangimento que não deveria sentir e com uma raiva que sinto de todo o coração. Sabia que eu era ingênua ao achar que as suposições de Ryder estavam erradas.

— Marinheira? — Ele parece tão surpreso ao receber meu telefonema quanto eu por estar ligando.

— Preciso da sua ajuda, Hayes. Vou aceitar a oferta.



O que estou fazendo?

No avião, sinto medo da minha decisão. Me lembro das palavras de Hayes sobre meu gênio ruim e as situações nas quais ele acaba levando a melhor. Então me forço a dormir. Me lembro das palavras maliciosas das mulheres na Starbucks. E mantenho o propósito de que vou salvar minha empresa. Minha paixão. Minha dignidade.

Aquela que Ryder me ajudou a fundar.

Isso vale mesmo a pena?

A dúvida aumentou a cada passo no aeroporto a caminho da esteira de bagagens. Cenários horríveis se desenrolaram em minha cabeça. Alguns nos quais eu perdia a coragem de participar da cerimônia ao ar livre e fugia momentos antes da *Sarah Estepe* caminhar até o altar e correr para Mitch. Literalmente, corpo contra corpo, então nós duas caíamos para trás, eu em cima dele, meu vestido sobre a cabeça, a bunda coberta por um short modelador visível para todos os convidados. Ou de mim entrando na recepção, tropeçando e caindo de cabeça no bolo. Todos os convidados se virando para me ver em pé, com o rosto coberto de glacê.

A ironia é que eu estaria coberta de glacê — o pior pesadelo de Mitch. Mas, pelo menos, eu estaria irreconhecível.

E se o Hayes não aparecer?

Esse é o meu pensamento quando o ar tropical bate no meu rosto e percebo tudo ao meu redor.

A ilha é absolutamente linda. As praias são exóticas. A rua principal é colorida e cheia de vida sonolenta conforme a atravessamos.

Repito as promessas que fiz a mim mesma quando pisei no avião no início da madrugada de hoje: estou aqui para salvar minha empresa e, no processo,

superar os dois homens que amei na vida.

Salvar meu negócio vem em primeiro lugar. Preciso provar aos Layton e seus amigos que estou confiante e feliz quando tenho certeza que eles pensam o contrário.

E isso me leva à próxima promessa que fiz a mim mesma. Usar minha estadia aqui para me livrar de quaisquer dúvidas que eu possa ter em relação a Mitch. Me certificar de que tomei a decisão certa ao ir embora e que não sinto nada por ele além de completa indiferença.

Fora a necessidade de provar aos convidados superficiais e presunçosos que não preciso deles ou de seu estilo de vida e que estou indo perfeitamente bem sozinha.

Claro que isso me leva à última resolução: Hayes Whitley. E cada de coisa sobre ele. Disse a mim mesma que precisava deixar para trás o que aconteceu há dez anos. Perdoá-lo, embora não tenha certeza do que fazer com a dor que senti dentro de mim. E embora possa ser mais complicado do que o perdão, também tenho que entender que não preciso de respostas sobre por que ele foi embora. O mais importante é que ele está reservando um tempo enorme da sua agenda pessoal para estar aqui comigo. Para me ajudar a provar um ponto e a salvar algumas das coisas que perdi quando deixei Mitch — mais ainda, a chance de fazer a minha empresa prosperar.

Tenho a sensação de que há outras coisas que Hayes também vai me mostrar. Ele sempre teve esse talento de tirar coisas de mim que eu nem sabia que tinha: olhar para o mundo por um ângulo diferente, me desafiar de uma forma ou de outra, me fazer ver uma situação de outra forma. Mesmo quando era adolescente, reconhecia isso.

Estou aceitando essa situação e tendo a noção de que eu estou indo para este fim de semana sabendo que não vou sair ilesa no que se trata de Hayes. É impossível não fazer isso.

A questão é exatamente saber qual será o dano. Será para o meu coração, para a lembrança que eu tinha de nós ou para o meu ego?

Tenho a sensação de que pode ser para os três.

Vai ser muito difícil me proteger quando é ele que vai causar o estrago. Mais uma vez.

Então me concentro no cenário. Nos garotinhos com rosto sujo jogando futebol no beco. Na senhora vendendo pulseiras artesanais na esquina. Nas ruas de paralelepípedos repletas de turistas tomando sorvete, ou casais andando de mãos dadas se beijando.

O cenário muda. As árvores ainda são exuberantes e a vista é incrivelmente espetacular, mas a costa, com suas águas hipnotizantes reaparece e se estende,

interminável. Seguimos por um caminho com terrenos de projetos paisagísticos luxuosos. Palmeiras e flores vibrantes balançam com a brisa do oceano.

O táxi diminui a velocidade até que estaciona em frente à entrada do hotel e, por um segundo tranquilo, me esqueço do porquê estou aqui. Uma pequena agitação atinge a base da minha coluna quando saio do carro. Minha cabeça vira de um lado para o outro quando percebo o tamanho do hotel e sorrio ao som de vozes com sotaques enquanto o mensageiro tira minha bagagem do porta-malas.

Então é assim que a outra metade vive, né? Bem, essa garota do vale vai absorver tudo enquanto estiver aqui.

Quase consigo me imaginar relaxando — uma bebida na mão, meus pés na areia, o sol na minha pele — ao entrar no saguão. É ainda mais bonito do que nos folhetos e fotos on-line. Mas quando a corrente de ar condicionado fria atinge meu rosto, volto para a realidade. O ar ou a enorme placa em um cavalete com uma caligrafia elaborada que diz: *Bem-vindos, convidados do casamento de Layton e Taylor.* Olhar para esse cartaz me atinge com força total com relação ao que estou prestes a fazer.

Meu estômago se agita instantaneamente. Estou aqui para assistir ao casamento de Mitch. Não o meu. No lugar que sonhei em me casar. Minha coragem diminui durante a caminhada em direção ao balcão de registro. Para acalmar ataque de nervos repentino, observo o chão de mármore debaixo de mim e as plantas exuberantes ao meu redor. Mantenho o olhar para a frente, focando na simpática mulher com o sorriso gentil me dando as boas-vindas ao hotel, porque acabo de perceber que é bem possível que eu pudesse encontrar Mitch, seus pais ou qualquer um dos meus supostos amigos em cada canto deste hotel.

O mais engraçado é que eu estava preparada para isso. Disse a mim mesma que seria fácil de fazer. Mas é muito fácil falar até que a realidade lhe dê um tapa na cara.

E estou apanhando agora.

— Espero que esteja aproveitando sua estadia no Seven Stars Resort, srta. Taylor. Estou ansiosa para tornar seu casamento um evento memorável. O que posso...?

— Me desculpe, você deve ter me confundido com outra pessoa. — Com a *Sarah Estepe* Taylor, para ser exata. — Não vou me casar. Sou só convidada do casamento, e estou aqui para fazer o check-in.

Ela arregala os olhos.

— Sinto muito. Achei que... você se parece com... ah, me desculpe. A coordenadora de casamentos me mostrou uma foto da senhorita Taylor para que eu pudesse cumprimentá-la se ela viesse até a recepção. E vocês se parecem tanto. Poderiam ser irmãs. Sinto muito, eu...

— Tudo bem. — Forço um sorriso pela ironia de toda a situação. Mais importante, eu estava certa em minha suposição de que, assim como tudo mais, Sarah também se parece comigo. Eu não deveria estar surpresa. Mas, ainda assim... — Meu nome é Saylor Rodgers, preciso me registrar, por favor.

— Sim, senhora. Peço desculpas pelo meu erro. Gostaria de lhe dar as boas-vindas ao Seven Stars Resort e agradecer por escolher ficar conosco, srta. Rodgers. Vamos ver... você ficará... ah, você vai ficar na *Copa Villa*. Um lugar tão lindo. — Ela digita no teclado enquanto minha testa franze buscando a razão pela qual o nome da *villa* parece tão familiar. — E parece que seu companheiro de viagem, o sr. – ah – Hayes Whitley — ela diz, arregalando os olhos quando reconhece o nome, — já fez o check-in, então vou pedir ao Rico para mostrar o caminho até a sua *villa*.

A notícia de que Hayes está aqui me surpreende, considerando que seu último SMS para mim dizia que ele chegaria amanhã, devido a uma reunião agendada. Fiquei contente com a ideia de ter um dia para mim mesma e criar coragem para realmente passar por isso.

Era um pouco tarde para recuar agora.

Com um pouco mais de determinação, levanto a cabeça e sigo Rico pelo saguão até o lado de fora. Estou admirada com o terreno enquanto andamos. Os folders que tinha visto quando fazia o planejamento ganham vida diante de mim de um jeito meio agridoce, mas, ao mesmo tempo, surreal. O sol está alto no céu enquanto andamos por um caminho margeando a areia branca da praia em direção ao final da propriedade do resort. Quando a estradinha termina, estamos em um bangalô bem grande, enfeitado com plantas e em um local com total privacidade.

Meu Deus. A *Copa Villa*. A acomodação mais privada e cara do resort. Agora me lembro. A insistência da sra. Layton de que era lá que Mitch e eu deveríamos passar a primeira noite juntos como casal. Porém, quando vi o valor ridículo da diária, ri alto. E quando a graça acabou, fiquei com vergonha de dizer a ela que não tinha como pagar. Então, menti sobre a reserva ser parte de um pacote da internet para justificar o motivo de não ser permitidas atualizações. E é claro que ela percebeu que era mentira. Ela sabia que eu não podia pagar mais nada no meu cartão de crédito, que já estava com limite estourado, e depois insistiu que ela pagaria a conta.

Balancei a cabeça, pensando na discussão. Em como isso deveria ter sido um sinal de alerta para mim de como ela poderia ser controladora. Mas não recuei. Mantive a minha posição e continuei firme com a minha dignidade. Era muito importante pagar por alguma parte do meu casamento em vez de deixar que os Layton pagassem tudo.

Foi a única vez em todo o tempo que estive com Mitch que a vi recuar.

E era muita ironia o fato de que vou ficar aqui com Hayes.

Hayes.

Estou furiosa com ele. Como ousa pagar uma quantia tão absurda para ficar aqui neste fim de semana? Ele já está fazendo o suficiente.

Talvez seja uma questão de segurança. Será que precisa estar longe de outros convidados para se manter a salvo? Pode ser. Tento me convencer de que quando eu entrar na *villa* e o vir, não esteja tão mal-humorada.

Então o pensamento se arrasta em minha mente, e eu nem me incomodo em disfarçar a risada. Rico olha para mim, e eu apenas balanço a cabeça, indicando que estou bem. Me pergunto o que a mulher de voz aguda, a de voz nasalada e a sra. Layton vão pensar se descobrirem onde vou ficar.

E então me pergunto onde, exatamente, Mitch e Sarah ficarão hospedados em sua noite de núpcias, se ficaremos na *villa*?

Acho que essa garota do vale vai rir por último depois de tudo.

Rico desacelera e me entrega o cartão com a promessa de que minha bagagem será entregue em breve, sorri, me deseja um bom dia e depois me deixa sozinha com o nervosismo renovado por um motivo completamente diferente.

Me sinto como uma impostora no minuto em que entro na *villa* luxuosa. O lugar tem linhas simples e cores quentes. Uma brisa fresca se espalha pelo corredor e balança o cabelo que está fora do meu rabo de cavalo e faz cócegas nas minhas bochechas. Caminho pelo foyer e pelo corredor até uma grande sala. *Uau. Que vista.* Vacilo quando a parte de trás da casa e sua parede de vidro aparecem. As portas estão bem abertas, de modo que a brisa do mar entra e balança as cortinas das janelas da sacada em minha direção. A água e a areia branca da praia estão a apenas alguns metros da varanda.

A cozinha fica à minha direita: bancadas de granito espaçosas, ilha enorme com bancos de vime marrons e utensílios de aço inoxidável com armários brancos. Quando viro para a esquerda para contemplar a sala de estar — com luxuosos sofás de couro e almofadas macias —, paro no meio do caminho.

Deitado em um dos sofás, dormindo, está Hayes. Um braço está inclinado e apoiado acima da sua cabeça, o outro caiu um pouco para fora, as pernas cruzadas e apoiadas no braço do sofá. A camisa dele está aberta e o short está bem baixo nos quadris.

Meus pés se movem em reflexo e meus olhos se mantêm fixos nele todo enquanto dou alguns passos até a sala em sua direção. Ele é tão bonito que minha respiração falha.

Sem todo glamour de Hollywood e meu desprezo, é impossível negar o quanto Hayes é impressionante. De muitas maneiras. E ao vê-lo assim —

completamente relaxado — estou admirada em ver como o menino que eu amava se tornou esse homem.

Porque ele, *definitivamente*, é um homem.

Sua altura de 1,82m é toda preenchida agora, e ele é firme e musculoso. Meus olhos percorrem seu peitoral definido, o abdômen esculpido e as pernas tonificadas, despertando a lembrança do garoto magro sem os dois dentes da frente que costumava bater na porta de casa e perguntar se Ryder poderia sair e brincar. Sorrio automaticamente quando vejo a cicatriz no lado direito do abdômen, uma linha branca irregular quase imperceptível, a menos que você saiba procurá-la. Penso no adolescente de aparelho nos dentes que entrava na minha casa sem bater.

"Eu te desafio, Whitley!"

Ainda posso ouvir meu irmão dizendo, aos doze anos. Também posso ouvir Hayes se gabar de como seria pular a cerca depois de uma imobilização completa. Consigo me lembrar do grito de triunfo quando ele pulou, e também do grito de dor quando perdeu o equilíbrio e caiu em cima de uma rocha irregular do outro lado. Em seguida, vi a preocupação no rosto da minha mãe enquanto ela o levava ao consultório médico para levar os pontos que resultaram na cicatriz.

Observo seu rosto: a barba por fazer, seus cílios escuros contra bochechas e os lábios perfeitos.

Eu me lembro desses lábios. Lembro *tudo* sobre eles. A maneira como se encaixavam contra os meus. O jeito como seus olhos pareciam sorrir quando se curvavam. As promessas que me fez com eles. O amor que ele me confessou. *As palavras que ele não disse.*

Balanço a cabeça e suspiro. Me afasto das lembranças que parecem me inundar quando estou perto dele.

Talvez eu esteja apenas tendo problemas para associar o adolescente que conheci com esse homem na minha frente. Como eu ainda posso sentir a irritação por sua rejeição — depois de todo esse tempo — e ainda sentir aquela dor agradável no fundo do meu estômago só de olhar para ele?

Hayes se mexe e eu me assusto. Seus olhos entorpecidos de sono se abrem e olham para mim. Um sorriso preguiçoso segue. Tenho um vislumbre do garotinho e isso faz meu coração pular no peito.

— Ei, você chegou. — Há rouquidão em sua voz. Sinceridade também.

— Acabei de chegar aqui — murmuro enquanto ele esfrega as mãos sobre o rosto. Me forço a recuar e criar alguma distância. Me viro e olho pela janela para a bela paisagem e o ouço se mexer no sofá de couro atrás de mim.

— Seu voo foi bom?

— Sim. Obrigada. Foi a minha primeira vez. — Eu coro, mesmo que ele não possa ver e odeio ter aberto uma brecha com meu comentário.

— Primeira vez voando?

— Não. Na primeira classe. — Mantenho meus pés em movimento. Uma maneira de diminuir a inquietação que sinto pela possibilidade de encontrar Mitch ou velhos amigos no resort, e de estar em um espaço tão pequeno aqui dentro com Hayes.

— O quê? Quer dizer que Mitch nunca...?

— Não. Nunca viajamos. E quando fomos...

— Espere um minuto. Você esteve com o cara por seis anos. Um cara que constantemente se gaba do quanto é rico. — Eu me viro e sustento seu olhar, curiosa sobre como ele saberia disso. Ele revira os olhos enquanto se levanta do sofá. — Sim, Saylor. Verifiquei as contas dele nas redes sociais. Todos os seus posts são sobre a vida privilegiada que têm, com fotos para mostrar o quanto ele é da alta classe... sinto muito, estou um pouco surpreso que ele possa gastar bilhões de dólares nos finais de semana com os amigos nos Hamptons e San Francisco, mas não pôde levar sua noiva para voar de primeira classe. Me chame de crítico ou idiota. Mas esse tipo de gente me incomoda. Você deveria ser mais importante que os *garotos dele.*

As palavras de Hayes me balançam. Sua avaliação da personalidade de Mitch só com base nos seus posts do Facebook é implacável. Uma avaliação que só consegui ver com a passagem do tempo e da distância do nosso relacionamento.

Tenho uma sensação repentina de validação sobre as opiniões que tive. Estranho que Hayes, de todas as pessoas, foi quem provocou isso.

— Obrigada. — Minha voz é baixa e meus os olhos ainda estão presos nos dele, então vejo o momento em que eles suavizam. Eu rio com a lembrança de algo que me incomodava, mas nunca senti que tinha o direito de ficar com raiva, porque era o dinheiro dele que estava sendo gasto. — Eu costumava chamá-lo de Golf Boy. Vivia provocando-o, dizendo que ele preferia viajar com os amigos para correr atrás de uma bolinha do que estar em casa comigo. Ele odiava esse apelido.

— E eu odeio golfe, então não se preocupe. Não haverá golfe nesta viagem. Combinado? — O mau-humor que senti por ele ter reservado essa *villa* desaparece inteiramente quando seu sorriso torto me aquece de dentro para fora.

— Combinado.

— Desculpa. Sei que fui longe demais. — Ele passa a mão pelo cabelo e seu short desliza um pouco com o movimento. — Mas quanto mais eu penso sobre toda essa situação, mais eu fico chateado.

— Obrigada, mas... não vale a pena. Ele não vale a pena. — Mordisco a parte

interior do lábio enquanto nos encaramos por um momento.

— Por quê? — Seus olhos fazem o resto da pergunta: *por que eu aguentei o comportamento de Mitch?*

A triste verdade é que eu nem percebi que era o que estava fazendo. E fico constrangida em admitir o quanto eu me sentia insignificante todos os dias. Então eu fico quieta neste silêncio constrangedor entre nós e espero que ele deixe passar. Finjo que ele não consegue ver o que suponho ser humilhação em meus olhos por me permitir ter sido constantemente desvalorizada.

Nós dois nos assustamos quando a campainha toca, anunciando o que eu imagino ser a chegada da minha bagagem. Grata pela interrupção, vou até a porta sem dizer nada, mas sei que ele vai querer a resposta em algum momento.

E espero ter coragem suficiente para dizer a ele o que descobri agora ser verdade.

Porque ele não era você.



— Não me ligue de novo, Jenna. Já fiz a minha parte. Faça a sua.

— Mas, Hayes... estou... estou me esforçando e preciso mesmo de você aqui nesse momento — ela pede.

Assim diz a atriz. A rainha dos melodramas. A que se vende por atenção.

Cerro os dentes e não caio na mentira dessa vez.

— Não. Você não precisa. Está muito bem sem mim.

— Mas, Hayes...

— Nada de *mas, Hayes*, Jenna. Você me mandou mensagens pelo menos trinta vezes nas últimas horas. Estou de férias. Esse é o meu momento. Não o seu. Nem do estúdio. Qualquer problema que tenha, foi você mesma quem criou. Então lide com eles. Preciso ir. Meu celular vai ficar desligado pelo resto da viagem.

Desligo o telefone e fecho as mãos em punhos. Odeio esse pesadelo em que estou, mas sou muito grato pela pausa. Por Saylor e uma chance de ter um pouco de normalidade, pelo menos por um tempo em vez da loucura da minha vida.

Por que foi que concordei em me envolver na confusão da Jenna?

Não tenho intenção de desligar o telefone, mas quando um novo alerta de SMS soa — mais um de Jenna —, coloco no modo *não perturbe*. Enfio o aparelho no bolso e acho que é hora de sair daqui e explorar o lugar. Mas quando chego na porta do quarto de Saylor, paro. A vejo desarrumar a mala. Eficiente em seus movimentos, ela não para de dobrar as roupas para olhar pela janela onde a brisa sopra, para admirar a água cristalina. Está muito focada.

Tudo a respeito da sua viagem está aqui. No entanto, sei através do Ryder que ela está trabalhando sem parar para fazer da confeitaria um sucesso. Começar a vida do zero depois de ficar com o babaca por seis anos exigiu coragem. E depois, perceber que seus amigos acharam que o dinheiro e poder dos Layton

eram mais atraentes do que sua amizade? Isso deve ter sido brutal.

E solitário.

Como eles podiam simplesmente deixá-la assim? Cortá-la de suas vidas e renunciar a sua amizade?

Merda. *Hipócritas*.

Os paralelos entre Saylor e eu, e as consequências entre ela e Mitch, estão ficando um pouco ridículos agora. Nada como me fazer sentir como se eu fosse mais um babaca ao ver cada semelhança entre nós.

Mas é por isso que estou aqui. Para me redimir e curar velhas feridas.

Todas essas revelações confirmam o quanto deve ter sido difícil para ela me ligar — o cara que a magoou tanto — e aceitar minha oferta de ajuda.

Ela coloca uma mecha de cabelo atrás da orelha e aperta a faixa do roupão. Aquelas pernas imploram para que eu de uma boa olhada nelas. *E, caramba.* Definitivamente, elas merecem uma segunda olhada.

É como se eu a conhecesse, mas não conheço. É uma porcaria de sentimento para um homem que não está acostumado a se importar. Nem precisa.

Ela continua os movimentos metódicos. Desembalando. Desdobrando. Dobrando novamente. Colocando na gaveta.

O que aconteceu com sua personalidade impulsiva? A atitude de *que se dane*? A garota que não se importava com quem estava observando ou o que os outros pensavam? Ela mudou por causa desse filho da puta? Layton roubou isso dela? Era isso que seu silêncio estava me dizendo quando ela falou que não valia a pena? Por que ele domaria seu lado destemido que a tornava quem era?

Estava na hora de fazê-la se soltar e trazer de volta a garota que eu conhecia, com seu sorriso malicioso e olhos selvagens.

O telefone dela toca. Isso nos assusta, mas ela ainda está de costas para mim.

— Dee, o que houve? — Ela faz uma pausa no movimento de dobrar a camiseta. — De novo? Sério? Meu Deus. Ligue para o mesmo lugar que contratamos da outra vez. Veja se ele consegue manter a temperatura estável para que você possa gerenciar até eu voltar. E aí pensou em alguma coisa... sim. Obrigada. Fico agradecida por cuidar disso para mim.

Ela joga o telefone na cama e suspira em voz alta.

— Aviso de partida em cinco minutos.

Ela grita e se vira. Sua mão vai para o peito, a abertura do roupão enquanto seus olhos — azuis e arregalados — descem momentaneamente, observando meu corpo. Toda mulher ama o V que tenho na cintura. Que bom que malhar faz parte do trabalho que tenho que desempenhar para a maioria dos papéis, porque o meu é bem definido.

E ela, com certeza, notou.

— Aviso de partida em cinco minutos?

— Sim. — *Olhos aqui em cima, Marinheira.* Então, *mais uma vez, sinta-se livre para desviar o olhar*. — Esse é o tempo que você tem para se preparar antes de sairmos.

Seus lábios formam um O. Minha cabeça se enche de imagens que eu não deveria ter do que pode escorregar entre eles. E nada ajuda quando olho para baixo e vejo seus mamilos marcados no material fino do roupão.

— O que você quer dizer?

Olhe para cima, Whitley.

Estendo a mão para ela.

— Primeiro, vou levar seu telefone embora. Em segundo lugar, vamos andar por aí.

— Você quer o meu telefone?

Entre outras coisas. Se um robe está surtindo esse efeito em mim, fazendo com que eu deseje coisas que não posso ter, então...

— Sim. O meu tocou uma centena de vezes e está me levando à loucura. E a julgar pelo tom da sua ligação, o seu está te estressando também. Então, acho que precisamos desligar nossos telefones e desconectar esse final de semana.

— Desligar? Você está falando sério?

Vejo um pedaço das suas pernas quando ela remexe os pés e o roupão se abre.

— Muito sério. — Estendo a minha mão e olho para ela. Em seguida, volto minha atenção para seus olhos. — Estamos no paraíso, Marinheira. — Um dos lados dos seus lábios se curva e sei que estou convencendo-a. — Envie um SMS para Ryder ou quem quer que seja e avise que seu celular vai ficar desligado para que ninguém se preocupe que você tenha sido abduzida pela *Ursula Descontrolada*. Em seguida, desligue-o e me entregue. Vou fazer o mesmo com o meu.

Ela me olha novamente.

— Certo. Combinado.

Concordo. Nós dois pegamos nossos telefones, enviamos mensagens, e ela o entrega para mim quando está desligado.

— Está satisfeito? — Ela arqueia as sobrancelhas como se estivesse irritada, mas posso dizer que gosta dessa ideia.

— *Muito*. Agora que resolvemos esse problema, é hora de explorar o lugar. Vá dar uma olhada na ilha e se divirta. — Seus olhos parecem em pânico com a sugestão. *Porra*.

— Imaginei que você gostaria de evitar a atenção. Que ia ficar aqui para conseguir ter um pouco de paz, tranquilidade e aproveitar o anonimato.

Boa tentativa, Marinheira, mas isso não vai acontecer este fim de semana.

— Descobri, há anos, que atenção é algo que não consigo controlar. Estamos em uma ilha tropical, Saylor. No meio do oceano. Há areia, mar e diversão. Além disso, sair e andar por aí é a melhor maneira de demonstrar que chegamos. Te garanto que a fofoca vai se espalhar rápido nessa ilhazinha.

Ela mordisca o lábio inferior e se senta na cama. Ela achou mesmo que íamos ficar sentados aqui? E mesmo que fosse essa minha intenção para hoje à noite, não há como continuarmos com esses planos, pois eles mudam. E estou determinado a trazer a Saylor de volta. *A minha boa e velha Saylor de volta.*

É hora de se divertir e encontrá-la.

No momento em que ela está prestes a falar, discordar e recusar, olho para o relógio e de volata para seus olhos azuis.

— Está perdendo tempo. O relógio está correndo.



Sua namorada não vai ficar com raiva por você vir para uma ilha tropical e deixá-la em casa? — Evito olhar para Hayes, embora cada parte de mim queira ver sua reação à minha pergunta.

Vi as revistas de fofoca. A ampla cobertura que a imprensa fez dele nos últimos meses. Sei que seu relacionamento, muito público, com Jenna Dixon acabou e que, supostamente, ele a traiu. Desde então, ela se escondeu para tentar superar. O relacionamento de conto de fadas acabou.

A imprensa publicou tudo. Os rumores foram impressos e reimpressos toda vez que surgia uma nova informação sobre os dois. As especulações sobre com quem ele a traiu passam por qualquer uma com quem ele tenha contato. E, ainda assim, ele permaneceu em silêncio o tempo todo.

Isso significa que também vão me atacar?

Afasto o pensamento. Somos apenas amigos em uma pequena ilha no Oceano Atlântico, em um resort exclusivo. Não há por que alguém se importar comigo. Não sou ninguém de Hollywood que desperte curiosidade.

Nem mesmo remotamente me pareço com as mulheres com as quais ele foi flagrado, tanto no passado quanto no presente, e que foram colocadas como possibilidades. Além disso, os rumores mais recentes afirmam que ele está namorando Tessa Gravestone — sua linda e completamente temperamental (se eu for acreditar no que as revistas de fofoca falam) coadjuvante. Estou curiosa para saber se é verdade e, em caso afirmativo, o que ela pensa sobre ele estar aqui?

Ele ri e, ainda assim, o som não é divertido.

— Pelo jeito você não tem lido as revistas de fofoca ultimamente ou saberia que não estou namorando, Saylor. — Seu tom de voz soa firme. Sem hesitação.

Me arrisco a olhar para onde ele está sentado, ao meu lado. Seus pés estão

descalços na areia e as sobrancelhas, erguidas. Sua expressão é do tipo *basta perguntar o que você quer saber*.

Bufo com sua resposta. Ele sorri por algum motivo, e eu só balanço a cabeça.

— Você não está namorando, *como é mesmo o nome dela*?

— Considerando que você não sabe o nome, então não, não estou namorando com ela.

— Essa é uma resposta evasiva, pelo que posso perceber. — E sei o nome dela... só não quero que ele perceba que acompanho sua vida nas revistas de fofoca.

Ele se vira e olha para mim. Seu olhar é intenso, a cabeça está inclinada para o lado e está um pouco irritado.

— É mesmo? — ele pergunta de um jeito seco. — Considerando as besteiras que têm sido publicadas sobre a Jenna e as acusações feitas a respeito do meu caráter, acho que dizer que não tenho namorada é uma resposta lógica. — Sua expressão é severa e os lábios ficam tensos enquanto ele espera que eu responda. Deve haver algo na minha expressão que o questiona, porque ele se remexe e franze os lábios. Começa a falar. Então para. E começa novamente. — Vá em frente e pergunte, Saylor. Pergunte ou acredite *neles*. A escolha é sua.

E por mais que eu queira saber se ele traiu a namorada, por mais importante que seja para mim saber que ele não o fez, não digo nada. Há algo em seu olhar, uma irritação com o fato de eu acreditar nos rumores, que me impede de continuar. Porque perguntar significa que posso estar convencida de que é verdade e, portanto, que não confio nele.

— Não acredite em tudo o que vê, Saylor. — Seu tom é irônico. Ele está me dando uma advertência. — Até o sal parece açúcar à primeira vista.

Seu comentário me faz repensar minhas suposições e me coloca em meu lugar.

— Sem perguntas, Hayes. — Umedeço os lábios e olho para minhas mãos inquietas antes de olhar de volta para ele. Me pergunto o que é verdade e o que é fachada em uma cidade que prospera em ganhar a vida brincando de faz de conta. — E, honestamente, eu estava falando sobre a Tessa. Não sobre Jenna. — Preciso esclarecer e deixar que ele saiba que estava jogando uma isca, mas não sobre Jenna.

— Ah — ele fala com um sorriso tímido aparecendo em seus lábios. — Me desculpe. Fico um pouco sensível com a coisa da Jenna.

Assinto. Eu compreendo. Quero perguntar mais, mas não o faço, porque é óbvio que há mais nessa história do que se vê. Ele tem motivo para ficar chateado com o rompimento, considerando o tempo que eles namoraram.

— Bem, nesse caso. — Ele ri. Seu tom é provocador e o clima, de repente, se

acalma de novo. O sorriso dele retorna e há travessura em seus olhos.

— Ah, Tessa. — É tudo que eu digo. Meu próprio sorriso se espalha, apesar da pontada de ciúme que me atinge um pouco mais do que eu gostaria de admitir.

— Estamos trabalhando juntos.

Reviro os olhos.

— Então vocês estão dormindo juntos.

— Na tela, sim. — Sua voz soa orgulhosa e uma parte de mim ainda sente como se ele estivesse brincando comigo. Medindo minha reação.

— E fora dela? — Eu rio, mas pergunto porque me importo. *Jesus, Saylor, pare de perguntar.*

— Existe alguma razão pela qual você se importa com isso? — Ele rouba o pensamento da minha cabeça e não para de me encarar, então desvio os olhos para o mar à nossa frente, imaginando a mesma coisa.

A diferença é que eu sei o motivo. Me importo por causa da sensação inquietante que sinto quando ele sorri para mim. Por causa do calor que flui pelo meu corpo quando ele coloca o braço em volta do meu ombro na saída do pequeno restaurante onde compramos algo para comer. Só não quero admitir isso.

— Não. Nem um pouco. — Desconfortável sob o peso do seu olhar, deixo o silêncio cair entre nós. Um tambor é ouvido em algum lugar à distância. O zumbido intermitente do riso dos turistas ou o som de passos se arrastando por essa cidade caribenha pode ser ouvido atrás de nós. Vejo algumas crianças da região brincando na água, algumas com roupas de banho e outras não enquanto os pais os observam na beira do mar.

— Não é nada sério — ele diz de forma inesperada. — Na verdade, não a vejo há algumas semanas.

— Hum. — Deixo o comentário se estabelecer entre nós, aproveitando o fato de que ele não se despediu da linda estrela antes de viajar comigo.

— Você está muito quieta, Marinheira.

Não posso segurar meu sorriso. O apelido não é tão incômodo agora.

— Sim. Só estou tentando aproveitar a noite e não pensar nos próximos dias. Para...

— Curtir a companhia do homem bonito ao seu lado.

Eu rio em voz alta e amo que ele possa fazer isso comigo. Assim como ele fez antes, quando nos sentamos em um restaurante local muito recomentado, *Fresh Catch*, enquanto comíamos nossos aperitivos e tomávamos coquetéis. Quando conversamos sobre nossas aventuras e discussões de infância, evitando tudo o que aconteceu depois que nos tornamos *um casal* e as consequências disso que

ainda não compreendi. *Prometi* a mim mesma que não tocaria no assunto de novo enquanto estivesse aqui.

É o mínimo que posso fazer, considerando que ele está aqui, fazendo sabe-se lá o que por mim, nessa situação atípica.

Olho para ele — cabelos bagunçados pelo vento e covinhas se intensificando — e acho que ele é muito mais do que bonito. Hayes é conforto e meu passado, misterioso, mas comum, engraçado e, ao mesmo tempo, distante.

— Sim. Isso também.

— Por que você está nervosa?

— Não estou nervosa. — Minha resposta muito rápida diz que sinto exatamente isso. E sua risada me diz que ele não acredita. — Você me conhece, não sou boa com imprevistos. E em me expor quando sei que todos estarão me olhando.

Há uma intensidade em seus olhos que me irrita. Como se ele estivesse procurando uma resposta que não posso dar.

— A garota que eu conhecia não se importava com quem estava olhando. — Sua voz é baixa, e odeio o fato de querer refutá-lo de imediato. De agir de forma defensiva. Especialmente, quando tenho me perguntado a mesma coisa nos últimos tempos. Ficar longe de Mitch só provou o quanto mudei ao logo do tempo que passei com ele. Minha personalidade diminuiu.

Dou de ombros. Funciona quase como um pedido de desculpas para ele, quando deveria ser para mim mesma.

— Acho que talvez só dependa de quem está olhando.

Ele umedece os lábios e assente, como se entendesse, mas a mudança em seus olhos e os movimentos dos ombros parecem dizer algo diferente. Hayes levanta a cabeça e me observa de novo.

— Bem, acho que devo te avisar: você está comigo, então não se preocupe, quando as pessoas estiverem olhando, será para mim. — No começo, acho que ele está falando sério, mas quando sorri, posso ver que está tentando me deixar à vontade.

— Ah, entendo. O famoso ator de Hollywood — provoco, mas sei que ele está certo. Os olhares em nossa direção no jantar. As interrupções no calçadão para uma foto rápida. Eu realmente aprecio sua tentativa de diminuir minha ansiedade.

Ele sopra os dedos, finge polir o peito e pisca para mim.

— Então, lembre-se disso toda vez que achar que estão te olhando.

— Na verdade, estão *te* olhando — termino por ele.

— Exatamente. — Ele acena, dando ênfase. — E, para sua informação, tenho uma programação muito detalhada de como os próximos dias ocorrerão, se isso

te ajudar com sua necessidade de previsibilidade.

Balanço a cabeça, reagindo à sua declaração.

— Existe um cronograma?

— Sim. Recebi um cronograma para o casamento, que me foi entregue quando fiz o check-in. Foi tudo programado pra gente. Golfe para os caras e amanhã, dia de SPA para as moças. — Ele revira os olhos. — Não se preocupe, te prometi que não teria nada de golfe e estou falando sério. Não vamos. Vamos suar. Dar a eles uma chance de fofocar sobre estarmos aqui. Você trouxe o convite como eu pedi?

— Sim. Por quê? — Semicerro os olhos.

— Porque aposto que eles não contaram para a *Ursula Descontrolada* que te convidaram. Fizeram isso para zombar, sem imaginar que você apareceria. Quero ter certeza de que você esteja com ele no caso dela tentar te expulsar...

— Hayes? — Tenho que fazer um desabafo.

— Sim. — Ele me encara. Sua expressão parece perplexa.

— Pensei muito sobre isso e só quero ter certeza de que você compreende que não estou aqui para arruinar o casamento deles. Não sou esse tipo de pessoa. Toda garota sonha com o dia do seu casamento e quem sou eu para dizer que o Mitch não é o príncipe encantado da Sarah? Só porque ele não era o meu, não significa que não seja o dela. — Mordisco os lábios e olho para onde meus dedos antes de olhar de volta para ele. Eles estão fazendo desenhos aleatórios na areia. — A única razão pela qual estou aqui é para provar que estou bem com isso. Para mostrar a todos eles que deixar o Mitch foi uma boa decisão para nós dois. *Ele está feliz e vai se casar com outra pessoa*. Só uma pessoa que se envergonha, foge e se esconde, e eu não estou envergonhada. Quero que meu negócio prospere e se houver uma chance de que vir aqui – sorrir, apoiar e ser confiante – provar o contrário, então tenho que aceitar. Se eu não tivesse vindo e a *Sweet Cheeks* fracassasse, eu sempre me perguntaria... e estou cansada de ficar só sonhando com as coisas.

Minhas palavras desaparecem e a voz falha no último trecho. Odeio ter trazido a conversa de volta para onde jurei a mim mesma que não traria — para onde tudo parece levar nos dias de hoje — para pensamentos sobre nós naquela época e as hipóteses com as quais eu vivi.

Observamos um ao outro na luz que diminui. A cada minuto que se passa é como se os anos que ficamos sem nos ver fossem se apagando. Meu olho azul se prende no seu, castanho. Seu silêncio se prende aos meus comentários.

— Sabia que você ainda era a mesma garota que eu conhecia. — Sua voz é apenas um murmúrio. Olho para baixo e o vejo umedecer a língua, os lábios e, em seguida, encontro o seu olhar novamente. — Sei qual é a sua intenção,

Saylor. Você é muito gentil para querer menos. É altruísta e sabe perdoar.

— Achei que você tinha dito que guardo ressentimentos.

— Só comigo. — Ele sorri. — Você sempre teve. Espero que eu me comporte direitinho neste fim de semana para que você não guarde mais nenhum quando isso acabar.

— Bom plano. — Rio de novo e percebo que parece que fazia uma eternidade que não ria tanto por besteiras. É uma sensação boa.

— Voltando aos planos...

— Ah, sim... amanhã, vamos pular o salão de beleza e o golfe, porque suas unhas já estão feitas e golfe é chato pra caralho. Então faremos o que quisermos. Tenho que ensaiar algumas falas para um papel do qual farei um teste quando voltar e teremos o jantar de ensaio, onde todos foram convidados. O casamento e a recepção são depois de amanhã. Depois...

— Chega. — Cubro as orelhas e rio. — Obrigada. De verdade. Fico aliviada em saber que você tem todos os detalhes da nossa agenda sob controle. Parece com os eventos normais de casamento. *E isso eu conheço muito bem*. Posso descansar com mais tranquilidade agora.

Ele ri e, de repente, endireito as costas.

— Esse é o cronograma deles, Marinheira. O nosso é segredo. — Ele se levanta de repente e segura a minha mão para me ajudar a levantar. Meu corpo estremece com nossa proximidade e conexão. Como se saber que ele estava perto o suficiente para me tocar, mas sem tocar realmente, me deixasse autoconsciente. Sei que ele também pode sentir isso. Não estou sozinha nessa. As palavras em seus lábios vacilam por um breve momento antes que ele se recupere. E uma parte de mim quer ficar assim mais um pouco, mas sei que é só a conexão que perdemos que está fazendo com que essas sensações fervilhem. Nostalgia. Memória muscular do coração. — Venha. Vamos lá.

— Vamos?

— Sim. Vamos. Será mais fácil se você pensar em toda essa viagem como uma aventura e não como o casamento *deles*.

— Então você vai ser meu guia turístico?

— Se você quer me chamar assim. Prefiro diretor de cruzeiro, considerando que estamos presos ao tema náutico, Marinheira. — Ele pisca e estende a mão.

— Ah, por favor. — Reviro os olhos.

— Ou *capitão*.

— Você é louco, sabia? — Balanço a cabeça, e ele puxa minha mão para me ajudar a ficar de pé.

— É bem possível, mas tudo o que importa é que estou no comando desta programação e precisamos dar um passo adiante. Sua aventura a espera.

— E, *oh, capitão, meu capitão*, que aventura é essa? — Arrasto os pés como uma criança, curiosa querendo saber sobre o que ele está falando, mas sorrindo mesmo assim.

— Você acha mesmo que vou te contar? — Ele me encanta com aquele sorriso do qual não posso resistir. — Não sabe que a espontaneidade é o melhor tipo de aventura?

Ah. Merda.



— De jeito nenhum. Hum-hum. — Tento me afastar, mas minhas costas atingem a parte da frente do corpo de Hayes. Somos pressionados um contra o outro e sinto o pânico me atingir.

— Lembre-se do que eu falei. — Sua voz é quente contra o meu ouvido.

A espontaneidade é o melhor tipo de aventura, é o caramba. Já tentei fazer isso uma vez em um desafio aos dezesseis anos. Por ele.

Me viro, rejeitando de forma evidente a ideia de diversão espontânea de Hayes. Rejeito o palco diante de mim, as pessoas sentadas em cadeiras pelo salão, o microfone e a tela que exibirá as letras.

No entanto, quando me viro, me choco contra seu corpo duro e firme. O meu reage imediatamente à sensação e os pelos se arrepiam na base do meu pescoço. Meus mamilos pressionam contra o tecido liso do sutiã e estão mais do que conscientes do calor do seu peito. Todos os meus músculos ficam tensos.

Tudo o que posso fazer é ofegar quando seus olhos se prendem aos meus. Eles estão cheios da mesma malícia presente em seu sorriso.

— Se lembra daquela vez no *Wild Irish*?

— Como eu poderia me esquecer? — Entramos escondidos pelos fundos do bar de uma cidade vizinha, nos sentindo como se fôssemos muito espertos. A ansiedade de sermos pegos, sendo menores de idade, tornava a noite ainda mais estimulante. Hayes me desafiou a colocar meu nome na lista, subir ao palco e cantar uma música da sua escolha.

— Se lembra do quanto você teve que se preparar para fazer isso? — ele murmura ao perguntar. Posso sentir o cheiro da *Red Stripe*, a cerveja jamaicana que ele tomou, em sua respiração.

São águas traiçoeiras.

Mas é o capitão que me leva até elas.

Eu rio. Meu corpo vibra com essa percepção. Ele não se afastou. Não quebrou a conexão entre nossos corpos. Provavelmente, porque o lugar está lotado, e ele quer que eu o escute. Independentemente disso, todo o choque de alguém esbarrando em um de nós, torna essa percepção muito maior.

— Me lembro. Passei a noite toda assustada e quando estava subindo no palco...

— O diretor Hellman passou na sua frente.

Nós dois rimos da lembrança. De como eu corri de volta para a mesa, no canto distante e escuro do clube antes de sair, logo em seguida.

— Meu Deus, eu estava muito assustada achando que íamos ficar de castigo ou coisa pior se ele nos visse lá.

Nossa risada desaparece. Em algum lugar, no momento em que nos separamos quando a multidão nos deu espaço para isso.

— O que me diz, Marinheira?

— Em relação a quê? — finjo indiferença, mas mordisco o lábio inferior.

— Você nunca completou o desafio. — Ele dá de ombros. Me insulta com um sorriso e um olhar para o palco e depois de volta para mim.

— Sério?

— Você nunca foi de recusar um desafio antes. — Suas palavras são ditas para combinar com o sorriso.

— Não somos mais adolescentes, Hayes — eu bufo, mas sei que ele está começando a me conquistar. Aquele sorriso tímido e o brilho nos olhos me fazendo lembrar da garota destemida e despreocupada que eu costumava ser. Aquela que nunca recuava diante de um dos seus desafios ou dos de Ryder.

Ele se inclina em direção ao meu ouvido.

— Eu te desafio, Saylor.

Meu sorriso é instantâneo. Minha reação, indiferente.

— Você sabe que eu canto muito mal — falo alto para que ele me escute acima da música que começou a tocar novamente. Suas mãos estão em meus ombros, me encaminhando para o palco e o tom melódico da sua risada está no meu ouvido.

— Perfeito. Não há nada melhor do que uma cantora de karaokê desafinada para chamar a atenção de todos.

Quero estrangulá-lo, mas, ainda assim, me pego rindo. Seguro sua mão e o titubear em seu movimento me diz que o peguei desprevenido.

— Se vou passar vergonha, você vai também.

Me surpreendo quando ele tropeça atrás de mim.

— Você se esqueceu que eu gosto quando todo mundo está me olhando?



— Não me importo. Ninguém vai me convencer do contrário — falo em uma tentativa de soar séria, apesar do sorriso que não saiu dos meus lábios desde que começamos a cantar n microfone do karaokê.

Sua risada ecoa enquanto atravessamos os corredores externos do hotel.

— Você precisa de ajuda.

— Diz o homem que exigiu ser chamado de *Capitão* toda vez que o locutor nos chamava para o palco, apesar de todos saberem que você era Hayes Whitley. — Rio quando ele coloca um braço em volta dos meus ombros e me puxa contra si em busca de apoio. Ou talvez seja o contrário. Não sei e não me importo, porque fazia uma eternidade que não me divertia tanto e é tudo por causa dele.

— Diz a mulher que cantou: “Trocando de biquíni sem parar”. — Sua risada soa novamente.

— E o que há de errado com isso? Procure. Aposto com você... não sei o que eu aposto. — Recuo um pouco o meu oferecimento. — Mas te garanto que essa é a letra correta.

— Não. É *Tocando B. B. King*, Marinheira. Tocando B. B. King — ele declara enquanto luta contra o riso. — Não *trocando de biquíni* .

— Humpf. — Tento fazer beicinho, mas não adianta. Suas palavras também são lentas e seu corpo é muito quente contra o meu. Estou alegre depois de tanto peso nos meus ombros ultimamente que tudo o que posso fazer é sorrir, rir e não querer que a noite acabe.

— Vai fazer beicinho?

— Não.

— Sim, já está fazendo e tenho a cura perfeita para isso. — Em um movimento completamente inesperado, ele segura meu braço, me gira e depois me puxa de volta conta seu corpo. O paraíso gira ao meu redor. Ele continua se movendo mesmo quando colido com firmeza contra ele.

Nossa risada desaparece e os sorrisos aparecem em lábios entreabertos. Sua mão ainda segura a minha na parte inferior das minhas costas e seu peito se move contra o meu. Levanto o rosto quando ele se inclina e nossos olhos se fecham. Há uma sinceridade nele que nunca vi antes. Também há diversão. Uma combinação muito estranha, quase como se ele pudesse ver coisas que não quero.

Me beije.

Ah, meu Deus. O que estou pensando. Ele não pode me beijar. É uma ideia

terrível. Tenho muitos motivos para listar o motivo para que isso não aconteça.

E, ainda assim, quero que ele me beije. *Só uma vez*.

Dessa forma, podemos superar o assunto e deixar o passado para trás, seguindo em frente. Mas será que eu seria capaz de seguir em frente?

Mesmo aos dezessete anos, Hayes era capaz de beijar de uma forma que me fazia sentir como se eu tivesse entregado cada parte da minha alma quando seus lábios deixavam os meus. E não sei ao certo se posso lidar com isso agora. Toda essa situação já me faz sentir muito vulnerável e exposta como é. O sentimento que o beijo me traria só acrescentaria mais confusão e isso não é algo que eu precise nesse momento.

No entanto, enquanto o silêncio se estende, nenhum de nós se move. E quando ele olha para meus lábios e depois de volta para os meus olhos, não sei se não quero.

Meu desejo luta contra minha razão.

Seu corpo é quente e firme contra o meu. Uma tentação difícil de resistir.

Só me beije.

Espero por ele. Eu o quero.

E então percebo que estou sendo idiota. Como ele deve estar pensando que pareço patética aqui, esperando para ser beijada sob a luz do luar como se fosse uma boba. Envergonhada e confusa, recuo, precisando colocar certa distância entre nós.

— Sinto muito. — Eu me viro e caminho até a porta da frente.

— Saylor — Hayes grita para mim, e eu digo a mim mesma para continuar andando. Que há uma estrela famosa chamada Tessa com quem ele não está namorando, mas que, é provável que vá pra cama com ela. Que existe um mundo de diferença entre nossas vidas: extravagância, tapete vermelho, glamour contra cabelo bagunçado, Nutella e Netflix e mesmo que a gente se beije, nada vai diminuir esse abismo.

Me sinto péssima. Estou bem aqui, toda indecisa sob a luz da lua, desejando um beijo e não querendo ao mesmo tempo, imaginando como isso me deixaria triste para sempre.

Ele chama meu nome de novo quando seus passos soam na calçada atrás de mim. Não quero encará-lo agora e quando chego à porta, percebo que ele está segurando a chave para abri-la. Ótimo. Solto uma risada autodepreciativa. Há um tom de histeria nela. Um pouco de descrença em minha imaginação fora de controle.

Minha irracionalidade repentina só pode ser uma combinação de tudo o que está me acalmando: o álcool, a noite divertida, o conforto de estar com alguém que costumava saber tudo a meu respeito e o paraíso indescritível que nos

rodeia. Tudo contribui para que eu quase fizesse papel de idiota com o momento que havia acabado de ter. Garanto que não vai acontecer de novo tão cedo.

Ele está bem atrás de mim agora. Posso senti-lo antes de ouvi-lo.

— Say? *O que houve*?

Inclino a cabeça. Odeio que tantos dos meus pensamentos estejam na ponta da língua e, ainda assim, eu não fale nada, porque são absolutamente ridículos.

Sua mão está no meu ombro, me fazendo virar para encará-lo. Mas eu resisto. Não quero que ele veja o constrangimento que arde em meus olhos ou leia meus pensamentos sem sentido.

— Estou bem, Hayes. Só estou cansada.

— Humm — ele murmura, e eu franzo o nariz, porque sei que está tentando descobrir o que se passa pela minha cabeça.

— Pode abrir a porta por favor?

— Qual é o seu maior medo neste fim de semana?

O quê? A questão surge do nada e odeio que o meu pensamento imediato é que ele esteja se referindo a nós. Mas é uma conversa sem sentido e quando a controlo, sei que está se referindo a Mitch e a *Sweet Cheeks*.

— Eu te disse mais cedo, na praia. Não é exatamente um medo, mas mais a necessidade de provar a todos que tomei a decisão certa. Porque se as mulheres da Starbucks estavam sendo sinceras e se o Ryder e seus palpites estão corretos, isso é o que tenho que fazer para dar a minha empresa a oportunidade que ela merece para ter sucesso.

— Você ainda o ama?

Sua pergunta é inesperada e me choca o suficiente para que eu levante a cabeça e o encare. No mesmo instante, desejo não ter feito isso. A luz da varanda é brilhante e não há como esconder a verdade em meus olhos.

— Não.

— Humm.

Não sei se ele acredita em mim. As linhas de expressão em sua testa e seu olhar implacável me dizem o contrário.

— Seis anos é muito tempo para ficar com alguém, amá-lo e depois desligar o amor como se fosse um interruptor.

Como explicar a ele que ainda que eu não ame mais o Mitch, posso amar algumas das lembranças dos momentos que tivemos juntos? Que sempre haverá aquelas experiências compartilhadas que vou me lembrar com carinho, mas amar o Mitch? Não, acho que não.

— Só quero a minha vida de volta ao normal — sussurro, esperando que ele seja capaz de entender isso. *Precisando que ele fique satisfeito e me deixe em paz*.

Seus olhos castanhos sustentam uma empatia que não tenho certeza se mereço, considerando que fui eu quem causou todas essas mudanças.

— O que você quer dizer com normal?

— Não sei mais. — Balanço a cabeça, grata pela mudança no assunto, e tento explicar. — Desde que o Mitch e eu nos separamos, minha vida está um caos. O término e o recomeço. As horas intermináveis que passo na confeitaria para tentar fazê-la dar certo. É cansativo e, ainda assim, adoro cada minuto, então não sei como responder a isso. — É *solitário*. Não dia-a-dia, porque sou muito feliz com minhas escolhas, mas me refiro à solidão de não ter alguém com quem conversar no final da noite e contar as histórias sobre o meu dia. Deixo essa parte de fora.

— Você mudaria qualquer coisa nisso?

Ele faz a pergunta que sei que posso responder sem hesitação.

— Não.

Seu sorriso é leve, mas está lá. Ele assente e dá um toque com a mão para cima e para baixo mas minhas costas, em sinal de encorajamento.

— Então, talvez você já esteja encontrando a normalidade.



Nada melhor que acordar com o sol brilhando e o barulho das ondas da praia do lado de fora da minha janela. Me permito ser preguiçosa. Rabisco em meu caderno sobre novas variedades potenciais de cupcakes.

De repente, ouço Hayes ao telefone em algum lugar da casa. Fico imediatamente irritada por ele ter ligado o celular quando concordamos em nos manter desconectados. Mas quando coloco o caderno de lado para reclamar, percebo uma luz vermelha piscando no aparelho de telefone da *villa*. Aquilo indica que linha está sendo usada. Então, tecnicamente, ele não está quebrando as regras, já que está usando o telefone fixo.

Olho para o aparelho algum tempo. É típico de Hayes burlar as regras, mas não quebrá-las. Ele não mudou nada, mas por que saber disso traz um sorriso estúpido aos meus lábios?

Acho que vou deixar passar. Provavelmente, ele está negociando um contrato de bilhões de dólares ou algo assim. Quem sou eu para interferir? Negócios sendo feitos no paraíso. Pego meu caderno de novo e começo a escrever no momento em que sua voz fica mais alta. Ele parece irritado. Frustrado. Intransigente. Trechos da sua conversa flutuam pelo corredor. Eu o ouço falar sobre como a sua imagem pública está sendo atingida e, em seguida, continua falando sobre não dar a mínima para o acordo de confidencialidade. Que ele se recusa a continuar representando.

Fico intrigada a princípio. Hayes nunca foi de se irritar com facilidade, então fico curiosa para saber o que o deixou tão aborrecido. Mas me lembro que o que sei dele vem do adolescente que conheci. Talvez seu temperamento tenha mudado com a idade.

Me sentindo culpada por ouvir, vou para o banho e, em seguida, troco o esmalte das unhas por uma cor mais brilhante. Gosto da minha paz e

tranquilidade, do espaço privado e da brisa que sopra na janela. Até penso em dar uma corrida na praia... mas como as unhas ainda não estão secas, não quero estragar o esmalte. Além disso, estou de férias e exercício físico é trabalho.

Então me lembro que não estou realmente de férias. Estou aqui por um motivo. Também é provável que esteja me escondendo no quarto para evitar Hayes desde que fiz papel de boba na noite passada. E, embora ele não soubesse a respeito dos meus pensamentos, eu, com certeza sabia, o que por si só, me faz sentir constrangida.

Mas ele não é tão culpado quanto eu? Ao ficar me abraçando, olhando para mim com aquela intensidade implacável no olhar? *Sim*. Definitivamente, era tudo culpa dele. Pelo menos, é o que vou dizer a mim mesma para justificar minha reação exagerada e a saudade que senti na noite passada.

Droga, vou dividir o mesmo espaço com Hayes por mais três dias. Vou ficar perto dele e tentar não me sentir confusa toda vez que ele olhar para mim. Ou sorrir para mim. Ou me chamar de Marinheira.

Hayes Whitley me gira como um cubo mágico. Fez isso no passado e continua a fazer agora. Ele me mudou. Transformou esse quebra-cabeças travado, ingênuo e sólido que já fui e me deixou derretida em todos os lugares. Sou uma mistura de emoções quando se trata dele. E não importa o quanto eu tenha tentado voltar normal, sei que nunca vou conseguir.

Ele deixou uma marca em mim.

E estar aqui é como pisar sob uma luz negra. Cada uma dessas cicatrizes se torna visível, então não posso mais ignorá-las.

Tenho que me forçar a enfrentá-las de uma vez por todas.

Me preparo sem pressa. Luto com os cabelos alvoraçados pela umidade até que desisto e os prendo com uma presilha. Depois de me cobrir com protetor solar, aplico um pouco de máscara de cílios e brilho labial, sem saber que aventura *o capitão* tem para mim hoje.

Só com isso, ele traz um sorriso bobo ao meu rosto, mesmo quando não está na minha frente. É como nos velhos tempos. Quando eu acordava nas férias de verão, e ele estava na porta da frente, contando para mim e ao Ryder que aventuras teríamos naquele dia.

E como se combinado, eu o ouço gritar através da porta fechada. Não consigo entender nada do que está dizendo, mas percebo que é mais do que só um grunhido de frustração. Por fim, minha curiosidade fala mais alto e saio do quarto para saber o que está acontecendo.

Ouço sua voz e, imediatamente, posso vê-lo no pátio, de onde estou no corredor. Ele vira de lado e seu corpo está escondido por um pilar, seu rosto, inclinado enquanto fala com alguém.

— Você realmente achou que eu aceitaria com tanta facilidade? Que ia embora sem lutar? — Ele balança a cabeça e ri, mas não há diversão em seu sorriso.

Me encosto na parede e dou um passo para mais perto, esticando o pescoço para ver com quem ele está falando, mas não consigo ver ou ouvir quem quer que seja.

— Você não entende, não é? Eu implorei, supliquei e menti para ter essa chance de novo. Para ficar aqui na sua frente mais uma vez e consertar meus erros. Para fazer você ver porque eu sou, não posso... MERDA! — Ouço um estrondo quando ele bate o punho contra a lateral do pilar. Seu suspiro é alto e a frustração fica evidente no som. Ele recua e posso vê-lo por completo agora: bermuda de praia, sem camisa, boné de beisebol puxado na testa, cabelos escuros ondulados atrás e folhas de papéis azuis na mão.

— Hayes? — Saio de onde estou no corredor e entro na grande sala. Ele vira a cabeça ao ouvir o som da minha. Cora imediatamente, e isso me faz parar, porque acho que nunca vi Hayes Whitley corar.

Acalme-se, coração. Porque o Hayes confiante é uma coisa, mas o Hayes tímido? Isso é atração em um nível completamente diferente. Uma atração do tipo estou *ferrada*.

Mas então me lembro que ele ficar envergonhado significa que o peguei com alguém ou fazendo alguma coisa, e agora me sinto uma idiota. É bem-feito para mim por ser intrometida.

— Ei. — Ele abaixa os papéis que estão em sua mão e se inclina contra o pilar atrás de si. Seu sorriso acalma meu desconforto.

— Desculpa. Não queria te interromper e... — Minha voz falha quando entro no pátio e fico surpresa por não encontrar mais ninguém ali.

Ele ri por causa do olhar perplexo em meu rosto.

— Eu é que devo me desculpar. Estava ensaiando umas falas e fiquei frustrado tentando descobrir como interpretar essa cena.

— Ah. Sinto muito. Não sabia. Pensei... não importa. — Olho para seus dedos, presos no cós da bermuda e minha cabeça fica temporariamente atordoada por seu abdômen, o caminho da felicidade e o V, então nossos olhos se encontram e nos encaramos.

Algo no fato de que ele realmente tem que ensaiar o seu trabalho me abala. Ele sempre foi perfeito em tudo que tentava logo na primeira vez e a noção de que ele está treinando e ensaiando, me diz que realmente se importa com o que faz. Que ele leva a sério. É uma mudança na antiga mentalidade de pagar para ver que ele costumava ter.

Treinar antes dos jogos de beisebol? Claro que não. E então ele era o

rebatedor inicial. Estudar antes dos exames finais? Pra quê? Ele ia tirar boas notas mesmo.

Então eu só olho para ele quando a percepção me atinge: ele é o mesmo garoto que conheci e, ainda assim, muito diferente. Amadureceu. Mudou. Mas de uma forma boa.

Felizmente, ele fala e interrompe meus pensamentos excessivos.

— Costumo repassar as falas com a minha assistente. Ela é aspirante a atriz. — Ele revira os olhos como se todos que estivessem em sua vida fossem. — Ensaiar sozinho é difícil.

— Posso ajudar? — Seu rosto reflete o mesmo choque que sinto ao perguntar.

Ele sufoca uma risada, mas deixa o sorriso torto se espalhar por seus lábios e me observa.

— Você quer ajudar?

— Não pareça tão chocado, Whitley. Sei que não sou boa atriz, mas posso ajudar se precisar de mim. Sobre o que é o filme? — Chego mais perto, a brisa bate no meu rosto e a vista recupera meu fôlego como se eu tivesse me esquecido do paraíso lá fora.

Seu sorriso torto se transforma em travesso.

— É um projeto de suspense romântico. Esta cena... é sobre os personagens principais. Eles lutaram contra a atração que existe entre os dois a vida toda.

— Por que lutariam contra isso? — A pergunta escorrega dos meus lábios antes que eu possa engoli-la de volta, e isso faz com que ele arqueie a sobrancelha.

— Boa pergunta. — Ele dá de ombros e seu olhar nunca vacila. — Pelo que eu vejo, às vezes, as coisas acontecem na vida e o amor é colocado em espera. Mas se você encontra sua alma gêmea, nada vai impedi-los de ficarem juntos no final.

Suas palavras me atingem. Essa opinião introspectiva é muito inesperada. A noção de que eu o conheço e, ao mesmo tempo não, se torna cada vez mais clara. Isso me faz querer conversar muito mais com ele. Entender como ele cresceu. Ver a profundidade dos seus pensamentos. A maturidade das suas opiniões. *Claro que eu o amei antes*. Adorava o adolescente que ele era — brincalhão, leal, sincero, engraçado — mas eu mudei e amadureci também. As coisas que procuro em um homem evoluíram. Discernimento. Compaixão. Segurança. Caráter. Integridade. Todas essas coisas em um homem são importantes para mim.

E quando olho para ele, percebo que quanto mais descubro sobre a sua versão de quase trinta anos, mais vejo que ele incorpora todos esses traços.

Seu comentário se repete na minha cabeça: *se você encontra sua alma gêmea,*

nada vai impedi-los de ficarem juntos no final.

— Isso é você falando ou o personagem?

— Há um pouco de mim em todos os personagens que interpreto.

— Boa tentativa de evasão. — Eu rio, grata por isso também. — Vou me lembrar disso quando precisar da sua ajuda para levantar algo pesado, já que você tem a força daquele super-herói da Marvel que interpretou ano passado.

Ele ri e me entrega o roteiro.

— Como você é engraçadinha, Marinheira. Quer ajudar ou não?

— Ah, é tudo engraçado e divertido até que alguém tire sarro da meia-calça que você teve que usar — provoco, sabendo que seu traje de super-herói foi muito comentado por causa da calça de lycra e a protuberância que mostraram.

— Ei, faço tudo para pagar as contas. — Seu sorriso me diz que ele já ouviu tudo isso antes e não se incomoda. E não deve, considerando os rumores sobre o dinheiro que ganhou por usar essa calça. *Como se todo homem tivesse que usar uma calça de lycra muito apertada*. — Está pronta?

Merda. Acho que é melhor me concentrar. E não nele. Ou no seu peito nu, ou nos bíceps. Nem mesmo na protuberância visível sob a calça de lycra.

— É ridículo dizer que, de repente, estou nervosa? — pergunto com uma risada tensa.

— De modo nenhum. Sei que algo vale a pena, um papel, um prêmio, qualquer coisa, se me deixar nervoso.

— Bom saber. — Respiro fundo e olho para o roteiro na minha frente. Ignorando a parte da atuação, que não entendo, faço um estudo rápido da troca entre os dois personagens, Gabby e Noah. — Certo, acho que estou pronta.

Não consigo compreender o sorriso que ele me dá. É quase como se soubesse de alguma coisa que não sei. Afasto o pensamento e imagino que ele esteja bem-humorado por eu o estar ajudando. E ele com certeza vai rir da minha tentativa de atuação, mas não me importo. Quantas pessoas têm a chance de dizer que repassaram texto com um ator vencedor do Oscar?

— Vamos seguir daqui — Hayes fala quando se inclina e aponta para uma fala. — Por que você não se senta na beirada da cadeira? Isso vai me ajudar com o bloqueio.

— Tudo bem. — Fico nervosa de repente. É uma bobagem, mas fico. Me sento e meus olhos percorrem as falas várias vezes. Tentar descobrir o contexto da cena quando não li a história toda é difícil, mas vou em frente.

— Isso é besteira, Gabby, e você sabe disso. — A expressão no rosto de Hayes se transforma instantaneamente e me pega completamente desprevenida. Ele está com raiva, frustrado e atormentado. Sua voz e postura refletem os três sentimentos.

Sigo para a minha fala enquanto olho para baixo, sabendo que de jeito algum vou conseguir me igualar na forma perfeita como ele entrou em seu personagem.

— Não sei de mais nada. — Minha voz parece calma em comparação a dele, mas continuo. — Tudo o que sei é que depois desta noite... depois de ver... deixa pra lá. Provavelmente é melhor se você for agora.

— Ah. — Ele balança a cabeça. Seu rosto demonstra desapontamento quando dá dois passos na minha direção. — Você gostaria disso, não é?

— Você perdeu o direito de saber o que eu gostaria ou não quando foi embora. — A minha voz falha. É a vida imitando a arte de uma maneira que nunca esperei quando disse que passaria o texto com ele. Engulo o nó na garganta, porque conheço essa dor. Começo a falar e paro. — Não te obriguei a ir embora, Noah. Não comecei com isso. Não machuquei ninguém. Não fui a culpada pelas coisas irem de mal a pior. E, acima de tudo, não fiz você me apagar da sua vida.

— Nunca te apaguei! — ele grita, com os ombros tensos e os olhos vivos. Nos encaramos por um instante antes que sua postura defensiva suma. Seus ombros caem, a cabeça se inclina e a voz diminui de tom, então mal posso ouvi-lo. — Eu nunca poderia te apagar, Gabby.

— Não faça isso comigo. Não volte para a cidade como se tivesse direito de guardar rancor. Eu segui em frente, Noah. Vivi minha própria vida. E não há lugar para você nela.

Ele levanta a cabeça, atravessa o pátio com determinação e bate as mãos nas laterais da minha cadeira. Estremeço com o som, com a força que move meu assento, a inconfundível virilidade de Noah e Hayes combinadas nos olhos do homem que me encara.

— Meu lugar é junto de você, Gabriella.

Bufo. Sei que Gabby faria exatamente o mesmo, e pego o lampejo de surpresa na reação de Hayes.

— Não. Não é. — Mal posso falar as palavras. Odeio a dor que sinto ao dizê-las. *Merda. Merda. Puta merda. Será que sinto o mesmo por ele na vida real*?

— Diz pra mim que você não me ama. — Suas mãos estão no meu queixo, direcionando meu rosto para cima. Seus olhos são tão honestos, tão verdadeiros, que quase me esqueço que estou com um roteiro na mão. O silêncio se estende entre nós e eu me convenço de que preciso olhar as falas. Ainda não consigo encontrar forças dentro de mim para quebrar o controle que ele exerce no momento, muito menos para respirar.

O roteiro, Saylor. O roteiro

Me forço a olhar para os papéis. As palavras que preciso dizer. Expiro quando as leio e, em seguida, encontro os olhos de Hayes.

— Eu não te amo, Noah. Conheci outra pessoa. Outro homem que sei que não

vai embora. — Desvio o olhar. Afasto as emoções que me perturbam. Engraçado. Pensei que ia me sentir muito boba fazendo isso. *No entanto, tudo de mim* está no tom da minha voz agora. — Como eu disse antes, *acabou*. É melhor que você vá embora.

— Você está mentindo. — Ele grunhe por entre os dentes cerrados enquanto bate o punho no braço da cadeira novamente. — Mentindo! Você realmente achou que eu desistiria com tanta facilidade? Que iria embora sem lutar?

Estou hipnotizada. Não consigo tirar meus olhos dele.

— Você fez isso antes. — Minha voz é um sussurro. Minhas emoções são cruas em uma cena que não tem nada a ver comigo.

Esses são Noah e Gabby. Noah. E. Gabby.

Não são *Hayes e Saylor*.

— Você não entende, não é? — Ele está exasperado. Frustrado. Suplicante. Estende a mão e inclina seu rosto em minha direção mais uma vez. Prendo a respiração enquanto ele se aproxima bem devagar e coloca seus lábios na minha orelha. Sinto o cheiro de limpeza do sabonete e do shampoo de Hayes Whitley. Sinto o calor da sua respiração. A quentura sob o toque da sua mão. — É você. Sempre foi só você. Implorei, supliquei e menti para ter essa chance. Para ficar aqui na sua frente novamente. Para corrigir meus erros. Para te fazer ver porque eu... porque não posso simplesmente ir embora dessa vez sem saber, Gabby.

— Sem saber o quê? — Fico feliz em lembrar da fala, porque se eu me inclinar para a frente para olhar, vou encarar primeiro o peito dele e isso não é algo que preciso agora. A situação, as falas que estamos ensaiando, o homem diante de mim — tudo isso é poderoso demais e não preciso do aspecto físico dele para me intoxicar ainda mais.

Hayes se inclina para trás de modo que nossos lábios fiquem a centímetros de distância.

— Saber que gosto tem o meu para sempre.

Nenhum de nós se move. Ou respira. E quando ele finalmente dá um passo para trás, sua boca se transforma em um sorriso satisfeito.

— Você é boa, Say. Tenho que dar o braço a torcer. — Ele passa a mão pelo cabelo. — Tenho refeito essa cena a manhã inteira e não percebi. Estava muito duro, com raiva demais. Ter você me ajudando ressaltou isso e tornou tudo mais fácil. Me fez ver que eu precisava ser mais suave com a entrega. Obrigado.

Permaneço imóvel na cadeira, completamente afetada e sem saber como ele pode sair do personagem, com essa troca tão intensa, e voltar a ser ele mesmo com tanta rapidez. E me lembro do seu sorriso enigmático quando me ofereci para repassar as falas. Imagino se ele pensou que eu acharia essa cena irônica, considerando a história entre nós. E irônico é, definitivamente, uma bela maneira

de descrevê-la.

Afetar pessoalmente é outra.

— Fico feliz em poder ajudá-lo — digo, quando encontro minha voz novamente.

— Você se importa se repetirmos algumas vezes para que eu possa ajustar outros detalhes?

Ah, droga.

E assim fazemos. A cada vez, minha própria emoção se torna mais transparente. Mais vulnerável.

Meu corpo, mais excitado.

A repetição constante da cena, a intimidade do diálogo entre dois personagens que anseiam um pelo outro é quase como uma preliminar por direito próprio. A emoção em sua voz, refletida em sua postura parece muito real. Tão tangível que a cada vez que repassamos a cena, me esqueço que ele está atuando.

Mas é o que ele está fazendo, Saylor. Não há nenhuma mensagem escondida que ele está tentando transmitir sobre como se sente em relação a você. *E logo ele estará interpretando essa cena com outra atriz. Outra mulher. Que não será você.* É apenas um papel para ele. Veja como ele reage com facilidade quando a cena acaba e sai do personagem.

E então, quando *ele,* finalmente, se sente satisfeito com a entrega das suas falas, *eu* preciso de uma pausa de sua presença. Dos pensamentos que toda essa cena evocou. e da tensão sexual que reveste minha pele de forma tão espessa que quase posso senti-la. Pela pressão no meu peito, é doloroso inspirar, apesar de estar ao ar livre.

Opto por dar uma volta na praia para conseguir distância física dele e acalmar as emoções inesperadas da manhã.

Curiosamente, durante o todo o tempo que estou caminhando, penso nele.



— Este lugar é tudo o que imaginei que seria — murmuro, mais para mim do que para Hayes.

— Quando planejou seu casamento?

Eu me arrepio, mas mereço a pergunta direta, considerando que estamos no mesmo hotel que passei horas planejando meu casamento. Olho para ele, do meu lado, no bar do hotel, ao ar livre. As bebidas são fortes e a comida de origem ocidental, mas é bom estar fora do hotel. Especialmente porque posso aproveitar o *resort* sem me sentir como se estivesse sendo analisada, já que todos os convidados da festa devem estar jogando golfe ou no salão de beleza. Pelo menos, se estiverem seguindo o cronograma que estava disponível no balcão da cozinha da *villa*.

— Sim, mas realizar meu casamento aqui não foi só porque o lugar era lindo. Este era um dos locais de férias dos sonhos da minha mãe. Sempre estava marcado como a "próxima viagem" deles, mas nunca aconteceu. O dinheiro ficou curto. Ryder e eu nascemos. Depois precisaram economizar para a nossa faculdade. Continuaram adiando e disseram que viriam depois que se aposentassem. — Minha voz falha, as lembranças muito dolorosas e reais mesmo depois de todos esses anos.

— Mas eles nunca conseguiram se aposentar. — A voz de Hayes é calma e empática quando termina a frase por mim. Ele coloca uma mão sobre a minha e a aperta em sinal de apoio. — Eles eram os melhores. Sempre justos. Cheios de amor, mas também rigorosos quando precisavam ser. Tudo o que eu queria que meus pais fossem, mas não eram. Penso neles com muita frequência.

— Você sabe que eles também te amavam, né? — É importante que ele saiba disso.

Ele assente enquanto meu coração dói ao pensar neles. Sinto falta dos dois

todos os dias, mas algo sobre estar aqui com Hayes — no lugar que eles sempre quiseram visitar — torna um pouco mais comovente. E penso em como eles ficariam satisfeitos ao saber que vim até aqui com ele. Ainda mais porque minha mãe costumava dizer que um dia eu me casaria com *aquele menino*. Mesmo depois que ele foi embora. Quando ela estava cuidando meu coração partido, era sua maior líder de torcida, me dizendo que ele estava amadurecendo, mas que voltaria para mim algum dia.

Meu sorriso é agridoce. A lembrança, ainda mais. O vazio no meu coração pela ausência deles é permanente, mas me sinto um pouco menos vazia quando olho para Hayes.

Limpo a garganta para disfarçar a emoção.

— Há tantas coisas que eles deixaram de fazer, esperaram ou disseram que nunca tiveram a chance de fazer depois que os filhos nasceram, e eu... merda, não sei, Hayes... não quero ser assim. Não quero me sentir como eles e nunca realizar coisas que sonho fazer. Não quero estar no carro a caminho do jantar e ser atropelada por um motorista bêbado sem nunca conhecer nem fazer tudo que eu queria.

— Entendo o que você quer dizer. Caramba, qualquer um entenderia, Saylor.

Parece que todas as minhas emoções estão sendo provocadas hoje e a morte dos meus pais é só mais uma coisa a ser adicionada ao pacote. As lembranças me atingem como fotografias em um álbum: os policiais na porta de casa, meus gritos quando lutei contra os braços de Ryder enquanto ele tentava me consolar, quando, na verdade, ele não tinha conforto para dar, os dois caixões lado a lado, os mesmos dois caixões sendo baixados lentamente para o dentro do túmulo. *Cinzas às Cinzas. Pó ao pó.* A nuvem constante de pesar inconsolável.

E então, encontrar Mitch na festa de um amigo em comum sete meses depois. Ele foi gentil, prestou atenção em mim e me levou a lugares que eu nunca havia ido antes. Lugares que não guardavam lembranças dos meus pais quando todos os outros que eu frequentava estavam cheios delas. Aquilo, combinado com os sentimentos bons que ele provocou dentro de mim afastaram lentamente a dor que me tomava por inteiro.

Será que foi por isso que fiquei com Mitch por tanto tempo? Porque ele levou a dor embora — ou melhor, a colocou em modo de espera — e me ajudou a sair lentamente da névoa de tristeza? Uma parte de mim — a não racional — temia que se eu não estivesse com ele, a dor poderia voltar?

Será que ele realmente me conhecia de verdade? Foi quando me senti eu mesma — menos dócil e suave — que as coisas começaram a dar errado?

Esse pensamento é ridículo, mas, no entanto, me atinge em cheio. Amor e obrigação são duas coisas diferentes, Saylor.

— Está tudo bem? — A voz de Hayes interrompe meus pensamentos.

Balanço a cabeça, tentando clareá-los.

— Sinto muito. Só estava pensando neles. O que você estava dizendo?

Seu sorriso é simpático e cauteloso enquanto seus olhos buscam os meus para ter certeza de que estou bem.

— Só disse que posso entender sua necessidade de correr ativamente atrás dos seus sonhos.

— Não, acho que você não pode. É enlouquecedor. — É uma declaração injusta para ele e, ainda assim, agradeço o fato de ele não discutir o assunto. — Eles eram muito jovens e tinham muita vida para viver, mas sinto que eles desistiram de alguns de seus sonhos e esperanças quando se casaram, e não quero fazer isso. Não quero ser assim. Me arrepender das chances que nunca tive. — Me lembro dos diversos comentários da minha mãe sobre o que ela poderia ter feito: sua carreira de sonho como dançarina na Broadway e como o casamento e as crianças atrapalharam isso. Uma coisa boa, mas não planejada. Penso no meu pai e no plano de seguir a carreira no beisebol, porque ele achava que a melhor coisa a fazer por sua família seria estar em casa e ter um emprego comum, das nove às cinco.

Oportunidades perdidas. Sonhos colocados em espera. Decisões completamente honrosas da parte deles, das quais eu me beneficiei. Uma vida plena e um casamento perfeito, mas o *e se* era sempre uma constante.

— Saylor?

— O quê? — Quando olho para cima, distraída, brincando com o guarda-chuva enfeitado no meu ponche de frutas, encontro seus olhos e percebo que ele me fez outra pergunta. Estava absorta demais em pensamentos sobre meus pais – sobre a culpa que eu sinto o tempo todo por amá-los profundamente, mas não querer ser parecida com eles em nenhum aspecto – para ouvi-lo.

Me parece estranho que estivesse falando sobre isso agora. Faz quase sete anos que eles se foram, mas ainda é bom conversar com alguém que os conhece como eu.

— Perguntei se os planos não realizados dos seus pais tinham algo a ver com você não se casar com Mitch.

Olho para ele de um jeito firme por longos minutos. Meu olhar é impenetrável. Meus pensamentos giram constantemente e mordisco o interior da bochecha. Mas não preciso pensar em nada, porque sei a resposta. Está claro como o dia, agora que tive esse tempo longe dele.

— Sim. — O tom da minha voz é baixo, meus olhos estão fixos na bebida e meu olhar foca nas gotas que escorrem lentamente pela lateral do copo. Me questiono se devo tocar nesse assunto, odiando o fato de me sentir como se

estivesse traindo Mitch ao falar sobre ele com Hayes, mas então percebo como é completamente absurdo considerar a situação. E tenho que dar o braço a torcer a Hayes: ele é paciente. Espera que eu encontre as palavras para expressar as emoções conflitantes que, com certeza, que cobrem meu rosto. — Mitch me tratava bem. Só acho que nossas ideias sobre o papel de uma esposa são coisas completamente diferentes.

— Imagino — ele fala enquanto leva a garrafa da cerveja *Red Stripe* aos lábios —, mas preferiria que você explicasse.

— Bem, para começar, ele odiava a confeitaria. Mesmo antes de eu alugar o espaço e tirar a licença comercial, eu a administrava como um negócio secundário em nossa casa. Isso o deixou louco. E não só pela bagunça da casa, era mais pela bagunça em mim. Ele não gostava que eu me concentrasse tanto a ponto de não me importar em ficar com cobertura no cabelo ou mancha de glacê nas roupas. E não que isso não me importava, mas é que eu estava tão absorta nas coisas que eu estava criando que não percebia a bagunça. Deus, ele odiava quando eu me esquecia de me maquiar, porque havia tido uma ideia maluca para um novo sabor e precisava fazer antes que me esquecesse.

— Você sempre foi assim. Espontânea. Precisava testar as coisas. Eu costumava amar e admirar isso em você.

Me envaideço com seu elogio. Não posso evitar me sentir estúpida, porque estou acostumada com a opinião contrária.

— Sim, bem, nem todo mundo admira. — Eu rio. — Acho que não sou o tipo de mulher adequada para ser esposa.

— Isso é a maior besteira e se você acreditar nisso por um único segundo, vou chutar o traseiro do Ryder por te permitir pensar assim. — Suas sobrancelhas estão erguidas e os lábios franzidos. Sua expressão é implacável. Já os vi dando socos um no outro, então não tenho dúvidas de que ele faria isso.

Desta vez, Hayes tem vantagem.

Minha risada soa alto e chama a atenção da *bartender* que abre um sorriso na minha direção — seus olhos vagam por Hayes por alguns segundos — antes de voltar a atenção para a sua cliente.

— Quando chegasse a hora, nosso casamento teria dado certo. Eu teria feito dar certo — digo com mais convicção do que realmente sinto. O ressentimento que nunca percebi que abrigava surge do nada.

Hayes bufa e não sei como compreender o som, já que seus olhos estão focados nas pessoas no campo de golfe.

— Você teria feito dar certo desde que se sacrificasse. Isso soa como um casamento maravilhoso. Feito para durar.

Olho para ele. Suas palavras cheias de sarcasmo. Quero que seus olhos

encontrem os meus ao mesmo tempo que queria evitá-los. Preciso mostrar a ele que não sou essa mulher. *Então estava de volta*? Talvez seja outra razão pela qual fiquei com Mitch por tanto tempo.

— Na verdade, isso não importa agora. Mais nada disso, porque não estamos juntos.

— Humpf.

— *Humpf*? O que isso significa? — Endireito a coluna, me sentindo na defensiva com a sensação de que estou sendo julgada. E quem é ele para me julgar quando não esteve ao meu lado na época da morte dos meus pais?

— Pode significar um monte de coisas — ele murmura enquanto leva a garrafa até os lábios e chama o garçom, pedindo outra. Somos interrompidos quando outro hóspede aparece e pede um autógrafo. Ele lida com a mulher nervosa que tagarela sem parar como um profissional antes de voltar para mim. Seus olhos são implacáveis enquanto olham para os meus, medindo o grau de sinceridade que quer atingir com seu próximo comentário. Começa a dizer algo, mas depois balança a cabeça e fecha a boca antes de olhar para a vista do outro lado.

— Diga logo, Hayes. Você não é do tipo que se contém.

— Vendo isso do lado de fora, acho que ele era o problema no relacionamento, Saylor, não você. E me parece que você enxerga o contrário o tempo todo. Ter uma paixão como a sua, por cozinhar, é algo que simplesmente acontece. Não é controlável. É uma grande parte de você e isso te faz feliz. Te acalma. Qualquer pessoa que lhe diga para suprimir isso em benefício próprio está tentando te sufocar. Te moldar. Tornar você alguém diferente do que é. *Nunca deixe alguém roubar sua paixão*. Se você fizer isso, vai se ressentir. E o ressentimento é a morte de qualquer relacionamento.

Pela enésima vez desde que ele voltou à minha vida, eu apenas o observo. Fico me perguntando como ele pode estar na minha cabeça e saber exatamente como estou me sentindo. Primeiro, ele me conecta aos meus pais. Me faz pensar sobre não perder oportunidades como eles perderam. E agora isso. Entendendo as inúmeras noites em que eu ficava sentada em casa, porque Mitch brigava comigo a respeito do tempo excessivo que eu passava na confeitaria. Sobre como eu seria infeliz, sentada à toa enquanto ele examinava o *The Wall Street Journal* ou o *The New York Times*. É como se ele quisesse que eu preferisse ficar com ele mais por causa do seu ego, por saber que eu o escolhi acima do meu trabalho e não porque ele realmente queria passar um tempo comigo.

Ouvir Hayes dizer isso apenas reforça o pensamento de que eu estava certa em terminar as coisas com Mitch.

— Obrigada. — Minha voz é suave e demonstra alívio por alguém entender o

motivo por eu me senti daquele jeito.

— Não há necessidade de me agradecer. — Ele dá de ombros quando coloca a garrafa sobre a mesa e se levanta da sua banqueta. — É apenas a verdade e lamento que você tenha experimentado esse tipo de situação. Vamos, preciso fazer uma coisa.

Olho para sua mão estendida e depois de volta para seus olhos castanhos.

— Continue assim, Whitley, e eu posso começar a gostar de você de novo.

— Você nunca deixou de gostar de mim. — O sorriso que ele mostra – cheio de arrogância, diversão e adoração – faz com que as partes que ele desperta em mim, aquelas que queriam ser beijadas, voltassem à vida.

É só ar fresco e perspectiva diferente, Saylor. Mantenha o controle.

E então eu faço exatamente isso — mantenho o controle —, mas desta vez, pego a mão que ele oferece e o sigo sem perguntar para onde estamos indo. Andamos pelos jardins exuberantes e rimos de algumas lembranças idiotas. Nem consigo acreditar que ele se lembra da nossa juventude. Conversamos sobre Ryder e o motivo pelo qual ele ainda não sossegou. Sobre o projeto dele que ensaiamos esta manhã. E sobre o meu sabor favorito de cupcakes.

E, em todo o nosso passeio, eu me distraio tanto com o cenário quanto com ele, com a bermuda que cobre seus quadris e seu peito bronzeado e musculoso. Por que eu ia querer prestar atenção em mais alguma coisa? Eu o deixo andar na minha frente por um tempo, e fico feliz atrás, sem ter a menor ideia de onde ele está me levando.

Penso nos meus pais. No amor deles. Em como eles só queriam o melhor para mim. *Eles teriam amado a confeitaria*. Sei que no fundo, apesar da mágoa que senti ao terminar com Mitch, minha mãe poderia ter se revirado no túmulo se eu tivesse me casado com ele aqui, no destino das férias dos seus sonhos.

Porque ela saberia — *sempre sabia* — o que era melhor para mim, mesmo quando nem eu mesma conseguia enxergar. Normalmente, a juventude te deixa cega para algumas verdades.

E Mitch não era o melhor para mim.

Por outro lado, Hayes... *ela sempre teve um fraco por ele*. Acho que estaria sorrindo se soubesse que estou curtindo esse paraíso com ele. Que estamos enterrando o passado para que possamos ser amigos. E, apesar do desgosto que ele me causou, ela estava certa: ele é o cara legal e está aqui tentando me ajudar a salvar minha empresa.

Estou distraída com meus pensamentos quando uma funcionária do *resort* sai de uma bifurcação no caminho à nossa frente. Ela encontra o olhar de Hayes por um momento, o cumprimenta com um aceno de cabeça antes de sorrir para mim e, em seguida, segue seu caminho.

— Bem, tenho uma confissão — ele diz de maneira solene, fazendo meus pés vacilarem e meus olhar vagar para qualquer lugar, menos para ele.

— Nada de bom vem dessas palavras. — Não sei por que estou nervosa com isso. Essa frase deixa meu pulso acelerado.

Ele ri, mas não responde antes de andar alguns metros, olhando para mim e depois desaparecendo na mesma direção em que a funcionária do *resort* apareceu. Sigo atrás dele para este pequeno esconderijo formado na espessa folhagem tropical. As folhas nos protegem do sol e nos escondem de quaisquer outros hóspedes que pudessem estar explorando como nós.

— Sente-se.

Semicerro os olhos, mas me obrigo a fazer o que ele pediu, depois dele. E estou tão mal-humorada que não percebo a caixa no banco até que ele a pegue. Quando a vejo, meus olhos imediatamente se concentram na embalagem de doces cor-de-rosa.

— Hayes?

Ele não responde, mas abre a caixa para que eu possa ver uma dúzia de cupcakes ricamente decorados ali dentro. Estou muito confusa. O que cupcakes têm a ver com sua confissão?

— Por favor, fique feliz, tá? — Suas covinhas se aprofundam com o sorriso.

— Claro. — Esfrego as mãos nas coxas e espero.

— No outro dia, quando cheguei antes de você, achei que seria legal se comprasse alguns cupcakes e os colocasse na casa, como uma surpresinha para te recepcionar. Depois de pensar melhor, achei a ideia estúpida, já que você normalmente está com as mãos cheias em massa de cupcake e cobertura, então por que ia querer mais? Mas, meu Deus, Marinheira, eles eram horríveis. Não eram nada parecidos com os seus.

Minha risada é alta. Ele gosta dos meus cupcakes. Meu ego, definitivamente, foi impulsionado.

— Então essa é sua confissão? Que os cupcakes são horríveis?

— De certo modo. — Ele assente e olha de volta para o conteúdo da caixa. — Mas sei quanto tempo sua raiva pode durar, e não quero mais que você fique com brava comigo. Você pode ficar ressentida, Saylor Rodgers, e então eu comprei essas coisas para você.

Ele segura a caixa para mim e agora estou ainda mais confusa. Minha risada reflete a mistura de emoções.

— Deixe-me ver se entendi. Você não quer que eu guarde rancor de você, então me comprou uma caixa de cupcakes ruins?

— Sim. — Seu sorriso se amplia e ele fica com o joelho apoiado no banco.

— Certo — falo, e minha voz está repleta de divertimento. — Mas não estou

guardando rancor de você. Eu disse a mim mesma que viria até aqui e recomeçaria. O passado ficou para trás e pronto.

Ele pondera as palavras. Seu olhar demonstra incerteza se deve ou não acreditar em mim, então pega um cupcake e me entrega. O que é que está acontecendo aqui?

— Hayes?

— Apenas segure, porque, embora eles tenham um gosto horrível, acho que vão ser ótimos para curar ressentimento.

— Ressentimento? O quê? Estou muito confusa agora. Ressentimento pelo quê?

— Isso. — Solto um grito quando ele pega um cupcake e bate as mãos uma na outra com um toque dramático. Pedaços de cupcake e cobertura voam por toda parte, como uma explosão de confeitaria. Há migalhas presas em seu peito, na sua bermuda, nos cabelos, nos lábios, que estão rindo, e esmagados em suas mãos.

É bem provável que eu fique assim ao fim de um longo dia.

— Você está louco? — grito, mas as palavras saem junto com as gargalhadas. Ver um homem que sempre está tão perfeito, não importa a hora do dia, parecer garotinho travesso da minha infância faz meu coração duplicar de tamanho.

— Sua vez. — Apesar da sua língua aparecer para tirar um pouco da cobertura dos seus lábios sorridentes, seu tom é muito sério. E é claro que hesito, sem saber se ele está ficando louco, mas com aquele sorriso nos lábios... sei que não está.

— Por quê? Pode só me dizer por que quer que eu esmague um cupcake com a mão, tendo ele um gosto horrível ou não? — Meus olhos estão arregalados, mas minhas mãos estão coçando para tentar. Meus lábios lutam contra o sorriso – não consigo evitar quando estou perto dele.

— Porque a espontaneidade é o melhor tipo de aventura — ele repete o mantra da outra noite. — E porque é uma cura de ressentimentos.

Ele dá de ombros como se estivesse fazendo todo sentido do mundo. E o mais incrível, é que para ele mesmo, está.

Fico olhando para ele por um bom tempo, percebendo que ele organizou tudo isso com a funcionária do *resort*, que preparou o local para nós e, em seguida, saiu quando nos viu. E se ele teve tanto trabalho, decido ir em frente.

Em poucos segundos, minhas mãos são uma confusão de cobertura e bolo. A força com que esmaguei meu cupcake resultou em muitas migalhas acertando em nós dois. E, embora eu não tenha certeza do porquê acabei de esmagar um cupcake, não vou mentir ao dizer que me senti muito bem. Foi libertador.

— Devemos fazer com outro? — Hayes pergunta enquanto tenta remover um

grande pedaço de cobertura de chocolate do peito, mas só consegue se sujar ainda mais.

Eu poderia te ajudar a limpar isso.

Com os lábios.

E a língua.

Puta merda, meus pensamentos me deixam atordoada. O desejo repentino provoca dor em meu núcleo.

Sua mão continua o movimento, então olho para cima e descubro que ele me pegou no flagra. Há um vestígio de mistério misturado com desejo em seus olhos. De repente, não consigo formar as palavras.

Pisco e tento focar novamente no que ele me perguntou. *Se quero esmagar outro?* Sim, por razões óbvias. E não porque ele está tentando me distrair por algum motivo.

— Não. Estou bem.

— Tem certeza?

— Por que eu guardaria ressentimentos de você, Hayes? — Meu juízo foi restaurado. Basta focar em seus olhos. Só não posso desviar para seu corpo. Nem nos seus lábios.

— Menti para você, Marinheira.

Agora há uma forma clara de me tirar desses pensamentos.

— Ceerrto. — Estico a palavra enquanto forço minha cabeça a focar no que ele está dizendo.

— Quando fui ao *Sweet Cheeks*, no primeiro dia, fui para pegar a encomenda para a minha mãe sim, mas menti sobre esse ser o único motivo.

— Hayes. — Seu nome é um aviso que não quero ter que dar.

— Me escute. — As palmas de suas mãos, sujas de chocolate estão em posição defensiva. Eu o observo. — Entrei com toda a intenção de dizer que havia conversado com o Ryder e sabia o que tinha acontecido. Mas quando te vi... merda, Say, eu me atrapalhei. Já fazia anos que não nos víamos. E quando isso aconteceu, tudo sobre nós: *nossa amizade, nosso amor, nossa conexão*, voltou como nunca tivéssemos deixado de nos ver. Então você começou a falar. E vi como você estava magoada. Quanto seu orgulho tinha sido ferido por Mitch e os idiotas que você achava que eram seus amigos. Percebi na sua voz. E isso me matou, Say. Me fez pensar em como eu havia te magoado e sabia que não poderia fazer isso de novo. Depois que te ouvi falar sobre o Mitch e sobre por que você terminou, percebi que o que você mais precisava era honestidade. Parece que você já enfrentou o suficiente, e o mínimo que eu podia fazer era ser honesto também. Então, sim, eu me acovardei no primeiro dia em que te vi. Pensei que se você me contasse do seu jeito, eu me sentiria melhor a respeito

disso e só te ajudaria se você me pedisse.

Suas palavras desaparecem e não tenho certeza do que sentir. Quero ficar com raiva dele. Quero me sentir envergonhada por ele já saber de toda a história, mas, no entanto, não posso. Quanta sorte tenho por ter um amigo disposto a enxergar o quanto eu estava sofrendo e não querer me causar mais dor?

— Me desculpe — ele fala aquelas palavras com tanto peso que sei que está se desculpando por muito mais coisas do que somente aquela situação.

— Obrigada. — A palavra é um sussurro enquanto o novo cupcake na minha mão implora para ser esmagado. Nele.

Hayes acena com a cabeça, nossos olhos ainda estão presos um no outro, mas meus pensamentos estão completamente consumidos pela ideia.

— Ei — chamo com a voz suave e os lábios curvados em um sorriso travesso. — Sem ressentimentos. — Ele levanta as sobrancelhas como se estivesse chocado por perdoá-lo com tanta facilidade, e então ofega quando dou o primeiro golpe. Um cupcake de ganache de chocolate lindamente decorado é esmagado no local exato onde pensei em lamber momentos antes.

Ele está em silêncio enquanto olha para onde minha mão está pressionada contra seu corpo, com cobertura de chocolate sendo a única barreira entre nós. Esmago o cupcake, deslizo lentamente pelo seu abdômen e levo um dedo melado até a boca. Seus olhos seguem meus movimentos e me observam colocar o dedo na boca e lamber a cobertura dele.

Vários sentimentos transparecem em seus olhos castanhos. Assumo ser fome e desejo. Luxúria e querer. Os mesmos sentimentos que estão dentro de mim. Afasto o dedo da boca lambo o chocolate que ainda ficou no meu lábio inferior. Sua mandíbula pulsa. Seus olhos se mantêm firmes. A tensão sexual aparece podem um momento nada oportuno.

Me lembro de todas as razões pelas quais essa ideia é péssima. Que em dois dias, ele vai voltar para sua vida em Hollywood, e eu volto para minha paixão: minha batedeira r um forno. Sozinha.

Então tento nos trazer de volta à parte divertida de estarmos juntos. A zona neutra.

— Você está certo — murmuro, com um sorriso cínico nos lábios e o nariz franzido. — Não é cremoso o suficiente.

Percebo a expressão de Hayes: há traços de travessura, para combinar com as minha, desafio e descrença.

E em apenas uma fração de segundo, deixamos a espontaneidade assumir e as crianças que costumávamos ser aparecem. Cheios de entusiasmo, nós dois nos levantamos do banco e pegamos os cupcakes restantes da caixa. Nossa risada flutua ao se espalha pelo ambiente. Estamos armados e prontos para uma guerra

de cupcakes.

Ele é o primeiro a atacar. Uma cobertura rosa acerta meu ombro de raspão. Solto um grito que pode ser ouvido mesmo com o barulho das ondas. Seus passos me dizem que ele está correndo atrás de mim. Faço uma curva e me escondo para que ele não consiga me ver. Assim que passa por mim, pulo e esmago um cupcake com cobertura de baunilha em suas costas.

— Continua uma coisinha, mesmo depois de todo esse tempo, Marinheira. — Ele ri de seu jeito de falar enquanto ficamos correndo como cães e gatos sorrindo sem parar e sem fôlego.

— Humm, esqueceu do quanto sou rápida, Whitley? — Vou até ele, pronta para atacar, e ele recua. Continuamos esse jogo até eu dar um passo a mais e ele agarrar meu braço frente me virar de costas pra ele.

— Acho que você se esqueceu do quanto sou forte.

Não tenho nem um segundo para me preparar antes que ele esmague um cupcake na minha clavícula. E com seu corpo atrás de mim e sua mão me prendendo, com certeza sinto sua força. Usando-a, ele espalha o cupcake de propósito contra a minha pele e roupa de banho.

— Seu idiota! — grito de brincadeira quando escapo de seus braços e corro atrás dele pela trilha.

Ele me provoca de novo.

Você é tão fraca. Não pode me pegar. Diz aí quem é que manda, hein, Say?

— Se prepare para morrer — grito atrás dele enquanto corremos em ziguezague pela trilha. Atiro um cupcake nele, que bate em sua nuca.

— Perto, mas não no alvo — ele diz, enquanto eu pego o cupcake como uma arma recarregável e continuo a persegui-lo, mas ele se esconde.

— Saia de onde quer que esteja — falo quando não consigo encontrá-lo. Com um cupcake na mão, a canga na outra e um sorriso entusiasmado nos lábios, procuro entre as folhagens para encontrar seu esconderijo.

Grito quando suas mãos agarram minha cintura por trás e me giram.

— Olha quem está aqui — ele sussurra enquanto ergue o braço e aponta o cupcake em direção ao meu rosto.

— Não! — Minha voz é parte riso, parte aviso. — Você não faria isso.

— Faria, sim.

Nos divertimos lutando em uma clareira. Há risos ao nosso redor. Tenho certeza de que estamos bem à vista — dois adultos, cobertos com várias cores de cobertura, em uma batalha épica —, mas acho que não me importo nem um pouco. Meu único foco é o cupcake na mão de Hayes.

Ouço meu nome. Olho ao redor e me distraio por um momento, mas é o suficiente para que Hayes seja capaz de me agarrar e me puxar mais para perto

dele, o cupcake agora está a centímetros do meu rosto.

Olhamos um para o outro em um impasse silencioso, nossos corações estão acelerados e os olhos cheios de ousadia. Ele olha por cima do meu ombro e depois de volta para mim enquanto me preparo para *o golpe*.

Mas ele não vem.

Em vez disso, ergue a mão e passa a cobertura na ponta do meu nariz.

Suspiro de alívio.

Em seguida, suspiro em choque.

Porque Hayes está me beijando.

E não é só um beijo de amigos. Não, mesmo. A mão que segurava o cupcake está vazia agora. O doce foi deixado de lado por causa do beijo. Seus dedos, melados de cobertura, estão segurando minha bochecha. Mas não há como pensar no quanto meu rosto vai ficar sujo ou como vamos estar engraçados quando voltarmos para a *villa*, porque só consigo pensar em Hayes.

Eu poderia dizer a mim mesma que abri os lábios — concedendo acesso —, porque estou sem fôlego e preciso respirar, *mas isso seria mentira*. Pois no minuto em que sua língua entra em contato com a minha, tudo o que quero fazer é me afogar em seu beijo. Em sua familiaridade. Em sua diferença. No quanto foi inesperado. Em seu conforto. *Em tudo a seu respeito.*

Hayes Whitley está me beijando. de novo.

Finalmente.

Seus dedos são possessivos — na parte inferior da minha mandíbula e nas minhas costas — e o gemido suave que emite comunica tudo o que seus lábios estão expressando e muito mais.

Seu sabor me consome. O gosto de chocolate na sua língua. A centelha de desejo. A luxúria. A sensação de calma se agitando por uma sobrecarga de emoção.

Minhas mãos deslizam em suas costas, sobre a pele aquecida pelo sol e escorregadia por causa da cobertura. Seus músculos se ajeitam sob as palmas das minhas mãos enquanto ele muda o ângulo do beijo.

Sua língua me atormenta e angustia. Me implora a desejar por mais com suas carícias e então muda a velocidade e exige que eu mantenha o ritmo. Permitindo que ele possua e reivindique.

Eu me sinto fora de controle. Repleta de ansiedade. Necessidade. Luxúria. Desejando mais. Demais. Achando insuficiente. Esperando que ele não pare mais. *O que estou fazendo*?

E tanto quanto deveria estar em pânico, pensando sobre o que tudo isso significa e como já sei que vou me machucar de alguma forma, eu simplesmente não ligo. Em vez disso, me perco no beijo. Me entrego a ele. Os hóspedes e a

equipe que ouvi, momentos antes não existem mais.

Sou só eu.

E Hayes.

E a sensação única de aceitação que ele está me fazendo sentir. Uma sensação que nunca percebi que fazia falta desde que ele foi embora, mas que agora sei que nunca vou conseguir viver sem.



Meu Deus do Céu.

Lábios macios. Língua habilidosa. Aquele gemidinho.

Eu realmente me afastei disso? Dela? Por quê?

Porra, Saylor.

Eu a beijei, porque os vi olhando.

Beijei, porque queria que não houvesse dúvidas sobre com quem ela estava ou sobre o status do nosso relacionamento inexistente.

A beijei, porque tem sido muito tentador não fazer isso, e então por que não fazer isso quando apareceu a oportunidade perfeita?

E que se dane, mas agora não quero me afastar. Só quero ficar aqui com essa mulher que é a dona de todas as sensações dentro de mim. Que está cheia de cobertura, que deixou a dor para trás e agora está pressionada contra mim. Aquela cuja risada ainda posso ouvir naquele doce gemido que solta e cujo gosto acho que nunca esqueci.

Como eu poderia?

Seus dedos pressionam minhas costas. Suas unhas me arranham para me deixar saber que isso é real. Não é um *set* de filmagem. Não estamos na casa da árvore, dez anos atrás, com minha jaqueta no chão embaixo dela. Mas estamos aqui no paraíso, com o cheiro de protetor solar em sua pele e a brisa soprando seus cabelos em minhas bochechas.

Estou dividido. Dois pensamentos lutando para serem ouvidos acima do rugido de desejo que está disparando no meu sangue. Um me implora para arrastá-la até a *villa* para conferir o que ainda é igual e o que está diferente nela depois de todo esse tempo. Mergulhar entre suas pernas, sentir seu gosto e, sua boceta apertando meu pau. Ouvi-la ofegar meu nome quando gozar.

Aprofundo o beijo. Seguro sua mandíbula com mais força e tomo o que quero

dela, porque, porra, fazer mais do que isso aqui não é uma possibilidade.

Minha razão luta para voltar à tona. Me diz que isso não pode acontecer. Saylor é Saylor, com sua lojinha de cupcakes e seus próprios sonhos, e eu sou só o idiota que mora em Hollywood com uma vida tão diferente da dela que nunca daria certo. Eu só a magoaria mais uma vez. E ela já se machucou o suficiente.

Quero dizer à minha cabeça para calar a boca e deixar meu pau falar. Aquele que, atualmente, está pressionado sua barriga nua.

Tenho que terminar o beijo pela minha própria sanidade. Também, porque tenho certeza de que existem leis contra o sexo em público. Luto contra a vontade de aprofundá-lo ainda mais. De ceder à minha necessidade.

Mas não o faço. Não posso. Isso não é sobre mim.

É sobre a Marinheira e fazer o que é certo.

Então dou uma última mordida em seus lábios. Uma última mordida no fruto proibido que quero mais do que pensava, mas agora percebo que não deveria. E termino o beijo.

Mas não a solto ainda. Sei como é difícil me desligar de Saylor. Me lembro da dor no estômago que durou quase um ano. *Estômago*? *Era mais como no coração*. E então eu percebo que, talvez, tenha levado ainda mais tempo, já que cada um desses sentimentos voltou como uma vingança depois de um simples beijo.

Então eu a abraço e roubo mais um momento. Respiro um pouco mais do mesmo ar. Deixo a minha mente vagar nas lembranças do passado que compartilhamos e fico grato que nossos caminhos tenham se cruzado novamente.

— Agora sei porque sempre comparei todas as mulheres que já beijei com você. — As palavras saem antes que eu consiga pará-las. Uma confissão que nunca deveria ter feito, mas que agora não consigo tirar da cabeça.

Saylor ofega. Seus dedos flexionam contra a minha pele. E então os murmúrios das pessoas que nos rodeiam me dão uma razão para dar um passo para trás e afrouxar seu aperto em mim. Para encenar meu papel. E quando quebro nossa conexão, ela ainda me mantém cativo.

Observo seus lábios cheios, a mancha de cobertura em suas bochechas e vejo a confusão em seus olhos. A combinação perfeita de Saylor: sexy, doce e única, em pé diante de mim me dá um tapa na cara e implora para saber como eu pude ter sido tão idiota em me afastar dela.

Se desligue, Whitley. Mantenha distância. Termine a cena.

Me lembro de respirar e forçar um sorriso em vez de me aproximar mais uma vez. Me controlar e me concentrar de novo, se os vinte ou mais membros da festa de casamento do outro lado do gramado ainda estiverem assistindo. Os que

eu vi quando Saylor e eu estávamos fazendo a nossa guerra do cupcake.

E eles com certeza estão assistindo.

— Vamos lá. — Pego sua mão e a tiro de onde os olhares persistentes continuam olhando. Imaginando. Julgando. E quero que eles questionem como a mulher que conheciam, aquela que Ryder me apresentou como sendo tão apropriada e reservada nos últimos seis anos, poderia ter um lado tão selvagem a ponto de correr atrás de um homem por um *resort* elegante e fazer uma guerra de comida com ele.

Mas não é qualquer homem. Sou *eu*.

Só que o meu desejo de voltar para a *villa* tem muito mais a ver comigo do que com ela agora. Preciso trabalhar. Porque o trabalho sempre me permitiu esquecer Saylor, e Deus, como eu preciso esquecê-la agora. Com ela perto de mim, com seu gosto em meus lábios e o calor do seu corpo ainda aquecendo a minha pele, não tenho certeza de que serei capaz de manter a única promessa que fiz para mim mesmo quando aceitei ajudá-la: deixá-la melhor do que quando a encontrei.

— Hayes? — Sua voz está confusa e a diversão que era abundante, agora desapareceu. Demoro um segundo para perceber que ela não tinha ideia de que estávamos sendo observados. E estou tão absorvido, tão bravo comigo mesmo por querer fazer a coisa certa, que me esqueci de contar a ela.

— Me desculpe. Tínhamos companhia. — Paro no meio do caminho e me viro para olhar para ela e me certificar de que tenha me ouvido.

— O quê? Ah... — A percepção atinge seus olhos e uma boa dose de dor também enquanto eu a deixo assumir que a única razão pela qual a beijei foi porque havia uma plateia e não porque eu queria. Ela limpa a garganta e levanta o queixo em uma demonstração de falsa bravata. — Sim. Eu sei. Eu os vi.

Ela está mentindo. Ela quis o beijo tanto quanto eu. Seu gesto involuntário de enrolar o cabelo no dedo e seu corpo ereto provam que sim, mas, por alguma razão, não expliquei ou corrigi sua linha de pensamento.

Em vez disso, fico ali como um idiota enquanto ela força um sorriso para se salvar do constrangimento de pensar que o que aconteceu não foi por desejo mútuo. E que ela se jogou no beijo — e, *puta merda, como ela se jogou no beijo* — por nada além de ajudar a vender nosso relacionamento falso para os convidados da festa de casamento.

Por si só, isso é cômico, porque nós dois queríamos. Não há como negar. E, ainda assim, eu não a corrijo. Não confesso como dormir na *villa* ontem à noite com ela no quarto ao lado foi o tipo mais doce de tortura. Nem explico como o ensaio da cena desta manhã me fez desejá-la de todas as maneiras imagináveis. E, com certeza, não digo a ela o quanto quero puxá-la de encontro a mim agora e

beijá-la novamente.

Não digo uma palavra, porque da próxima vez que tocá-la, não acho que vou conseguir parar só com um beijo. E não tenho certeza se é inteligente abrir essa porta até que possa descobrir o que vou fazer a respeito dessa droga de promessa que fiz a mim mesmo.

— Vamos — murmuro, me virando antes que possa ver o orgulho ferido em seus olhos novamente. Sentimento que eu coloquei lá. — Preciso fazer algumas coisas antes... reservei horário para você fazer uma massagem na sala de SPA da nossa *villa*. — Olho para o relógio para enfatizar que ela vai se atrasar. Me odeio por ter que afastá-la de mim para que eu tenha um minuto — ou sessenta — para colocar a cabeça no lugar.

— Eu não que... — Olhos azuis cheios de perguntas não respondidas encontram os meus e as palavras morrem em seus lábios.

— É por aqui. — Aponto. — Te vejo daqui a pouco.

Sigo pelo caminho como o idiota que sou. Digo a mim mesmo para não parar e voltar atrás. Para não segurar sua mão ou abrir a porta da casa, nem lamber aquela cobertura do seu peito e deslizar pelo decote que se seguiria.

E com certeza seguiria. Não tinha nenhuma dúvida em relação a isso.

Mas não é para ser. Não pode acontecer. Estou aqui para me certificar de que ela está bem e puxá-la para qualquer parte da minha vida louca levaria a qualquer coisa, menos fazer *dar certo*. Então, por que minhas mãos vacilam quando coloco o cartão na porta? Porque dez anos se passaram. Porque sou um homem diferente do que era, assim como ela é, sem dúvida, uma mulher diferente. Ela é mais forte. Independente. É a Saylor.

Então por que algo não poderia dar certo agora?

Porra. Esse é o tipo de coisa na qual não posso estar pensando. A única coisa que vim até aqui dizendo a mim mesmo que não ia acontecer. Porque nós só iríamos dividir essa *villa* por alguns dias e nos lembraríamos dos velhos tempos. Estava esperando ajudá-la a restaurar sua confiança, provar um ponto para os Layton acabasse quando tudo acabasse, ir embora como *amigos* — algo muito distante para mim nos dias de hoje.

Como isso funciona para você, Whitley?

É meio difícil permanecer imparcial quando em todos os lugares que vamos, os convidados idiotas do casamento olham para ela. Ela pode não tê-los notado — sempre de olhos arregalados, observando o cenário tropical que nos rodeia —, mas tenho certeza que eles a viram. As mesas lotadas no canto de trás do bar de karaokê — olhos colados nela, aparecendo-se esgueirando, escondidos. Mas notaram quem ela era. Então a interrupção da conversa e as cabeças virando enquanto caminhávamos pela piscina hoje cedo — as abas dos chapéus sendo

levantadas para que pudessem olhar um pouco mais e fazer uma careta para aquela *garota do outro lado da cidade*, como ouvi uma delas murmurar. E, então, novamente, no bar. Os olhares por trás dos cardápios, prontos para sussurrar no minuto em que desviei minha atenção deles e voltei a olhar para ela.

Mas na realidade, eles é que são a piada. Não sou burro e fiz tudo em sua defesa. Me certifiquei de aparecer e deixar que percebessem que estou no *resort*. Pareci um filho da puta egoísta, falei meu nome por aí, quando, normalmente, uso um pseudônimo para não aparecer e poder desfrutar do meu tempo livre em vez de ficar constantemente desconfiado das fotos maliciosas tiradas por telefones celulares ou ter minha folga interrompida com pedidos de autógrafos.

Mas este fim de semana é para Saylor. Não para mim. É meu jeito de aliviar a culpa por todos aqueles anos. Minha necessidade de me certificar que ela está bem, porque, por mais difícil que seja, ainda posso ver a dor que ela está escondendo por trás da sua fachada corajosa. Parece que o Mitch filho da puta, a espremeu.

Então, sim. Vou dizer meu nome por aí. Vamos sair para comer no bar ao ar livre. Vou me sentar ao lado da piscina e tomar alguns drinques. Vou para os lugares mais badalados da cidade quando souber que os convidados da festa estarão lá, só para ter certeza de que não há dúvidas de que somos um casal.

Se eu sou famoso, posso muito bem usar isso a favor dela.

Além disso, deixei minha agente de relações públicas de prontidão. Ela já emitiu declarações para a imprensa, dizendo que estou viajando com uma amiga de infância depois de terminar o último filme. Com certeza não senti os pelos eriçarem na nuca como quando sinto uma lente fotográfica apontada na minha direção, o que tem sido incrivelmente libertador.

Beijar Saylor em público foi um erro estúpido da minha parte, mas, caramba, não esperava que tudo isso — *os sentimentos, a conexão, o desejo de querer beijá-la sem parar* — acontecesse quando me ofereci para trazê-la para cá. *Mas ela era tentadora demais para não provar*.

Afasto o pensamento da minha cabeça, certo de que essa pequena bolha no *resort* permanecerá intacta. E assim como sei disso, também sei que nosso simples beijo não mudará o pensamento dos convidados da festa de casamento sobre ela.

Ainda vão julgá-la e esnobá-la. E já que ela será julgada, vou me certificar de que eles vejam a verdadeira Saylor. A garota engraçada, risonha e espontânea que eu conhecia. Aquela cuja amizade estão perdendo devido à sua arrogância e exclusividade.

A ironia da situação? Estou percebendo o quanto senti falta disso também.

Obrigado, porra! Eu sou um ator, posso fazer o papel como ninguém, porque

não só enganei a plateia que assistia através das plantas, mas, pela dor em seus olhos, a própria Saylor também. E talvez até a mim mesmo.

Eles acham que eu a quero.

Ela acha que não.

Eu sei que a quero.

Mas também sei que não posso.



Agora sei porque sempre comparei todas as mulheres que já beijei com você.

Misturo a manteiga e o açúcar. Deixo de lado a batedeira de excelente qualidade que está no balcão atrás de mim e resolvo bater à mão, porque preciso da atividade que isso proporciona. Da terapia.

O comentário se repete na minha cabeça. Me confunde. Se o beijo foi para nos exibir, por que ele fez esse comentário? Estou muito confusa. E bem ao lado da minha confusão, está a minha frustração sexual.

A massagem que Hayes havia reservado para mim era para ser relaxante. Tinha como objetivo me fazer esquecer tudo o que viria hoje à noite durante o jantar de ensaio. Mas era meio difícil conseguir isso quando toda vez que a massagista passava as mãos sobre a minha pele, eu só conseguia pensar em como queria as mãos de Hayes em mim.

Adiciono um ovo. Bato a mistura. *Ele está tão preocupado com isso quanto eu?* Quebro outro com uma das mãos enquanto continuo mexendo com a outra. Adiciono o que quebrei. Mexo. Coloco algumas gotas de baunilha. Mexo.

Desde o nosso beijo, a única coisa mais forte do que o desejo que toma conta do meu corpo, é a confusão que domina meu coração.

O lembrete constante de que o beijo era para exibição.

Para o Mitch.

Sua família.

Seus amigos.

Para qualquer um desses grupos que estavam no campo de golfe enquanto Hayes me puxou contra si e me beijou. Com intensidade e cuidado.

Mas foi só para nos exibir.

Repito a frase. Digo a mim mesma que não posso me magoar, porque sabia

que ia acontecer em algum momento. Um simples beijo para convencer os convidados da festa que Hayes e eu estamos juntos de verdade.

Pelo menos, tiramos isso da nossa cabeça. Mas, com certeza, não saiu da minha — nem de longe —, porque aquele beijo foi tudo, menos simples. Foi um beijo do tipo sem limites, daqueles que roubam o ar e fazem com que você o deseje sem arrependimentos.

Daí a razão pela qual ainda estou tão abalada com isso, mesmo algumas horas depois.

Peneiro a farinha com o fermento. Verifico o forno para ver se ainda está na temperatura certa. *Será que ele está se questionando agora, assim como eu? Será que está desejando, mas sem agir, porque sabe que é uma ideia ruim?* Adiciono uma pitada de sal. *Ou isso tudo é parte de uma cena de um roteiro de comédia no qual ele está atuando?* Olho para cima e observo a vista, mas não a vejo de verdade, porque estou perdida em pensamentos. Perco tudo quando se trata de Hayes.

Fiquei pensando que se nos beijássemos sob o pretexto de termos uma plateia, isso nos ajudaria a nos livrar do fantasma de nós mesmos. Mas eu estava muito errada. Agora sinto que isso os despertou ao invés de enterrá-los para sempre.

Mexo a mistura.

Ele é ator, Saylor. Faz isso para viver. Encena para a multidão.

Mexo mais um pouco.

Ele só estava interpretando seu papel. Foi um beijo. Um momento. E então ele desligou um interruptor de luz no segundo em que vocês estavam fora da vista de todos. *Assim como ele fez quando ensaiamos as falas*.

Continuo mexendo.

Você está vendo coisas demais aí, Saylor. Mas se tudo foi encenação, por que Hayes murmurou aquelas palavras contra meus lábios? Por que ele hesitou em se afastar?

Uma parte de mim acha que foi mais do que encenação. Espera que tenha sido. Não espero que tenha sido. *Jesus, estou confusa*. E, ainda assim, eu estava lá. Senti sua fome durante o beijo, senti a intenção em seu toque e vi o desejo em seus olhos.

Pego a espátula de borracha. Raspo a massa nas laterais da tigela.

Marinheira,

Para o caso de você precisar ocupar as mãos com massa

Hayes

O bilhete que ele me deixou no balcão me chama a atenção mais uma vez. Aquele que encontrei em cima de uma pilha de ingredientes, tigelas e utensílios quando entrei na cozinha depois do banho pós-massagem.

Se ele não se importasse, não teria feito isso. Ele não saberia que quando estou confusa, uso o forno como terapia. Uso o conforto que isso traz para me ajudar a lidar com meus pensamentos.

Não. Se ele não se importasse, teria agido mais como Mitch: focado em si mesmo. Em suas necessidades. Seus desejos. Sem pensar que eu também precisaria de uma folga mental.

Mas ele se importa. O bilhete. Os ingredientes. Os utensílios de cozinha. Se certificou que a *villa* tivesse formas e tabuleiros para cupcakes. Entendeu que estou confusa e preciso disso para me ajudar a lidar com as coisas. Tudo isso me diz que ele se importa.

Não é?

Verifico se o forno atingiu a temperatura. As mãos vacilam no meio do processo. Devo tê-lo interpretado mal. A ele e suas intenções. Só posso ter pensado que havia mais em seu toque do que realmente havia, porque depois ele me dispensou sem olhar para trás. Na verdade, ele quase parecia irritado comigo, como se eu tivesse feito algo errado.

Ao terminar de bater a massa, pego o tabuleiro de cupcake no balcão atrás de mim e o bato no tampo de granito um pouco mais forte do que o necessário. O som reverbera pela casa, mas não faz nada para diminuir minha frustração. *Que droga.*

Coloco as formas na bandeja. Conto as fileiras. Acalmo meus pensamentos obsessivos.

E se eu estiver errada? E se Hayes quisesse me beijar? E se ele compartilhasse da minha curiosidade e quisesse saber se havia alguma coisa entre nós, então aproveitou o momento?

E, caramba, que momento foi aquele.

Mas agora estou me afogando em perplexidade, e me sentindo desnorteada.

No medo e no desejo de querer que ele me beije de novo, apesar de saber que desejar mais só vai me magoar novamente. E na confusão pela forma como um único beijo de Hayes pode me atingir com tanta intensidade, quando nem uma vez, nos seis anos com Mitch, ele me fez sentir assim.

Mas Hayes recuou. Ele apagou a emoção do seu rosto e se afastou — de novo — como se eu o irritasse.

Coloco a massa nas formas. De forma um pouco mais vigorosa do que deveria. A cada colherada minha raiva aumenta. Minhas emoções se abriram como um abridor de latas.

Coloco uma colherada.

O quê? Não sou boa para ele? Não sou chique o suficiente?

Não são bonita o suficiente na escala de beleza de Hollywood?

Outra colherada.

Bem, foda-se, Hayes Whitley. Dane-se você, seu Oscar e seus tênis de caminhada.

Mais uma colherada.

As lágrimas turvam minha visão. A rejeição queima mais do que a lógica. A mágoa reaparece quando me forço a admitir que sabia exatamente em que estava me metendo quando cheguei aqui.

Mais uma colherada.

Eu deveria estar com raiva de mim mesma por não manter minhas emoções escondidas. Por não me lembrar como Hayes pode ser devastador para o meu coração. Por deixar as mulheres da Starbucks e seus comentários maldosos alimentarem meu temperamento explosivo, me deixei levar pela minha própria sensibilidade e aceitei a oferta de Hayes para vir para cá.

Outra colherada.

Acabe com isso, Saylor. Diga a Hayes que já provamos nosso ponto hoje na clareira: que estou delirantemente feliz com um homem muito mais bem-sucedido do que Mitch — e, em seguida, pegue um voo de volta para casa. Deixe todo esse tumulto para trás e mantenha o que resta do seu coração e *dignidade* intactos.

Mais uma colherada.

Se controle, Say. Você está deixando um beijo te fazer perder a cabeça e tirar conclusões que por enquanto são só suposições.

Coloco a culpa disso tudo nele: de relembrar do antigo Hayes que eu costumava amar e seguir adiante, tendo novas experiencias com o Hayes adulto que me trouxe para cá. Aquele que faz observações inesperadas, me faz rir até meu estômago doer e que não se importa se está cheio de cobertura de cupcake, desde que eu não esteja brava com ele.

Aquele que veio até aqui para tentar me ajudar a conseguir algum tipo de libertação e salvar a minha loja.

Apoio as mãos na beirada do balcão, inclino a cabeça e me lembro por que estou aqui. Para salvar a confeitaria e restaurar minha reputação.

Não para ter distrações incríveis com Hayes Whitley.

Quando levanto a cabeça, a distração está do outro lado da cozinha. Sem camisa. Ofegante. Usando short de corrida, cabelo molhado de suor e o músculo da mandíbula pulsando. Seus olhos estão presos nos meus.

Ofego pela sua beleza absoluta. Pela força na sua expressão. Nas emoções cruas que se agitam em meu corpo só por olhar para ele. Em perceber como cada pedaço meu está em estado de alerta quando suas mãos se fecham nas laterais do corpo e seus músculos ficam tensos.

Olá, distração.

Eu o odeio e o amo, eu o quero e não quero. Ele dá um passo à frente. E para.

Me lembro de respirar. De dizer algo para quebrar o controle que tem sobre mim. De ignorar a dor súbita no meu baixo ventre e aquela excitação que reveste minha pele com arrepios.

— Saí para dar uma corrida. — Suas palavras são tensas. Roucas. E ainda não sei exatamente por que ele está me dizendo o óbvio.

— Estou fazendo cupcakes.

Ele assente como se fosse uma conversa normal e cotidiana. Mas está longe disso se as reações de meu corpo à presença dele forem qualquer indício.

Meus mamilos endurecem e minha boca se enche de água. Meu corpo dói em lugares que nunca senti antes quando o observo. O jeito como ele passa a língua sobre o lábio inferior. A fina camada de suor em seu peito. A flexão de um dos seus peitorais faz com que eu perceba que o estou encarando. Olho para cima e percebo a insinuação do sorriso arrogante em seus lábios antes de encontrar seus olhos novamente.

— Continuo dizendo a mim mesmo que não podemos fazer isso, Saylor.

Suas palavras cortam a tensão que se estabelecia ao nosso redor. Jogam água no fogo que estava se acendendo entre nós.

E mesmo que elas digam não, cada parte de seu corpo diz sim. A postura predatória. O brilho em seus olhos. A tensão dos seus músculos. A cobiça visível que uma parte de mim quer testar. Me pergunto o quanto terei que pressionar até que isso se quebre.

Eu sei, sem dúvida, que vai doer, mas por alguma razão, tenho a sensação de que quando se trata de Hayes Whitley, a dor pode valer a pena.

Então dá mais um passo. O predador vai em direção à presa.

— Não podemos fazer o quê? — Minha voz é quase um sussurro. Meus

mamilos eriçados pressionam contra o biquíni fino e transmitem o que a tensão da minha voz não consegue. *Eu te quero. Me beije. Só quero pensar no momento. E na forma que você me faz sentir.*

Sua risada é suave. Baixa. Tensa. Ele está mais perto agora. A uma curta distância. Ele estende a mão até a tigela ao nosso lado no balcão, passa o dedo pela borda e o leva aos lábios. Ele espera para ter certeza de que estou olhando enquanto lambe a massa. E, caramba, o gemido que solta quando o tira da boca me deixa louca de desejo.

— O que não podemos fazer, Hayes? — pergunto de novo. Tenho que perguntar. Preciso de uma resposta para saber se o que eu acho que ele está dizendo e o que quero que ele diga são a mesma coisa.

Mais um passo.

Ele inclina a cabeça e me encara. Esperando. Sondando. Antecipando. Posso sentir o calor do seu corpo e ouvir sua respiração constante. E estou mais do que pronta para o seu toque quando ele estende a mão e a coloca na lateral do meu pescoço.

— Tudo. — Ele umedece os lábios, olha para a minha boca e depois de volta para os meus olhos enquanto o polegar esfrega ligeiramente a minha clavícula. — E nada.

— Ah. — Minha mente gira. Meu corpo dói. Cada pedaço meu o deseja.

— Não é uma boa ideia.

Ele se inclina e desliza os lábios contra os meus. É apenas a insinuação de um beijo, mas com essa ação singular, minhas razões desaparecem, *meu coração dá uma cambalhota* e meu corpo clama por ele.

— Uma ideia terrível — murmuro. Desta vez, tomo a iniciativa e o beijo de volta. Separo os lábios com suavidade. É quase um roçar de línguas.

— Horrível — ele sussurra, antes de encontrar a profundidade do meu beijo e adicionar a sua. A outra mão vem para emoldurar a lateral do meu rosto, seu polegar descansa logo abaixo da linha do meu queixo para que ele possa controlar o ângulo do beijo.

— Medonha. — Nossos corpos se unem ao mesmo tempo que nossas línguas. Seu corpo ainda está quente da corrida. Firme. Escorregadio por conta do suor.

— Estúpida — ele sussurra. Um leve sorriso se forma em seus lábios antes de se inclinar para saborear e tomar. Provocar e atormentar. Demandar e ofertar.

Eu gemo. Não consigo evitar, porque há uma tendência dominante no beijo. Uma indulgência implacável. Uma calma desesperada.

Não há pressa para chegarmos à próxima parte.

Os pensamentos me escapam a cada toque das nossas línguas. A cada mordiscada que ele dá no meu lábio inferior. A cada suave orientação dos seus

lábios se movendo contra os meus.

Minhas mãos roçam nas laterais do seu torso, amando a sensação dos seus músculos sob minhas palmas. Ele entrelaça os dedos em meu cabelo e muda o ângulo do beijo. Coreografa o próximo passo em nossa lenta dança do desejo.

— Saylor. — Meu nome em seus lábios, naquele tom grave me excita. Me tira do torpor para o qual seus beijos me levaram. Ele se inclina para trás para que nossos olhos possam se encontrar.

Segundos se passam. Perguntas, desejos e necessidades inundam seus olhos. *Devemos? Podemos? Como isso está acontecendo de novo?*

Sua mandíbula pulsa. Seu pau está duro contra o meu quadril. Seu controle está se esvaindo e reflete no aperto de seus dedos no meu cabelo.

Meus lábios se separam. *Sim. Sim.*

Porque somos nós.

Mas não posso responder, porque no momento estou completamente sem palavras, por conta da excitação que toma meu corpo. Pela necessidade de querer e querer a necessidade dessa conexão.

Ao reconhecer que eu o amo. Provavelmente sempre o amei.

— Nunca fui capaz de resistir a você. Nem antes, nem agora.

Nem nunca.

Nosso passado e presente colidem em um grande momento. Nossas bocas se encontram novamente em uma união selvagem de lábios, língua, desejo, necessidade, ganância e fome. Nossas mãos deslizam, seguram, sentem e possuem a pele um do outro.

Somos um frenesi de movimentos. De não ser capaz de tocar um ao outro com rapidez suficiente e, ainda assim, querer desacelerar e ir bem devagar com este encontro que esteve em espera por anos.

Sua boca está no meu pescoço. Suas mãos estão puxando as alças do meu biquíni e, em seguida, espalmando meus seios. Os polegares percorrem meus mamilos, enviando um tsunami de sensações através do meu corpo.

Seus lábios formam beijos famintos contra a pele sensível da minha orelha. Eu me atrapalho com seu short enquanto ele tira a calcinha do biquíni. Minhas mãos frias deslizam pelo cós da bermuda para encontrá-lo quente, duro e pronto. Minha boca se abre com seus dentes arranhando meu mamilo enquanto suas mãos estão em toda parte e não há lugares suficientes ao mesmo tempo. A evidência do que faço para deixá-lo duro na minha mão.

Suas mãos estão na minha cintura. Meus pés deixam o chão e, de repente, estou sentada na bancada fria de granito. Ouço um barulho de utensílios. Um baque de algo caindo. Uma fumaça de farinha no ar. Mas Hayes não perde o ritmo. Ele se acomoda entre minhas pernas e puxa minha bunda até a beirada,

então fico empoleirada ali em cima, necessitando do seu corpo para garantir que eu não caia. Em seguida, ele reivindica minha boca mais uma vez em um beijo que promete possessão e rendição.

Minhas mãos estão em seus ombros. Seus dedos acariciam a entrada do meu sexo, o separam e deslizam para baixo e para cima na minha excitação. Inclino a cabeça para trás. Minhas coxas se abrem ainda mais, meu corpo dá a ele acesso a cada parte minha sem dizer nada no mesmo instante.

Solto um gemido quando ele desliza os dedos em mim. Um toque provocante a princípio. Uma sugestão do que está por vir. E então ele me beija e me puxa de encontro a si novamente. E quando estou fora de mim o suficiente, ele desliza seus dedos até o fim, me circula para acender os nervos e esfrega o polegar no meu clitóris.

Meus quadris resistem ao ataque. Língua. Dedos. Polegar. Seu gemido. Meu pedido por mais. Então começa tudo de novo. Tudo se constrói lentamente. Uma sedução suave dos meus nervos. Um elogio murmurado. Um ataque de prazer.

O orgasmo me surpreende. Pode soar estúpido, mas é muito diferente da forma como estava acostumada. Foi uma onda lenta de calor. Um enrijecimento dos músculos. O nome de Hayes saindo dos meus lábios enquanto o desejo se eleva, me levando junto. Me afogo na onda de prazer e em um banho de desejo. Meus músculos pulsam ao redor dos seus dedos enquanto seu polegar continua a circular o meu clitóris. Minhas unhas cravam em seus bíceps e seus quadris se contorcem em uma dor prazerosa.

Ainda estou perdida no nevoeiro do orgasmo, ainda no clímax, quando ele retira os dedos de mim e os leva para meus lábios entreabertos. Seus olhos estão nos meus — me intensos e focados — quando os reveste com minha própria excitação. Respiro fundo enquanto ele se inclina para frente e passa a língua por onde os dedos passearam. O gemido que ele dá é sexo personificado.

É inesperadamente excitante.

Está me consumindo por inteiro.

É intoxicante de tão erótico.

Seus lábios seguem. Um toque contra o meu. Quando umedeço os lábios para pedir mais, sua risada ressoa pelo cômodo.

— Quem dita o ritmo sou eu, Saylor. Não você. Eu estou no controle agora. Você pode conseguir partes minhas que nem sabe, mas agora, eu vou te possuir. Por completo.

Meu sangue dispara ao ouvir aquelas palavras. A libido vai às alturas e ainda estou em um silêncio atordoado. Chocada com sua confissão. Meu corpo estremece por seu toque.

— Hayes. — Digo uma palavra que soa como uma pergunta, um apelo, um

suspiro.

Ele me beija novamente, mas desta vez com mais intensidade. Mais ganância. É todo língua, lábios e mordiscadas. O tempo todo meu corpo ainda está vibrando em decorrência do orgasmo remanescente.

Sua mão ainda está no meu pescoço, segurando a minha cabeça enquanto ele seduz meus lábios e revive o fogo que deixou ardendo. Minhas mãos descem e circulam seu comprimento para acariciar sua dureza. Sinto o liquido pré-ejaculatório na ponta. Esfrego com o polegar antes de me inclinar de forma deliberada para trás e chupar o dedo.

Fecho os olhos e sinto seu gosto na minha pele. Gemo suavemente. Quando os abro de volta, seus olhos estão em chamas, com uma fome que é novidade para mim.

— Eu te quero, Say. — Sua voz é gutural. Desesperada. Poderosa.

Acaricio meus seios e esfrego os mamilos entre os dedos. A farinha que ele derrubou cobre minhas mãos e adiciona uma sensação diferente. Suspiro de forma suave.

Ele engole em seco e umedece os lábios.

— Aqui e agora. — Ele se aproxima de mim. Acaricia meu torso, minhas mãos, meus seios e substitui meus dedos pelos seus. A sensação é maravilhosa. Arqueio as costas e inclino a cabeça para trás, mas não o suficiente para perdermos o contato visual.

E quando sinto necessidade de fechar os olhos, ele se inclina para frente e circula meu mamilo com a língua. E então o suga. É como se uma corrente elétrica fosse enviada diretamente para todos os nervos do meu corpo provocando um choque e fazendo com que sentissem cada sensação única: o calor da sua língua, sua barba roçando minha pele e seu gemido vibrando contra minha pele.

— Ninguém está olhando agora. — Ele me encara cheio de desejo. — Somos só nós dois.

Suas palavras são como um afrodisíaco. Um estimulante. Uma borracha para as coisas que estava pensando antes dele entrar.

Eu estava errada. Ele queria me beijar.

— E eu te quero pra cacete agora.

Interessada em testar o controle que ele diz querer, levo a mão até a parte de trás do pescoço dele e o puxo para mim. Minha boca está contra a dele em uma provocação de beijo. Um mordiscar no lábio. Seu nome é um gemido. Mostro a ele que o quero com muita intensidade. Deslizo a língua pela extensão da sua mandíbula até sua orelha e digo:

— Sempre te quis.

As palavras saem antes que eu possa detê-las. Aproveito a transparência do momento para assumir e dizer verdades que não posso esconder. Algo que acredito que não queria sequer admitir para mim mesma.

Ele vacila de leve. Um segundo onde nossos olhos se encontram e nossa guarda emocional é baixada. E então o momento toma conta.

Um grunhido profundo soa em sua garganta enquanto ele passa a mão no vão entre meus seios antes de me empurrar para que eu me deite na pedra de granito coberta de farinha atrás de mim. Suas mãos seguram minhas coxas e me puxam em sua direção.

Nos separamos por um momento. Ele solta um xingamento quando sai do cômodo. Ouço papel sendo rasgado.

A antecipação se constrói. Seus dedos me abrem e o ar frio toca minha pele aquecida. Sinto a curva grossa da sua cabeça enquanto ele pressiona contra meu centro molhado. Abro mais as pernas e fecho os olhos e me deleito com a excitação. É macia, doce e devastadora enquanto ele entra em mim.

Ah. Caramba. Sim.

Arqueio as costas. Minhas mãos pressionam contra o balcão frio. Ofego. A dor se acumula a cada centímetro, de uma forma agonizante até que esteja todo dentro de mim.

Seu gemido suave de *Puta merda, Saylor* é o suficiente para me dizer que sente o mesmo que eu.

Seus dedos apertam meus quadris e o desejo é refletido no toque. Meus músculos tremem. Meus olhos estão fechados e minha cabeça perdida em pensamentos, querendo saber como, depois de todo esse tempo, só uma pessoa me fez sentir assim: completa, inteira, desejada, querida e amada.

E então ele se move. Nos conduz em um ritmo lento, afastando minha mente de pensamentos que só complicarão as coisas. Sou inundada de prazer imediatamente. O calor é muito intenso. Tudo me deixa fora de controle. *Faz tanto tempo.*

Ele entra completamente dentro de mim e esfrega os quadris para que a base do seu membro acrescente um toque de atrito contra o meu clitóris. Quando sai, a cabeça do seu pau esfrega no ponto de prazer lá dentro. Em seguida, ele entra completamente de novo, me provoca e, em seguida, começa a deslizar de forma lenta.

Estou embriagada por sua habilidade e sua sutileza insaciável.

Abro os para vê-lo em frente a mim. Seus músculos estão tensos, os dentes mordem o lábio inferior e a cabeça está inclinada para baixo, olhando para onde estamos.

Ele olha para cima e encontra meus olhos. Há um desafio e um aviso em sua

expressão. Um conselho não-verbal para esperar enquanto ele começa a acelerar o ritmo.

O som inconfundível dos nossos corpos se conectando, se unindo, se separando e depois iniciando o processo novamente preenche a cozinha. Meu corpo desliza na farinha abaixo de mim. Para trás a cada estocada e depois, de volta para ele enquanto suas mãos puxam minha bunda até a borda do balcão mais uma vez. Ele usa o peso dos meus quadris para entrar de novo.

Ele emite sons guturais. Seu ritmo é implacável. Meu nome sai de seus lábios em um gemido. O aperto das suas mãos na minha pele é firme. Sinto a dureza do granito abaixo de mim e sua dureza dentro de mim.

Nossas palavras são tão frenéticas quanto nossos movimentos. Como se não pudéssemos dizê-las rápido o suficiente e, ao mesmo tempo, quiséssemos falar o máximo de tempo possível.

Aí.

Mais.

Ah, caramba.

Tão apertada.

Mais rápido.

Tão bom.

Ah, caramba.

Saylor.

Meu corpo se arrepia e aquece. Uma dor como eu nunca tinha experimentado atinge meu corpo, fazendo com que o meu desejo seja desesperador. Faz com que meus gemidos se tornem exigências. E, sem aviso, atinjo o orgasmo naquela queda livre delirante de êxtase. Minha mente é desligada. Meu corpo assume. Sinto uma explosão de calor. Uma busca desesperada de ar. Grito seu nome. Meus músculos se contraem ao redor dele, de modo que até mesmo seu menor movimento me traz um prazer tão intenso que quero que ele pare, mas ao mesmo tempo, continue.

Estou cheia de alegria causada pelo orgasmo. Perdida na sua névoa eufórica. E então, Hayes não pode mais segurar. Ele começa a se mover novamente. Entrar e sair. A adorar e tomar. Possuir e cativar. Meu nome soa nos seus lábios, seguido por um grito de liberação. Mais alguns movimentos dos seus quadris antes que a cozinha fique em silêncio, exceto pelo som irregular da sua respiração.

Sem dizer nada, ele sai de dentro de mim e se inclina na minha direção para pressionar a testa contra o meu peito e os lábios contra a minha barriga. Então fica ali por um momento.

Enrosco os dedos em seus cabelos e me deleito com o momento. Nas diferenças entre fazer amor com o homem e o adolescente que se atrapalhava no

escuro.

E a fala que ensaiamos hoje cedo volta à minha mente:

Sempre foi só você.



Acordo sobressaltado. A sala está escura. Meu braço está dormente, porque a cabeça de Saylor repousa sobre ele.

Saylor.

A droga que eu esqueci. A mulher com quem comparei todas as outras. A única que sempre me perguntei como teria sido *se* eu tivesse feito diferente.

Bem, agora você sabe, Whitley. Dez vezes melhor que antes. Sexo na escala Richter. Mas como saber disso ajuda com a situação?

Não fazia ideia, mas que transa incrível.

E então isso me atinge. Será que ela foi a verdadeira razão pela qual fiquei longe de Tessa nas semanas antes de vir para cá? Não estávamos namorando. Até falei isso para Say. Mas passar aquele tempinho com Saylor, aquele momento divertido em nosso lugar especial — a casa da árvore — deixava claro o suficiente.

Nunca estive interessado em Tessa. Era uma boa transa? Certo. Acessível? Sim. Estava emocionalmente conectado? De jeito nenhum.

Tessa nunca chegaria aos pés de tudo o que Saylor Rodgers é.

Me mexo na *chaise* e me viro para poder olhar seu rosto e vê-la dormir. Observo seus lábios macios e os longos cílios. As sardas das quais costumava provocá-la, e aquele queixo teimoso que ela vivia levantando para mim.

Sei que meu palpite está certo. Tessa — talvez qualquer mulher — nem se compara a Saylor.

Como foi que isso aconteceu? E por que quero me inclinar em sua direção, provar esses lábios e fazer tudo de novo?

Porque é a Saylor.

Minha corrida esta tarde deveria ter curado esse desejo. O esforço deveria ter estancado a necessidade inesperada e acalmado a dor que senti desde que

revisitamos o passado. E, ainda assim, fez o completo oposto. Cada passo que dava era uma lembrança do quanto eu a queria e uma afirmação de que o beijo maravilhoso que trocamos era mais do que apenas para mostrar aos convidados da festa.

Eu a beijei porque queria. Tive que beijá-la. Não resisti em não saber se ela ainda beijava igual. Se tinha o mesmo sabor. Se fazia aquele mesmo som que costumava me deixar duro em uma fração de segundo (mas, para ser sincero, uma brisa fresca faria isso a um adolescente).

E por egoísmo, eu queria que o filho da puta do Mitch a visse comigo. Qualquer um diria que isso não importa, porque ele vai se casar e não lutou o suficiente para ficar com ela, mas sei que importa, sim. Vou fazê-lo se perguntar o que eu tenho que ele não tem. Um pau maior? Uma conta bancária maior? Uma personalidade melhor?

Sim, para todos os três.

O beijo pode ter sido uma combinação de tudo isso, mas o sexo? Me atingiu por inteiro. Desejo completo. Cobiça total. Tudo que preciso. E que se dane, mas, sim, foi contra meus princípios. Mas com certeza, eles não estão se comunicando com o meu pau.

E agora estou ferrado. *Porque eu quero mais*.

Passo a mão livre sobre o rosto para tentar descobrir como isso é possível, e sinto o cheiro da sua boceta em meus dedos. Fico duro no mesmo instante. Quero tomá-la assim, com manchas de farinha em sua bochecha e cabelos. Com uma vasilha de cupcake ainda não assados no balcão. O chão todo bagunçado. E o cretino com quem ela deveria se casar participando do seu jantar de ensaio em algum lugar próximo.

Preciso marcá-la de alguma forma. Possuí-la do mesmo jeito que ela me possuiu desde o primeiro dia em que bati na porta de tela da sua casa, disse que era novo morador da rua e perguntei se seu irmão poderia sair para brincar.

Ela era toda doce e suave, o corpo não tinha curvas e era inocente em todos os sentidos imagináveis. Era assim que eu me lembrava dela. E desde que entrei na loja de cupcakes, descobri que ela ainda é doce, mas também bastante mal-humorada. Sua inocência é combinada com uma confiança inabalável e aquelas linhas retas se transformaram em lindas curvas.

Curvas que atualmente estão quentes contra o meu corpo e que me imploram para acariciá-las. Luto contra o desejo. Preciso pensar nas palavras que ela disse durante o sexo — *sempre te quis* — e como elas me fizeram sentir. *Ainda me fazem sentir.* Possessivo. Vivo. Assustado. Aliviado. Protetor.

Não se deve nunca acreditar nas palavras que alguém diz durante o sexo. Você sabe que elas estão perdidas com desejo. Mas, lá no fundo, sei que ela falou

sério.

Ela se mexe em seu sono. Levanta o joelho para descansar contra o meu pau e apoia a mão sobre o meu coração.

Sinto uma dor no peito. Um sentimento que escolho ignorar. Quanto mais olho para ela, observando seu peito subir e descer, percebo que essa dor é mais como uma pontada e que isso é ciúme. De Mitch. Porque ele teve um milhão de momentos como esse que eu nunca tive. Ele os desperdiçou. Achou que eram garantidos.

E raiva. Porque ele não a amou o suficiente para lutar por ela. Ela vale a luta. Especialmente quando está de mal humor e sua teimosia reina.

Também sinto alívio. Por ela ter percebido a tempo e ter se afastado dele. Por Ryder ter me ligado me cobrando o favor que eu devia, e que quando entrei na *villa* esta noite ela me olhou com aqueles olhos selvagens que me disseram muito mais do que seus lábios jamais diriam.

Não deixo de perceber a ironia disso tudo. Como posso ficar aborrecido com Mitch quando eu deveria me culpar por ter sido o idiota que se afastou e a deixou sozinha?

Mas é mais fácil culpá-lo e desprezá-lo. Porque se eu fizer isso, não tenho que pensar a respeito e me perguntar o significado das coisas. E como vai ser quando o fim de semana acabar e voltarmos aos nossos respectivos mundos.

E aí?

Voltaremos para as vidas que levamos, sabendo que *isso* ainda está aqui entre nós? Tudo certo e nada resolvido?

Cale a boca. Viva o momento. Aproveite o sexo de matar e curta sua companhia. Sexo não significa compromisso. Não significa amor.

Amor?

De onde foi que veio esse pensamento?

Ela murmura algo que não consigo entender. Chama mais ainda minha atenção. Em seguida, ela se mexe de novo. Não posso deixar de sorrir quando ela leva a mão até o lóbulo da orelha e o acaricia com o polegar e o indicador.

E um sentimento me atinge — me aquece quando não deveria — ao vê-la fazer isso. Ao saber que ela ainda faz isso. A dor está de volta ao meu peito, mas desta vez não é de ciúmes.

Não muito.

Ela murmura de novo. Se aconchega mais perto de mim.

Eu nunca a amei de alguma forma, ou maneira?

É só uma história que compartilhamos. A reconexão com alguém que me conhece desde criança. Uma pessoa que ainda pode terminar minhas frases mesmo depois de todo esse tempo.

Continue dizendo isso a si mesmo, cara. Talvez você acredite que ela nunca foi a garota certa.

Ela murmura alguma coisa. Uma risada suave se segue. E aquele tom aparece de novo, mas desta vez, a palavra é clara como o dia. *Mitch*.



Acordo devagar. Estou sexualmente satisfeita e aninhada no calor inconfundível do corpo forte de Hayes contra o meu.

Grogue, mas satisfeita, abro os olhos para encontrá-lo olhando fixamente para mim. Seu bíceps está flexionado abaixo do meu pescoço.

O sorriso preguiçoso em meus lábios é tão automático quanto a rigidez pós-sexo que sinto em meus músculos quando estico as pernas.

— Você não está tramando um jeito de colocar mostarda na minha bochecha e me fazer cócegas para me deixar suja, não é?

As linhas do seu rosto se transformam instantaneamente com a risada que sai de seus lábios. Seus olhos aquecidos e sua mão se movem para a lateral do meu rosto, onde ele esfrega o polegar sobre o meu lábio inferior. A ação faz com que cada parte de mim fique satisfeita.

— Você não teria uma pena sobressalente por aí, não é? — Sua voz é rouca, entorpecida pelo sono e muito sexy.

Eu rio e me aconchego mais a ele. E não tenho certeza se isso é possível, considerando que já estou na metade dele na *chaise longue*, lugar para onde seguimos naquele momento pós-sexo que deveria ter sido estranho, mas não foi.

E por que isso? Por que estamos tão confortáveis um com o outro, quando, na realidade, não nos conhecemos mais? Tivemos experiências de vida diferentes. Alcançamos marcos diferentes. Ele vive cercado por glamour e brilho, e eu por cupcakes e cobertura.

Porque sempre foi ele.

Afasto o pensamento. Tiro da cabeça as porcarias que eu estava pensando antes que ele entrasse aqui e me proporcionasse momentos tão bons que me fizeram sentar na cadeira com ele e adormecer como um cara faria. Será que meus pensamentos estavam errados? Estava muito enganada?

Absorvo o momento. A sensação do seu corpo duro ao lado do meu. A forma como sua mão brinca distraidamente com meu cabelo. Aquele sorriso sensual e o olhar em seus olhos que me diz que ele quer fazer tudo de novo. Definitivamente, eu não diria não, porque o homem aperfeiçoou suas habilidades durante os anos que estivemos separados.

— Não. Nada de penas. Nem mostarda — falo, acenando com a cabeça.

— Só farinha e açúcar — ele diz sério, mas seu tom é de deboche. Sua risada ressoa do seu peito para o meu. Como eu poderia esquecer a fumaça de farinha e os grânulos de açúcar nas minhas costas?

— Estou muito suja?

— Vamos só dizer que você deu um novo significado ao termo “docinha”.

Dá uma tapa de brincadeira na minha bunda, mas não a afasta. Em vez disso, afunda os dedos em minha pele e usa a força para puxar meu corpo para cima ao mesmo tempo em que se inclina. Nossas bocas se encontram em algum lugar no meio do caminho.

O beijo é suave e macio, com uma pontada de fome. Ou seria desespero? Não tenho certeza, mas deixo que ele assuma a liderança. Permito que escolha a direção do que vai acontece a seguir, porque sinceramente, não tenho certeza de como seriam *os próximos passos* pra gente.

Mas isso? Com isso eu posso lidar. A suave carícia da mão dele. O beijo delicioso. O calor da sua respiração. A sensação de me afundar nele em vez de fugir. O conforto em vez do pânico.

Ou talvez ele esteja só nos distraindo para não termos a conversa que, provavelmente precisaríamos ter.

— Humm — ele murmura quando termina o beijo. — Definitivamente, doce.

Reviro os olhos e rio, mas não posso negar a pequena fisgada de dor dentro de mim, porque ele parece se manter constantemente excitada.

Ele continua com aquele dedo preguiçoso para cima e para baixo no meu bíceps. Estou tão contente e tão satisfeita, que demoro alguns minutos para me dar conta. O céu escuro. A hora.

— Ah, meu Deus. Perdemos o jantar de ensaio. — Os braços de Hayes me seguram enquanto tento me sentar.

— Aham — ele murmura, o calor da sua respiração bate no topo da minha cabeça. — Repensei nossa estratégia.

— Você o quê? — Levanto a cabeça para encontrar a sua, me movo para colocar as mãos em seu peito nu e descansar o queixo em cima dele. A ação é natural e algo nisso parece incrivelmente íntimo.

— Repensei a nossa estratégia — ele repete com um aceno de cabeça. — Eles nos viram hoje. Rindo. Nos beijando. Sem nos importar com quem estava

olhando. Então acho que se não aparecermos, eles podem pensar o que quiserem.

— Que fomos nadar com as tartarugas. — Adoro o olhar surpreso em seu rosto com a minha sugestão inocente.

— Estava pensando em algo um pouco mais satisfatório. — As pontas dos seus dedos acariciam minha coluna. Me arrepio, mas meu corpo se aquece sob seu toque.

— Mais satisfatório? — decido brincar também. — Tipo karaokê?

Sua risada ressoa novamente. Ele mordisca seu lábio inferior e isso prende a minha atenção.

— Como era aquela letra mesmo?

— *Tocando B. B. King*, acho.

— Boa tentativa. Engraçado como você mudou a letra agora. — Ele balança a cabeça.

— Que seja, *Capitão*. — Tento segurar o sorriso, mas perco a batalha quando ele me puxa, então estou praticamente deitada em cima dele. A sensação inconfundível do seu pau duro pressionando contra mim desperta meus sentidos sexuais.

— Cuidado, Marinheira. Você está tentando me distrair e assim não vou conseguir explicar meu novo plano de ação.

E como eu quero distraí-lo.

— Certo. Desculpe. Onde estávamos mesmo?

— Pensando em algo mais satisfatório para fazer do que assistir a um jantar de ensaio de casamento chato, porque nenhum de nós vai se casar e, então não temos nada para ensaiar.

— Correto — falo, seguindo a lógica que sempre pensei, mas nunca falei em voz alta quando a sra. Layton insistiu que todos os convidados comparecessem ao jantar de ensaio. *Eles virão de longe para te ver, Saylor, o mínimo que podemos fazer é alimentá-los duas vezes.* Argh. Sua voz não tem lugar na minha cabeça agora. Não com Hayes em baixo de mim e seus lábios tão perto dos meus.

— E então você estava me dizendo o que poderia ser muito mais prazeroso do que nos sentarmos em uma sala de jantar formal tentando decidir com qual garfo se come uma salada quando tudo o que você realmente queria era uma pizza de pepperoni com pimenta *jalapenos* na metade.

Eu rio. E depois me derreto com o fato de que ele ainda se lembra das minhas pizzas favoritas.

— Certo. Sim. — Endireito os ombros e semicerro os olhos para fingir que estou pensando em uma resposta. — Algo prazeroso. Humm. Ah, eu sei. Poderíamos fazer cupcakes. Sempre acho isso *extremamente satisfatório* —

sussurro as últimas palavras. Eu o provoco. Testo. Imagino como ele vai terminar este jogo que estamos jogando.

Ele geme e o som serpenteia pelo meu corpo.

— Embora eu saiba que a sua batedeira é viciante... — Ele lambe o lábio, sua conclusão é alta e clara — e eu não possa esperar para *mergulhar meus dedos nela e saborear o doce novamente*, não. Acho que há algo mais prazeroso que devemos fazer para que a ausência no jantar valha a pena.

Minha respiração está entrecortada e meus lábios se abrem quando a lembrança de seu olhar enquanto eu lambia a excitação de seus dedos se repete na minha cabeça.

— Como o quê? — Minha pergunta é um sussurro abafado. A minha voz está repleta de luxúria.

Ele passa a mão muito lentamente pela minha coluna e abaixo do meu quadril, em seguida, volta para a curva do meu joelho. Me puxa e minha perna fica ao lado do seu torso.

Nos encaramos. Juro que posso sentir o batimento cardíaco dele acelerar. Ou talvez seja o meu. Não tenho certeza, porque eles estão batendo um contra o outro, mas a sensação é ofuscada pelo toque e o som da sua mão deslizando pela minha coxa até cobrir minha bunda.

— Humm, posso pensar em algumas coisas urgentes. — O timbre profundo de sua voz é uma preliminar juntamente ao alongamento dos dedos na minha bunda, de modo que as pontas deles toquem suavemente a entrada do meu sexo. Uma sugestão de toque. Um sussurro de desejo.

E agora é ele quem está tentando me distrair.

— E o que são essas coisas?

Ele levanta a cabeça e me beija com carinho.

— Primeiro, vou te comer, Saylor. Bem aqui. Nesta cadeira. — Outro beijo. Sinto o calor de sua respiração em meus lábios. Seus dedos deslizando deliberadamente sobre minha pele sensibilizada é suave o suficiente para fazer meus músculos apertarem e implorarem por mais. — Vou te fazer montar em mim. Fazer sua boceta se esticar ao redor do meu pau e, em seguida, te observar enquanto te faço gozar.

Meus lábios se abrem e as bochechas coram. *Olá, conversa sacana. Olá, Hayes Whitley adulto*. Minha libido se acende com a promessa explícita.

— Ah, não vai agir com tanta timidez comigo agora, Saylor. Não quando você se sentou naquela cozinha e bancou a sedutora. Me provocou com seus lábios e testou meu controle. — Ele se inclina para frente e me beija de novo, mas desta vez, com um pouco de língua e muito mais demanda. Ele enrosca a mão no meu cabelo e puxa minha cabeça para trás, então sou forçada a olhar em seus olhos

quando, de repente, quero evitá-los por causa da timidez.

— Este sou eu, Say. Você pode se lembrar do adolescente que eu costumava ser e que não fazia ideia do que estava fazendo além do básico. Mas te garanto que o homem que me tornei sabe exatamente como dar prazer a uma mulher. Sei como te dar prazer.

Engulo o desejo que pressiona minha garganta.

— Achei que você tivesse acabado de fazer isso. — Mais uma vez, minha voz é quase um sussurro. Seus olhos escurecem, famintos.

— Isso não foi nada, Marinheira. Não mesmo. Podemos usar brinquedos, língua, toques, gravatas e tenho certeza de que posso encontrar mais algumas coisinhas com as quais te provocar.

— Oh. — É o único som coerente que posso formar quando seu pau endurece e pulsa contra mim.

— Guarde seus gemidos, porque você vai gemer muito mais em um minuto.

E antes que eu possa responder, sua boca toma a minha mais uma vez. E eu a recebo. Me deleito com a mudança de ritmo. Com o desconhecido. Na dominância da conversa sacana que eu não esperava encontrar em Hayes, mas que agora mal posso esperar para explorar mais.

Uma emoção percorre meu corpo enquanto suas mãos me guiam para cima dele como prometido. E suspiros se transformam em gemidos.

— Se vamos perder o jantar — Hayes murmura contra meus lábios —, te prometo, vou fazer valer muito a pena.



— Você vai me dizer o que estamos fazendo aqui? — Tento agir como se estivesse irritada, finjo que prefiro estar no salão fazendo as unhas, mas é provável que as convidadas do casamento estejam lá fazendo o cabelo ou algo assim, então não, obrigada. E, honestamente, por que preciso fazer as unhas? A única pessoa que eu estaria tentando impressionar é Hayes, e considerando que é ele quem me guia por uma faixa de areia tão imaculada quanto bonita, acho que não preciso.

Ele para e se vira para mim. Não posso negar o baque do meu coração quando ele me mostra um enorme sorriso. Adoro o calor em sua expressão, e tanto quanto estou curiosa para saber onde estamos indo, também não posso negar o desejo de puxá-lo para mim e beijá-lo com intensidade.

E pensar nisso me parece muito estranho. Mitch abominava exibições públicas de afeto, qualquer coisa além de um beijo educado nos lábios ou um braço ao redor do ombro. Me acostumei com isso. Era condescendente. Mas de pé aqui, com Hayes, de repente percebo o quanto senti falta disso. O quanto é importante o carinho entre duas pessoas. *O quanto isso é importante para mim.*

Então, apesar de não estarmos em um relacionamento e independentemente do quanto deixei de pensar em toda e qualquer ideia sobre o que acontecerá conosco quando este fim de semana terminar, decido agir com espontaneidade. Sem preâmbulo, vou até ele, passo os braços ao redor do seu pescoço e beijo seus lábios.

O beijo é embalado com a emoção que sinto, mas não tenho certeza de como processar. É doce e suave, mas também muito sedutor. Acho que ele fica surpreso no começo, mas em poucos segundos suas mãos estão deslizando pela pele nua das minhas costas, me puxando para perto e cedendo à pressão dos meus lábios.

Adoro ver o sorriso tímido deslizando em seus lábios quando termino o beijo.

— O que foi isso?

— Só percebi que preciso me certificar de que continuamos fazendo coisas satisfatórias para não nos sentirmos culpados por termos perdido o jantar na noite passada.

Sua risada é rápida e alta.

— Depois da noite passada... e desta manhã, Marinheira, acho que não há necessidade de se sentir culpada, considerando que estou muito satisfeito.

Ele me puxa em sua direção e dá um beijo carinhoso no topo da minha cabeça antes de me soltar, pegar minha mão e recomeçar nossa jornada pela areia. E eu o sigo de bom grado. Minha cabeça ainda está perdida com o rumo dos acontecimentos. O sexo alucinante que fizemos na ilha da cozinha, Seguido pelo sexo lento e doce na *chaise*, onde ele me deixou ter o controle e usei aquela boca suja dele para me envolver com tanta intensidade que, no momento em que atingimos o clímax, cada parte de mim — da minha mente e do meu corpo — entraram em frenesi. Pelo desafio, ele sabia que eu não me recusaria a mergulhar de cabeça. Quando ele se juntou a mim, foi tão bom ficar com ele e descansar nas águas aquecidas sob a luz da lua. Sem pressão. Não precisamos dizer nada. E então, claro, acordar esta manhã com seus dedos hábeis massageando meus ombros, depois a base da minha coluna e descendo até que encontraram o caminho entre as minhas coxas. Como fizemos amor preguiçoso e sem pressa. Com calma. Apenas nós dois e dez anos de momentos como esse para compensar.

Afasto o pensamento da minha cabeça. Digo a mim mesma para focar na areia aquecida sob meus pés descalços, a brisa no meu rosto e o sol na minha pele. Para esquecer as ideias de que estávamos compensando o tempo ou a noção de que estamos recuperando o atraso para podermos avançar.

Nenhum de nós falou disso. Não tivemos tempo, porque estamos ocupados demais aproveitando a companhia um do outro. E isso me faz sorrir, pensando em seu comentário anterior: *Marinheira, estou muito satisfeito*. É errado me sentir um pouco convencida com isso?

— Você vai me dizer...? — Minha voz desaparece quando vejo um homem na praia a cerca de seis metros à nossa frente acenando para Hayes. Há um cobertor ao lado dele onde o equipamento de mergulho está todo exposto. Um catamarã está ancorado ali perto.

Hayes se vira para mim com um sorriso enorme.

— Você disse que queria nadar com tartarugas, então... — Ele dá de ombros — vamos nadar com as tartarugas.

— Você está brincando comigo? — A excitação pulsa em minhas veias.

Surpresa e apreciação também, mas essas são direcionadas para Hayes.

— Não.

— Como você... como isso é possível? — pergunto, tentando pensar se houve tempo dele organizar isso esta manhã. Não me lembro de termos ficado separados por tempo suficiente para ele conseguir fazer tudo isso.

— O que posso dizer? — Ele imitou uma reverência. — Eu sou *o Capitão*.

— Deus nos ajude. — Eu rio, mas amo tudo do mesmo jeito. Meus braços envolvem seu pescoço e quando meus lábios encontram os dele novamente, murmuro:

— Obrigada, *Capitão*.

A calmaria do balanço do barco é mais que suficiente para me fazer dormir. Acrescente a isso o sol na minha pele, as duas horas de mergulho nas lindas águas do recife Smith, duas taças de vinho, e eu deveria estar roncando. *Mas não estou*. Não tenho como fechar os olhos.

Não quero perder um instante do tempo que nos resta aqui.

Apoio a cabeça no cotovelo e vejo Hayes por trás das lentes espelhadas dos meus óculos de sol. Ele está deitado na rede ou trampolim como ele se referia àquilo, ao meu lado. Seus olhos estão fechados, o rosto sombreado pela vela acima de nós e suas mãos atrás da cabeça. Aproveito a oportunidade para olhar para ele e memorizar seu perfil, embora eu já saiba disso de cor.

— Você está me encarando de novo? — ele pergunta com voz sonolenta e o sorriso se espalhando nos lábios.

— Sempre.

— Você costumava fazer isso o tempo todo. Nos sentávamos naquela casa da árvore com os vaga-lumes à nossa volta e as estrelas acima de nós, e você sempre olhava para mim em vez de olhar para o céu.

Eu me aqueço com a lembrança de como ele ficava aborrecido por isso.

— Só estava te preparando para sua futura carreira.

— Engraçadinha — ele murmura e vira a cabeça para me encarar.

— Tenho meus momentos. — Ele estende a mão, bate na minha perna e eu me afasto.

— Tenha cuidado, Marinheira, ou eu vou te balançar na borda do barco para que seus dedos do pé toquem a água.

— Não! — Eu rio e o meu rosto se transforma em uma máscara de horror falso. — Ainda não consigo acreditar nisso! — Estremeço, lembrando da primeira mordida que levei nos dedos perfeitamente pintados do pequeno peixe enquanto mergulhava. Só podíamos supor que eles devem ter pensado que era comida. Não doeu, mas, com certeza, me assustou pra caramba. E é claro que eu emergi com um grito enquanto Hayes pisava na água com tanta força que

afundou.

— Viu? Eu te salvei de ter seus dedos mordiscados também. Ainda bem que te raptei te impedi de passar horas intermináveis no salão. Isso é tortura.

— Meu herói — finjo um desmaio e reviro os olhos, mas ele não consegue ver, apesar de saber que estou fazendo.

— Aposto que sou. Você não me viu usando aquela calça justinha?

— Ah, Deus. Por favor. Que ego. — Caio para trás, apoiada em meus cotovelos, rindo e amando o som da sua risada se fundindo com a minha. É reconfortante. Somos nós.

O sorriso em seus lábios desaparece.

— Eu não sabia. — Sua voz fica séria de repente.

— Não sabia o quê? — *Não entendi o que ele estava falando.*

— Quando fui embora, não sabia que não voltaria.

Não tenho certeza de como ele espera que eu reaja à confissão inesperada, mas não posso negar que minha respiração está acelerada.

— Isso é passado — murmuro, querendo manter a promessa que fiz quando decidi vier para cá: perdoá-lo, e não querendo desperdiçar o tempo que nos resta com coisas que não podem ser mudadas.

— Sei que é passado, Say, mas é importante que você entenda. Parti para uma viagem de fim de semana a Hollywood, um garoto arrogante, sonhando ser um astro, que tinha certeza absoluta que não ia conseguir nenhum papel em seu primeiro teste.

— Mas você conseguiu — sussurro, me lembrando de onde eu estava a primeira vez que notei os sussurros dos meus amigos que evitavam me encarar toda vez que eu olhava para eles. Como eu, finalmente, enfrentei Ryder e descobri que Hayes havia conseguido um grande papel e não voltaria para casa tão cedo. Gritei, chorei e implorei para saber por que Ryder não havia me dito a verdade. Ele admitiu que eu havia perdido muito peso e finalmente estava começando a sorrir de novo que não podia me dizer. Estava com muito medo de renovar a mágoa e começar o ciclo novamente.

— Sim. — Ele assente sutilmente e mesmo que seus olhos estejam cobertos pelos óculos escuros, juro que posso sentir que estão procurando os meus para ter certeza de que estou bem com as memórias que esta conversa está trazendo à tona. — Entrei na audição de elenco nervoso pra caramba, pensando que tentei o máximo e que aquele sonho não era para mim, mas fiquei chocado quando fui escolhido para o papel.

O silêncio cai entre nós enquanto eu luto contra o sofrimento que sinto ao relembrar o passado. O pesar, a solidão. O desgosto.

O silêncio.

— Você me deixou uma mensagem.

— Deixei muitas mensagens para você. — Não consigo disfarçar o tom de rejeição em minha voz.

— Deixou. E eu ouvi cada uma delas, Saylor. Muitas vezes. Estava com muita saudade. Sentia sua falta, do Ryder e da nossa rotina diária normal... mas principalmente de você. Uma delas... porra, uma das suas mensagens acabou comigo, quase me fez arrumar as malas e voltar para casa. Nunca vou me esquecer do tom da sua voz. Como você estava tentando parecer tão forte, mas havia uma ligeira oscilação no timbre que me matou.

Sei que deixei uma infinidade de mensagens que iam de triste a irritada, implorando, chorando e furiosa, mas sei qual ele está se referindo. Minha mensagem final. Aquela em que eu cedi e disse que se ele não me queria mais, poderia, pelo menos, ter tido coragem de me dizer.

Mordisco o interior da bochecha, surpresa com como falar sobre isso está trazendo de volta a dor que jurei ter superado.

— Por que você não me ligou? — pergunto em voz baixa, numa tentativa de cobrir a dor que ainda resta.

Ele se senta, olha para as mãos por um momento antes de olhar de volta para mim.

— Porque era minha única chance de sair daqui. De ir para longe do meu pai, das bebedeiras dele, das surras, da minha mãe aceitando a tudo calada. Todo mundo me via como o filho de Dale Whitley. O garoto que não tinha chance e não seria ninguém...

— Eu não pensava assim.

— Eu sei e isso disso é parto do motivo. Não espero que você entenda meu raciocínio ou me perdoe pelo que fiz. Merda, olhando para trás, entendo que o que fiz foi errado. Mas você, Ryder e seus pais foram as melhores pessoas que conheci. E, Deus, eu estava sentindo sua falta. Estava morando em uma porcaria de apartamento, guardando sobras de buffets dos sets nos bolsos, porque eu não podia comprar mantimentos e não conhecia ninguém... mas sabia que se eu falasse com você, se ouvisse sua voz, te escutasse chorar ao telefone, eu largaria tudo e voltaria. Senti demais a sua falta. Me senti muito mal por não ter coragem de te dizer que talvez não voltasse quando fui embora naquele final de semana.

— Eu teria ido com você. — Deus, quantas noites pensei em arrumar minhas coisas e dirigir até Los Angeles para encontrá-lo? Tão ingênua, sem saber o quanto a cidade era grande e como seria difícil encontrá-lo.

— Sei que sim. Mas para fazer o quê? Ir para a faculdade? Esperar e me ver correr atrás dos meus sonhos enquanto desistia dos seus? Não pude fazer isso. Você merecia o mundo, Say. *Ainda merece*. Não consegui te obrigar a se sentar

naquele apartamento horrível durante o dia todo e me preocupar com sua segurança enquanto eu trabalhava dezoito horas por dia. Teria me odiado por isso e você teria me rejeitado.

— Então você lavou as mãos no que se referia a mim e tomou o caminho mais fácil. — Minha voz soa tranquila, me lembrando de como eu me senti por quase um ano depois que ele foi embora. E agora que penso nisso, talvez eu nunca tenha voltado a ser aquela garota despreocupada de antes.

— Nunca foi fácil. Nem um dia. — Ele fecha as mãos. Balança a cabeça. — Se você soubesse como eu chegava em casa, caía exausto na cama e sentia falta de tudo em você.

Suas palavras abriram velhas feridas. Me fez pensar nele sozinho em uma cidade nova, e senti pena dele. Mas ele precisa saber o que passei também.

— Fiquei perdida por mais de um ano. Fazíamos tudo juntos. Você foi meu primeiro amor. Meu primeiro tudo. E quando foi embora, me cortou da sua vida. — Olho para a água. Para os *snorkels* saindo dela ao longe. Ouço as risadas de alguém vendo as tartarugas, e tenho certeza de que pareci muito animada quando estava lá. — Esperei por você. Te disse na última mensagem que não esperaria, mas eu menti. Passei três anos esperando. Três anos dizendo para mim mesma que toda revista de fofocas com fotos suas com alguma atriz ao lado era Photoshop ou algum encontro inocente mal interpretado. Você me diz que sentiu minha falta e tudo mais, mas sabe o que eu vi da sua vida? Parecia tudo menos que sentia minha falta, Hayes.

— Saylor.

— Não. Tudo bem. Sei que te disse na última mensagem que não esperaria por você, mas esperei.

— Você também disse que sempre me amaria.

Ainda amo.

É o meu pensamento imediato. Pensamento que odeio e adoro. Que afasto da minha cabeça, então não o digo em voz alta, mas independentemente disso, ainda me balança.

E posso sentir a pergunta na ponta da sua língua. Se a afirmação que fiz há dez anos ainda é verdadeira. Há tanta emoção fechando minha garganta, tanta história no ar entre nós, que é melhor ficar quieta.

Então o silêncio nos mantém reféns enquanto nos olhamos por trás das lentes dos nossos óculos de sol. Uma parte de mim quer ver o que seus olhos estão dizendo. A outra está com medo de descobrir.

Então nos escondemos.

— Eu voltei para a sua casa. — Sua confissão me choca. Meus lábios se abrem e meu coração se contrai. — Minha mãe, finalmente, deixou meu pai.

Disse que minha partida foi um choque, então ela o expulsou. Eu disse a mim mesmo que estava voltando para casa para ajudá-la a se situar na nova vida. E sim, eu ajudei... mas era você quem eu queria ver.

— Por que não fez isso? — Sei que a Saylor adolescente teria ficado arrasada se ele tivesse feito isso. A dor seria renovada. As consequências de vê-lo seriam brutais.

— Na verdade, eu fiz, mas Ryder atendeu a porta. Me deu um soco antes que eu pudesse dizer qualquer coisa. — Ele ri do pensamento e esfrega o queixo com a lembrança enquanto meus olhos se arregalam de surpresa. Uma parte minha comemora por Ryder me defender.

— *O quê*?

— Sim. Acho que nunca o vi tão chateado. Ele me deu um esporro como eu merecia. Me disse que você estava começando a comer de novo. Só começando a ser você novamente — ele murmura e seu tom reflete o quanto foi difícil para ele ouvir como a sua partida me afetou. A dor e sofrimento em que vivi. Que me cercaram e me consumiram. — Ele me disse que não achava que eu te amava, porque como eu poderia fazer isso com você? Mas se realmente fosse amor, eu iria embora e te deixaria em paz. Ele sabia que eu estava fascinado com o glamour da cidade grande, e iria embora quando o fim de semana acabasse e você se magoaria de novo.

Sua confissão pesa muito no espaço entre nós. Minha reação é ficar chateada com Ryder. Por roubar uma chance que era minha de decidir se eu queria ou não. Mas, ao mesmo tempo, ele estava tentando me proteger e, naquela época, eu precisava de proteção. É muito raro ser adolescente e saber que a pessoa com quem você está namorando é sua alma gêmea, como aconteceu comigo e com Hayes. Provavelmente muito incomum ter um irmão mais velho tão perspicaz.

Tomo um gole de água enquanto deixo as palavras me atingirem, e as que eu ouço mais que qualquer coisa são que ele realmente me amou. Demonstrou isso quando foi embora pela segunda vez.

Algo que ele me disse no outro dia ecoa em minha mente. *Nunca deixe ninguém roubar sua paixão*. E eu sei que ele está certo. Sei que se ele não tivesse ido embora, se não tivesse partido, eu teria sido responsável por roubar sua paixão. Meu egoísmo teria privado o mundo de conhecer seu talento incrível. Isso também o teria roubado.

— Estou feliz por você ter aproveitado sua chance, Hayes. — Minha voz é suave, mas resoluta e posso ver o sobressalto em seu corpo com as minhas palavras.

— Você não tem que dizer isso, Saylor. — Seus lábios estão apertados. A cabeça está inclinada para o lado enquanto ele olha para mim.

— Tenho, sim. Se você tivesse ficado... roubaria a sua chance de correr atrás da sua paixão.

Ele assente algumas vezes. Pensando em algo que não sei o que é.

— O engraçado é que, quanto mais velho eu fico, Say, mais estou aprendendo que não tem problema ter mais de uma paixão. Não é preciso uma ser mais importante que a outra. Elas podem se complementar.

A questão é: o que ele quer dizer com isso?

E eu penso em Ryder e seu ultimato. Como Hayes se afastou.

Ele me amava. Quando eu estava sofrendo e jurando que ele não se importava mais comigo, ele me amava.

Não posso deixar de me perguntar se quando nos separarmos novamente, será em circunstâncias semelhantes? Que ele me ama, mas continuará a correr atrás da sua paixão, ou *ele me amou*, o tempo nos mudou, e não há mais nada entre nós?

O pensamento me consome.

Mas ele está aqui. Largou tudo em sua vida agitada para vir até aqui e me ajudar.

Isso não diz alguma coisa?



— Relaxe. — A voz de Hayes é suave. O calor da sua respiração provoca uma sensação reconfortante contra meu ouvido quando a marcha nupcial começa. —Você está linda. E, definitivamente, foi ele quem perdeu e eu ganhei, com você aqui sentada comigo.

Respiro fundo e me inclino contra ele em busca de um pouco mais de apoio mental. Estamos na última fileira de assentos. É o único lugar que eu queria sentar para evitar ver Mitch antes da cerimônia. Viramos para o corredor, esperando para ver a noiva.

Quando ela aparece, os convidados ofegam por ver o quanto ela está linda enquanto minha reação é de surpresa.

Não deveria me chocar, considerando todo o absurdo dessa situação, mas quando a vejo usando um vestido muito parecido com o que eu escolhi, podendo até ser o mesmo, minha boca se abre. E quando junto o vestido ao esquema de cores e às flores que selecionei anteriormente, não posso deixar de sentir que esse evento foi todo planejado para esfregar na minha cara o que perdi. Por isso recebi um convite.

Mitch é mesmo tão vingativo? Ele nem me pediu para reconsiderar ou disse que ainda me amava. Sequer protestou.

Tudo volta para mim. O momento em que olhei em seus olhos e disse a ele que estava indo embora, com as malas prontas e algumas coisas já sendo levedas para a casa do meu irmão, e ele só ficou lá.

— Sinto muito, Mitch. Não posso continuar com isso.

— Com o quê? — Há irritação em sua voz. Devo estar interrompendo os destaques do golfe ou algo assim.

— Nosso casamento. — E agora tenho sua atenção. *Ele semicerra os olhos e aperta os lábios em sinal de descrença.*

— Do que é que você está falando?

— Exatamente isso. — Minha voz é uniforme, apesar do nervosismo que sinto. — Isso não está mais dando certo. Não está funcionando há bastante tempo. Não serei capaz de te fazer feliz. — E você não sabe – ou se importa – com o que me faz feliz.

Sua risada enche o silêncio sufocante da sala.

— Você está brincando, certo? Isso é uma pegadinha ou seja lá como chamam isso, não é?

Umedeço os lábios. Remexo meus pés. Me forço a não desviar os olhos.

— Não. Não estou. Estamos terminando.

O choque em seu rosto é o que mais me lembro. Como se ele estivesse chocado por eu pensar em deixá-lo. E então se transformou em raiva. Nojo. Impaciência, como se eu tivesse desperdiçado seu tempo.

— Não se casar comigo será o maior erro que você vai cometer. Você sabe disso, não é?

Engulo a resposta audaciosa. Me concentro em manter nosso término o mais civilizado possível.

— Se é isso que você quer pensar.

— Não. É o que sei. — Ele dá um passo para trás. Balança a cabeça. Olha para mim como se eu fosse louca – um sorriso pomposo surge em seus lábios. — Deixe suas chaves no balcão ao sair. Espero que seus cupcakes possam mantê-la aquecida à noite, mas duvido.

E então ele vira as costas para mim e vai embora. Volta para seu torneio de golfe ou polir seus tacos, ou seja lá o que fosse tão importante. Porque, definitivamente, não era eu e a reação dele — ou a falta dela — só comprovou isso.

Ele nem parecia zangado. Ou surpreso. Mais do que qualquer coisa, ele pareceu ter me colocado para fora. Eu me senti dispensada. Desnecessária.

Mas se não se importava comigo, por que ele me enviou o convite estúpido para este casamento?

Os convidados das fileiras à nossa frente bloqueiam minha visão. Quando todos se sentam, acho que sou a última a fazê-lo, porque posso vê-lo com clareza. Mitch, bonito e elegante como sempre, parece nervoso, mas de um jeito que só alguém que o conheça há muito tempo possa perceber. Pela flexão contínua de suas mãos. A risada que soa fora de lugar. Mas, novamente, muitas pessoas ficam nervosas quando se casam. E quando ela toma seu lugar e o encara, seu rosto entra perfeitamente no meu campo de visão.

O murmúrio de surpresa que Hayes emite me diz. Ou Mitch, definitivamente, tem preferência por um tipo de mulher —cabelos loiros e olhos azuis — ou é

uma total coincidência que Sarah Taylor possa ser minha irmã perdida há muito tempo.

Me sento na beirada da cadeira, piscando como se eu não acreditasse no que estou vendo, mas, afinal, não era assim que eles agiam? Hayes esfrega a mão para cima e para baixo em minhas costas, um lembrete constante para que eu permaneça calma enquanto assisto à cerimônia.

E não tenho certeza de como me sinto. Há um furacão de emoções dentro de mim. Meu estômago se agita ao observar a vida que eu poderia ter sendo dada a outra pessoa. *Sendo tomada por outra pessoa*. E ela pode muito bem ser merecedora disso. Por outro lado, talvez essa seja a vida e o status social que ela procurou, e se deixar a mãe de Mitch planejar o casamento é o preço que tem que pagar, ela deve estar disposta a desistir do controle para conseguir o que quer. *Diferente de mim*.

Olho para Mitch e seus movimentos seguros e firmes. Ele está um pouco mais calmo agora, então observo seu rosto, vejo suas mãos e espero que aquela dor angustiante de arrependimento me atinja. Aquela que me bate na cabeça e me diz que cometi o maior erro ao me afastar dele. Que ainda o amo.

Mas isso não acontece. *Nem um pouco*.

Uma das razões pelas quais vim até aqui foi para sentir e me certificar de que fiz a coisa certa. Sentada nessa cadeira, como convidada do casamento, provavelmente tendo sido chamada para que zombassem de mim, mas posso dizer com tranquilidade que, fiz a coisa certa.

E me pergunto o quanto o homem ao meu lado me ajudou a reforçar esse sentimento. Quanto ouvi-lo validar algumas das minhas opiniões, mesmo que ele não soubesse que estava fazendo isso, ajudou a mim a minha autoestima. A espontaneidade e despreocupação que perdi há muito tempo.

Eu também a observo, sabendo que esta será a única vez que poderei fazer isso sem que as pessoas achem que estou sendo rude. Ela é a noiva, afinal de contas, e o centro da atenção de todos agora.

Seu cabelo tem um tom semelhante ao meu. A maquiagem é impecável e sua altura é semelhante à minha. Ela parece segura de si. Feliz. Apaixonada. Impressionante. Elegante. Contemporânea.

Então, vejo o homem com quem passei seis anos da minha vida se casando com uma mulher que ele conheceu há menos de nove meses.

Ou talvez ele a tenha conhecido antes de eu deixá-lo? Talvez ela estivesse esperando e o agarrou no minuto em que descobriu que havíamos terminado? Ou, pior ainda, quem sabe não estivessem tendo um caso, e é por isso que Mitch foi tão indiferente à minha partida? A cada segundo que passa, os pensamentos ficam cada vez mais loucos. Mas, por mais bizarra que minha imaginação se

torne, uma coisa continua a mesma:

Quando olho para Mitch, não sinto nada.



— Você está muito quieta. — Ele apoia o braço nas costas da minha cadeira e descansa a mão em meu ombro. Cutuca de leve meu joelho com o seu. Pequenos lembretes para me avisar que está ao meu lado. Mas não é como se eu pudesse esquecer. Entre os inúmeros convidados nos olhando, para os telefones com câmera tirando fotos escondidas, parece que todo mundo sabe que Hayes Whitley está aqui. E uma parte idiota de mim se pergunta quantas das câmeras deixadas nas mesas para os convidados usarem para documentar a recepção terão fotos de Hayes nelas. *Comigo*.

Não perco a ironia disso. Nem Hayes, evidentemente, pela maneira como estava sendo tão generoso com seu tempo, tirando fotos e dando autógrafos enquanto esperávamos que os noivos terminassem as fotos pós-cerimônia.

As que tenho muita certeza de que foram tiradas na praia particular sob as palmeiras que escolhi. Quero dizer, porque não, certo? Que bom para eles que essa ilha tenha uma temperatura bastante agradável durante o ano todo ou, Deus me livre, com a mudança das estações, *Sarah Estepe* poderia ter tido que tomar uma decisão por conta própria.

Não estou alheia aos constantes sussurros que param quando eu passo e começam novamente, ou os olhares astutos das mulheres que pensam que são melhores que eu. Mas tenho que admitir que, com certeza, elas dão uma segunda olhada quando veem a mão de Hayes na minha cintura ou como ele puxa a cadeira para mim. Me forço a encontrar seus olhos apesar do desconforto, sabendo que estão falando e torcendo os narizes para mim.

Confiança, Marinheira, algo que Hayes repete constantemente.

Mas ainda estou no limite. Ainda espero que a segurança apareça e me diga que preciso ir embora, porque não fui convidada, e é por isso que estou com o convite dentro do bolso do paletó de Hayes. *Só por garantia*. E ainda em estado de choque ao ver meus preparativos ganharem vida antes do meu casamento e não serem realmente para mim.

— Estava pensando... — falo em voz baixa e olho para as peças centrais, toalhas de mesa e arrumação do salão mais uma vez.

— Sobre?

— Como será que a *Ursula Descontrolada* vendeu tudo isso para a *Sarah Estepe*? Quer dizer, será que ela disse que o hotel oferecia um pacote onde tudo

já estava decidido... e a Sarah só concordou? — *Que tipo de mulher aceita um casamento completamente organizado para uma noiva diferente? Por uma noiva diferente*. — Ou a Sarah estava tão apaixonada que concordou com qualquer coisa que a mãe dele quisesse só para manter a tranquilidade, porque ela já conhece o tipo de sogra que tem?

— Humm. — Ele assente antes de pressionar um beijo na minha testa. E eu amo o gesto, o sentimento que me provoca, mas odeio o fato de ficar me perguntando se está fazendo para que os outros vejam ou se é espontâneo. — Não sei dizer.

— Por mais estúpida que eu me sinta agora por ter permitido que isso acontecesse, posso tolerar as semelhanças em nossos vestidos de noiva. Caramba, até eu tive um momento de fraqueza e sucumbi às incansáveis reclamações da sra. Layton sobre como seria especial se eu usasse uma versão moderna do vestido com que ela se casou. Ela tinha um designer que levou duas araras repletas de vestidos bem parecidos para eu escolher. E foi o que eu fiz. E era lindo. Mas foi aí que estabeleci os limites para ceder às exigências dela.

Outro murmúrio de reconhecimento de Hayes seguido por um beijo na minha têmpora.

E eu adoro que ele me deixe divagar e colocar tudo isso para fora. Que ele está me deixando *bater a massa*, mesmo que eu não esteja perto de uma cozinha ou batedeira.

O homem realmente me entende.

Olho em sua direção e percebo seu interesse repentino no salão ao nosso redor.

— Algo errado?

— Não. Só tem uma vibração estranha por aqui... mas não é o nosso casamento, então quem somos nós para julgar?

Não é o nosso casamento. Sei que ele não quis dizer isso da forma como ouvi, mas essas palavras me fazem parar por um momento. Ideias e imagens cintilam em minha mente sobre como seria nosso casamento. Simples. No campo, sob a casa da árvore, com decoração chique e potes de conserva com velas para demonstrar bom humor.

— Marinheira?

— Sim. Desculpe. — Minhas bochechas esquentam ao ser pega pensando em coisas nas quais eu não deveria. — Vibração estranha? Provavelmente é só porque estamos aqui.

— Não. Não olhe agora, mas acho que tem a ver com a mãe do Mitch te fuzilando com os olhos enquanto você está sentada aqui com uma bebida na mão e um sorriso no rosto. Não acho que Mitch contou a ela que eles te convidaram.

— Mas ela tinha que saber. Isso é um *resort*. Não é como se estivéssemos nos escondendo na *villa* o tempo todo.

— Talvez ela seja só uma vaca — ele reflete enquanto leva a garrafa de cerveja à boca com um sorriso meio torto nos lábios que me agita por dentro.

Eu bufo em resposta.

— Me conte algo que eu não sei.

— *Você é incrível*. — Três palavras. Só isso. Mas a maneira como ele fala, com uma mistura de convicção, admiração e reverência, e com um olhar sério no rosto enquanto mantém meus olhos cativos, faz meu coração bater forte no peito.

— E você é ridículo. — Mas não posso evitar de mostrar um sorriso de orelha a orelha. *Você é incrível*. Tento rir do meu desconforto com o elogio, mas ele não deixa.

— Não, estou falando sério. — Ele se inclina para perto, sua boca desliza sobre a minha orelha. Sua voz é baixa, apenas um sussurro, de modo que, mesmo cercados pelos cem ou mais convidados, só eu posso ouvi-lo. — Muitas mulheres não teriam coragem de aparecer aqui hoje. E se o fizessem, muitas pessoas não saberiam que isso não tem absolutamente nada a ver com você. Tem a ver com o seu negócio. Com não querer desapontar o Ryder. Estou orgulhoso de você, Marinheira. Orgulhoso por você estar aqui de cabeça erguida e um sorriso sincero no rosto, quando sei que está xingando muitos deles.

Eu rio e inclino minha cabeça contra a testa dele. Ouço as palavras que ele está dizendo e sei que a única razão de estar na ilha, a única razão pela qual consegui entrar aqui com tanta confiança, é o tempo que passamos juntos antes deste momento.

— Eu não poderia ter feito isso sem você. Obrigada.

— Discordo. Você vem fazendo isso sem mim há muito tempo.

Há uma pontada de culpa em suas palavras. Um lembrete de como as coisas são quando ele não está por perto. Mas desta vez não há raiva nem ressentimento sobre o passado. Ele *voltou para mim*, mas foi embora quando soube que acabaria me machucando ainda mais.

Nossos olhares se encontram. O salão vibra ao nosso redor e, no entanto, quando ele se inclina para a frente e pressiona os lábios nos meus, esqueço de tudo. Os fragmentos de comentários que ouvi quando fui ao banheiro depois da cerimônia, palavras como *desgraça*, *idiota* e *lixo*, evaporam da minha mente. São apenas os lábios de Hayes nos meus e o conforto, o calor e a calma que eles trazem.

O beijo acaba, mas o mesmo acontece com a angústia que eu estava sentindo. Mais uma vez, Hayes me acalmou. E quando abro os olhos e olho para trás, congelo ao encontrar o olhar de Mitch.

Ele está parado do outro lado da sala de banquete, se é que se pode chamar assim. A recepção está sendo realizada em uma sala redonda, com metade do cômodo fechado como um corredor normal, enquanto o outro é um pátio coberto ao ar livre, com vista para o mar. Ele está de pé, onde a porção ao ar livre encontra a parte coberta, dando uma olhada na recepção antes do DJ anunciar os noivos.

A conexão faz com que perca o ar e as palavras. Não consigo desviar o olhar de Mitch. Seus olhos demonstram dor. Refletem raiva. Mas há algo mais ali... orgulho ferido ou *saudade*?

Rejeito o pensamento imediatamente. Odeio pensar muito em mim mesma acreditando que Mitch acabou de se casar com Sarah e está ali de pé, olhando sua recepção enquanto a fotógrafa tira fotos da sua noiva... e está desejando que fosse eu.

— Ele ainda te ama.

O murmúrio de Hayes me assusta, mas ainda não me mexo. Não quero processar o pensamento. Só quero fingir que também não vi.

Afasto o olhar de Mitch e olho para Hayes com um sorriso forçado no rosto. Meu estômago revira pensando em como seria horrível ser Sarah se ela visse aquela troca entre nós. Porque, ao vê-lo sentir a tristeza que eu deveria ter sentido durante o nosso rompimento, o carinho que ele sente por mim não é recíproco.

Não é como eu me sinto quando olho para Hayes. Meu sorriso é sempre genuíno e a emoção que sinto é real. Não é forçado.

— Não, ele não ama. — Algo cintila através dos olhos de Hayes. Descrença ou alívio – qualquer um faz com que meu corpo fique atento, e eu me pergunte por que estão ali. Mas antes que eu possa perguntar, o DJ liga o microfone para chamar a atenção de todos.

E enquanto os noivos são apresentados, enquanto os aplausos soam, a música reverbera pelos alto-falantes e Mitch e Sarah vão para a pista para a primeira dança, não posso deixar de me perguntar exatamente como me sinto.

O motivo da minha viagem chegou, e tudo o que eu vim provar não parece mais tão relevante. O jantar se desenrola, os eventos típicos de casamento acontecem e o tempo todo estou preocupada com o porquê dessa mudança de opinião. *Meu orgulho? Minha confeitaria*?

Tudo volta para Hayes. Ele é a razão de tudo isso — a resolução do meu passado. A validação de que Mitch não era a escolha certa para mim como marido. A onda avassaladora de emoções que ele me fez sentir com as mãos e palavras quando não percebi que poderia me sentir assim, para começar. E mais do que tudo, a percepção de que tudo bem querer mais em todos os aspectos da

vida.

Sinto que estou começando um novo capítulo agora. Algo diferente, onde tenho necessidades, desejos, sonhos e paixão. Embora eu queira compartilhar isso com alguém no futuro, também sei o que me faz feliz, e isso é tão importante quanto deixar seu parceiro feliz.



Vejo Mitch e Sarah se sentarem à mesa principal. *Ouço pessoas murmurando meu nome seguido da palavra vagabunda*. Ouço outros dois declarando amor um ao outro.

Tenho que me impedir de rir de seus termos amorosos. Os toques gentis de Hayes me dizem que ele também sente o mesmo. Não tinha muito tempo que Mitch estava professando esse mesmo amor por mim?

Ouço um murmúrio na mesa de trás sobre como eu sou interesseira. Como larguei Mitch e fui direto para Hayes só porque ele tinha mais fama e fortuna.

Como a refeição que havia escolhido para se adequar à preferência de Mitch a frutos do mar e ao meu gosto por carne.

Conversamos de forma educada com os membros da nossa mesa. Somos os desajustados que não se encaixam com nenhum dos outros convidados. E, ainda assim, as pessoas semicerram os olhos quando eu falo. Os lábios se apertam. Me julgam por causa dos rumores. E então, é claro, eles começam a sorrir quando Hayes volta sua atenção para eles.

Há um tilintar de garfos contra cristal para exigir beijos dos recém-casados.

Vejo sarcasmo, desdém e revirar de olhos quando rio em voz alta em uma das vezes que Hayes murmura algo em meu ouvido para me trazer de volta para ele. Para me acalmar. Porque, apesar de eu ter sido convidada, aos olhos deles, não posso me divertir.

E há tanta ironia nesse pensamento que chega a ser ridículo. Será que essas pessoas não percebem que se eu não tivesse ido embora, elas não estariam aqui celebrando a união feliz de Mitch e Sarah? Eu parti. Mitch seguiu em frente e está feliz. Sarah está feliz. Acho que estou sentindo falta de algo aqui. *Como o fato de que eles precisam seguir em frente também*.

Mas Hayes e eu estamos em um mundo próprio. Ele não conhece ninguém,

embora todos pareçam sentir que o conhecem e queiram dizer oi. Conheço muitas pessoas mas, no entanto, elas querem agir como se nunca tivessem me visto antes e, de repente, parecerem ocupadas sempre que olho para elas. Me sinto como uma marginal. Os fragmentos de comentários que ouvi me confundem: *vagabunda. Destruidora de lares. Faz sentido*. *Tudo faz sentido agora. Como ela ousa*? Mas eu os ignoro. Não tenho escolha a não ser ignorar. Eu sabia que as pessoas ficariam surpresas por eu estar aqui. Achei que haveria alguma animosidade — a pobretona que rejeitou Mitch e, por consequência, o status de vida da elite.

Escondo a dor que os comentários provocam em mim. Continuo a sorrir apesar do nó em minha garganta. Aceito os beijos em minha têmpora com apreço quando Hayes os oferece. Rio em voz alta quando ele diz algo engraçado na nossa mesa para deixar os que me julgam saber que não estou pior quando tudo o que realmente quero fazer é voltar para a *villa*.

E me pergunto por que eles vieram até aqui para desfrutar de um casamento e estão preocupados com a minha presença.

Entrei aqui esta noite esperando sarcasmo e, no entanto, o que eu não esperava era como tudo isso afetaria Hayes. Como ele se irrita toda vez que ouve um comentário da mesa dez quando há uma pausa na nossa conversa. Como posso sentir a tensão nos dedos dele na minha coxa quando vê duas mulheres com vestidos horríveis me encarando sem disfarçar antes de rir alto para que eu perceba que sou o tópico da discussão delas. O aperto da sua mandíbula ao ver as pessoas balançando as cabeças de um lado para o outro como se eu fosse uma visão triste.

E, apesar disso, sua formação é uma dádiva de Deus. Suas habilidades de atuação são perfeitamente cronometradas quando ele sorri de forma animada e acena um olá para as mulheres com os vestidos horríveis, deixando-as saber que ele as ouviu. Ou como ele recusa um autógrafo para a garota da mesa dez, porque hoje é o dia de Mitch e Sarah e estamos aqui para celebrá-lo.

Mas nos divertimos. Brincamos de “O que vem a seguir?”, onde eu tento adivinhar o que vai acontecer a seguir durante a recepção para ver o quanto eu me lembro dos planos que fiz para meu casamento.

E cada vez que estou certa, temos que tomar um gole das nossas bebidas. É o nosso jeito de relaxar. De tornar este evento algo diferente para nós dois.

Estamos rindo ao observar os garçons começarem a se preparar para o corte do bolo — o que eu previ que aconteceria a seguir — quando olho para longe de Hayes e encontro Sarah e Mitch nos encarando enquanto falam com os convidados da nossa mesa.

— Saylor. — A voz de Mitch soa baixa. Sério. Sarah se agita ao lado dele com

um sorriso estampado no rosto, sem saber como agir diante da ex-noiva do marido. E entendo como ela se sente, porque compartilho o desagrado.

Sei que milhões de olhos estão em nós agora. O salão inteiro espera por uma briga da ex-noiva, então faço exatamente o oposto.

Fico de pé.

— Olá, Mitch. — Estendo a mão para a minha substituta. — É um prazer te conhecer, Sarah. Você está absolutamente deslumbrante. O vestido é lindo. Muito obrigada por nos convidar.

O silêncio se estende por alguns momentos. Como se Sarah temesse o que segurar minha mão diria aos convidados. Mas as boas maneiras falam mais alto, e ela estende a mão e segura a minha. Seu aperto é suave. Tímido.

— Muito obrigada por ter vindo. É muito importante para mim você estar aqui.

— Ah. — Acho que faço um bom trabalho em esconder minha surpresa. Olho para Mitch, e enquanto seu sorriso está lá, o resto da sua expressão é a imagem perfeita de angústia e irritação.

— Sabe — ela fala, abaixando o tom de voz e se inclinando em minha direção —, vocês dois romperam de forma repentina. Sorte a minha que isso aconteceu, porque então ele me encontrou. Mas acho que há alguns problemas não resolvidos entre vocês que precisam ser tratados. E vocês precisam colocar um ponto final nisso no momento em que Mitch e eu deixarmos esta recepção. Ele vai te superar de uma vez por todas. Eu amo esse homem com todo o meu coração e, francamente, estou farta do seu fantasma nos seguindo.

Me esforço para responder. Meus olhos estão arregalados e minha cabeça mostra o quanto subestimei Sarah ao pensar que ela era covarde e complacente. Acho que é só seu poder de decisão. *Como quando se trata de planejar seu próprio casamento*.

Por alguma razão, tenho a sensação de que Sarah é tão manipuladora quanto *Ursula Descontrolada.*

— Ah. — Parece ser minha resposta direta enquanto pisco rapidamente e olho de Sarah para Mitch para vê-lo tão infeliz com essa situação quanto eu. Acho que não tenho como fugir disso. — Hum. — Remexo os pés, levanto o queixo, e me certifico de que meus ombros estão eretos. Quero que todos que estão observando saibam que não estou nem um pouco intimidada. — Não poderíamos ter feito isso em um outro momento? Não quero tirar...

— Eu tinha planejado fazer isso no jantar de ensaio. Havia uma razão pela qual você foi convidada, mas parece que você estava... — Ela limpa a garganta e encontra as palavras para continuar — *ocupada com outra coisa* na noite passada. — O sorriso dela está tenso e seus olhos se voltam para Hayes para

reforçar sua afirmação. E sei que a insinuação sobre o que estávamos fazendo para perder o jantar de ensaio é só um palpite de sorte da sua parte, mas tenho certeza de que coro um pouco com a suposta acusação.

— Hayes Whitley. Aquele que a ocupou de outra forma. — Hayes estende a mão para Sarah, e eu amo que ele a tenha colocado em seu lugar sem piscar sequer mudar o tom de voz. — adorável cerimônia foi linda. Grandes escolhas nos detalhes. Você deve ter tido um planejador de casamento incrível.

Tusso para cobrir minha risada com seu insulto formulado de forma educada.

O músculo na mandíbula de Mitch tensiona. Não tenho certeza se é por causa do que Hayes disse sobre me ocupar ou o fato de que ele acabou de desafiar sua esposa para ver se ela vai assumir o crédito pelo planejamento... *que ela não fez*.

Ela olha para Hayes. Olhos azul gelo pensando como encarar o comentário. Com sinceridade ou sarcasmo.

— Está quase na hora, senhoras e senhores. Ela vai ou não vai? Ele vai ou não vai? Sim. É um bolo formidável... está na hora de cortar o bolo do sr. e sra. Layton.

A sala irrompe em um falatório nervoso, quase como se não tivessem certeza de como a conversa entre nós quatro está indo. Quando a mãe dele começa a bater palmas, os outros convidados fazem o mesmo para encorajar Sarah e Mitch a seguirem para a mesa do bolo.

E para longe de mim.

O sorriso de Sarah é forçado. Seu olhar, inabalável.

— Por favor, fale com ele. Por mim — ela pede de um jeito calmo antes de enganchar o braço no de Mitch, abrir um sorriso genuíno, e se dirige para a mesa do bolo.

— Bem, o que você sabe? Parece que o Garoto do Golf se casou com a mãe dele — Hayes murmura baixinho. E desta vez, eu bufo em voz alta, porque ele acertou na mosca.

Antes que eu possa processar qualquer coisa que tenha acontecido nos últimos cinco minutos, Hayes entrelaça seus dedos nos meus de maneira casual e me puxa para sentar junto com ele.

— Não posso dizer que a culpo — ele murmura quando um dos membros da nossa mesa se levanta para pegar uma bebida e vai vê-los cortar o bolo.

— Por quê? — pergunto, embora eu já saiba o que ele quer dizer. Quero a mesma atenção exclusiva de meu cônjuge, mas não tenho certeza se iria até onde ela foi para conseguir isso.

— *Você é difícil de superar, Saylor Rodgers.*

O comentário de Hayes fica em constante repetição na minha cabeça muito depois de comermos o bolo. Estamos sentados educadamente em nossa mesa,

esperando o tempo adequado antes de sairmos da recepção. Se partirmos cedo demais, os convidados assumirão que nossa conversa com Mitch e Sarah me aborreceu. Então, estamos meio que presos, com os comentários se tornando um pouco menos duros quanto mais tempo o álcool flui.

— Vamos lá — Hayes estende a mão para mim —, se estamos presos nesta maldita festa, podemos nos divertir um pouco.

A princípio, me arrasto atrás dele enquanto ele me leva para a pista de dança, mas então percebo que ele está certo. Somos convidados que não fizeram nada de errado. Por que não nos divertir em vez de simplesmente observar de nossas mesas? Ganho mais confiança a cada passo. Pessoas viram as cabeças enquanto passamos, param as bebidas na metade do caminho até a boca ou cutucam uns aos outros com o cotovelo para tomar nota de tudo o que estamos fazendo.

Observem a noiva e o noivo, pessoal. Eles são muito mais interessantes. E a razão pela qual vocês estão aqui.

A música é lenta e clássica quando entramos na pista de dança quase vazia. Vacilo por um momento, sem saber como fazer outra coisa a não ser sacudir e balançar ou a dança lenta da época do ensino médio. Afinal, quantas vezes na sua vida adulta alguém realmente vai dançar para aprender de outra forma?

— Me siga — Hayes murmura quando me puxa para si e começa a se mover. No início, acho que ele está se mexendo de qualquer jeito, mas logo percebo que há um padrão definido em seus passos. Um ritmo e tempo definidos.

Quando me inclino para trás para olhar em seus olhos e questioná-lo, vejo o sorriso em seus lábios e meu coração se derrete. Bem ali, na pista de dança. Com meu ex-noivo e sua esposa de um lado da pista de dança e uma sala cheia de olhos críticos dirigidos a nós.

— Dylan Jax. No filme *Middleman's*. Tive que aprender para...

— Aquela cena em que você seduz a esposa do seu inimigo — termino por ele, me lembrando do filme claramente. Além do enredo complexo e da reviravolta chocante, houve algumas cenas bem sensuais que me fizeram repeti-las uma — ou centenas de vezes.

Seu sorriso brilha e os olhos cintilam de orgulho.

— Viu? Você assistiu meus filmes. Eu sabia.

Inclino a cabeça para trás e rio. É tão fácil estar com ele. Tão natural para me sentir à vontade.

— Só esse — eu minto.

— Sim. Aham. — Ele me gira antes que eu possa responder de qualquer outra maneira, a não ser rir. A música muda para uma mais atual. É sexy. Tipo um Blues. Me permite relaxar e não me preocupar em atrapalhar seus passos, cuidadosamente cronometrados. Em vez disso, apenas me movo com ele. Contra

ele.

Com ele, tudo parece muito fácil. Tudo isso. A maneira como ele ligou o charme na frente dos idiotas. Como ajudou a me sentir à vontade nessa situação embaraçosa. Como ele me faz rir e me sentir sexy e querida ao mesmo tempo.

Sentimentos antigos morrem profundamente.

Mas, de novo, não acho que o meu tenha morrido de verdade.

Nossos corpos se movem um contra o outro.

— Sabe o que eu continuo pensando?

Ele pergunta de forma tão casual que minha resposta é despreocupada.

— Humm?

— Acho que você precisa relaxar.

— É mesmo? Como você propõe que eu faça isso? — Minha voz é tímida. Meu corpo já está querendo o que a sugestão em seu tom implica.

Hayes se inclina contra a minha orelha.

— Preciso tirar você desse vestido.

— Mesmo?

— Humm-humm. Apesar de estar sexy pra caramba, acho que você parece estar um pouco dura. Formal. Desconfortável.

Ele me gira. Me puxa de volta para si. Nossos pés se movem mais uma vez.

— E como será que tirar este vestido vai me relaxar? — Sua perna se move entre as minhas e esfrega o ápice das minhas coxas. Uma sugestão do que está por vir.

— Porque assim vou poder sentir seu gosto, Saylor. Deslizar a língua por cima do seu clitóris. Acariciá-lo completamente. Te fazer implorar.

Minha risada? Está tensa. Desesperada.

— Eu não imploro. — Ele me gira mais uma vez. Pego um vislumbre do seu sorriso desafiador, e depois estou de volta contra ele.

— Ah, você vai implorar. — Ele pressiona um beijo carinhoso nos meus lábios. Meu interior fica gritando quando ele termina.

— Você parece muito seguro de si.

— É incrível as coisas que uma mulher diz quando um homem está tirando e colocando a língua dentro da sua vagina.

Minha boca fica seca. A abertura entre minhas pernas fica molhada. A promessa misteriosa de suas palavras seduz cada parte de mim. Ele me afasta de novo, me faz mais do que ciente da audiência cheia de olhos desaprovadores nos observando.

— É isso mesmo?

— Aham. — Ele ainda faz *esse* som parecer sedutor.

— O que exatamente as mulheres dizem?

— Ah, sim. *Me come*. Você dura mais tempo do que eu. *Mais forte*. É tão grande. *Você. É. Um deus*.

Não posso deixar de rir com sua voz sem fôlego enquanto diz as palavras. Sei que ele está zombando de si mesmo e adoro que ele tenha confiança suficiente em suas habilidades sexuais para isso.

— Mesmo?

— Definitivamente. — Ele ri. — Mas não é assim que um homem sabe que está fazendo certo. *Palavras não têm valor*. Ações provam tudo.

— Então, como ele sabe que está fazendo certo?

Ele me gira e depois me puxa de volta contra si. Nos poucos segundos separados, já estou pronta para o calor do seu corpo. Sua boca está perto da minha orelha, então o calor da sua respiração me provoca.

— Um homem sabe que está fazendo o trabalho direito quando uma mulher o empurra, pede que ele pare de lambê-la e implora por seu pênis.

Essa dor lenta e doce que ferve durante toda essa conversa — caramba, a quem estou enganando? Desde que ele saiu do quarto com uma aparência deliciosa em seu terno e gravata — acaba de ficar ainda mais forte.

— *Ah.*

Ele ri na minha orelha e sinto o estrondo contra o meu peito. Amo a sensação da sua perna se esfregando entre as minhas.

— Você ainda acha que não vai implorar, Saylor?

— Palavras não têm valor, Whitley. Ações provam tudo.



— *Hayes Whitley*? Sério, Say? Foi por causa dele que você me deixou? — A voz de Mitch atrás de mim, tão amarga, me assusta, e ainda assim, permaneço tão calma quanto posso.

Tantas respostas passam pela minha cabeça.

Casado depois de apenas oito meses?

Cópia carbono de Saylor-Sarah?

Ainda é um idiota, né?

Queria que aquilo fosse a verdade.

Escolho o melhor caminho. Sei, mesmo nos trinta segundos em que estive em sua presença, que tomei a decisão certa. Não sinto absolutamente nada por Mitch, e não posso acreditar que perdi seis anos da minha vida com ele.

Então, não respondo à sua pergunta, mas decido deixá-lo acreditar no que quiser sobre Hayes estar aqui comigo e como isso aconteceu. Não estou

mentindo, apenas não estou respondendo.

— Você sempre se ressentiu dele, não é? — murmuro baixinho, imaginando que seja o melhor plano de abordagem e mais do que consciente da súbita mudança da atenção para nós, apesar da música tocar alta. Penso nas poucas vezes em que Mitch via Hayes na televisão ou em uma capa de revista e fazia algumas observações maliciosas. Criticava. Por nenhuma outra razão que não fosse por Hayes ter sido meu primeiro namorado. A teoria do homem das cavernas no seu melhor e o ego frágil de Mitch no seu pior.

— Parece que eu tinha todo o direito de me ressentir dele, não é? Eu amo a Sarah. Amo mesmo. No entanto, toda hora ela resmunga sobre o seu fantasma e isso está me deixando louco, então estou aqui tentando fazer o que ela me pediu.

— Meu fantasma?

— Sim. Ela diz que você ainda está em todos os lugares, mesmo que não esteja.

— Isso é porque você seguiu em frente antes mesmo do cheiro do meu perfume deixar o quarto. — Há tensão na minha voz e não tento escondê-la.

— Foi você quem terminou.

— Sim. Terminei. — Não há um pingo de desculpas no meu tom. *Por que deveria haver, quando foi ele quem deixou claro que não se importava se eu fizesse isso? E já está casado.*

O silêncio sufoca o espaço entre nós. Tomo um gole de vinho e olho em direção à porta para ver se Hayes está voltando do banheiro. Me mexo na cadeira.

— Se você queria se livrar do meu fantasma, então talvez devesse ter feito um casamento próprio em vez do nosso. — Eu me viro para olhar para ele. Arqueio as sobrancelhas. — Um pouco de originalidade faria uma garota se sentir muito mais segura.

— É complicado. — Ele remexe os pés, olha para sua cerveja e depois volta para mim. — Você sabe como é a minha mãe.

— Sim, eu sei. — Ele não mudou. Nunca vai mudar. Talvez eu tenha achado que o término pudesse ajudá-lo a perceber que, embora ele possa amar sua mãe e querer satisfazê-la, ter uma esposa significa colocá-la em primeiro lugar, e não a mãe. — Me deixe dar uma opinião de alguém que, de fato, esteve no lugar da Sarah. Sua mãe não pode controlar seu casamento, Mitch. Você deu a ela um bom começo pensando que iria deixá-la orquestrar toda essa festa. O engraçado é que você estava tão ocupado sendo o Garoto do Golfe com seus amigos e sem se importar com os detalhes que eu estava planejando, que você não faz ideia de como o seu casamento hoje é idêntico ao que eu planejei. Para nós. Com certeza, você sabe que o local e os convites eram os mesmos, mas você notou todo o

resto? O esquema de cores, as toalhas, as flores? Tudo foi escolha minha. E Sarah aceitou isso de bom grado?

Suas feições mudam e passam de descrença para a raiva. E eu o conheço bem o suficiente para saber que apesar de estar muito chateado, ele nunca vai confrontar a mãe a respeito disso. Deus me livre se ele levantaria a voz para ela. Em vez disso, ele está prestes a jogar o peso da sua raiva em mim.

Acho que ele nunca ouviu o ditado: "Não mate o mensageiro".

— Você não pode opinar, Saylor. Não pode criticar, julgar ou dizer nada além de *obrigada por me convidar, Mitch*.

Idiota. Mordo a língua. Tomo a decisão consciente de não me envolver quando prefiro ficar de pé, gritar, acusar e colocar para fora toda a amargura que sinto por ele. Que todos saibam as reais razões pelas quais não estamos juntos.

— Por que você veio, Saylor? Por que apareceu? Para esfregar na minha cara o fato de estar namorando o grande astro de Hollywood?

Se eu não soubesse que isso o incomodava, o desdém em sua voz diria tudo.

— Não era eu quem deveria estar te perguntando isso, Mitch? Por que você me convidou? Eu sei que você disse que foi a Sarah quem fez, mas, lá no fundo, você queria que eu aparecesse aqui para ver exatamente o que eu poderia ter tido. Para esfregar na minha cara?

Não respondo sua pergunta, mas não me importo, porque é bom dizer o que penso em voz alta. Perguntas que quis fazer desde que abri o envelope com o convite.

Ele também não responde à minha. E estou bem com isso e com o silêncio constrangedor que se instala ao nosso redor enquanto descobrimos o nosso próximo passo no desmantelamento de uma cerca que nunca mais ficará em pé.

— Sempre foi ele, não é? — *Sim, era mesmo*. Não digo as palavras, apenas mantenho os olhos fixos nos meus dedos subindo e descendo pela haste da taça de vinho quando ele continua falando. — Era ele quem você queria, mesmo depois de ter te magoado e ido embora. Fui eu quem juntou os pedaços depois que seus pais morreram. Não ele. Mas o quê? O tempo todo em que estivemos juntos, você estava esperando por ele, não estava? Querendo ele. Pensando que eu poderia tomar o lugar dele. E então, obviamente, pelo jeito que vocês dois estão, ele voltou e a espera acabou. Me jogue fora. Pegue-o. Ele ganha...

Acho que nunca olhei para o nosso relacionamento desse jeito ou pensei em Hayes dessa forma. Meu subconsciente foi mais consumido pela dor e o peso do ressentimento que ele deixou para trás. E, além disso, no momento em que Mitch entrou em cena, fazia quase quatro anos que Hayes havia partido. Mas ouvir as palavras de Mitch me faz perceber que ele pode estar certo. Nunca pensei, nem em um milhão de anos, que eu estava fazendo qualquer uma dessas coisas.

— Foi o fantasma do Hayes que arruinou nosso relacionamento, Saylor. Assim como Sarah quer que eu te confronte para que seu fantasma não estrague meu casamento. Pensei que o que ela estava dizendo era besteira. Palhaçada de noiva nervosa. E no entanto, te ver aqui com ele... sei que ela está certa.

Ele acabou de admitir que ainda me ama?

Merda. Merda. Duas vezes merda.

Suspiro. Suas palavras de desdém, porém honestas, me atingiram perto demais. Aceno suavemente. Deixo-o saber que ouvi. Mas me recuso a concordar com ele, porque então sinto que ele vai ter o controle dessa situação e isso parece tão fora de controle quanto é.

— O que você precisa que eu faça para afastar os fantasmas, Mitch? — Tento parecer razoável. Tento dar o que ele precisa para que ele possa viver feliz para sempre com Sarah e ficar cem por cento fora da minha vida a partir de agora.

Ele limpa a garganta e me olha diretamente nos olhos.

— Preciso saber se alguma vez tivemos uma chance ou se estávamos condenados desde o início porque você estava apenas esperando que Hayes voltasse.

— Isso importa? — Dou de ombros, odiando o olhar em seus olhos. Aquele que me faz imaginar quão profundos seus sentimentos ainda são por mim quando deveriam ser cem por cento consumidos pela mulher com quem ele acabou de se casar. E sei que mesmo quando eu lhe contar a verdade, ele não vai acreditar.

— Sim.

— Nunca teve nada a ver com o Hayes, Mitch. Terminei porque, embora tenha te amado, não acho que poderia continuar a amá-lo com todo o ressentimento que sinto em relação a você. Você me amava, mas só aquilo que queria que *eu* fosse: sofisticada, dona de casa, sem confeitar, sem administrar nada, a menos que fosse apenas para te fazer feliz. Você não pode começar um casamento amando somente o resultado final de quem você deseja transformar seu parceiro. Se começa um casamento amando essa pessoa completamente por quem ela é e com o conhecimento de que você vai crescer, mudar e que mudarão juntos. Você nunca pensou em mim desse jeito. Você e sua mãe queriam que eu fosse outra pessoa para me adequar a vocês e aos padrões do seu círculo social. Ficou cada vez mais claro quanto mais nos aproximávamos de nos casar. Os comentários sutis sobre como meu trabalho não era adequado para o nome dos Layton. As dicas deixadas em cabides no meu armário na ordem de milhares de dólares em roupas para me mostrar como *você* queria que eu me vestisse. Os planos que você inventou e as birras que você armou quando soube que eu tinha um grande pedido para atender, e aí senti que estava te decepcionando. Então,

não, Mitch, o término não teve nada a ver com Hayes, e sim, tudo a ver comigo. Meus desejos de vida e tudo o que sou. Sim, eu te amei, Mitch, *no passado*. Mas acho que o amor se transformou em amargura e ressentimento.

Seus olhos estão arregalados, o corpo tão tenso que já posso ver que ele não concorda. Sei que está pronto para discutir comigo e acabei de terminar. Com ele e com este casamento.

— *Amou*? No passado?

Olho para ele e percebo que não está me ouvindo. Ele realmente não quer me ouvir. Eu não deveria estar surpresa, porque era assim mesmo quando estávamos juntos.

E sei o que preciso fazer. Sei que não é a verdade, mas preciso ser a pessoa malvada aqui. Magoá-lo agora para garantir que Sarah tenha a melhor chance em um casamento com esse homem emocionalmente definhado que ela ama.

— Sim. *Amei*. E deixei de te amar há muito tempo, Mitch. — Balanço a cabeça, retorço os lábios e meus dedos giram ao redor de uma mecha de cabelo. Tento atuar da melhor forma possível. Tento usar a chateação que sinto ao mentir para ele para ele para conduzir a emoção nas minhas próximas palavras. — Eu menti. Sinto muito. Hayes voltou alguns meses antes do nosso casamento. Encontrei acidentalmente com ele e o que eu sentia por ele, era muito diferente, muito mais poderoso do que o que eu sentia por você. E então... tentei superar isso. Tentei afastá-lo da minha cabeça e focar em você e no nosso casamento, mas não consegui. As coisas que você detestava em mim, ele amava. As coisas que você estava tentando mudar em mim, ele elogiava. E percebi que, mesmo que Hayes e eu nunca tivéssemos ficado juntos, eu não poderia me casar com alguém que não gostasse de várias coisas em mim.

Há mágoa em seus olhos. Orgulho ferido. E apesar de mentir para ele sobre o período de tempo, percebo que todo o resto é verdade.

— Então é tudo verdade — ele fala como uma declaração, como se não quisesse que eu respondesse. Sua voz está resignada. Descrente.

— O que é verdade?

Ele balança a cabeça e ri baixinho como se eu devesse saber sobre o que está falando.

— Deixe-me perguntar uma coisa. — Sua voz diminui de tom e os olhos semicerram. — O que vai acontecer quando você acordar uma manhã e o Hayes tiver ido embora? Porque *ele vai*, Saylor. Ele te deixou uma vez. Não é como se você não soubesse sobre ele e a namorada, certo? Como ele a traiu e foi embora. Então, o que te faz pensar que você é tão especial que vai fazer com que ele fique por aqui? Porque, me desculpe te dizer isso, mas você não é. Você não é nada em comparação à vida que ele vive. Ao tipo de coisa que ele, obviamente,

precisa, porque te deixou antes e, com certeza, o fará de novo. Ele pertence a Hollywood e você é só... você. Se você ficou arrasada antes, como acha que vai se sentir quando ele fizer isso agora, sabendo de tudo que você desistiu por ele?

Minha garganta queima pela emoção que suas palavras estão evocando. Elas se aprofundam na minha mente, onde eu tenho tentado fingir e ignorar a pergunta: *o que acontecerá no final deste fim de semana?*. Mas com Mitch na minha frente e suas palavras ecoando em meus ouvidos, não posso evitar o medo que elas me trazem, já que o fantasma da devastação anterior ainda é uma sombra no meu coração.

Ainda que eu possa me sentir insegura, sei que, com certeza, não quero que ele veja as emoções que estou tentando esconder.

— Me desculpe, preciso ir ao banheiro — eu digo enquanto me levanto e limpo a garganta. — Boa sorte para você e Sarah.

Caminho com confiança pelo salão.

Eu estava errada antes. Isso — *essa caminhada* — é meu melhor trabalho de atuação.



Porque é Saylor Rodgers.

Eu me lembro mais uma vez porque acabei de fingir ser o cara legal. Fiquei aqui de pé, com um sorriso colado no rosto, tirando foto atrás de foto para as mesmas pessoas que não tiveram nenhum problema em murmurar várias porcarias a noite toda sobre a mulher que eu amo.

Outra foto.

Amo?

O flash me cega momentaneamente. Sorrio um pouco mais.

Sério, Whitley? Amo?

Um aperto de mão.

Amo.

Agradeço um elogio. Dou outro autógrafo.

Sempre foi ela de alguma forma. Não é?

Mais uma foto. Dou outro abraço que não quero dar.

Sim. Amo.

Sorria, pelo amor de Saylor. Para fazê-los deixá-la em paz.

Amo. Humpf. Quem diria?

Abro um sorriso forçado. Peço desculpas e digo que preciso voltar para a minha acompanhante.

Agora, o que você vai fazer a respeito disso?

Fujo rapidamente de outro abraço de uma mulher cheirando a perfume forte e escapei de uma marca de batom na bochecha.

É claro que quando entro no salão principal da recepção, Saylor está longe de ser encontrada. Minha mente está se recuperando da descoberta e ainda não deveria estar. Como não percebi que ainda a amava no momento em que a vi na loja de cupcakes com manchas azuis de cobertura no cabelo e toda aquela

energia?

Ela não está no bar. Nem na mesa. Merda. Eu não deveria tê-la deixado sozinha. Não deveria ter assumido que ela estaria bem, apesar de me garantir que sim. Vejo um dos convidados da nossa mesa.

— Ei, sabe para onde a Saylor foi?

— Eu a vi do lado de fora há alguns minutos. Um pouco antes de começar a trovejar.

— Obrigado — murmuro e me dirijo àquela direção. O trovão ressoa no minuto em que saio para o pátio para procurá-la. Está escuro agora e o cheiro de chuva toma o ar.

— Você sabe que ela ainda me ama, não é? — A voz de Mitch sai das sombras atrás de mim.

Eu paro. Realmente sinto raiva ao ouvir suas palavras, mas rejeito a ideia imediatamente. Não há como ela o amar. E eu não havia me perguntado se ela ainda se sentia assim antes de vir até aqui? Meus pensamentos se voltam para outras ocasiões. Quando ela murmurou seu nome durante o sono na outra noite e no olhar em seu rosto quando o viu do outro lado da sala de recepção mais cedo. Será que li sua expressão de forma errada? O desgosto que pensei ter visto era outra coisa?

Que se foda ele e as mentiras que está tentando contar para me fazer duvidar dela.

— Você sempre foi um babaca, Layton. — Eu me viro e vejo o cigarro em uma mão e o copo de conhaque na outra.

É isso que um homem feliz e casado faz no seu próprio casamento? Bebe e fuma... sozinho?

Dou um passo em direção a ele enquanto me concentro em como interpretá-lo e não deixá-lo saber que ele me atingiu com sua declaração.

— Ela foi embora. Não conseguiu lidar com tudo.

Ele dá uma tragada no cigarro e, imediatamente, sei que ele disse ou fez algo para aborrecê-la. Quero encontrá-la, me certificar de que está bem, mas sei que ela é dura. Além disso, há algo que quis fazer desde que Ryder me disse, há mais de seis anos, que Saylor estava saindo com ele: deixá-lo saber o que eu penso a seu respeito.

— É estressante estar na mesma sala com a única mulher que você deveria amar, mas não consegue e aquela que você ainda ama, mas que não sente nada por você? É por isso que está fumando? Está um pouco nervoso, Mitchy?

Apoio o quadril no corrimão ao meu lado, me recusando a recuar quando ele se aproxima. Ninguém me intimidou no ensino médio, e essa merda me mostra que ele também não.

— Vá se foder. — Sua voz é baixa. Irritada. Cheia de despeito.

— Não, obrigado. Ouvi dizer que você é egoísta. — Franzo os lábios e arqueio as sobrancelhas.

— Aposto que é só isso que ela é para você também.

Não vou cair nessa, embora eu adoraria me aproximar dele, e dar um soco bem dado. Colocar o idiota em seu lugar.

— Você não gostaria de saber, Layton? — Minha voz é distante e a risada, condescendente. Meus olhos refletem suas próprias palavras.

O lampejo de dor em seus olhos é breve, mas óbvio e me diz o que já sei. *Ele ainda a ama*. Há uma pontada rápida no meu estômago quando sinto o ciúme, porque ele não merece o privilégio de amá-la.

— Você não vai ficar. Vai partir o coração dela de novo, exatamente como fez com aquela *como é mesmo o nome dela?*

Como é mesmo o nome dela? O comentário de Saylor da outra noite surge na minha cabeça. A verdade que eu a deixei acreditar na história sobre Jenna e os rumores que estão longe de ser verdade. Como ela acreditou em mim o suficiente para deixar passar, embora eu nunca tenha respondido. E tenho certeza de que parte disso é devido ao fato de que tem sido fácil deixar o mundo exterior lá fora enquanto estamos aqui.

— Acho que você esquece que não pode mais opinar sobre o que a Saylor faz ou não. O que nós fazemos como casal ou não... isso não é mais da sua conta. Você perdeu a oportunidade no momento em que a deixou ir embora sem lutar por ela. Com certeza, você não pôde satisfazer sua noiva, esperamos que você possa satisfazer sua esposa. Mas pelo que parece, você passa mais tempo se preocupando com sua ex do que com sua esposa na noite de núpcias. Seu futuro não parece muito promissor.

E com isso, fecho as mãos e paro de perder tempo com alguém que não merece.

Preciso encontrar Saylor. É urgente. E odeio o fato de que o primeiro comentário de Mitch esteja na minha cabeça. Odeio que, para um homem que está sempre seguro de tudo, de repente, eu me sinta inseguro quando se trata de dela. E a insegurança mata tudo o que é belo.

E Saylor é a minha beleza.

Uso o que sei para acalmar o mal-estar por ela ter fugido da recepção. Me lembro de que, nos últimos dias, provei seu beijo, senti seu corpo reagir e vi a profundidade não dita em seus olhos refletindo como ela se sente em relação a mim.

Não há como ela ainda amar o Mitch.

Saio correndo da área da recepção, odiando a pergunta que preciso fazer, mas

sabendo que preciso fazê-la. Assim como ela precisa me perguntar sobre o que aconteceu entre Jenna e eu, e preciso contar a ela. Esclarecer as coisas para que possamos avançar com nossos passados expostos.

Ando pelo terreno em pânico. Tento descobrir para onde ela pode ter ido e por que não voltou. O trovão ressoa no céu, dando um aviso sinistro do que está por vir.

A *villa*. Tem que ser a aposta segura, mas quando sigo por uma clareira que dá acesso ao mar, ela está lá. Suas mãos estão apoiadas em um corrimão enquanto seu vestido flutua em volta das pernas com o vento.

E, juro por Deus que meu peito se contrai. Gostaria de pensar que é por causa da minha revelação anterior — que a amo e a amei por todos esses anos —, mas vê-la aumenta essa percepção. Confirma esse sentimento para, em seguida, desfazer o nó que guardei por tanto tempo. Mas meu outro lado se pergunta se essa pontada no peito é de medo. E se ela estiver aqui porque conversou com Mitch e percebeu que seis anos é muito tempo para se jogar fora? E mesmo que ele esteja casado, talvez ela ainda o ame como ele a ama.

Isso é besteira. Eu a conheço há mais tempo. Eu a amei por mais tempo. Eu a tratei melhor.

Mas você foi embora, Whitley. Você não lutou por ela também.

Relâmpagos piscam na costa.

— Você ainda o ama, não é? — Não quero que essas sejam as primeiras palavras a saírem da minha boca, mas tenho que perguntar. Tenho que ouvi-la dizer para me livrar da incerteza.

A mesma incerteza com a qual a fiz conviver durante muito tempo sobre se voltaria ou não para ela. Porque não liguei. Não atendi. Fiz com que ela se perguntasse se eu me importava.

Ela se assusta com a minha pergunta antes de se virar lentamente e me enfrentar, a expressão escondida na escuridão.

Mas você foi embora.

— O quê? — Sua voz soa surpresa. Ou irritada? O trovão irrompe ao nosso redor.

— Você ainda o ama, Saylor?

A primeira gota de chuva cai na minha bochecha.

Você foi embora.

— Não. Eu não o amo, Hayes.

Não enrole o cabelo, Saylor. Não me mostre que você está mentindo. Olho para as mãos dela. Espero que elas se movam. Que a denunciem.

A chuva ecoa ao nosso redor. Pinga nas plantas. Nas calçadas. Na areia.

É sutil, mas está lá.

Está levando a sujeira.

Suas mãos não se movem.

— Não mesmo?

Está esclarecendo o passado.

Ela ri. Balança a cabeça.

— Você está sendo ridículo, sabia? — Há uma centelha de mal humor. Um lampejo de descrença.

Está limpando. Um novo começo.

— Então o que é isso, Saylor? — Dou um passo em direção a ela, preciso saber o que está acontecendo. — Por que você está tão chateada?

O trovão faz o ar vibrar. Eletrifica tudo.

Nossos olhos se prendem. Meus lábios se abrem e se fecham para incentivá-la a responder, mas fico em silêncio. Dou mais um passo e coloco a mão em sua bochecha. Sinto a chuva em sua pele, sinto o cheiro dela ao nosso redor.

— Porque eu não quero que isso acabe.

— O quê?

Trovões e relâmpagos espocam no céu, um atrás do outro. Uma descrição perfeita do que sinto enquanto espero. De como ela me faz sentir por dentro.

— *Isso*. — Calma. Segura de si. Cílios tremulando com gotas de chuva enquanto olha para cima e encontra meus olhos.

E eu sou um otário. O raio e o trovão colidem.

— Isso?

Meu polegar roça seus lábios enquanto a chuva cai mais forte.

— Você. Eu. Este fim de semana. — Cada palavra é lenta. Intencional. Com medo de que eu discorde. Ela se afasta de mim, anda alguns passos enquanto balança a cabeça e se vira para me encarar.

— Saylor — O trovão ruge ao mesmo tempo em que eu falo e abafa minha voz.

— Droga. Eu te amo. — Cada emoção dentro de mim: esperança, amor, medo, aceitação, humildade, necessidade, desejo, surgem e crescem com suas palavras. Ela levanta os braços, o vestido encharcado e grudado em seu corpo. — Sempre te amei, Hayes Whitley. Desde que eu tinha dez anos, com joelhos ralados e usava suspensórios. E quando eu tinha quatorze anos, sentada na casa da árvore, com ciúme de todas as meninas do ensino médio se gabando das suas habilidades de beijar. Então nos beijamos, e eu as odiei por todas já saberem disso, menos você, você nunca fez nada de errado aos meus olhos. E mesmo depois que você foi embora... eu ainda te amei. — Sua voz falha. A emoção em seu tom é pura e real, atingindo cada parte de mim que ela não havia tocado, quando eu tinha certeza de que já havia possuído todos os cantos ao longo da

nossa vida.

Estou de pé diante dela, atordoado. A chuva está nos cobrindo por completo e há entre nós uma conexão ainda mais forte do que já senti antes. Começo a falar, mas ela balança a cabeça e levanta a mão, pedindo para eu parar.

Raios brilham sobre a água e iluminam a ferocidade em seus olhos.

— Não. Tenho que terminar. Preciso dizer tudo o que quero dizer. O Mitch disse que você era o fantasma entre nós. A razão pela qual não demos certo. Que estava sempre lá. Disse a ele que era besteira. Que ele estava mentindo. Mas sabe de uma coisa? Ele tem razão. Você sempre esteve lá, Hayes. Nos meus sonhos. Na minha cabeça. Nas minhas esperanças. Tatuado de forma permanente no meu coração.



Hayes me olha com o músculo da mandíbula pulsando, sua única demonstração de emoção. Sua cabeça se inclina um pouco como, se ele estivesse tentando se certificar que o que estou dizendo e o que ele acha que estou dizendo são a mesma coisa. Vejo alívio. Esperança. Desejo. Amor. Seu cabelo está grudado na cabeça, a camisa encharcada e olhos procurando algo quando ele se aproxima de mim. Nunca o achei mais bonito.

Ele coloca uma mão na lateral do meu rosto e reacende nossa conexão.

— Saylor. — É apenas uma palavra dita naquele timbre profundo e, ainda assim, é cheia de emoção.

Vim até aqui porque precisava de uma pausa. As palavras de Mitch chegaram muito perto de atingir os medos que eu tinha e as dúvidas que ainda estavam surgindo lá dentro. Então Hayes chegou e seu rosto parecia um reflexo do tumulto que eu estava sentindo. Como exatamente o que ele é para mim: a tempestade que pode me derrubar.

Agora é a minha chance de colocar todas as cartas na mesa, porque se eu não o fizer e ele for embora, sempre vou questionar e me perguntar se lutei o suficiente para fazê-lo ficar.

— Eu te amei, Hayes. Naquela época. Agora. Sempre amei. Estou com medo do que vai acontecer quando sairmos daqui. Que quando pegarmos nossos voos separados, para nossos mundos separados, nunca mais vou te ver.

Ele não responde com palavras. Seu corpo está muito tenso. A emoção é demais. E então ele reage da única maneira que acho que pode expressar como está se sentindo, para mostrar como a minha confissão o faz sentir. Seus lábios estão nos meus com tanta rapidez quanto os relâmpagos acima de nós.

É um beijo contundente. Duro. Rápido. Desesperado. Violento de desejo.

E eu não hesito. Me entrego completamente. Com lábios, mãos e coração.

Estamos encharcados, uma tempestade se assola ao nosso redor e, no entanto, finalmente encontramos paz em nossa própria tempestade.

— Deus, sim, Marinheira. — Ele ofega meu apelido antes de voltar a me beijar e pegar o que quer de mim. O que estou dando a ele. Meu corpo, porque já entreguei todo o resto antes, sem nem perceber.

Nos movemos em desespero. Fome e resolução alimentando nossas ações. Nossos desejos. Nossa necessidade de expressar o fim da turbulência que nos manteve no ar nos últimos dez anos.

Nem pensamos onde estamos. Na chuva, encharcados ou no vento açoitando ao nosso redor. Porque tudo o que vemos é um ao outro. Tudo o que sentimos é agora. E com sua boca consumindo a minha — me mostrando como ele se sente, sugando tudo de dentro de mim antes de me afogar em sua intensidade —, não quero me afastar para pegar ar.

Mas o estalo do relâmpago nos choca. Olhamos um para o outro: peito arfando, olhos famintos, sorrisos tímidos, mas repletos de desejo, nossa libido implorando por mais.

— Precisamos entrar. — Sua voz está tensa. Sua postura diz perfeitamente que ele está se segurando por um fio. Os primeiros botões da sua camisa estão abertos. Sua ereção está forçando a calça.

— Sim — concordo, mas me viro para ele em vez de ir para a *villa*. Fecho as mãos em sua camisa encharcada e me inclino para beijá-lo novamente. Desta vez é lento, sedutor, provocante. Não consigo ouvir o gemido no fundo da sua garganta, mas posso senti-lo vibrar contra minhas mãos e lábios. E isso só me faz desejar que ele repita o gesto.

Suas mãos deslizam pelos meus quadris e seguram minha bunda enquanto as minhas se movem sobre seus ombros e enlaçam seu pescoço. E, quase como uma sugestão, ele me levanta e eu envolvo as pernas em sua cintura. Sem dizer nada, ele começa a andar enquanto continuamos esse beijo longo e demorado. Aproveito a minha posição, a forma como nossos corpos se encaixam perfeitamente e deixo beijos em sua mandíbula lisa.

As sensações me inundam. O gosto de sal e chuva na minha língua. O cheiro do seu perfume em meu nariz. Seu suspiro tenso no meu ouvido. Suas mãos apertando mais o meu traseiro enquanto aperto ainda mais as pernas ao redor dele. Dessa forma, a cada passo que ele dá em direção à *villa*, sua ereção se esfrega com mais firmeza onde eu quero.

Parece levar uma eternidade para chegar até a porta e quando conseguimos, Hayes enfia a mão no bolso a procura da chave do quarto.

Meu corpo vibra com a antecipação e o desejo ardente que queima dentro de mim enquanto espero. Mas não há chave, nem a porta destrancada, apenas um

murmúrio:

— Não posso esperar mais. — Antes de caminhar até o caminho particular que aos fundos da *villa*.

Meus olhos estão fechados e meus lábios pressionam a base do pescoço dele. Sinto-o subir alguns degraus, abrir a porta da varanda com folhagem espessa em ambos os lados, e então ele se inclina e me deita na *chaise longue* dupla.

E no minuto em que ele está livre do meu peso, o controle é quebrado.

Se foi.

Hayes me agarra pelos tornozelos e me puxa na cadeira para que meu vestido se enrole embaixo de mim, minhas pernas caiam no final, e meu torso não esteja mais em um declive. Solto uma risada, amando esse lado dele. *Quero você e tenho que te ter.*

E antes que eu possa olhar para cima até encontrar seus olhos, ele se inclina e lambe a fina renda da minha calcinha. Gemo com a sensação silenciada, desesperada para que ele faça isso de novo. Ele move as mãos para as minhas pernas, as afasta e então começa. Sua língua me separa através do tecido, lambe a abertura do meu sexo e depois volta para acariciar meu clitóris.

Minha cabeça recua. Minhas mãos puxam seu cabelo. Um gemido sai dos meus lábios. E empurro meus quadris para cima, lhe dando acesso, porque a textura da renda, combinada com o calor úmido da sua língua evoca um tipo diferente de fricção que torna quase impossível de raciocinar.

— Você tem um cheiro tão gostoso — ele diz. — Tão bom — murmura contra mim, o calor da sua respiração é uma sugestão do que ele está me escondendo. Meu corpo inteiro dói, queima com seu elogio e suas palavras mais cedo na pista de dança.

— Hayes. — Seguro seu cabelo dele com mais força e tento puxar sua cabeça para cima, para dizer a ele que eu não me importo com preliminares, porque a nossa sessão de amassos na chuva foi mais que suficiente para mim. Isso e o fato de que eu abri meu coração para ele, e ele entrou em mim ao invés de se afastar.

Eu o quero desesperadamente.

Preciso dele.

Em mim.

Agora mesmo.

Sem querer desistir do controle, ele se livra do meu aperto e na ação esfrega a ponta do nariz no meu clitóris. Gemo quando meu corpo se inflama.

— Ainda não, Saylor. Não se preocupe. Vou te comer, muito bem e intensamente. Prometo que vou ganhar todos os gemidos que você solta. Mas não até eu lamber cada centímetro entre suas pernas. Te experimentar. Te sentir. Te possuir. — Sua risada é baixa e reverbera no espaço. Seu sorriso é cheio de

promessas sexuais, e eu me contorço sob o toque do seu dedo, onde ele está subindo e descendo lentamente a linha do meu sexo por cima do tecido. Apenas o suficiente para me deixar afundar nas sensações antes de fazer uma pausa, esperar que meus músculos relaxem, que meus nervos superestimulados se acalmem, e então comece o processo novamente. — Mas como as palavras não têm valor, acho que é hora de provar isso com ações. Segure firme, Marinheira. Não vou voltar atrás.

Meu sorriso é substituído por um gemido. Minha declaração de que eu não imploraria cai no esquecimento. Minha capacidade de formar pensamentos coerentes se apagou quando, no intervalo de tempo, Hayes prendeu minha calcinha de lado com uma mão e me separou com os dedos da outra. Além disso, há a sua boca. A habilidade da sua língua enquanto ele a passa sobre meu clitóris e me deixa frenética. Contorço os quadris, fecho as mãos e mordisco o lábio inferior. Quando meu corpo começa a forçasse excitar demais e sei que vou alcançar o ponto sem retorno, ele relaxa e desliza a língua até a minha umidade. Mergulha em mim. Provando. Provocando. Me incitando a implorar.

Estou tão impressionada com o ataque de sensações — a tempestade caindo ao nosso redor e a necessidade em mim — não acho que poderia formar palavras nem se eu tentasse.

E entre seus dedos e língua, o desejo dentro de mim cresce. Minhas mãos apertam com mais força, meus suspiros se tornam mais intensos e minha resolução de não implorar desaparece quando o orgasmo me rasga.

— Hayes. Hayes. Sim. Não. Ah, caramba. Pare. — Mas ao contrário das minhas palavras, seguro sua cabeça entre minhas coxas e me perco no suave deslizar da sua língua enquanto ele me deixa escapar da ferocidade do clímax que recebe.

Ouço sua risada. Sinta sua vibração contra meus nervos hipersensíveis e me contorço para me afastar dele. Mas suas mãos nas minhas coxas permanecem firmes quando ele levanta o rosto para que eu possa ver o sorriso em seus lábios.

— Gostaria de me vangloriar do fato que você acabou de implorar.

Ele volta a ficar de joelhos com minhas pernas emoldurando seu corpo. Sua voz rouca do desejo que reflete em seus olhos.

— E eu vou, Saylor.

Ele abre a camisa, fazendo com que os botões pulem no deque. Admiro a visão de seus bíceps firmes e seu abdômen delicioso enquanto ele tira o tecido encharcado de cima dele.

— Ah, eu vou me gabar.

Suas mãos abrem o cinto, seguido pelo som de um zíper. Então o movimento inconfundível da mão deslizando sobre seu pênis.

— Mas transar com você é mais importante.

Umedeço os lábios em antecipação. Seus olhos escurecem em êxtase quando ele esfrega a cabeça do pau para cima e para baixo no meu sexo inchado. Meu gemido é reflexivo. Minha necessidade, inflexível.

O vento açoita ao nosso redor, mas ele para na tentativa de atrair meus olhos para os dele. E quando nossos olhares se conectam, ele entra em mim de forma lenta. Tensiono ao seu redor, meu corpo e cabeça oprimidos pelo prazer que seu pênis consome dentro de mim.

O gemido que ele emite quando está completamente dentro é incrivelmente sexy. Tudo nele é. A maneira como sua cabeça se inclina para trás, como seus lábios se separam e como seus dedos ficam tensos em minhas coxas.

E então ele se move. Primeiro desliza para fora e, depois, força para dentro, e isso faz com que aquela doce e dolorosa ardência se espalhe como fogo para todas as partes. Sei que ele está tão consumido quanto eu. Perdido no momento. No sentimento de estarmos conectados. Em cada sensação entre nós.

Hayes define um ritmo contundente desde o início. Não há desculpas em seus movimentos. Ele não diz nada além do meu nome.

O tempo ocorre em relâmpagos. Instantâneos do tempo em que seu corpo se ilumina em meio à escuridão ao nosso redor.

Seus ombros estão tensos. As mãos, firmes. Os quadris empurram. Sua boca está apertada. Os olhos estão focados em nossa união.

É erótico vê-lo. Sexy. Empoderador.

— Sim. Caramba, sim, Say. Me diga sim — ele geme enquanto seus quadris balançam violentamente contra mim. Estou paralisada, assistindo o orgasmo consumi-lo. A expressão em seu rosto e a maneira ofegante com que ele diz meu nome ficarão gravadas para sempre na minha memória.

Me diga sim.

Mas sim para quê? Para ele? Para sermos um casal? Para termos um futuro juntos?

E tudo que consigo pensar enquanto ele sai de mim e me pega em seus braços é que espero que seja isso.

Porque depois de tudo o que aconteceu entre nós, como eu poderia dizer qualquer coisa além de sim? Neste curto espaço de tempo, ele me fez sentir validada, adorada, aceita e *amada*.

Tudo o que Mitch não fez. Não conseguiu. Emocionalmente, estou exausta. *Eufórica. Renascida*.

Foram tantas revelações neste dia. Tantas emoções mistas. Tantas verdades compartilhadas.

Mas isso? Hayes me pedindo, não, me implorando para que eu diga sim?

Estou impressionada.

Possuída.

Sou dele.

Talvez ele esteja certo. Palavras podem não valer nada, mas ele, com certeza, provou isso com ações.

Então dou a ele a única resposta que tenho quando se trata dele.

— Sim.



A tempestade passou.

É meu primeiro pensamento quando abro os olhos e sinto o sol aquecendo minha pele através das cortinas abertas. Nos esquecemos de fechá-las ontem à noite quando, finalmente, desmoronamos na cama depois de um lanche no meio da noite. E mais uma rodada de sexo incrível.

O Capitão realmente sabe como levar essa Marinheira para o êxtase.

Engulo o riso com meu pensamento ridiculamente extravagante e me aconchego mais ao calor do corpo de Hayes atrás de mim. Me divirto com o peso do seu braço sobre meu quadril, a possessividade da sua mão repousando sobre meu abdômen e a inconfundível pressão matinal contra meu traseiro. Tudo nele parece meu paraíso perfeito.

E então me lembro do que a manhã traz: nosso último dia. Suspiro e fecho os olhos, tentando guardar esse sentimento, e o aprecio apesar do medo repentino das sombras pelas poucas horas que temos juntos.

Repasso a noite anterior na cabeça: Mitch e Sarah têm um pensamento fugaz. Seu estranho relacionamento e a necessidade bizarra de me confrontar justamente no casamento deles. Então, penso em Hayes. Como ele me fez rir e me deixou à vontade, apesar da observação constante e da maldade dos convidados à nossa volta. Em seguida, a *dança*. Suspiro. A dança onde ele me acendeu apenas o suficiente, me fazendo deseja-lo, mas incapaz de tê-lo. Às minhas confissões na tempestade e seus beijos longos, lentos e úmidos que poderiam durar a noite toda sem que eu reclamasse.

Bem, é mentira. Porque o que aconteceu depois foi inacreditável.

Então, por que só eu falei? Desnudei toda a minha alma? Ele disse que palavras não tem valor e que ações provam tudo, mas não posso deixar de me perguntar se entrar e me beijar era sua forma de não ter que descobrir seus

próprios sentimentos. Pensar nisso desencadeia um flash de pânico em mim. Eu o afasto junto com a ideia repentina e desagradável de que talvez ele não sinta o mesmo que eu. *Eu disse a ele que o amo, que sempre o amei.*

Não faça isso, Saylor. Ele mostrou como se sentia a noite toda. Com ternura, reverência e paixão. Mantenho esse pensamento junto com a lembrança de que ele nunca foi muito expressivo sobre seus sentimentos.

Envolta em sua segurança e calor, percebo que preciso aceitar o que ele foi capaz de me dar da maneira que foi capaz de me mostrar.

O tempo passa. Absorvo os segundos. Me perco na emoção. Na aceitação. Na esperança por algo mais, algo melhor do que poderíamos imaginar e, intencionalmente, tento ignorar as particularidades de como isso poderia acontecer.

Sei o minuto exato em que ele acorda. Posso sentir a tensão fugaz de seus músculos e a interrupção da sua respiração uniforme. E ainda assim ele não fala. nada

Assim, ficamos no silêncio da manhã, a tempestade se foi e a chuva lavou a sujeira do passado. A brisa sopra do oceano e nossos corações tentam se estabelecer em novos lugares. Um pouco mais cheio. E, com esperança, mais inteiros.

— Eu poderia comprar uma casa em algum local entre as cidades, sabia?

Preciso de todo o meu esforço para não me virar e olhar, boquiaberta, para ele, porque estou chocada com suas palavras. Surpresa que seu pensamento esteja tão distante quando o meu estava só no medo de esperar por algo mais do que o nosso último dia.

Respiro lenta e firmemente, na tentativa de acalmar a esperança que apenas borbulhava antes de responder.

— Eu não poderia te pedir para fazer isso — digo, o tempo todo pensando *SIM. Por favor*. Qualquer coisa para cobrir nossas apostas contra as estatísticas de quantos relacionamentos a longa distância realmente duram. — Você me disse que há alguns dias em que você fica no set por muitas horas. Eu não poderia pedir que você trabalhasse tanto tempo e depois dirigisse por mais de uma hora, porque, vamos encarar, o trânsito de L.A. é horrível, então nós dois sabemos que a viagem para casa seria bem mais longa do que isso.

— Mas eu o faria, Saylor.

E sei que ele não disse que me amava de volta, mas esse comentário diz o mesmo.

— Sei que sim.

— Seria um compromisso para nós dois. Isso nos permitiria continuar fazendo o que amamos, e ainda fazer as coisas darem certo entre *nós*. Sei que você ama a

Sweet Cheeks, mas isso permitiria que você tivesse uma distância e uma vida separada do trabalho... ou tão separada quanto você permitir. — Ele ri contra a parte de trás da minha cabeça. O calor da sua respiração faz com que arrepios percorram meu couro cabeludo. — E, para mim, isso me permitiria ter um lugar para onde eu pudesse escapar do brilho de Hollywood e suas besteiras intermináveis. Me daria a chance de viver uma vida normal.

— Você ama as luzes brilhantes e cintilantes — provoco.

— Só se você estiver usando o brilho.

— Que encantador, sr. Whitley.

Ficamos em silêncio e só ouvimos o som das nossas respirações enquanto nos perdemos em nossos pensamentos. Pensando na possibilidade. Penso no aeroporto e me pergunto como vamos nos afastar quando nos encontramos novamente. É como se alguém lhe emprestasse uma jaqueta quente no momento em que você está congelando e quando você a veste e acredita que o calor dela é real, a pessoa volta e a arrebata.

— Nós vamos dar um jeito, Marinheira — ele murmura, sabendo, de alguma forma, a direção dos meus pensamentos. — Não é como se fosse um novo relacionamento ou algo assim. Quero dizer, você esqueceu que eu costumava conhecer tudo sobre você.

— Que seja. — Reviro os olhos e rio, mas dou boas-vindas aos braços dele me puxando com mais força contra seu corpo e como os dedos dele se entrelaçam automaticamente aos meus. Apesar do humor em seu comentário, a preocupação retorna. Porque estando nos braços dele é uma coisa, mas ficarmos separados é uma situação completamente diferente.

— Fale comigo. Me diga o que está acontecendo nessa sua cabeça linda, complicada, teimosa e criativa.

— Só estou pensando no que vai acontecer daqui para frente — sussurro.

— Bem, vamos ver. Tenho uma reunião para um teste em Nova York depois de amanhã. É para o filme daquela cena que estávamos ensaiando. O diretor geral e o de elenco saberão, a partir desse encontro, se eles acham que posso ou não ficar com o papel. Até agora, eles não estão totalmente convencidos de que posso fazer isso, porque é muito diferente dos papéis que costumo pegar. Mas, para mim, esse é o ponto principal. Então é isso que vou fazer em seguida. Vou até lá, arraso no teste e saio com o papel. E você? Vai voltar para casa e ver se os negócios vão melhorar agora que o casamento acabou. E se não melhorarem, então vamos debater outras formas de atrair clientes. A confeitaria é seu sonho, então faremos o que for preciso para que ela dê certo.

O uso contínuo da palavra *nós* me abala. Faz as lágrimas se formarem em meus olhos e a esperança criar asas e voar.

— O quê? — ele continua quando eu não respondo. Não consigo responder, já que estou muito impressionada com a emoção que suas palavras evocam. — Você não acha que um anúncio impresso em cores, comigo nu, segurando uma bandeja dos seus cupcakes na frente do meu pau não vai ajudar a chamar atenção e trazer vendas para a loja?

Não posso deixar de rir enquanto a imagem surge na minha cabeça.

— Só se eu conseguir colocar marcas de mão com farinha em lugares estratégicos em seu corpo para dar um efeito.

— Você sempre esteve disposta a trazer as pessoas para sua equipe.

— É um trabalho *duro*, mas alguém tem que fazer isso.

— Humm. Não sou contra. Suas mãos em mim são sempre bem-vindas.

Balanço a bunda contra ele, sentindo seu pau endurecido acordando todas as minhas partes que ainda estavam dormindo.

— Hum-humm — murmuro, pensando em como é possível que eu ainda o queira depois de todo o sexo que tivemos na noite passada.

— Então, viu? Vamos dar um jeito. Vamos conversar e trocar mensagens todos os dias. Seremos honestos um com o outro quando algo não estiver dando certo, porque sabemos muito bem que a alternativa, não estarmos juntos, não é uma opção. E vamos dormir em lugares diferente todo fim de semana até descobrirmos algo permanente que funcione para nós.

— Como você faz tudo soar tão fácil?

— Fácil? *Não mesmo,* Saylor. Você não é a única que está nas nuvens agora, sentindo como se alguém tivesse te conquistado pela primeira vez em dez anos. Então não pense que só porque eu sou o cara aqui, que vai ser fácil deixar você embarcar naquele avião. Você me conhece. Não sou bom com palavras. Dizendo ou fazendo sentido com elas. Nunca fui. Então, por favor, acredite em mim quando digo isso. Fui eu quem foi embora antes, Saylor. Eu que fodi com tudo e afastei de nós dois esse sentimento nos últimos dez anos. Fácil? Não, muito difícil. Mas considerando a alternativa – não ter você na minha vida – com certeza, vale a pena.

Meu coração se esforça para bater, já que está tão sobrecarregado de amor por ele. Me mexo para me virar, precisando encará-lo.

— Não. Não se vire. — Hayes me mantém presa em seus braços.

— Por quê?

— Hálito matinal.

— Está falando sério? — Ele é esse tipo de cara. Muda de confissões sinceras e despreocupadas para pensar em hálito matinal.

— Seríssimo. Preciso muito escovar os dentes, mas está tão bom ter você assim, em cima de mim, que não estou disposto a me mexer ainda.

— Como se você tivesse que se preocupar com hálito matinal — eu zombo.

— O que isso deveria significar?

— Ok, sr. Sou um Deus de Hollywood. O homem que poderia ter mal hálito vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana e ainda assim conquistar todas as mulheres. Tudo o que você teria que fazer é ficar ali, sem camisa na frente de uma mulher e ela desmaiaria. E não por causa do seu hálito matinal.

— Você é ridícula. — Começo a me afastar dos seus dedos, que fazem cócegas em minhas costelas.

— Não, sou, não. Você nunca sofreu de falta de confiança em toda a sua vida.

Seus dedos relaxam em minhas costelas, e ele descansa a testa contra a parte de trás da minha cabeça.

— Sofri, sim.

— Quando?

— Na noite passada.

Mais uma vez, suas palavras não só me surpreendem, mas também me mostram o quanto ele amadureceu e está tentando me deixar entrar.

Ele ri mais para si mesmo do que para mim e depois fica em silêncio. Eu dou a ele tempo para responder.

— Pensei que você tivesse saído da recepção, porque não pôde aguentar. Achei que tivesse se arrependido de ter terminado. Que você ainda amava o Mitch. — O medo que ele sente é transparente em sua voz.

— Ah, Hayes. Você é louco.

— Talvez, mas entre isso e você dizendo o nome do Mitch durante o sono na outra noite, foi o que eu pensei.

— O nome do Mitch? Do que você está falando?

— Você murmurou o nome dele depois da primeira vez que fizemos sexo.

Dei um nó na cabeça ao tentar pensar em ter sonhado com Mitch, mas não me lembro de ter qualquer memória recente disso.

— Te juro, os únicos sonhos que tive com Mitch são aqueles em que o mastigo. — Balanço a cabeça e então ouço o que ele realmente confessou para mim. Desta vez, quando falo, minha voz está cheia de admiração. — Como você pôde pensar que eu ainda o amava depois de tudo o que aconteceu entre nós neste fim de semana?

— Porque eu sei o que é ver um amor antigo e sentir que acabou de levar um soco. Como isso faz você se arrepender de todas as coisas que fez com o outro e, ao mesmo tempo, reafirma tudo o que você sente pela outra pessoa no mesmo instante. Foi assim que me senti quando entrei na *Sweet Cheeks* no primeiro dia. — Ele faz uma pausa e um sorriso suave se espalha em meus lábios porque sinto exatamente o mesmo. — Ontem à noite, fiquei apavorado e não consegui te

encontrar. E então eu te vi e você falou aquilo tudo e foi como... como um relâmpago impressionante.

— Ah, tão oportuno. — Rio, amando esse lado de Hayes Whitley que pode expressar seus pensamentos com muito mais facilidade do que o adolescente poderia.

— Cale a boca. — A cama se move e estou com um travesseiro macio na cabeça.

Eu me afasto. Dando risadas e gargalhando, alcanço um travesseiro e começo a balançar com abandono imprudente. Nós dois estamos de joelhos, cara a cara, em uma guerra de travesseiros. Para cada pancada, há um som igualmente alto de risos, xingamentos e ameaças.

— Não chegue muito perto — grito enquanto ele agarra meu travesseiro e faz um som de vitória antes de me empurrar no colchão. Suas mãos estão em meus pulsos segurando-os ao meu lado e um sorriso largo surge em seus lábios. — Achei que eu deveria ficar longe de você, sr. Hálito Matinal.

Seus olhos se iluminam para combinar com o sorriso em seus lábios.

— Você devia. — Ele dá de ombros. — Mas então você tirou sarro de mim.

— E o que você vai fazer sobre isso? — Levanto as sobrancelhas. Provoco com um sorriso.

Seu olhar percorre meu corpo, desliza por cada centímetro da minha pele. Estávamos nos divertindo tanto que não pensei sobre o fato de que nós dois ainda estamos nus por causa da noite passada. Exatamente como desmoronamos na cama. Quando ele olha de volta, posso ver o desejo começando a escurecer seus olhos.

— Posso pensar em muitas coisas que posso *fazer*.

Estou mais do que pronta para jogar este jogo com ele.

— De jeito nenhum. Estou nojenta e preciso tomar um banho primeiro. — Tento me afastar dele.

Sua risada é alta e divertida.

— Só faz quatro dias que estamos juntos e você já está me dizendo não para sexo? Isso me dá esperança zero para como a nossa vida sexual será em dez anos.

Ouço seu comentário, sua referência ao nosso futuro e, apesar disso fazer meu coração acelerar, não discuto com ele. O desejo está nublando meus pensamentos e estimulando minhas palavras. Abro um sorriso tímido, pisco e deixo minhas pernas se abrirem para que ele possa ver meu tom rosado ali.

— Humm... há algumas posições em que posso pensar onde sua respiração desagradável não vai ficar na minha cara.

— Mesmo? A posição vai ajudar seu cabelo maluco, porque isso pode distrair

meu fluxo.

— Seu fluxo, sr. *Você. É. Um. Deus*? — Rio, repetindo suas palavras da noite passada. Amando seu lado brincalhão.

— Sabe, considerando que foi você quem implorou.

Bato nele com o travesseiro que está ao meu alcance.

— Não implorei.

— Certo, Cabelo Maluco.

E eu sei o jeito perfeito de vencer essa batalha. De calar sua boca e conseguir exatamente o que eu quero. *Ele dentro de mim*. Meus lábios se abrem em um sorriso lento.

— A melhor forma de consertar o meu cabelo maluco é envolvê-lo na sua mão quando você está....

Eu grito, não consigo nem terminar as palavras, pois ele me vira de barriga para baixo no que parece ser um nano segundo. Seu pau fica grosso e pesado no alto da minha bunda. Ele segura meu cabelo — exatamente como eu disse — e assume o controle enquanto passa a língua na minha coluna.

— Gosto do jeito que você pensa, Marinheira.



Estou relutando, incapaz de encarar o fato de que o nosso tempo aqui está acabando. Em breve, teremos que nos acostumar com a vida real — um novo tipo de real — se quisermos fazer isso dar certo.

Penso na nossa manhã. No carinho. No sexo no chuveiro. A xícara de café compartilhada no pátio. Um último mergulho no mar fora da *villa*. Um passeio na praia de mãos dadas. Como aproveitamos todos os momentos antes de começar a arrumar a mala.

— Viu? Fomos capazes de fazer isso. Nos desligar do mundo e desconectar o fim de semana todo. Como recompensa, aqui está seu telefone, madame. — Olho para cima e vejo Hayes com meu telefone estendido para mim e percebo que ele está totalmente certo. Fui tão consumida por ele que meus pensamentos sobre DeeDee lidar com a confeitaria e qualquer outra coisa trivial caiu no esquecimento sem o meu telefone.

Sorrio, assim como pareço fazer sempre que olho para ele.

— Você faz com que seja fácil me desligar do mundo, Hayes. — Meus dedos tocam sua mão quando pego o aparelho.

— Não fique triste. — Ele me puxa para seus braços e me abraça apertado.

— Vamos descobrir como fazer isso. Vamos fazer funcionar. Eu prometo.

Falar é fácil. Odeio as palavras que aparecem na minha cabeça. Aquelas que causam dúvidas e se entranham em minha psiquê, se agarrando à minha garganta, porque sei que nunca vamos conseguir ter esse tempo de volta.

— Eu sei. Temos que ligá-los?

Ele passa as mãos para cima e para baixo nas minhas costas.

— *Infelizmente*. Leva um minuto para se conectar ao serviço, foi o que me disseram. Pelo menos temos esse tempo.

— Acho que deveríamos absorver esses minutos, hein?

Seus lábios encontram os meus no mais terno dos beijos. O tipo que faz seus dedos do pé se curvarem e o corpo doer do jeito mais doce. Nos afundamos um no outro, e nas emoções agridoces que estamos sentindo.

Em algum lugar da *villa*, o celular de Hayes toca. Nós dois ficamos tensos com o som, seguido de sua respiração audível.

— E assim começa. — Ele ri contra meus lábios antes de pressionar mais um beijo neles, batendo um dedo no meu nariz e indo encontrar seu telefone.

Eu o vejo sair, e então me abaixo até a beira da cama, totalmente apaixonada por ele e completamente deprimida por ter que deixar este paraíso sem ele.

Mas estou muito agradecida por este momento em que conseguimos fazer as pazes e, inesperadamente, fortalecer o vínculo que compartilhamos há anos. E, ao fazer isso, sinto que ele está me ajudando a encontrar a velha e despreocupada Saylor.

A contragosto, ligo o celular e me deito na cama. Não me surpreende que Hayes já esteja no telefone. Trechos abafados da sua conversa flutuam pelo corredor. Não consigo ouvir o suficiente para saber o que ele está dizendo, mas parece agitado, e eu odeio que minutos depois de ligar o aparelho, a realidade está de volta a pleno vigor.

Não estou pronta para o mundo real arruinar nosso tempo idílico no paraíso.

E assim que o pensamento passa pela minha cabeça, meu celular começa a tocar como louco, depois de mostrar as chamadas perdidas e as notificações de SMS. Fecho os olhos, tento ignorá-los, mas depois começo a me preocupar quando os alertas continuam soando.

Aconteceu alguma coisa. Há mensagem atrás de mensagem de DeeDee, iluminando a tela e as poucas palavras exibidas de cada uma confirmam. Estou apavorada.

DeeDee: Sinto muito que fizeram isso com você. O forno...

Número desconhecido: uma entrevista talvez?

DeeDee: Não quero te incomodar com tudo o que está acontecendo, mas...

Número desconhecido: gostaria de fazer uma reportagem sobre você para a revista...

Ryder: Vou matá-lo...

DeeDee: Estou assando na minha casa até que o Ryder possa descobrir os preços...

Ryder: Estou tentando lidar com isso...

DeeDee: A porcaria do forno parou de novo, eu deveria...

Fico de pé no mesmo instante, disco o número, andando pelo quarto enquanto espero que ela atenda. Incapaz de olhar as mensagens enquanto ligo, tento dar sentido às palavras que vi. Por que Ryder vai matar o Mitch? O forno finalmente

morreu? Uma matéria? E entrevista? Talvez as teorias de Ryder e Hayes estivessem corretas.

Mas isso não pode ser. O casamento foi ontem. A maré não seria capaz de mudar tão rapidamente.

— Saylor?

— Dee! Sinto muito. Desliguei o telefone. O que está acontecendo?

— Sinto muito. Não quero dizer... eu não deveria ter ligado com tudo o que está acontecendo...

— Me fale sobre o forno. — Ela parece tão nervosa e como sei que divaga, eu a interrompo, precisando chegar ao centro do problema. Minha cabeça muda do paraíso para a realidade e trabalha em um instante. É o meu jeito.

— Está arruinado. Tivemos um pedido para um grande evento de aniversário e, na metade, começou a soltar fumaça. Depois houve um pequeno incêndio e...

— Fogo? — Minha voz é estridente. Entro em pânico.

— Está tudo bem. O Ryder me ajudou a resolver isso. Estou assando à noite, na minha casa e levando-os pela manhã para que as vitrines permaneçam cheias.

Minha cabeça gira sobre como tudo isso pôde acontecer no curto tempo que fiquei fora.

— Dee... — Não sei o que dizer. Meu coração e minha razão guerreiam um contra o outro no próximo passo a dar. Escolho tentar e a verdade, a única coisa que sei que estará lá, independentemente do que acontecer. — Eu me sinto uma idiota. Estou aqui perambulando pelo paraíso e você está lidando com tudo isso. Estou indo para o aeroporto agora para tentar conseguir um voo mais cedo para que eu possa... não sei... me sinto tão impotente e como uma idiota te deixando assim.

— Algumas horas não vai mudar nada. Ryder tem sido ótimo. Ele está ajudando com o forno e lidando com todos aqui na frente esperando você voltar.

— Todos aí na frente? — Meus pés vacilam. Do que ela está falando?

— Não se preocupe com isso. Está tudo sob controle. Você tem o suficiente para lidar e ficamos felizes em resolver isso.

— Espere! Quem está aí na frente?

— Os repórteres.

Repórteres?

— Que repórteres?

— Os que descobriram sobre você e o Hayes.

Hã? Por que repórteres se importam com Hayes e eu? Então me ocorre. Embora eu possa olhar para Hayes e ver o garoto que roubava cookies de mim depois da escola, o resto do mundo olha para ele e o vê como uma celebridade. Aquele que ostentou seu nome em um *resort* neste fim de semana junto comigo.

E, além dos hóspedes do hotel se aproximarem dele para autógrafos ou foto, eu estava tão consumida por ele que não tinha dado muita atenção às consequências de estar ao lado dele como uma figura pública.

Quão idiota eu era por não pensar nisso? Sobre o mundo exterior e a atenção que ele nos trouxe? Ou com que facilidade uma foto pode ser enviada para as redes sociais e compartilhada milhares de vezes?

E pelos comentários de DeeDee, alguém aqui poderia ter feito exatamente isso. Em vez disso, eu estava tão focada em passar cada momento com Hayes, resolvendo o nosso passado, o absorvendo e depois me apaixonando mais por ele do que jamais imaginei ser possível.

Mas este é um lembrete gritante de como o amor pode me cegar temporariamente à realidade da vida.

— Certo... hum... estou tentando focar nisso agora. Acabei de fazer as malas e vou tentar pegar um voo mais cedo e... — Paro, aperto a ponte do nariz e luto contra as lágrimas que não quero que caiam. — Aguente firme. Estarei em casa o mais rápido possível.

Desligamos, e eu me forço a respirar fundo. Para não me repreender por ter um fim de semana longe da confeitaria, onde não consegui pensar em trabalhar, em fornos quebrados ou margens de lucro. E para me lembrar que a folga foi merecida depois do quanto trabalhei.

Além disso, fechei a porta da minha vida com Mitch e reabri a outra, cheia de possibilidades com Hayes. Como posso me odiar por isso?

Mas, repórteres? Sério? Acho que preciso me acostumar com isso. O lado bom? Talvez eu consiga publicidade gratuita para a *Sweet Cheeks*.

— Não dou a mínima, Benji. Você está brincando comigo? Achou que eu ficaria bem com isso? Desde quando você pode tomar essas decisões sem o meu consentimento?

A voz de Hayes rompe o silêncio. Pulo quando algo bate no balcão. Oh-oh.

— Você compreende o que fez? O que passei a vida inteira tentando voltar? Não, não quero ouvir os motivos. Dane-se o dinheiro. Dane-se o contrato de confidencialidade. Você não entende? Não importa. Nada disso interessa se você acabou de foder com tudo... eu só... não posso... sabe o que mais? Vou desligar antes de dizer algo de que vou me arrepender... sim. Duvido.

Espero dentro do quarto e me pergunto o que aconteceu para deixá-lo tão chateado. Com meus próprios pensamentos sobre a *Sweet Cheeks*, hesito em sair e perguntar se ele está bem.

E o momento de me aproximar dele é perdido quando o ouço murmurar novamente.

— Atenda a porra do telefone. — Posso ouvi-lo andando pelo chão de

madeira. Dez passos, depois uma pausa e dez passos de novo.

Sua voz é abafada quando ele fala de novo. Acho que ele diz um nome, mas onde quer que esteja, não posso ouvir com clareza. E há algo profundo dentro de mim que, de repente, está com medo do que está acontecendo.

— Você não causou problemas o suficiente? — Sua raiva é palpável. A ameaça é tão evidente que sinto pena de quem está do outro lado da linha. Sua risada é uma mistura de sarcasmo e fúria. — A charada acabou. Não vou mais fazer isso... não. Isso é besteira e você sabe... estava tentando ser o cara legal. Tentando te ajudar. Ajudá-la a salvar as aparências às minhas custas... e sabe de uma coisa? Estou muito cansado. Exausto das suas palhaçadas constantes para alimentar sua necessidade de atenção. Desligo meu telefone por alguns dias e quando não atendo, você faz essa merda? Foda-se o dinheiro. Foda-se o filme... a minha imagem? Eu não dou a mínima para a minha imagem. Não teria concordado com isso se desse. Mas sabe de uma coisa? Eu me importo com a dela. E tudo mais sobre ela... não. Você a usou. Assim como me usou. Mas você a usou sem pedir. Sem pensar em como seu pequeno ato ia acabar com ela. Você a jogou no fogo para salvar sua personalidade egoísta.

Seu tom de voz aumenta, com raiva e exasperação a cada palavra que ele fala e tudo o que posso fazer é ficar contra a parede onde parei no corredor e esperar. Espero que Hayes não tenha faltado a algo importante para fazer, como um filme, uma estreia ou seja lá o que os atores se ocupam, enquanto estava aqui.

No entanto minha a intuição me diz que essa conversa tem algo a ver comigo. Eu não tenho certeza de como isso é possível e ainda sim, eu acho que é provável.

— Bem, saiu pela culatra. Grande momento... você fez isso sem permissão. Você vazou o comentário. Deixou as pessoas assumirem o que elas queriam e não pensou em ninguém além de você. Típico, não é? Não deve ter recebido atenção suficiente, então você foi e... NÃO! — Ele grita e sua voz ecoa pelo chão e pelo corredor. — Eu te amei, Jenna. Mas isso? É por isso que estou cheio de você. Por que acabei vendendo a minha alma para guardar seus segredos e foder minha vida no processo. Foda-se o contrato de confidencialidade. Deixe-os cobrar. Deixe-os me processar. Veja se me importo...

Hayes continua falando, mas não ouço nada, porque tudo o que eu continuo ouvindo é que *eu amo você, Jenna*. Ou foi *amei*? A frase se repete sem parar na minha cabeça. Essas três palavras, ele não disse para mim.

Eu amo você, Jenna.

Mas disse a ela.

Meus pés se movem por conta própria. Meu coração está tão cheio disso que estava pronto para explodir há dez minutos. Agora, parece que vai implodir.



Raiva como nunca senti antes corre em minhas veias. Desde aquela noite na fazenda Schilling quando vi Danny Middleton forçando Saylor a transar com ele, nunca mais me senti tão lívido.

Tudo sempre tem a ver com Saylor, não é?

Jenna fala em meu ouvido, mas não ouço suas besteiras. Não posso ouvir outra das suas mentiras egoístas. É incrível como ela costumava significar algo para mim.

E agora não significa nada. Nada, exceto o motivo pelo qual Saylor pode se afastar.

E pensar que sou o idiota que concordou com essa ideia. Assinou a porcaria do contrato de confidencialidade e se meteu nessa mentira. Mas no final, nada disso importa, porque ela me ferrou mesmo assim.

— Tive que fazer isso. A imprensa estava bisbilhotando e então dei algumas dicas para afastá-los.

Algumas dicas? Foi mais como *aqui está a Saylor. Ela é a destruidora de lares*, servida em uma droga de um prato.

— Eu te amei, Jenna. Mas isso? É por isso que te superei. Por que acabei vendendo a minha alma para guardar seus segredos e fodi minha vida no processo.

— Você não quer dizer isso. — Sua voz se enche de pânico. — E o meu pai? E o filme? Você assinou um...

— Foda-se o contrato de confidencialidade. Deixe que o executem. Deixe-os me processar. Veja se me importo. — Caminho pelo cômodo, a mão livre esfregando a parte de trás do meu pescoço enquanto minha mente gira em um loop infinito.

— NÃO! Por favor, não posso consertar, mas vou fazer isso por você...

Quando me viro para a cozinha, fico cara a cara com Saylor. Seu cabelo está preso no topo da cabeça, os lábios cor-de-rosa estão separados e as bochechas coradas.

Mas seus olhos estão nadando em um oceano de dor. Merda. Ela sabe.

— Saylor. — Jogo o telefone no balcão, sem pensar que Jenna ainda está vomitando suas desculpas mentirosas.

— *Eu te amo, Jenna?*

Merda. De todas as coisas que falei, é claro que foi aquilo que ela ouviu mais alto. Provavelmente, já imaginou algo diferente do que quis dizer com isso. E antes que possa responder à sua pergunta não formulada, seus ombros tensionam. Ela está na defensiva.

E isso significa que o humor dela não está muito atrás.

— Não é o que você está pensando. Me deixe explicar. — Não sei o que devo dizer primeiro, então falo o mais rápido possível, sabendo que preciso parar com isso antes de começar.

— Não é o que estou pensando? — Ela cruza os braços. Remexe os pés. Aperta a mandíbula. — Estou tentando ficar calma, e não tirar conclusões precipitadas, Hayes, mas estou com dificuldades. Talvez você deva explicar por que está tão chateado. Por que está falando sobre imagem e fazer algo com alguém, o que, com certeza, parece ser sobre mim... e por que disse a Jenna que a ama quando, *na verdade*, estou esperando que você tenha dito que a *amou*.

— A Jenna é uma confusão. — Começo da melhor forma que posso, porque o espaço entre Saylor e eu parece tão frio como o gelo ártico e está me congelando, então não tenho tempo a perder. — Ela entrou e saiu de clínicas de reabilitação de drogas durante a maior parte do último ano e meio.

Seus olhos se arregalam. Surpresa os preenche e agradeço, porque é muito melhor ver surpresa do que a mágoa que estava lá há alguns segundos.

— É o segredo mais bem guardado de Hollywood. Todo mundo sabe, mas ninguém ousa falar sobre a filha de Paul Dixon e seu probleminha. Merda, eu nem sabia sobre isso durante os primeiros seis meses do nosso relacionamento. Estávamos trabalhando em um cronograma ridículo da gravação do filme *The Grifter*, e eu sempre estava ou muito cansado ou preocupado demais para notar os sinais.

Penso em como tudo começou. Nas manhãs, ela perdia o horário de chamada. As desculpas eram infinitas. O humor era inconstante.

— Tentei ser paciente com ela. Pensei que poderia ajudá-la. Não sei. — Suspiro. Passo a mão pelo cabelo. Estou inquieto — Eu estava super confuso, mas gostava dela. Gostava de estar com alguém que entendia a pressão do trabalho. Não foi ruim estarmos em um local remoto de Vancouver, então

tínhamos um ao outro para passar a maior parte do tempo.

— O que isso tem a ver com agora? Com o que você disse? Achei que vocês tinham terminado há alguns meses.

Eu rio. É um som auto-depreciativo que reflete o quanto eu me sinto estúpido por ter concordado com isso.

— Para as pessoas de fora, terminamos há alguns meses, mas, sinceramente, já havia acabado muito antes disso. — Saylor balança a cabeça e tenta processar algo que nem eu entendo. — Terminamos o filme e quando voltamos para Los Angeles, ela estava fora de controle. Processou o diretor, demitiu seu agente e criticou os dois publicamente. Ela invadiu um *set* em que seu pai estava filmando, o acusou de todos os tipos de coisas indescritíveis e o envergonhou pra caramba. Depois, em uma atitude terrivelmente ruim, ela irritou o estúdio com uma entrevista onde criticou o filme e as decisões que foram tomadas com relação a ele. De repente, o filme que o estúdio havia programado para ser o sucesso do verão estava com má fama. Não há outra palavra para o dano que ela provocou além de brutal. Tivemos que organizar uma intervenção que acabou com ela internada em uma clínica de reabilitação. Mal sabia eu que tinha sido sua terceira ou quarta vez em muitos anos.

— Eu me lembro da repercussão ruim sobre o filme. Mas não percebi nada disso...

— Ninguém percebeu. O estúdio ficou chateado. Os apoiadores e produtores que doaram enormes somas de capital de investimento aos estúdios para financiar o orçamento ficaram furiosos. Especialmente, porque o orçamento deste filme foi um dos maiores da história do estúdio. Eles estavam dispostos a fazer o que fosse preciso para garantir que seu sucesso não fosse arriscado antes mesmo de ser lançado. Mas a entrevista dela teve muita divulgação. Ela era um canhão solto e o estúdio não tinha certeza se queria arriscar perder o orçamento de marketing para um filme quando a atriz principal parecia determinada a miná-lo. Eles conversaram sobre a estreia ou o envio direto para a Netflix, mas sabiam que perderiam o controle. Alguns dos patrocinadores ameaçaram retirar o dinheiro do projeto se o estúdio não controlasse as palhaçadas da Jenna. E mal sabia eu que alguns dos financiadores conheciam a história dela, porque frequentavam os mesmos círculos que seu pai. E essa história os fez inserir um adendo em seu contrato que poucas pessoas sabiam, inclusive eu. — Balanço a cabeça em sinal de frustração. Me lembro do quanto fiquei furioso quando a advertência me foi revelada no dia em que ela entrou na reabilitação. — A cláusula dizia que se ela não ficasse sóbria, concordava em perder seu adiantamento e todos os ganhos do filme. E por sua vez, o meu de certo modo. Dizer que fui um pouco cego é um eufemismo, especialmente considerando que

ela não ficou sóbria. Merda, o estúdio entrou em pânico, tentando descobrir como esconder a quebra de contrato da Jenna dos patrocinadores.

— Imagem é tudo — Saylor murmura com os olhos arregalados e o interesse aguçado enquanto se senta no primeiro degrau da escada. Pelo menos, ainda tenho sua.

— Sim, bem, era o que os homens do dinheiro também pensavam. E o mais importante, era o que o estúdio queria. Que a ida da Jenna para reabilitação fosse mantida em segredo. Eles sabiam que se os patrocinadores descobrissem que ela havia violado os termos do contrato, não receberiam o restante dos fundos, o que significava menos marketing, menos tudo... incluindo a gente não ser pago até depois do filme ser lançado. E o dinheiro da venda de ingressos sendo gerado.

— Eles não podem fazer isso.

Minha risada é alta. Amo a ingenuidade dela a respeito da indústria cinematográfica e gostaria de ser tão indiferente a isso na maioria dos dias.

— Posso ser bem-sucedido e famoso, Say, mas os homens do dinheiro... eles têm muito mais controle no meu mundo do que as pessoas pensam. Eles investem nos estúdios e como são eles que assumem todo o risco, os atores devem cumprir todos os aspectos do filme: atuação, promoção, relações públicas. Eles mandam em tudo. Então, no dia seguinte à ida da Jenna para a reabilitação, fui convocado para uma reunião onde me contaram os detalhes do contrato dela e as repercussões para *nós dois* se os patrocinadores descobrissem que ela estava usando drogas novamente. *Pense em uma situação ruim.* Enlouqueci enquanto meus advogados se esforçavam para encontrar uma brecha no meu contrato e exigiam respostas do porquê eu não havia sido avisado disso antes de filmar. Ao mesmo tempo, os advogados da Jenna estavam em cima de mim, implorando para eu continuar a salvar o filme. Foi um pesadelo da qual não consegui sair sem prejudicar seriamente relações comerciais importantes e jogando muito trabalho duro no ralo. Durante o caos, eles pediram a mim e a todos que soubessem de algo para assinar um acordo de confidencialidade. Não queriam estragar as chances do filme ser lançado. Estavam apostando nele para ser o sucesso que aumentaria suas margens de lucro, cada vez menores desde o crescimento constante da Netflix, da AppleTV e do mundo da transmissão online. Acharam que, se mantivéssemos o período da reabilitação de Jenna trancada a sete chaves e a imagem dela estivesse completamente limpa, poderíamos fazer isso. Eles divulgaram fotos nossas antigas para a imprensa ou plantaram histórias no tabloide *Page Six*. Todo tipo de merda para esconder que ela estava em reabilitação. Qualquer coisa para manter viva a percepção de que éramos coadjuvantes apaixonados, dentro e fora da tela. Depois do lançamento do filme no mês seguinte, poderíamos terminar nosso relacionamento falso.

— Espere um minuto. O estúdio pediu que vocês fingissem ser um casal para manter a imagem *dela*? — Ela parece estupefata. Assim como eu fico quase todos os dias nesta indústria.

— Sim. Mas ela não se manteve longe das drogas. Há alguns meses, ela confrontou o pai novamente e ele a deserdou até que ela tomasse jeito. Ele conhecia os sinais, sabia que ela estava usando de novo e acho que queria tentar ser um pouco mais duro. Ela foi até a minha casa, chorando de forma histérica e perdeu a cabeça quando viu que a Tessa estava lá. — Penso na cena. As ações imprevisíveis de Jenna e seu temperamento maluco. Como ela tentou bater em Tessa e depois em mim. Fez merda. Quebrou coisas. — Foi quando percebi que Jenna tinha um apego doentio por mim e que eu precisava começar a me distanciar dela. Era como se ela acreditasse em todas as besteiras que estavam sendo transmitidas ao público sobre como ainda estávamos juntos. Isso meio que me assustou, Say. De repente, percebi que nós – o estúdio e eu – não lidamos direito com a situação. E não tenho certeza se foi a pressão dos ultimatos do pai ou perceber que nosso relacionamento era atuação, mas na noite em que a mandei embora, ela tentou se matar.

— Hayes. — E assim, o som da compaixão em sua voz me diz que ela só não pode desvendar qual o seu papel em tudo isso. Então, novamente...

— Sim. Foi horrível. — Penso no telefonema. No sentimento frenético de pensar se ela ficaria bem. Da descrença à culpa, imaginando se podia ter feito algo para evitar. — E é claro que, imediatamente, me senti responsável por ser o ponto de inflexão, porque a mandei embora da minha casa. Aqueles primeiros dias foram horríveis e, te juro, não faço ideia de como sua tentativa de suicídio foi mantida em segredo. Não posso imaginar quantas pessoas foram silenciadas e contratos de confidencialidade assinados seu agente, a merda do gerente ou a droga do estúdio tiveram que impor para conseguir manter todo mundo quieto. Mas conseguiram. Até que dois dias depois, alguém me viu entrando no hospital para dar uma olhada nela e começaram a bisbilhotar. Eu não fazia ideia, mas de alguma forma o estúdio descobriu. Sua agente de relações públicas, sem que eu soubesse, decidiu distrair o bisbilhoteiro desviando sua atenção para mim.

— A história da traição. — A maneira como ela diz isso, como se nunca tivesse acreditado nisso antes, apesar de me perguntar, me faz sentir um pouco aliviado.

Vamos esperar que esse sentimento dure. *Merda. Por que foi que concordei com isso?*

— Sim. A história sobre eu tê-la traído. Quando acordei, vi as revistas de fofoca e descobri o que estava acontecendo, pode ter certeza de que enlouqueci. Ameacei e me enfureci, mas a história já tinha seguido adiante e não havia mais

como parar. O que eu deveria fazer? Uma cena? Admitir à imprensa e, por sua vez, aos patrocinadores que fiz parte das mentiras do estúdio sobre o uso de drogas da Jenna e agora da sua tentativa de suicídio? Naquele momento, eu era tão cúmplice quanto ela.

— E era o que o estúdio queria.

— Bingo. Caí direto nisso. Mas como meu agente e eu saberíamos que Jenna ia tomar um frasco de comprimidos e tentar se matar? Eu tinha um contrato de vinte milhões de dólares preso nisso e, obviamente, uma ex-namorada emocionalmente fragilizada. Eu estava fodido de todas as formas e não era culpa de ninguém além de mim mesmo. — Olho para Saylor e procuro críticas em seus olhos, mas não encontro. — Então, sim, eu deixei a empresa de relações públicas e a imprensa pintá-la como a donzela em perigo que teve que passar algum tempo longe de Hollywood depois que eu a traí e a humilhei. Depois, ignorei as perguntas sobre o que aconteceu entre a gente nas entrevistas. Imaginei que quanto menos eu falasse, melhor. Isso me fez parecer um idiota, mas era melhor do que contar mais mentiras.

— E é claro que as mulheres podem perdoar os idiotas, porque amam a imagem de *bad boy*, mas não perdoam outras mulheres. Elas as difamam.

— Nunca vi isso dessa forma, mas sim, mais ou menos isso. — Solto um suspiro e odeio que ela esteja prestes a descobrir, em primeira mão, o quanto a difamação pode ser ruim.

— E então, o *eu te amo* foi mais...

Ela toca na declaração, precisando me ouvir dizer o que seus olhos me dizem que já concluiu. Mas eu entendo. Se a situação fosse inversa, provavelmente, eu me sentiria do mesmo jeito. Com quem estou brincando? Eu ficaria chateado e exigindo respostas. Não ficaria ouvindo com uma paciência admirável, escutando desculpas a respeito da mulher que ela não tem ideia que ferrou com seu mundo.

— Ela é uma pessoa frágil e não quero aborrecer seu estado de espírito. É por isso que eu disse que *a amei*. Porque, tenho que admitir, quanto mais essa charada continuar, mais cético eu fico com os motivos dela. Achei que era legítimo no começo, mas agora? Agora, o tratamento especial e a atenção que ela recebe me faz pensar que ela está se alimentando de tudo isso. Que ela não conseguia lidar com o enfraquecimento dos holofotes, ela usava esse truque – a "tentativa de suicídio" – para conseguir mais. Claro, joguei isso direto nas mãos dela. Todo mundo está de olho nela agora, mimando-a, prestando atenção nela. E está se tornando cada vez mais evidente que nós já terminamos.

— Por que você concorda com tudo isso?

— Por que sou um idiota? — Minha risada soa vazia enquanto esfrego a mão

no meu rosto e apenas balanço a cabeça concordando com o quanto a situação é ridícula e Say é linda. — Porque, naquele momento, eu estava tão envolvido que me tornei tão culpado por encobrir isso quanto ela. Talvez, porque eu sentisse pena dela e da pressão na qual ela sempre deve ter vivido para viver de acordo com as vontades de Paul Dixon e seu legado de vencedor do Oscar. E talvez por egoísmo, porque é um filme muito bom. É um dos meus melhores trabalhos até agora, e Jenna... fora da tela, ela pode ser uma confusão, mas atuando? Na tela, ela é um gênio e acho que esse filme tem potencial para o sucesso que o estúdio acha que tem e mais um pouco. Então, sim, é claro que o pagamento de vinte milhões de dólares que tenho a receber por ele com certeza é uma a motivação para seguir em frente. Deixá-lo sair nos cinemas e depois ir embora e lavar minhas mãos.

— Mas como eles sabem que a imagem que eles pintaram de você não vai prejudicar o lançamento do filme?

— Não sabem, mas o estudio já agendou para que, no próximo mês, eu apareça sorrindo e mostrando que ainda sou o cara legal que todos pensavam que eu era. Aquele que ainda se recusa educadamente a falar sobre o meu término público e qualquer relato sobre isso, porque *sou um cavalheiro e esse é um assunto privado*.

— A direção da companhia.

— Sim.

— Inacreditável. Você tem todo o direito de estar com raiva. Ainda estou tentando entender como o estúdio tem o poder de fazer você... que ela teve a audácia... tudo isso. — Ela franze os lábios e olha para mim com os olhos cheios de descrença. O pavor me toma enquanto espero que ela faça a pergunta escrita em seu rosto. A que eu gostaria de não ter que responder — Então, o que aconteceu agora que fez isso se intensificar?



É claro que estou aliviada pela justificativa para o *eu te amei, Jenna*, mas digerir tudo o que ele me disse não é fácil. Como as pessoas escapam com todas essas mentiras e enganos? Embora eu entenda que o estúdio precisa fazer do filme um sucesso, usar o Hayes e sua reputação para garantir a fama é uma grande sujeira. E, claro, como ele é um cara bom, permite que eles o usem para tirar a pressão de Jenna, a fim de proteger o trabalho duro que ele fez e seu salário.

Tudo isso eu entendo, então por que sinto que há mais na história? Olho para sua esquerda, na bancada de granito onde fizemos amor há dois dias em meio a uma confusão de açúcar e farinha. Senti euforia naquele momento, mas agora? Agora me sinto confusa e incerta. Como se meu mundo estivesse prestes a ruir, quando estar com ele esta semana o fez parar de tremer pela primeira vez em meses.

E a discordância que sinto é reforçada quando encontro seus olhos. E em sua expressão — uma mistura de arrependimento e agitação cautelosa — que me diz que não vou gostar da resposta à pergunta que acabei de fazer. *Conheço esse olhar*. Ele olha pela janela e passa a mão no pescoço, repetindo o movimento.

Não sou a única a me denunciar.

Eu costumava ver isso quando ele baixava a guarda e me contava pequenas coisas sobre as contusões que ele notava no corpo da mãe ou sobre os estrondos contra a parede que o deixavam com medo à noite.

Ele não está lidando bem com isso. Algo está acontecendo. O que será?

— Meu agente achou que seria uma boa ideia usar essa viagem como uma forma de conseguir uma boa impressão a meu favor.

A inquietação faz cócegas na base da minha coluna.

— O que você quer dizer com *essa viagem*? — Apesar de ser inteligente o

suficiente para concluir, estou tentando controlar minhas emoções e perguntar em vez de assumir de imediato, o que é uma coisa nova para mim. E isso, por si só, me diz o quanto eu me importo com Hayes e quero que isso dê certo.

A paciência nunca foi uma virtude minha e, no entanto, agora estou tentando contê-la o máximo possível.

Respirando fundo, ele dá um passo em direção ao lugar onde estou sentada e explica.

— Quero dizer algo como: *Hayes Whitley é realmente aquele cara legal que você achava que era. Sinto muito que ele não pôde participar da estreia, porque está fora do país, ocupado, levando uma velha amiga de infância para um casamento*. Esse tipo de notícia.

Entendo sua explicação e deixo isso para lá, enquanto tento descobrir se eu deveria estar ofendida ou apenas aceitar. E independentemente de qual das opções eu vá escolher, o que isso tem a ver com o motivo por ele estar tão chateado?

— Certo — falo. — Então isso vai te mostrar como um cara legal de novo. Tentar te afastar da imagem do namorado traidor antes do lançamento da coletiva de imprensa, certo? — Aceno com a cabeça o tempo todo tentando colocar as peças do quebra-cabeça no lugar e descobrir o que estou perdendo.

— Algo assim. — Seus olhos se prendem nos meus. Os observam. Isso me faz suspeitar de algo.

— Então você se ofereceu para me trazer aqui com isso em mente ou se ofereceu para vir e isso se tornou algo paralelo uma vez que concordei? — Odeio ter que perguntar. *Odeio* pensar que talvez essa coisa toda fosse uma farsa e o ato altruísta era, na verdade, egoísta.

— Say, minha oferta para te acompanhar até aqui tem tudo a ver com você e não tem nada relacionado com a minha reputação. Você precisa saber, ouvir e acreditar nisso, ok?

A urgência repentina em sua voz me confunde. O tom de desespero, ainda mais.

Assinto. Deixo-o saber que o ouço, mas a sensação de desconforto se intensifica.

— O que aconteceu, Hayes? — É a minha vez demonstrar insistência em meu tom de voz.

— Acredite em mim quando digo que não tive participação nisso. Não fazia ideia do que estava acontecendo. Meu telefone estava desligado até agora e...

— Apenas me diga. — Meu coração bate forte no peito, uma batida irregular que de, repente, escuto batendo em meus ouvidos.

— Jenna soltou uma das suas mentiras idiotas e egoístas. — Ele coloca uma

mão no pescoço e a arrasta para baixo. Seu rosto é uma máscara de arrependimento.

— O que ela fez? — Minha voz é quase um sussurro, mesmo com a sensação de que a represa está prestes a ceder.

— No nosso primeiro dia aqui, ela estava me ligando constantemente, depois começou a enviar SMS, porque estava chateada por eu não ter ido visitá-la. Como se eu devesse ficar atrás dela e ligar o tempo todo. Estava tão farto dela que desliguei meu telefone.

— Foi por isso que você pegou o meu. — Eu me lembro do olhar em seu rosto. A determinação para eu entregar meu celular.

— Sim. Não queria que nenhuma das chatices dela arruinasse o tempo que passamos juntos. Ela causou problemas o suficiente para mim, e eu só queria estar aqui, com você. Sei que você nunca se afasta do trabalho, e eu não queria que ela me distraísse do que eu queria tirar deste fim de semana.

— E o que você queria tirar deste fim de semana? — pergunto com curiosidade.

— Originalmente, eu só queria fazer as pazes. Queria que fôssemos amigos. Disse a mim mesmo que você estava fora dos limites, porque vivemos em mundos separados e você acabou de sair de um relacionamento de longo prazo. — Ele dá de ombros, um sorriso tímido em seus lábios. — Mas eu não sou tão bom ator, Marinheira. Mesmo no meu melhor dia, eu não seria capaz de me convencer de que ser amigo seria o suficiente.

O sorriso nos meus lábios é automático, apesar da tensão com as verdades incontáveis que flutuam no espaço entre nós.

— Disse a mim mesma que tínhamos que nos beijar e tirar isso da nossa cabeça. Que poderíamos ser amigos depois disso.

— Não acho que vou te tirar da minha cabeça, Saylor. — Sua voz é decidida. Honesta. Mas a preocupação em seus olhos me traz de volta do mundo romântico para a verdade sobre o que está acontecendo.

— O que aconteceu, Hayes? — imploro.

— Quando liguei meu telefone, recebi um bilhão de mensagens. A imprensa sabia que eu estava aqui neste *resort*. Não é uma surpresa, já que ostentei meu nome de modo que Mitch, o idiota, e sua família soubessem que eu era o seu acompanhante.

— Certo. — Assinto. Tento pensar nos piores cenários possíveis. — Então a imprensa descobriu que você estava aqui. O que você não está me dizendo?

Ele inspira lentamente. Desvia o olhar antes de trazê-los de volta para mim.

— Tiraram fotos.

Minha mente relembra o nosso tempo aqui. Os clientes no bar ou na piscina

com os telefones com câmera, tirando uma foto de Hayes e, inadvertidamente, de mim. Não me anima pensar que eu possa estar em algumas dessas fotos, mas não é o fim do mundo.

— Certo e as fotos provam o quê? Você e uma velha amiga em um casamento? Isso não pode ser de todo ruim, certo?

— Saylor. — Ele desliza a mão pelo cabelo. Desloca o equilíbrio do seu peso de um pé para outro. O homem que é sempre tão seguro de si mesmo tem tudo menos isso.

— Hayes. — Minha voz é um aviso. *Apenas me diga*.

— Algumas das fotos são de nós dois pelo *resort*. As outras somos nós no mar, na outra noite.

Os pensamentos se conectam. Minha coluna se endireita.

— Quando estávamos nadando nus? — faço a pergunta com apreensão na voz. Já estou repassando a noite pela minha cabeça, descobrindo meu estado de nudez dentro e fora da água.

Ele assente. Seus olhos estão focados nos meus, observando minha reação.

— Elas estão granuladas, na melhor das hipóteses, e sei que você está com roupa de banho em todas... mas é difícil dizer nas fotos. Também tiraram algumas fotos nossas em nossa guerra de cupcakes no jardim. Mas essas não são as que...

— Ah, meu Deus. Na noite passada. Há fotos nossas ontem à noite, no pátio dos fundos...

— Não. Não. Não há nenhuma que eu saiba. — Fico aliviada em saber que fotos nossas fazendo sexo não se tornarão virais. — E não acho que quem estava fotografando estava disposto a resistir à tempestade para tirar fotos de algo que não sabia que iria acontecer.

— Hayes. — Digo seu nome novamente. Uma pergunta. Uma afirmação. Um espaço reservado para os sentimentos de revolta que sinto, mas não consigo expressar.

— Se alguém tirasse fotos da noite passada, elas já teriam sido vendidas e postadas em todos os lugares na internet e eu estaria processando todo mundo, mas não há nada, então acho que estamos bem.

— Certo — digo a, precisando de mais tempo para ver o que estou perdendo no cenário geral. Meu primeiro pensamento é qual é o grande problema se houver algumas fotos de Hayes comigo. Somos adultos nos divertindo muito no paraíso. Grande coisa. — Bem, haver fotos é uma coisa boa. O estúdio queria restaurar sua imagem e agora seus fãs vão vê-lo com a confeiteira fofa e segura, fora de Hollywood. Você não pode ficar em uma situação mais caseira e benéfica do que isso, certo?

— Eles seguiram a história, Say.

— O que você quer dizer com *seguiram* a história? — O medo pesa como chumbo em meu estômago.

— Jenna disse que um repórter a contatou, perguntando por que ela estava ausente dos seus circuitos habituais de festa. Perguntada sobre a verdade por trás de um boato, que ele havia ouvido falar que ela estava na clínica The Meadows e queria saber por que ela havia se internado. Ela disse que se assustou e respondeu que só estava visitando um amigo, mas ele não acreditou nela. Assim... ela tentou desviar sua atenção.

— *O. Que. Ela. Fez?* — Fecho os olhos e espero que o resto seja dito. Cenários passam pela minha cabeça e nenhum deles é positivo. Temo o que ele vai dizer em seguida.

— Ela vazou informações. Disse que eu estava no paraíso com a mulher com quem eu a traí enquanto ela bancava a vítima. Disse que ficou internada na clínica para combater a depressão que sofreu com o nosso caso.

— *O quê*? — Rio ao falar, porque isso só pode ser uma piada. Ele não pode estar falando sério. *Porque acabei de pensar que as fotos de Hayes comigo – amigos de infância – nos divertindo, foram postadas na internet* para perceber que essas mesmas imagens – completamente inocentes – foram distorcidas com a ajuda de Jenna Dixon. para me tornar uma vilã. Agora sou a vadia que destruiu o casal mais fofo de Hollywood. *Puta. Merda*. — O quê?

— Sinto muito. — E a maneira como ele diz isso – *o tom* – me diz tudo que preciso saber sobre o quão ruim a situação está.

Olho para Hayes, mas não o vejo. Pisco os olhos repetidamente como se a ação fosse me ajudar a compreender tudo isso, e então percebo a derrota em sua postura e isso me diz tudo que eu preciso saber. É muito pior do que penso. A compreensão me atinge. E o bilhão de fotos que vi aparecerem nas revistas de fofoca de todas as mulheres com quem Hayes aparecido desde que o término veio à público passa pela minha cabeça. Só posso imaginar as coisas horríveis que disseram a meu respeito. O ciclo cruel e implacável de drama de Hollywood.

E pensar que eles até têm fotos reais para alavancar os rumores. De nós nos esgueirando na calada da noite como se estivéssemos tendo um encontro secreto, quando, em vez disso, estávamos apenas vivendo o momento. Só posso imaginar as manchetes que acompanham as fotos.

Sei que deveria sentir alguma coisa. Raiva, descrença, confusão, vulnerabilidade e tudo o mais. No entanto, enquanto me sento aqui, olho para Hayes e compreendo o que ele acabou de me dizer, tudo que sinto é entorpecimento. Só quero voltar para o mundo dos sonhos em que eu estava há alguns minutos, onde a única coisa errada era o forno quebrado. Quando eu

ainda estava acreditando que tudo o que estava acontecendo entre nós dois era real e tudo ia ficar perfeitamente bem.

Eu ficaria feliz para sempre com o único homem que realmente amei.

No entanto, tudo que posso imaginar agora é o resultado potencial. O dano. Meu nome jogado na lama para ajudar uma estrelinha egoísta a conseguir a atenção que precisa para alimentar seu ego enorme.

Eu achava que as repercussões de deixar Mitch haviam sido ruins. Odiava ser conhecida como *a garota do vale que deixou o perfeito Mitch Layton*. Mas isso é global. Desta vez, eu sou a vadia que acabou com o casal poderoso de Hollywood.

E em ambos os casos, eu era inocente.

— Diga alguma coisa.

Não posso. A única resposta que posso dar é balançar a cabeça de um lado para outro, porque ainda estou tentando descobrir como uma mulher pode jogar outra para os lobos como Jenna fez comigo.

Então os comentários da recepção de ontem à noite voltam para mim. De Mitch. Dos outros convidados.

Ah, meu Deus. Ah. Meu. Deus. Todos eles sabiam.

Todos sabiam e acreditavam no que estava sendo dito. E depois tem minha conversa com a DeeDee. A menção às pessoas do lado de fora da confeitaria. Ela me pediu desculpas por me interromper com tudo o que está acontecendo. *Eu não tinha ideia*.

Também havia as mensagens de texto de Ryder. Ele estava falando sobre querer matar Hayes. *Não Mitch*.

E quanto aos pedidos de entrevistas?

Aqui estava eu pensando que alguém viria fazer uma reportagem na confeitaria, quando, na verdade, estavam esperando para distorcer qualquer palavra que eu dissesse para me pintar como mais uma prostituta que já acreditavam que eu era.

— Preciso ir para casa. — É tudo que eu digo enquanto fico de pé, me viro de costas para ele e sigo pelo corredor. Não é culpa dele. Sei disso. No fundo do meu coração, eu sei. No entanto, agora preciso cuidar da única coisa que me fez passar por todo o resto. Ir para o único lugar onde me sinto segura.

Ryder. Minha confeitaria. Minha salvação.

— Saylor. — Ele está logo atrás de mim. Sua voz é um apelo repleto de preocupação. — Fale comigo. Por favor?

— Só preciso ir para casa. — Começo a jogar o que sobrou das roupas na mala: o maiô que tirei naquela noite na praia, o pequeno ímã com a tartaruga que Hayes me comprou depois de mergulhar, a saída de praia que comprei depois

que ele me contou o quanto achava que ficaria bonita em mim, sua camiseta — a que vesti quando saí da cama esta manhã, porque ainda tinha o cheiro dele.

Luto contra o desejo de jogá-la na minha mala. *Eu o quero comigo*. Em vez disso, a lanço para ele, que está na porta com olhar de cachorrinho, me implorando para dizer alguma coisa. *Não quero o lembrete*. Mas não posso falar com ele, porque não sei o que dizer. Eu simplesmente me sinto *violada*. Ele pega a camisa com o meu nome nos lábios novamente.

As lágrimas queimam, mas a raiva é ainda mais forte. A raiva que não consigo direcionar para alguém além dele.

— Vim aqui para me redimir aos olhos dos idiotas afiliados aos Laytons – pessoas a quem não dou a mínima, mas queria tentar dar ao meu negócio a melhor chance possível – e acabo sendo sacrificada como uma prostituta destruidora de lares. *Isso que é alcançar objetivos na vida*.

Ele suspira. Resignado. Derrotado. Seus olhos realmente refletem a dor de me ver sofrer nas mãos do *seu* mundo.

— Sim. Não. *Sim*. — Ele balança a cabeça. Odiando que tenha que admitir isso. — Sinto muito, Marinheira.

Por algum motivo, ouvir esse apelido é meu ponto de ruptura.

— Não me venha com *Marinheira*! — grito a plenos pulmões. — Você me usou. Você sabia o tempo todo e me usou. Me deixou uma passagem de avião. Se ofereceu para me levar. E o tempo todo, uma parte sua me convidou para entrar no seu mundo sem ao menos me avisar o que estava acontecendo. — Minha voz falha. O fim de semana já tinha sido um turbilhão de emoções. Mas isso? — Você é tão culpado quanto ela por não me falar.

— Você tem que acreditar em mim quando digo que isso não deveria acontecer. Eu esperava uma matéria aqui ou ali sobre eu acompanhar uma velha amiga a um casamento no paraíso. Em qualquer lugar que eu vá, sempre tiram fotos. Nunca esperei isso, Say. Como eu ia saber que desligar o telefone e ignorar Jenna e seu ego enorme iria levá-la a atacar e tentar *te* magoar? Não havia como eu saber.

Engulo o nó na garganta. Sei que o que ele está dizendo é verdade... mas ainda assim a raiva reina.

— Ela jogou a mim, a minha reputação, a reputação do meu negócio e *meu* nome para os tubarões. Quando conversei com DeeDee, achei que os repórteres na frente da *Sweet Cheeks* estavam tendo um dia lento de notícias e queriam uma fofoca antiga a seu respeito – coisas inocentes sobre como você era quando criança ou algo assim. Histórias engraçadas. Pensei que as mensagens no meu telefone pedindo entrevista eram para destacar a confeitaria e, por sua vez, ter um vislumbre da mulher em sua vida. Eu deveria saber o quanto as coisas

estavam ruins quando recebi a mensagem de Ryder dizendo que queria te matar. Isso deveria ter me contado tudo o que eu precisava saber e, no entanto, sou tão idiota por olhar para isso através dos olhos apaixonados por você.

— Não faça isso, Saylor.

Ele dá um passo à frente, e eu dou um para trás. Não quero ser tocada agora. Não quero ser mimada. Só quero ficar sozinha para tentar descobrir como me sinto. Sei que ele pode sentir que estou o excluindo, mas não é intencional. É exatamente o que eu preciso fazer para processar tudo, quando, na realidade, não tenho absolutamente nenhuma ideia do quanto a história está ruim além dessas paredes tropicais.

— Ela parece uma atriz maravilhosa. — Minha voz é carregada de despeito. Dor. Acusação quando isso não diz respeito a ele.

— Say, ela provav...

— Não a defenda. — Minha voz é dura quando faço o aviso.

— Ela é a última pessoa que eu defenderia depois disso. — Sua voz é grave e o olhar é sério.

— Como você vive nesse mundo, Hayes? — Meus olhos se enchem de lágrimas. Meu peito se contrai quando percebo que este é o mundo em que eu entraria se Hayes e eu estivéssemos juntos.

— Faz parte do pacote... mas isso nunca importou, como importa agora.

O soluço se prende na minha garganta quando volto para a minha mala. Para minha vida cotidiana, que parece tão distante agora. Como minha vida normal será afetada por isso? Pelas dicas que DeeDee deixou, temo que não vai ser bom.

Será que viver nessa vida, onde as imagens podem ser mal interpretadas e a reputação arruinada por nada além de um boato? Uma mentira? Um equívoco?

— Você pode parar de fazer as malas por um segundo e olhar para mim?

— Não. Preciso ir para casa. — É mais fácil me concentrar nisso do que no olhar de derrota em seus olhos e o tumulto de medo me envolvendo. Esta manhã acordei certa sobre o nosso futuro e agora não tenho certeza se posso viver no mundo dele.

— Saylor. — Suas mãos estão em meus ombros. Tento me livrar delas, mas ele ainda os segura. — Não se afaste de mim. Já passamos por muito para você se afastar assim.

Ele me conhece bem o suficiente para saber o que estou pensando. O tom de medo em sua voz — o mesmo que está ecoando em meu coração — me diz isso. Então, ainda que ele possa pensar que sou forte, não acho que seja o suficiente para isso.

— Não estou me afastando. Só preciso... — Inclino a cabeça e luto pra caramba para evitar que as lágrimas caiam. — Só preciso ir para casa. Preciso de

tempo para pensar com a cabeça tranquila, Hayes. Preciso resolver a confusão que temo que esteja em minha vida agora.

— Olhe para mim. — E não é como se eu tivesse alguma escolha quando ele mesmo me vira pelos ombros. Seus dedos estão em baixo do meu queixo, me forçando a encontrar seus olhos.

— Sei que você está chateada. Brava. Você tem todo o direito de estar. *Eu também estou*. Farei o que puder para consertar isso. O que for preciso, mas sei tão bem quanto qualquer um que não posso controlar no que as pessoas acreditam ou não. E só importa o que nós sabemos. O que nós acreditamos.

Assinto sutilmente para que ele saiba que eu o escuto. As palavras que ele disse e as que não são ditas, mas que estão em seus olhos, que me dizem que ele acha que fiquei assustada. E uma parte de mim ficou. Só não sei quanto.

— O forno da confeitaria queimou. Preciso ir até lá para descobrir qual modelo vai substitui-lo e quais os planos de preço e pagamento... só preciso voltar para lá. — Deixo a mentira desaparecer, porque sei quais são essas respostas. Mas o que eu preciso é de espaço para pensar. Respirar.

— Vou para casa com você. Darei uma entrevista e explicarei nossa história. Como nos reencontramos. Vou resolver tudo. Fazer os cretinos se retratarem. — Sei que ele está falando sério, mas também sei que não pode desfazer o que foi feito, porque estará na defensiva. E a defensiva nunca é um bom lugar para se estar. *Viajei até aqui para evitar isso*.

— Não vai importar. Você sabe disso. Já está impresso, portanto, já acreditaram.

— Mas é melhor que não fazer nada. Darei quantas entrevistas forem necessárias para fazê-los acreditar. Só precisamos descobrir como lidar com isso no momento.

Olho para ele com os olhos cheios de lágrimas e tento soar certa em minhas palavras.

— Não há nada com que se lidar. O que vai acontecer é que vou para casa para resolver o problema na confeitaria e você vai para Nova York, porque tem um teste amanhã. Não quero que você perca o papel por não ter comparecido. Não preciso ser mimada, Hayes. Vivi minha vida adulta sem você, então não preciso que você segure a minha mão agora. — Odeio o brilho de fúria em seus olhos com o meu comentário, mas é a verdade. O som do zíper sendo fechado na minha mala no silêncio do quarto reforça minhas palavras. — Vou para o aeroporto agora. Quero tentar pegar um voo mais cedo para que eu possa colocar a *Sweet Cheeks* de volta nos trilhos.

— Vou com você.

— Não. — Eu rio, mas não há diversão no som. — Quero ir sozinha. Se você

voltar correndo comigo, as pessoas vão pensar que estamos chateados e tentando encobrir algo. Alguém vai comentar que você perdeu o teste. Suposições serão feitas sobre o motivo. A última coisa que precisamos agora é dar mais munição para as mentiras dela.

— Não dou a mínima para as mentiras. — Sua voz ecoa no quarto e de volta para mim. Sua raiva é tão pura, sua emoção, tão real.

— Sei que você não liga, Hayes. Mas, por favor... você pode estar acostumado com isso... mas *eu não estou*. Com nada disso. Só me deixe ir sozinha. Me deixe ficar um pouco nas sombras. Preciso de tempo para processar. Para resolver tudo isso. Chegar em casa, ficar em meu próprio espaço e...

— Por que você está fazendo isso soar como um adeus, Saylor? — Suas mãos nas minhas bochechas não me permitem desviar o olhar do dele como eu quero.

— Não é. Mas não sei se posso sobreviver no seu mundo, Hayes. — Ele pressiona um beijo nos meus lábios. É afetuoso, simples e ainda carregada de tanto sentimento que uma única lágrima desliza pela minha bochecha. Meu coração dói. Minha cabeça está muito confusa. Cada parte de mim está com medo de ir embora e nunca mais vê-lo novamente. De nunca mais ter a sensação que tivemos neste fim de semana.

O amor que ele sente por mim é claro em seus olhos. Ele descansa a testa contra a minha, nossas respirações se misturando, nossos olhos fechados, nossos corações entendendo que estão prestes a se separar.

— Por favor, não faça isso, Say. — Uma segunda lágrima desliza pelo meu rosto. *Eu te amo, Marinheira*. Meu coração precisa ouvi-lo dizer as palavras. Me dar algo permanente no qual me segurar enquanto faço o que preciso fazer.

Ir embora.

Mas ele não diz.

— Preciso de um tempo para decidir se posso. Adeus, Hayes.



O voo de volta para casa foi um exercício de como chorar em silêncio sem que ninguém no avião percebesse. As fotos e manchetes das revistas de fofoca espalhados pelas bancas do aeroporto eram horríveis. As coisas dolorosas que publicaram se repetias sem parar.

Foto após foto. Título após o título. Mentira após mentira.

Foi como os comentários da recepção do casamento em um alto-falante. Um pior que o outro.

E, por mais que eu quisesse comprar todas elas — para que eu pudesse evitar que os outros as vissem e lessem cada linha para saber o que eu estou enfrentando, não o fiz. Decidi me sentar em um canto quieta, escondida por uma lata de lixo com meu rosto disfarçado debaixo de um boné de beisebol para que pudesse ler todas as matérias pelo wi-fi ruim do aeroporto no meu celular.

Foi adorável — insira sarcasmo aqui — ver a sra. Layton dar suas opiniões a meu respeito em um dos artigos. O ex-noivo abandonado, Mitch, também, porque quem poderia imaginar que o relacionamento de Hayes e o meu haviam seguido um cronograma semelhante? Então, quando Mitch disse que suspeitava que eu o estava traindo, ele não ficou surpreso de que isso fosse verdade.

Portanto, não sou alguém que acabou com o relacionamento de Hayes e Jenna, mas *minha* traição arruinou o meu também. *E é claro que não havia nada sobre Hayes nas matérias. As forquilhas que antes estavam apontadas para ele agora estão direcionadas para mim.*

Estou. Ferrada.

As histórias e as manchetes só ficavam mais criativas, mais difamadoras a partir daí. Me pintando como uma pessoa horrível por afastar o casal que o público havia coroado sem cerimônia como o casal de Hollywood.

Sentada no aeroporto, me senti muito sozinha e vulnerável. Eu teria dado

qualquer coisa para ligar para minha mãe e ouvir sua voz suave me dizendo que tudo ficaria bem no final. Para que ela me mandasse jogar as revistas na lata de lixo perto de onde eu estava sentada e me assegurasse que ninguém no aeroporto estava olhando para mim. Para me abraçar, murmurando que tudo acontece por um motivo, e que, às vezes, leva tempo para saber qual poderia ser a razão. E depois pedir ao papai que pegasse o telefone dela e me contasse uma das suas piadas horríveis para me animar. Me lembrasse de que todos os homens são idiotas e é por isso que Deus criou as mulheres.

Deus, eu sentia falta deles.

Em vez disso, liguei para Ryder. Eu o escutei reclamar sobre o que estavam publicando quando tudo que eu queria fazer era cobrir minhas orelhas e abafar o barulho.

Mas nada — nem as revistas, nem sentir que tinha decepcionado Ryder, nem o meu medo de perder a *Sweet Cheeks*, porque os clientes poderiam boicotar a loja — se comparava com o olhar no rosto de Hayes quando ele me levou até o carro que esperava para me conduzir ao aeroporto. Naturalmente, estava na área de serviço devido à grande quantidade de fotógrafos na entrada do *resort*.

Nem as imagens que publicaram dos amantes clandestinos ou as horríveis e vis mentiras poderiam se comparar à dor no meu coração quando compartilhamos o último beijo agridoce. O beijo onde minhas lágrimas eram constantes e nada poderia diminuir o sentimento vazio de dizer adeus.

Ainda posso ouvir a promessa sussurrada de Hayes de que ele *resolveria isso*. Como ele me disse que eu estava cometendo um erro me afastando dele em vez de passarmos por isso juntos. Como eu deveria ir a Nova York com ele por alguns dias, conceder uma entrevista juntos para mostrar às pessoas o que realmente existe entre nós.

Mas escolhi ir embora, apesar do meu peito doer a cada respiração. Já sinto muito a falta dele.

Mas sentir falta dele não faz nada para aliviar o fato de estou completamente abalada com tudo isso.

Voei para a ilha como uma inofensiva ex-namorada do segundo grau e, em um intervalo de quatro dias, volto para casa como uma prostituta adúltera odiada pelo que parece ser o mundo inteiro.

Então preciso dessa distância. Preciso da minha própria cama. Meu próprio espaço. Meus próprios pensamentos. meus É claro que não vou parar de pensar nele, mas ainda serão meus. Sem ele me pressionando e me dizendo que vou me acostumar às mentiras e à atenção constante e que preciso aprender a não deixar que isso tudo me afete. Porque não quero viver assim. Não quero ouvir e ver mentiras e ser tão fria com o mundo que tenho que excluí-los para viver o meu

dia-a-dia.

Sei que não é culpa dele e, ainda assim, preciso de certa distância para não atacá-lo. Porque saber que não é culpa dele não conserta a humilhação que tenho que enfrentar sobre as coisas horríveis que estão sendo impressas, postadas, twittadas e divulgadas em Snapchat a meu respeito. Isso não para as respostas cruéis sobre o quanto eu sou feia em comparação à impecável Jenna Dixon. Isso não cala os comentários sobre como é que Hayes Whitley pôde me escolher, uma confeiteira muito comum, ao invés da glamorosa estrelinha. Que devo estar grávida, porque essa é a única justificativa para ele ficar comigo quando poderia tê-la.

E isso, definitivamente, não ameniza o medo que fica no fundo da minha cabeça e continua se arrastando em intervalos aleatórios. Se a imagem é tudo em Hollywood, se os estúdios têm a atração de fazer os atores parecerem ou não com outros atores por causa das imagens preciosas, se as massas nunca me aceitarem como namorada de Hayes porque sou conhecida como uma destruidora de lares, como o nosso relacionamento vai durar?

Os relacionamentos são difíceis o suficiente como são. Especialmente os novos. E ter toda essa pressão externa sobre nós desde o começo? Nos preocupar constantemente com qualquer coisa que eu faça ou diga e como ela será interpretada e postada na imprensa me deixa em pânico. Não quero ser uma responsabilidade para Hayes.

Não quero esse estresse adicional na minha vida.

A pressão pode fazer até mesmo a pessoa mais forte vacilar, então sei que isso pode terminar relacionamentos também.

Deixe que decida isso, Saylor.

Sei que não é justo pensar em tudo isso sem falar com Hayes, sem ouvir sua opinião, mas ainda não suporto falar com ele. Ler suas mensagens continuas é bastante difícil. Sinto falta dele. Eu o amo. Só preciso saber que posso entrar nesse relacionamento com os olhos abertos e força suficiente para que, quando a merda bater no ventilador, eu esteja segura o suficiente de ser a pessoa que ele precisa que eu seja na loucura do seu mundo.

Fecho os olhos e aperto meu nariz enquanto o táxi sai da estrada. Estou pensando demais nisso. Na verdade, só consegui pensar nisso entre as crises de lágrimas e a constante dúvida quando tudo que quero é a força para acreditar *em nós*.

Quando voltamos para a State Street, a estrada, geralmente, pitoresca está cheia de carros. O estacionamento do shopping a direita da *Sweet Cheeks* está completamente cheio.

Deve haver outro evento do ensino médio ou exposição de artesanato. Dando

de ombros, suspiro de alívio quando o toldo listrado de rosa e branco da confeitaria na nossa frente. O Ford Escape vermelho de DeeDee estacionado e sabendo que minha cama está lá em cima.

Vazia.

Sem Hayes nela.

E odeio pensar nisso.

Um novo aviso de *Não Ultrapassar* chama minha atenção quando entramos no estacionamento, mas estou tão preocupada em passar meu cartão de crédito para pagar a viagem que nem percebo o que está acontecendo do lado de fora. Mas quando abro a porta do táxi, fico assustada com a visão de um grupo de homens empunhando câmeras e um maremoto de sons enquanto eles chamam meu nome.

Fico momentaneamente atordoada. E acho que fico ali, piscando por vários segundos enquanto minha cabeça, emocionalmente desgastada, tenta acompanhar o que realmente está acontecendo. Mas os segundos parecem minutos nesta realidade alternativa em que entrei, onde o clique do obturador é um som constante.

Clique, clique, clique.

Saylor, aqui. É verdade?

Como você se sente roubando o solteirão mais desejado de Hollywood de Jenna Dixon?

Clique, clique, clique.

Você vai mudar a confeitaria para Hollywood agora?

É verdade que ele só está com você porque está grávida?

Clique, clique, clique.

Por que você faria isso com Jenna?

Ele é tão bom quanto dizem?

Clique, clique, clique.

Antes que eu possa piscar, DeeDee está na minha frente, segurando a minha mão na dela. Ela assume o controle, pega minha bagagem com o motorista e me leva até a confeitaria — *minha confeitaria* — e fecha a porta atrás de mim.

Espero que o barulho termine. Os gritos, cliques e flashes tão brilhantes que parecem estar gritando para que eu pare também. Mas não estão. Estão mudos agora. Ainda há caos do lado de fora, mas não tão alto.

Quando olho para cima, há pessoas nas mesas lá dentro. Com xícaras de café, embalagens de cupacakes vazias e blocos de notas. *Clientes*.

— Eles podem estar pagando pela comida, mas não confie neles. São repórteres — Dee fala, erguendo o queixo para os fotógrafos do lado de fora, que agora estão direcionando suas lentes para a vitrine onde eu estou. — Ryder diz

que eles podem ser idiotas, mas, com certeza, vamos pegar o dinheiro deles.

Olho para ela. Em estado de choque. Sobrecarregada. Me perguntando como eles sabiam que eu estaria aqui quando o meu voo original não estava programado para pousar por mais duas horas.

E então isso me atinge. Não importa.

Eles estavam esperando.

Querendo bisbilhotar.

Precisando de uma nova foto para vender para que alguém possa criar mais mentiras a meu respeito.

Merda.

Bem-vinda ao lar para mim.



— Não me importo. Emita a declaração. Programe uma exclusiva. Faça o que for preciso para consertar isso ou vou quebrar o acordo de confidencialidade e me arriscar... se não me pagarem, você não recebe.

Olho pela janela para a cidade e mordisco o interior da bochecha quando meu comentário atinge meu agente, Benji, bem onde eu quero: na hipoteca pesada que ele acabou de adquirir quando comprou aquela casa de Laurel Canyon.

— Hayes...

Cerro os dentes ao ouvir sua entonação apaziguadora, e *isso vai explodir em atitude*. Ele não viu o rosto dela, nem suas mãos voando para cobrir a boca enquanto ela estava na frente do maldito jornaleiro do aeroporto e lia as manchetes das quais ele já havia me avisado. Ele não se escondeu nas sombras e observou a mulher que ama enxugar as lágrimas enquanto tocava as revistas de fofoca como se quisesse ver se elas eram realmente de verdade antes de dar uma olhada nas capas para ler o que haviam publicado sobre ela.

Porque, sim, eu a segui até o aeroporto. Eu a teria seguido por todo o caminho até sua casa se pudesse, mas seu voo estava cheio. Nem mesmo suborno ou meu status de celebridade me permitiram comprar um assento naquele voo. Minha luta foi contida em comparação à forma como eu me sentia por dentro. Minha necessidade de não chamar mais atenção para ela por qualquer paparazzi à espreita reajustou meu foco. De jeito nenhum eu ia deixá-la ir para o aeroporto e enfrentar fotógrafos sem que eu estivesse lá para intervir se fosse necessário.

Mas me matou vê-la se escondendo ao lado da lata de lixo, provavelmente lendo as histórias em seu telefone. Me enfureceu saber que ela deu atenção para as mentiras.

Merda, enquanto eu a observava por trás dos óculos escuros e gorro, tive ideia de ir até ela e não dar outra escolha a não ser a de que eu iria junto e ponto final.

Arrumar a droga de um avião se fosse necessário para nos tirar de lá juntos, porque eu a perdi uma vez e não ia correr o risco de perdê-la novamente.

A última vez tinha sido certo ir embora. Eu tinha motivos justificáveis. Desta vez? *De jeito nenhum*.

Aquele olhar. Ela estava assustada. Espantada pela confusão em que nós, os artistas mais famosos de Hollywood, vivemos. Há um grande privilégio, mas também um monte de mentiras. E a única coisa pior do que vê-la ir embora — deixá-la enfrentar essa fera sozinha — é perdê-la.

Então fiquei do outro lado do minúsculo terminal. Querendo estar sentado ao seu lado, falando com ela a esse respeito, mas ao invés disso, fiz a coisa mais difícil para um homem fazer: me sentei e observei a mulher que amo, sabendo que ela estava sofrendo, e tudo que eu podia fazer era sentar lá e bufar.

Porque, dane-se, sim, *eu a amo*.

Não tenho nenhuma dúvida sobre isso.

Foi difícil o suficiente colocá-la em um carro e lhe dar um beijo de despedida. Segurando as palavras que sinto, mas sabendo que não significaria nada para ela, considerando as circunstâncias. Dizer eu te amo pela segunda vez deve ser especial, não deveria dizer porque eu estou com medo de perdê-la.

Mas estraguei tudo. *Grande momento*.

Só depois que o avião decolou que percebi o que fiz. Ela me ouviu dizer essas palavras para Jenna. Mas não *para ela*. E não há como consertar, a não ser ganhar a chance de falar com cara a cara ela.

Mas agora estou aqui.

Em Nova York, na minha casa longe de Los Angeles, e muito longe dela. Então, dependo do Benji resolver isso, porque ele é a droga da razão pela qual eu concordei em assinar a porcaria do contrato de confidencialidade. Seu pedido silencioso. Seu comentário sobre como Jenna não ousaria se foder, porque ela não administrava bem suas finanças e precisava do dinheiro que o filme traria. Viagem após a ida a uma reabilitação isolada e confidencial no Arizona, cheia de jardins zen e yoga, ou alguma coisa do tipo com os melhores conselheiros que o dinheiro poderia comprar, custava caro.

— Olha, cara. Sempre respeitei suas opiniões. E assumo toda a responsabilidade pelas besteiras com a Jenna, mas acho que você está perdendo a noção do todo. Eu. Não. Dou. A mínima. — Cada palavra soa como outra corda para o meu controle. — Para a minha imagem. Para o filme. Pra merda nenhuma. Isso precisa ser resolvido e para ontem.

Há silêncio na linha. Disse o que queria. Ele recebeu o meu *que se dane*.

— Te ouço, *alto e claro*, mas ninguém mais vai. Você é muito bom ator, Whitley. Fez todo mundo acreditar que você estava com a Jenna. E então, com o

seu silêncio, todos tinham se apaixonado pela rotina do namorado cretino, onde os caras questionavam como você poderia encontrar uma boceta melhor do que a da Jenna Dixon. E as mulheres, enquanto te odiavam por você tê-la traído, também estavam puxando os lençóis e te desejando em suas camas. Você nunca desfez o personagem. Não falou sobre isso. Você não...

— Porque assinei a droga do contrato de confidencialidade seguindo o seu conselho — retruco com os dentes cerrados.

— Sua reputação também estava em jogo, cara. Você não teve escolha. Mas sabe tão bem quanto eu dar um monte de entrevistas não vai fazer nada para mudar a reputação da Saylor.

E eu odeio isso. Com uma represália.

Minhas mãos se fecham em reflexo. Meus dentes rangem. Sinto o mesmo desamparo que senti quando ela embarcou no avião no outro dia e saiu da minha vista.

— Entre em contato com a Kathy. Ache uma forma de fazer uma conferência via face time com Givens, Seacrest e Cooper. O estúdio quer que eu seja a marionete deles? Dançarei conforme a música, vou promover o filme, e enquanto estiver fazendo isso, vou esclarecer tudo sobre Jenna e eu e onde Saylor se encaixa nessa equação. O estúdio quer um burburinho no dia do lançamento? Vou dar a eles um burburinho como nunca viram.

— Ouça, Hayes. Você seguiu com as regras até aqui, se certifique de não passar por cima de tudo agora. — Posso sentir sua frustração. Ouço seu suspiro pelo telefone. Espero o aviso de atenção mais uma vez. — Entendo que você esteja frustrado. Sei que quer gritar a verdade sobre a Saylor, mas estou lhe dizendo que seu melhor plano de ação é sentar e esperar. Isso vai explodir.

— Você está certo. *Pode ser*. Mas isso vai significar uma coisa completamente diferente para mim do que para a Saylor. Você sabe como é a primeira vez que abrem a porta do carro e tem uma câmera na sua cara? Ou ouvir o clique do obturador de algum lugar nos arbustos, mas não sabe onde até que você pegue o brilho da lente? É assustador se você não é um viciado em atenção como nós atores somos. E ela é a coisa mais distante disso.

— Vai passar, Hayes. — Há simpatia em sua voz desta vez, mas ainda não é suficiente.

Desligo sem dizer mais nada. Me sento e olho para as luzes da cidade. Gostaria de saber quantas pessoas leram sobre Saylor hoje. Me pergunto se acreditaram nas mentiras de imediato. E então me pergunto por que as pessoas se importam com quem eu namoro, em primeiro lugar. Pego a cerveja pelo gargalo e a tomo. A exaustão me atinge, mas ainda não consigo dormir. Olho para o meu telefone, meu polegar passa instantaneamente para verificar as mensagens, só no

caso de eu ter perdido alguma coisa dela.

Mas não há nada.

Bem-vindo a Hollywood, filho, onde os sonhos se realizam, e aquela que você quer mais do que qualquer um não mandará SMS para você, porque ela tem medo do que esses sonhos envolvem.

Estou fodido.

Vai passar. Claro que vai. A questão é: será como um furacão ou uma brisa quando isso acontecer?



Isso é culpa sua, filho da puta. Descubra como resolver essa situação. Toda ela. Se você partir o coração dela de novo, vou te dar mais do que apenas um soco na próxima vez que te vir. A voz de Ryder soa alta e clara na minha caixa postal. Sua ameaça é real... não esperaria menos dele. E ainda traz um sorriso aos meus lábios, porque é a única mensagem que mereci hoje.

A audição foi uma droga. E não porque eu não soubesse minhas falas ou não pude entrar no personagem, mas por causa daquela maldita cena. Aquela que ensaiei com Saylor, que me deixou todo excitado e incomodado, e que soou verdadeira demais para nós dois. Para a nossa história.

Imploraria, suplicaria e mentiria para ter de novo a chance de vê-la. Assim como a porcaria do roteiro diz.

Então, sim, foi uma audição ferrada. Na minha cabeça, de qualquer maneira.

Para todos os outros que estavam avaliando, eu os atingi. A emoção. O sentimento. Tudo isso... *porque eu não estava atuando*.

Ganhar o papel não significava nada, porque eu não podia ligar para ela e compartilhar as boas notícias.

E claro, a partir daí meu dia foi uma merda. Como pegar a última foto de Saylor nos jornais espalhados sobre a mesa na Starbucks enquanto esperava na fila. Aquela com os olhos arregalados e a bolsa pendurada na mão enquanto saía de um táxi na frente da *Sweet Cheeks*. Dizer que o olhar de choque e medo em seu rosto parecia uma faca no meu coração é um eufemismo.

Mas as minhas mensagens permanecem sem resposta. Meus recados não foram respondidos. Minha frustração cresce cada vez mais enquanto a droga do meu coração se aperta a cada momento que não falo com ela.

Em seguida, veio o telefonema de Tessa. Sua fúria por não tê-la levado a algum lugar e fiz com que as fotos fossem tiradas para que ela pudesse receber a atenção que Saylor estava recebendo. *Porque qualquer notícia, inclusive as*

ruins, são notícias, certo Hayes? E seria ótimo que ela saísse em matérias e fotos comigo, pois a ajudaria a manter sua visibilidade. Ela tem uma bússola moral fodida. Está morrendo por atenção — *cadela sem coração e presunçosa* — e Say não quer nada disso.

Mas tenho que admirá-la. Hollywood pega todos os tipos.

Depois disso, mais uma ligação de Benji e outra da minha agente, Kathy. As promessas de que as entrevistas estavam sendo agendadas. Que um local para isso estava sendo discutido. Seguido por um lembrete gentil do que estava em jogo.

Sim. *Saylor está em jogo*. O motivo. O porquê. O final do jogo. Nada mais importa.

E é claro que Jenna não está em lugar algum. Desapareceu. Essa pequena informação me mata. A ironia que ela pode causar, esse tornado de mentiras, soltando dicas maliciosas sobre Saylor e quando quero entrar em contato *com ela*, seu telefone não atende. Ninguém sabe onde ela está.

Vou encontrá-la e convencê-la a contar à imprensa o máximo possível sobre nós. Que terminamos nosso relacionamento de comum acordo, não porque eu a traí. E que Saylor nem estava por perto quando isso aconteceu.

Ou então eu vou contar. E com um toque dramático, vou incluir todos os pontos extras que fazem histórias como esta serem adoradas pelo público. Como uso de drogas e tentativas de suicídio.

Simples.

Só isso.

O que seria ainda melhor se Saylor atendesse a droga do telefone quando eu ligasse. Mas ela não atende e agora preciso encontrar outra maneira de chegar até ela. De atingi-la.

Convencê-la de que meu mundo não é tão ruim quando enfrentamos juntos.

Sinto sua falta.

Preciso estar com ela.

Abraçá-la quando ela estiver sofrendo.

E está me matando por não estar.



Eu estou perdida na massa.

Isso chega a ser ridículo, mas estou. Está no meu cabelo, no avental e na minha bochecha. O balcão da cozinha está uma confusão de latas, ingredientes e utensílios. Meu apartamento está com o mesmo cheiro da confeitaria.

O temporizador está apitando. Meu celular continua vibrando na mesa atrás de mim com alertas que eu ignoro.

E nesse caos, posso finalmente pensar. Posso descobrir qual dos dois fornos nos folhetos que estão no sofá eu preciso e como posso fazer os pagamentos mensais. Posso evitar o olhar do meu irmão lá embaixo, que continua balançando a cabeça, me perguntando como eu deixo isso acontecer, mesmo que ele saiba que não tive culpa nisso. Posso lutar contra a humilhação da mais nova rodada de insultos impressos. Aquela sobre como, *supostamente,* eu joguei fora o dinheiro do Mitch — sem ele saber — e abri a confeitaria dos meus sonhos antes de largá-lo no altar.

Mentiras. Falsidades que a população consome.

Olho para o vaso de rosas negras na minha mesa. O lindo presente de um admirador de Hayes que me ameaçou por roubá-lo de Jenna. Elas refletem os bilhões de comentários na rede social esta manhã, quando criei coragem e decidi entrar e enfrentar a tempestade para ver o quanto era ruim. Cruel é um eufemismo. Então fiquei com as flores — apesar de Ryder me implorar para jogá-las fora — como um lembrete sutil da loucura em que estou entrando com Hayes. *Se eu for entrar nisso*.

Então acordei esta manhã usando a camiseta que ele enfiou na minha mala — seu cheiro, bem-vindo, ainda persistindo nela — antes de me trocar para que pudesse assar cupacakes para evitar minha nova realidade indesejada. Mais importante, ter tempo para chafurdar na dor do meu coração que está ardendo

nas últimas vinte e quatro horas.

Eu me maravilho com a forma como a viagem a Turcos e Caicos foi de apenas quatro dias e, ainda assim, pareceu como uma vida inteira com Hayes. Como o coração pode se lembrar do que a cabeça escolhe apagar. Como Hayes e eu nos reconectamos e nos tornamos um *casal* sem que nenhum de nós discutíssemos sobre isso. Sem pensar demais. E como isso parecia certo.

Foi porque, tecnicamente, passamos mais da metade de nossas vidas juntos, então a transição foi perfeita? Ou porque nossos corações reconheceram que nosso primeiro amor merecia uma segunda chance?

Fora de tudo que toma conta dos meus pensamentos, minha mente continua voltando a isso.

Mas ouço o barulho dos repórteres na confeitaria subindo pela escada. A porta está entreaberta para que eu possa levar os cupcakes para esfriar mais rápido na caixa refrigerada antes de congelá-los. E, em seguida, iniciar o processo novamente nos bastidores enquanto DeeDee e Ryder cuidam dos clientes. Clientes que, desde que voltei para a cidade dobraram em quantidade.

Então escolhi ficar aqui em cima trabalhando. Longe dos olhares indiscretos e das suposições malucas dos idiotas e suas câmeras, e dos curiosos que, de repente, têm vontade de comprar um cupcake quando passam direto todos os outros dias.

E eu cozinho. Pelo aumento da demanda. Para me perder nos meus pensamentos. Para combater a saudade de Hayes. Esquecer que, se eu optar por estar com ele, as duas dúzias de repórteres do lado de fora podem ser minha rotina diária.

O dia se arrasta. Tomo banho depois da décima segunda fornada da manhã, depois me forço a me maquiar e parecer apresentável só para provar para mim mesma que posso funcionar se Hayes não estiver em cena.

Ainda estou me sentindo péssima. Seguro sua camiseta contra o nariz e respiro seu cheiro. Isso me faz sentir mais saudade dele, mas também me traz uma sensação de calma.

E eu me pergunto por que estou sendo tão teimosa ao ficar sem falar com ele. É teimosia ou resiliência? Se nos falarmos, essa loucura ao nosso redor vai se desintegrar e eu só vou vê-lo. A nós.

Talvez seja uma coisa boa. Talvez isso me diga que ele é tudo de que preciso e, se estou com ele, o exterior não importa.

Mas não posso passar a vida colada a ele. O que acontece quando ele ficar em gravações durante semanas a fio ou estiver tão ocupado filmando que nos veremos apenas de passagem? Não haveria blindagem. Não haveria Hayes para me proteger das falsidades que estão sendo ditas. *As mentiras sendo contadas,*

*uma vez traidora, sempre traidor*a. Posso lidar com isso? Com repórteres curiosos vagando na *Sweet Cheeks* para tentar entrar em contato com Hayes Whitley? *Comigo*?

E, droga, só porque ele estava falando daqui a dez anos, isso não significa que estarmos juntos até lá será um fato. Então, por que estou preocupada com o para sempre quando não posso nem dar o hoje a ele? Não devo levar um dia de cada vez e ver como será?

— Ah, meu Deus — eu gemo com um aceno de cabeça. Estou me tornando uma daquelas mulheres sentimentais que jurei que nunca seria. Aquela para quem eu revirava os olhos e dizia para superar quando agia como se fosse um problema ter um homem apaixonado por ela que quer fazer as coisas darem certo, independentemente das influências externas.

Vou me dar mais alguns dias para ver quanto tempo dura esse tipo de atenção e caos. É estranho pensar em como vivi tanto tempo sem ele, mas neste curto espaço de tempo, não tê-lo comigo parece vazio, triste e solitário. Já passei por isso antes e nunca mais quero me sentir assim de novo.

Isso é mais do que sentir falta dele. É saber que sem ele estou incompleta, como se metade da minha alma estivesse à deriva.

— Saylor. Você precisa vir aqui — a voz de Ryder soa das escadas, e eu me contorço com a ideia.

— O que foi?

— Você precisa vir aqui para ver por si mesma.

Com resignação, mas agradecida por estar realmente apresentável, desço as escadas com minha postura defensiva e atitude desagradável.

— Ry? O que é isso? — pergunto enquanto dou a volta e quase dou de cara com um cara corpulento na área dos fundos entre as escadas para minha casa e o espaço da cozinha da confeitaria. Mais ou menos na mesma hora em que ele murmura um pedido de desculpas, percebo o que está carregando.

— O que é isso? — Olho para Ryder em pé do outro lado do novo, brilhante, o sonho de uma confeiteira em aço inoxidável: um forno que está sendo manobrado no espaço.

— É um forno rotatório da Baxter.

— Sei o que é. — Rio, me sentindo confusa enquanto fico hipnotizada com forno dos meus sonhos. — Só estou tentando descobrir por que estão entregando no lugar errado.

Os caras se movem com as minhas palavras e um deles tira a papelada do bolso de trás.

— Diz bem aqui: Para a srta. Saylor Rodgers, da *Sweet Cheeks CupCakery* com o pagamento integral feito antecipadamente.

Assustada, olho para Ryder, que apenas dá de ombros com um leve sorriso no canto dos lábios, olhos semicerrados como se estivesse tentando descobrir de onde veio. Uma parte de mim sabe a resposta antes mesmo de eu pedir para ver os papéis. E quando o faço, sei que estou certa. Aquela assinatura familiar, que eu conheço desde que ele rabiscou meu dever de casa para me irritar no ensino médio. Depois, há um bilhete manuscrito ao lado do nome.

Ela vai discutir ou se recusar a aceitá-lo. Não dêem ouvidos a ela!

Hayes

Quero estrangulá-lo.

Rangendo os dentes, bufo em sinal de frustração embora a carranca em meus lábios esteja me traindo e começando a sumir para dar lugar a um sorriso nos cantos. Olho para Ryder.

— Você sabia?

— Não tinha ideia, mas pelo olhar em seu rosto posso adivinhar de quem é.

— O idiota. — O comentário é sem entusiasmo e sem qualquer convicção. Como pode ser quando Hayes acabou de comprar o equivalente à Ferrari de fornos para mim?

— Humm. Definitivamente idiota — Ryder murmurou com um aceno de cabeça e um meio sorriso.

— Acho que esse é o jeito dele de me fazer ligar, né?



Cada toque do telefone parece uma eternidade. Estou irritada, grata, confusa e sobrecarregada com como ele podia me comprar algo tão extraordinário — algo que custa tanto quanto um carro — quando o afastei.

— Marinheira?

— É muito. Obrigada, mas não posso aceitar.

— Então eu não posso te aceitar dizendo que você precisa de tempo e ficar longe de mim.

Suas palavras aquecem meu corpo. As partes que doem de saudade dele. As partes que temem um amor tão forte. O desconhecido ainda rodopia ao nosso redor.

O desejo de saber que ele acha que vale a pena lutar por mim.

Meu suspiro deve dizer a ele o quanto isso é difícil para mim, porque ele permite o silêncio por um momento. Me conhecendo como conhece, Hayes me dá tempo para processar o quanto nos sentimos distantes agora, o que me faz sentir ainda mais a falta dele.

— Só se passaram quarenta e oito horas e sinto sua falta. — Minha declaração é simples. A falha na minha voz reflete a minha luta, o quanto é difícil admitir.

— Eu sei. Eu também. Comprei uma passagem de avião para casa cem vezes na minha cabeça hoje.

— Não posso aceitar o forno, Hayes. É demais.

— Mas você pediu tempo, e eu estou tentando te dar, mesmo que isso esteja me matando — ele fala, ignorando a minha recusa do forno.

— Hayes, você não está me ouvindo.

— Estou escutando. Mas escolhi *não* te ouvir.

Meu sorriso é instantâneo. As lembranças de como eu costumava me sentir frustrada quando ele costumava usar essa defesa comigo quando éramos mais jovens.

— Sei que você está sorrindo, Marinheira. Posso ouvir através da linha.

— Talvez.

— E aposto que você está esfregando a orelha agora, mesmo quando tem coisas que quer dizer, mas não sabe como.

Suas palavras me fazem tirar imediatamente os dedos do ouvido. Eu odeio e amo o fato de ele me conhecer tão bem. É de admirar, apesar do caos atual, que ainda o ame?

— É possível.

— Ah, isso significa que estou certo, porque você sempre dá respostas monossilábicas quando não quer admitir as coisas.

— É possível. — Ele diz a palavra ao mesmo tempo que eu, e nós dois rimos.

— Viu? Eu te conheço, Saylor Rodgers. Sei tudo sobre você. E o que perdi durante esses dez anos sem você, quero aprender.

Meus olhos se enchem de lágrimas e não consigo entender como essa conversa que eu queria ter sobre como ele não pode me comprar um forno novo se transformou nele demonstrando exatamente o quanto ele sabe sobre mim.

— Você está aí?

— Sim.

— Está amassando esse seu nariz sardento? Chateada que o homem pelo qual você é loucamente apaixonada e *de quem você precisa de espaço* tenha ajudado a esquecer toda a besteira dos últimos dias com uma simples conversa?

Fecho meus olhos e caio contra a parede. Suas palavras se entrelaçam

naquelas frestas aborrecidas no meu coração — as que sei que sou idiota por ter, porque ele está certo. Já faz alguns minutos, e ele me provou que quando estou conectada a ele, *posso* lidar com todo o resto.

— Hayes. — *Eu te amo. Sinto muito. Sinto sua falta. Você está certo*.

Mas nada sai, porque talvez eu esteja com medo. Talvez o que eu sinta seja tão forte, o que explica porque estou hesitando, embora cada parte de mim esteja me dizendo para ir com tudo. Talvez seja por isso que não possa dizer a ele para vir para cá o quanto antes.

— Concordo — ele murmura, seguido por uma risada que é ao mesmo tempo sedutora e emotiva. — Eu concordo com tudo que você acabou de pensar, mas não disse em voz alta. Mas, não. *Ainda não*. Você disse que precisava de espaço. *Tempo*. Segundos. Minutos. Horas. Então vou dar isso a você, Saylor. Dez dias, para ser exato. Duzentas e quarenta horas em que você não pode falar comigo. — Ele faz uma pausa momentânea. — Quatorze mil e quatrocentos minutos – sim, *não ria*, tive que fazer essa conta na calculadora – do tempo em que vou te provar porque você não pode viver sem mim. Por que as histórias e as revistas de fofocas não significam nada. E como a opinião pública pode ser transformada quando você se esforça o suficiente.

— Você não precisa...

— Sim. *Eu preciso*. Isso é tanto minha culpa quanto da Jenna. Tive muito tempo para pensar, já que um certo alguém não retornou minhas ligações, e cheguei à conclusão de que talvez eu tenha deixado acontecer. Talvez eu tenha pressionado Jenna para provar um ponto. Fui egoísta demais pensando em como eu queria calar a boca dela e descobrir como te seduzir, saber como seria dormir com você de novo, que não pensei em como ela poderia retaliar. Então, sinto muito, Saylor. Estraguei tudo. Joguei o jogo do estúdio e comi na mão de Jenna. Então me perdoe se eu estiver tomando as rédeas quando se trata de nós, mas não vou deixar esse resultado na mão de outras pessoas. Vou te dar a minha melhor performance... só espero que você possa lidar com isso.

Sinto como se eu não tivesse respirado durante todo o seu discurso. Meu peito queima e meu coração espera. Minha cabeça gira com as possibilidades enquanto minhas bochechas doem de tanto sorrir. *Hayes Whitley acabou de dizer que me ama*. Sei que ele não disse as três palavrinhas, mas ele as disse mesmo assim.

— E se eu já souber...?

— Não. Não diga isso. Palavras não valem nada. Atitude é tudo. Dez dias, Saylor. Dez dias e depois vou ouvir tudo o que você quiser. Até lá, quando a conversa terminar, fica estabelecido que o dia um começa agora.

Meu riso soa como alívio. Meu coração se sente contente, o que é bem

diferente de dois dias atrás, quando me senti perdida, confusa, exposta e traída. Nós dois precisávamos disso para avaliar o que era real e o que não era, e estou incrivelmente grata por termos chegado à mesma coisa. *Que queríamos que houvesse um nós*. E, ainda assim, não posso resistir...

— E se o seu jogo não for forte o suficiente para me conquistar?

Sei que ele pode ouvir a brincadeira na minha voz e que estou lançando um desafio.

— Será bom o suficiente, querida. Apenas espere e veja.

— Sou uma garota difícil de agradar.

Ele ri novamente. O tipo de risada que aquece a minha alma e me faz sentir um pouco mais firme neste mundo de caos que nos rodeia.

— Então nós vamos ter que esmagar cupcakes.



FALTAM OITO DIAS





— Sr. Dixon.

— Hayes? O que posso fazer por você, filho? — A voz profunda de barítono do pai de Jenna vibra na conexão.

— Desculpe incomodá-lo, Paul.

— É a Jenna? — Há preocupação e um tremor em sua voz, e odeio que ele pense na última vez que liguei depois que descobri sobre Jenna e sua tentativa de suicídio.

— Ela está bem, mas é por isso que estou ligando.

— Sim?

— Você sabe onde ela está se escondendo? Tenho tentado encontrá-la, mas ela não retorna minhas ligações. — Paro por um momento. Deixo a mentira sair da minha boca. — Precisamos agendar a coletiva de imprensa do *The Grifter*.

— Não precisa mentir, Hayes. Ela te jogou para os lobos, porque estava com inveja por você ter encontrado outra pessoa. Provavelmente, esperava assustar aquela moça. O jeito típico e egoísta da Jenna agir. Sinto muito por isso. Suas ações são indesculpáveis e não são algo de que me orgulhe. — Suas palavras me chocam. Parece que ele está tão cansado de suas peripécias quanto eu. — A última vez que soube, ela estava na casa de Malibu.

— Obrigado, Paul.



FALTAM OITO DIAS

Ignore-os.

Não deixe que te distraiam.

Digo a mim mesma para focar na nova ideia que me acordou de um sono profundo na noite passada e me deixou olhando para o teto tentando conceituá-la.

Um flash na tela do meu celular. Outro olhar para cima do cupcake que estou projetando para ver mais uma notificação e um fluxo interminável delas.

Pare de me distrair.

Deixo de lado o saco de confeitar e pego meu celular. Minha força de vontade é inexistente quando se trata de querer ler as respostas ao tweet de Hayes desde o início desta manhã. Não sei bem por que ele está perguntando sobre a população mundial ou o que isso tem a ver comigo, mas ajuda a passar o dia.



Se concentre, Saylor.

Na nova ideia. Em que combinações de sabor complementariam melhor o conceito. Sobre como esse pequeno lampejo de criatividade me tirou do apartamento onde me escondi de olhares indiscretos para voltar para a área de trabalho da confeitaria.

E embora eu tenha me relegado apenas à área de trabalho, pelo menos estou aqui.

Uma notificação pisca novamente. A distração funciona.



Sujo as mãos com a cobertura, trabalhando em design após design, tentando aperfeiçoar minha visão. Sou exigente, determinada e jogo fora dez designs para cada um que mantenho, porque tenho que acertar.

Além disso, entrar no modo criativo completo significa que estou distraída. E me distrair é muito mais fácil do que pensar no quanto sinto falta de Hayes e como estou frustrada com ele e sua porcaria de regra de dez dias.

Então, a criatividade ajuda a passar o tempo lentamente, até eu voltar a vê-lo.

Minha tela pisca.

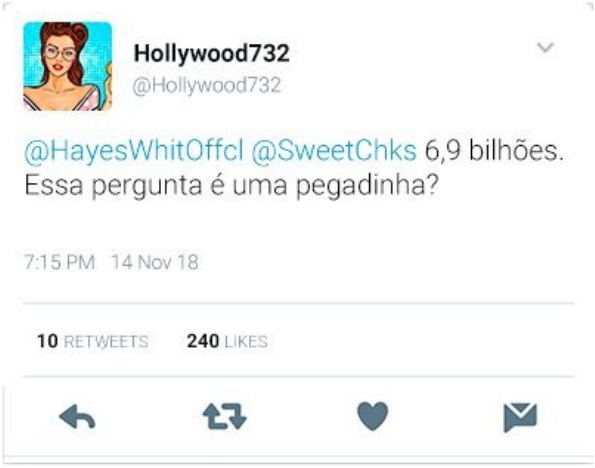
Desta vez, tento evitar me sujar de cobertura quando eu o pego.



A campainha da porta alertando novos clientes é contínua enquanto eu trabalho. A curiosidade ainda é forte. Apesar da placa que Ryder colocou na porta que diz: *Proibido o uso de câmeras*, os fotógrafos entram, compram um cupcake, e se sentam na esperança de que eu apareça na frente, onde eles podem tirar uma foto minha com seus celulares. As fãs param para comprar um cupcake com os olhos brilhando e olhando ao redor caso Hayes apareça.

Estão perdendo tempo. Se fossem *stalkers* de verdade, saberiam sobre sua regra ridícula de dez dias.

Enquanto isso, os tweets continuam a entrar.



— Você tem ficado muito quieta aqui atrás.

Ryder. Sorrio baixinho, sabendo que ele está diminuindo sua carga de trabalho regular durante os dias para ajudar — o que significa manter um irmão mais velho de olho em mim — e depois ir para casa e recuperar o atraso em suas próprias responsabilidades.

— Só estou testando uma ideia — murmuro enquanto dou um passo para trás e observo meu design.

— Humm. Então você está de volta à cozinha... isso significa que o novo forno é irresistível ou você conversou com o Hayes e descobriu as coisas? — Ele semicerra os olhos enquanto espera por uma resposta.

— Ele não está me dando opção. — Dou de ombros. Não luto contra o sorriso, porque me sinto melhor sem a pressão no meu peito.

— Não? — Ele levanta as sobrancelhas e acena.

— Não. E você nem precisou ameaçar socá-lo desta vez para colocar juízo na cabeça dele.

— Só estava tentando te proteger. — Sua expressão é cautelosa, sem saber se eu vou ficar brava com ele por ter interferido no passado.

— Eu sei. — Penso em todas as outras coisas que eu poderia dizer a ele: que sou uma garota crescida e que poderia tomar minhas próprias decisões. Que ele

pode ter sido a razão pela qual nunca voltamos. Mas não digo nada. Talvez não tivéssemos vivido nada do que passamos se não tivéssemos outras experiências para compará-las.

— O que há com o seu twitter esta manhã? — É a minha vez de mostrar choque e surpresa, ele notou. — Ei, eu checo suas redes sociais. Visibilidade é uma coisa boa – significa possíveis vendas – e você ganhou milhares de novos seguidores esta manhã.

Rá. Sempre cuidando de mim. *E* sempre de olho nos negócios.

— Não sei. Ele está tentando me conquistar.

— Acho que já conseguiu.

Começo a dizer *talvez*, mas paro quando vejo a cabeça inclinada para o lado enquanto ele observa as coberturas na minha frente.

Fico nervosa quando dou um passo para trás e tento olhar os cupcakes através de seus olhos. O primeiro parece ter uma agulha costurando a cobertura com as palavras “Pegando todo mundo” em letra cursiva acima dele. O outro ao lado parece vidro quebrado com as palavras “Um para jogar” em letras maiúsculas na parte de cima. O próximo tem o mesmo esquema de cores, apenas um tom mais escuro. O primeiro cupcake não tem design e diz “Um para esmagar” com seu correspondente dizendo “Ele pode ir se danar” e um par de lábios delineando as letras.

— São incríveis. Para quem são?

— Para mim.

— Pra você? — Ele parece confuso. — Achei que as coisas estavam melhorando. — Eu rio e aceno. Então conto a ele sobre Hayes e seus cupcakes do ressentimento. Como foi catártica a sensação de esmagá-los e a diversão que tivemos com eles. E como quando Hayes me disse outro dia que se ele não me conquistasse com seu charme, seu último recurso seria outra guerra de cupcakes do ressentimento.

— Bem — Dou de ombros. —, ele me fez pensar em nisso. E se as pessoas realmente comprassem para seus amigos quando eles terminassem um relacionamento. Então eu faço um para comer e outro para esmagar. Coloco em uma caixa dizendo que é meio a meio, com slogans fofos. É a terapia perfeita: *chocolate e agressão*.

Quando ele não sorri para minha piada, mas só coloca um dedo contra os lábios franzidos enquanto pensa, me sinto ridícula, achando que isso não pode funcionar ou ter apelo comercial.

— Foi só uma ideia. Provavelmente nunca...

— Seriam de tamanho normal? Ou menores, já que você usaria para esmagá-los? Me dê detalhes.

— Você e seus detalhes — murmuro com um revirar de olhos, mas me sinto um pouco mais à vontade, sabendo que ele não rejeitou imediatamente a ideia. — Não cheguei tão longe ainda. Acho que poderíamos fazer os destinados a serem esmagados em tamanho menor, mas vamos precisar de cartões personalizados para as caixas e incluir no custo. Não pensei tão longe, Ryder. Estou trabalhando no lado criativo por enquanto. Sabe de uma coisa? Deixa pra lá.

— Acho que é brilhante, Saylor. — *Ele acha*?

— Sério?

— Completamente.

Olho para ele. De olhos arregalados. Chocada. Me sentindo realizada.

— Uau.

— Agora precisamos descobrir como fazer marketing para que possamos divulgar.

Nos encaramos e nunca estive mais agradecida por tê-lo como irmão do que estou agora. Ele sempre foi protetor comigo, mas depois que nossos pais morreram, ele se aproximou mais do que eu imaginava que poderia fazer. Éramos *nós contra o mundo*. Ele está do meu lado e foi meu apoiador número um em todos os altos e baixos, tristezas e alegrias.

Claro que eu tive Mitch para me tirar da dor, mas Ryder sempre foi minha rocha.

Ainda é.

Uma pequena parte de mim sabe que meus pais estão sorrindo para nós agora, e isso me dá esperança de que as coisas possam, finalmente, estar mudando.



Minha tela acende.

As distrações continuam.

Estou tão absorta em aperfeiçoar pequenos detalhes sobre os cupcakes que demoro um pouco mais para checar o celular. E quando eu o faço, eu tenho que raspar um respingo de cobertura para ler o tweet.

E, finalmente, tenho uma resposta.



Uau. Agora há uma declaração em cento e quarenta caracteres ou menos, se já vi uma. O homem com certeza sabe como chamar minha atenção.

Sim, Hayes, as ações falam mais alto.



FALTAM SEIS DIAS





— Hayes.

— Você é uma mulher difícil de encontrar. — Não escondo o despeito na minha voz ou o tom desagradável nela. Jenna se mexe na espreguiçadeira, onde se senta ao sol para que seu decote fique mais proeminente. — Posso ver que a recuperação foi dura para você.

Pego a insinuação de um sorriso antes que seus lábios se transformem em um beicinho quando ela veste sua máscara para incorporar o papel da vítima deprimida.

— Você não faz ideia, Hayes. É tão bom te ver. Obrigado por vir me visitar. Por que você não se senta?

Quando ela coloca a mão na minha e a puxa, eu olho para ela. Um olhar de *você acha mesmo que estou caindo na sua conversa?* No momento que questiono meu julgamento de caráter. Como sempre olhei para ela e vi algo diferente do que ela realmente é. Uma viciada que adora atenção, disposta a usar qualquer pessoa e toda situação para levar vantagem.

— Esta não é uma visita social, Jenna. Só vim até aqui, porque você é muito espertinha para atender seu telefone e lidar com a confusão que criou.

— Ah, Hayes. — Ela ri com aquela falsa risada que parece uma unha no quadro-negro. — Relaxe. Ninguém mais está falando sobre isso.

Meus punhos apertam enquanto tento me impedir de pegar aquele copo alto de gim apoiado ao lado dela e esmagá-lo para ter certeza de que tenho sua atenção. Mas um lado meu quer que ela não me leve muito a sério. Se ela se surpreender, então terá um aviso justo, e eu ficarei feliz em lidar com isso em meus próprios termos.

— Aqui está o que vai acontecer. Na próxima quarta-feira, você vai entrar no carro que vou mandar aqui para te buscar. Ele vai te levar na confeitaria da Saylor. Você vai entrar lá e vai se desculpar com ela, cara a cara. *E você vai ser gentil*. Depois, você vai sair para o pequeno café onde vou dar uma entrevista para a imprensa, se sentar ao meu lado e explicar há quanto tempo e porque terminamos. Você vai explicar que ninguém traiu e que nós éramos simplesmente o caso de duas pessoas que não deveriam estar juntas. E então você vai se desculpar publicamente por deixar a imprensa achar que a Saylor foi a razão pela qual nós terminamos e por não corrigi-los.

— Você está sendo ridículo. Não posso fazer isso. As pessoas pensariam que eu menti e...

— Você MENTIU — grito, os dedos coçando para pegar o copo novamente.

— Acho que tenho hora marcada no salão nesse dia.

Inacreditável.

— Cancele.

— Não.

— Cancele — eu repito enquanto me agacho e tiro os óculos de sol, então estamos no mesmo nível dos olhos. Não haverá dúvidas sobre minha ameaça quando eu falar em seguida. — Ou eu mesmo faço as entrevistas e explico o quanto foram difíceis as a filmagens, porque você é viciada e menciono casualmente sua tentativa de suicídio. Como você usou isso como um golpe publicitário, porque está tão apaixonada por si mesma e não acha que está recebendo atenção suficiente. Vou explicar por que seu pai te deserdou, como o estúdio ameaçou não te pagar e por que sua carreira está na mesma linha que sua decência humana.

— Seu idiota — ela grita. Meu sorriso em resposta é sarcasmo puro. — Você não pode fazer isso. E o contrato de confidencialidade? Nossos pagamentos? Você não pode simplesmente...

— Sim, na verdade eu posso. Há algumas coisas mais importantes que dinheiro, Jenna. E a Saylor é uma delas.

— Você não ousaria. — Suas mãos tremem e a voz vacila com uma mistura de descrença e raiva.

— Me tente, Jenna. — Levanto as sobrancelhas antes de colocar meus óculos de sol de volta. Olho para ela por um segundo, deixo que saiba que não estou dando a mínima, e saio sem dizer mais nada.

Porra, isso foi bom.



FALTAM SEIS DIAS



Olho para a enorme caixa de cookies de chocolate recém entregues na confeitaria. E não era qualquer tipo de cookie — gotas de chocolate que vinha com um grande navio impresso no pacote. Entre a brincadeira com seu apelido para mim e a lembrança de como ele roubou meus cookies depois da escola, o presente me faz sorrir. A consideração por trás disso faz cada parte de mim se aquecer por inteiro.

E me frustra, considerando que ele não atenderá minha ligação para agradecer. A única resposta? Uma mensagem de texto dizendo mais seis dias. *Argh*.

Me sentindo mais segura de mim hoje, me aventuro na frente da confeitaria, atrás do balcão. A conversa cessa momentaneamente até que os clientes percebam o quanto é perceptível e, em seguida, começam a conversar em voz alta novamente, como se isso também não fosse óbvio.

Falo sobre os números surpreendentes das vendas da semana com DeeDee enquanto os fotógrafos do lado de fora apontam suas lentes pela janela. Sem

dúvida, estão gratos por poderem me ver depois de ficarem sentados por dias. Certamente, tenho a vantagem de morar e trabalhar no mesmo prédio, então não preciso sair e eles não podem me seguir como acontece com maioria das outras pessoas.

Reorganizo a vitrine, querendo manter as mãos ocupadas enquanto tento me acostumar com a sensação de estar sendo observada. É quase como se achassem que eu iria, de repente, começar a chorar e confessar todas as coisas horríveis que as revistas dizem que eu fiz.



O entregador me pega de surpresa quando entra pela porta da frente. No começo, estou prestes a dizer a ele para sair, confundindo-o com um paparazzo fingindo ser entregador só para entrar na loja (bobo, eu sei, mas estou um pouco paranoica com mais de quarenta pares de olhos observando cada um dos meus movimentos), mas depois percebo que o pacote em sua mão não é uma bolsa de câmera.

Vejo quando ele sai, como os paparazzi ficam loucos tirando fotos como se ele fosse o mensageiro secreto entre Hayes e eu. E quando abro o pacote, percebo que é.

Quando olho dentro da caixa, há uma divisória de papelão, repartindo a caixa ao meio. Um lado está preenchido até o topo com tantos chocolates Kisses, da Hershey, que estou sobrecarregada com o cheiro de chocolate. E o outro lado está vazio, exceto por um bilhete colado no fundo.

A caixa está meio vazia. Preciso do espaço, porque planejo roubar muito mais no futuro.
Beijos,

Hayes

Meu coração acelera e um sorriso enfeita meus lábios enquanto faço o que qualquer pessoa normal faria. Pego um deles, desembrulho e como enquanto observo os fotógrafos se movimentarem do lado de fora. Um pensamento se forma, mas eu o afasto. Desconsidero isso.

Mas quando me aventuro na frente da loja e limpo algumas mesas, vejo algumas das revistas de fofoca com a minha foto na capa que foram deixadas lá e ouço conversas sobre o direito de se gabarem sobre quem tirava o máximo de cada foto, começo a pensar que a ideia não é tão ruim.

— Dee, vou voltar para a cozinha.

E, claro, quando chego à minha área de trabalho, há outra caixa. Outro item enviado por Hayes. E, desta vez, sei que DeeDee ou Ryder tiveram que ajudá-lo, mas adoro que ele tenha tido tanto trabalho.



Abro a caixa para encontrar uma ampulheta. Estendo a mão para tocá-la. Estou impressionada com o esforço que ele investiu nesses dez dias.

Viro e vejo a areia deslizar pelo vidro. Hipnotizada, meus pensamentos vagueiam. Com a facilidade com que o tempo passa. Para Hayes. Não quero desperdiçar mais quando se trata de estar com ele. A vida é muito curta. Quando a areia se esgota, os cupcakes do ressentimento terminados ficam visíveis pela curva do vidro vazio.

Pare de perder tempo, Saylor.

Rio alto quando as peças se encaixam em mim. Os paparazzi estão me usando para ganhar dinheiro. Para vender a imagem que querem de mim. Por que não posso usá-los para fazer o mesmo?

Inspirada, pego meu par de cupcakes rudemente decorados e saio da cozinha, passo pela frente da confeitaria e pela porta de vidro pela primeira vez desde que cheguei em casa. Os fotógrafos aguardando se arrastam e tropeçam uns nos outros quando me veem saindo da loja como uma mulher em um missão.

— Vocês querem uma declaração? — grito enquanto eles se atrevem a deslizar suas câmeras para o modo de vídeo para gravar o que tenho a dizer. — Vou dar uma declaração a vocês. Querem saber como me sinto sobre tudo o que está acontecendo? Como é ser acusada, difamada e desacreditada quando ninguém tem a menor ideia de qual é a verdade?

Coloco a caixa de cupcakes em uma das mesas que fica na frente para os clientes. Paro para dar um efeito dramático e para me certificar de que tenho a atenção deles. Dou tempo para que consigam o melhor ângulo.

— Fico com raiva. Mas não invento mais mentiras e as divulgo para me sentir melhor e receber mais atenção. Não chamo os repórteres, minto para eles sobre onde encontrar mais fofocas nem deixo pistas que não são verdadeiras. Não. Porque se eu fizesse isso, vocês saberiam que eu não sou a história aqui. Pra dizer o mínimo. Mas tenho mais classe do que isso. Mais educação. Em vez disso, eu cozinho. Como chocolate. E alivio a raiva fazendo isso.

Pego um cupcake, viro o topo — me certifico de que o *Para esmagar* esteja sendo mostrado para as câmeras — então eu o esmago entre minhas mãos como fiz na guerra de cupcake que tive com Hayes. Os fotógrafos se sobressaltam quando os pedaços saltam para todos os lados.

A imagem do peito nu de Hayes coberto de migalhas de cupcake enche minha cabeça e me faz lembrar como eu quis lambê-las. E o pensamento é dez vezes mais atraente do que a quantidade de paparazzi na minha frente, mas faz com que eles sejam muito mais suportáveis.

— Faço cupcakes do ressentimento. Onde em um deles eu como para conseguir minha compensação de chocolate. Seguro o que diz *Pegando todo mundo*. Dou uma mordidinha. Em seguida, seguro o cupcake *Para jogar* na direção do clique do obturador. — E este é para colocar a minha frustração e agressividade para fora.

E desta vez quando eu o esmago, ganho uma risada deles.

— Então, estão vendo? Nada de importante está acontecendo aqui que vocês possam tirar foto para vender, além das que vocês acabaram de fazer de mim fazendo cupcakes do ressentimento e os esmagando. Mas se forem vender as fotos, se certifiquem de que elas sejam acompanhadas de manchetes ridículas

como: *Saylor Rodgers enlouquece em uma festa de cupcakes porque Hayes Whitley a troco pela irmã mais nova da Medusa.* Porque se vocês forem mentir, porque não ir com tudo, não é? Então publiquem o que quiserem. Digam o que quiserem. Eu sei a verdade. Hayes sabe a verdade. Jenna com certeza sabe a verdade. É isso aí. Vou continuar aqui, fazendo mais cupcakes. Posso até mandar alguns para compensar o seu tempo, já que não estou dando a você nenhum momento de pausa digno de fotos para venderem. Todo mundo aqui gosta de chocolate? Ótimo. Aguentem firme.

Com isso, lambo um pouco da cobertura dos meus dedos, olho para a caixa de cupcakes restantes e decido deixá-la na mesa para que eles possam olhar mais de perto e talvez até tirar uma foto ou duas. Talvez por isso eu me certifique de posicionar a caixa estrategicamente para que o par de cupcakes que quero que seja visto esteja na frente e no centro da lente da câmera: um cupcake diz *SIM, sempre foi ele* e seu par diz: *VOCÊ NÃO, GolfBoy.*

Sim. Esses cupcakes estão me mantendo aquecidas agora. Idiota.

E com um sorriso de satisfação no rosto, porque sei que Mitch vai ver e entender minha mensagem, viro as costas para eles sem outra palavra.

Quando abro a porta da confeitaria, me sinto melhor do que tenho me sentido desde que acordei nos braços de Hayes antes que a merda batesse no ventilador.

E quando eu olho para cima, Ryder está olhando para mim com os olhos arregalados e um sorriso chocado e cheio de orgulho..

— *Isso* foi brilhante, Say.

Dou de ombros.

— Se não pode dar o que *eles* querem, pode dar o que *você* quer.

— Publicidade gratuita nunca é uma coisa ruim.

— Obrigada, mas tive publicidade o suficiente por uma vida inteira nos últimos dias.

Vou para os fundos, lavo as mãos e me sinto um pouco mais segura de mim mesma agora que sei que encarar a besta não foi tão horrível quanto eu pensava. É claro que sei que a multidão do lado de fora não é nada comparada a algumas das outras cenas de multidões que vi cercando Hayes quando ele sai de um clube noturno, uma pré-estreia ou faz qualquer coisa, e ainda assim, é melhor do que o esperado.

Passos de bebê. Um após o outro, de volta aos braços de Hayes.

— Para você. — A voz de Ryder me assusta. Enxugo as mãos em um pano de prato e semicerro os olhos para a embalagem quando ele a apoia sobre a bancada.

Abro a caixa com cuidado, mas quando tiro a tampa, está vazia.

Totalmente, exceto por um coração vermelho desenhado em um pedaço de

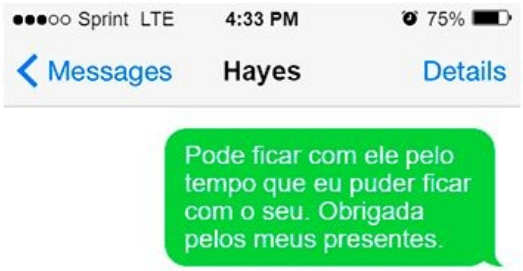
papel. As palavras escritas no centro trazem lágrimas aos meus olhos.



E se desmaiar fosse uma coisa real, uma reação física, estaria fazendo isso agora. Porque algo tão simples significa muito mais para mim que o forno caro.

Leio o post de novo, meu coração dispara, e quando olho para os milhares de comentários que foram feitos em seus posts para mim hoje, noto uma mudança. Começaram sendo ruins. Negativos a meu respeito. Mas no último, os comentários começaram a se tornar mais positivos. Mensagens como *pegue a garota, Hayes!* ou *se você é tão dedicado a alguém, é por que você deve amá-la.*

Pego o celular para enviar uma mensagem de texto para Hayes, como fiz depois de cada presente ter chegado, e digito:


●●●oo Sprint LTE
4:33 PM
75%
Messages
Hayes
Details
Pode ficar com ele pelo tempo que eu puder ficar com o seu. Obrigada pelos meus presentes.



FALTAM QUATRO DIAS





Assisto ao vídeo da Saylor no TMZ de novo. Dela saindo da *Sweet Cheeks* parecendo tão composta e inocente com aqueles cupcakes muito criativos, fazendo o seu pequeno discurso e, em seguida, os esmagando. Chocando pra caramba os paparazzi. A implicância sutil para Mitch, o idiota que, definitivamente, será notada. Ela sai como brincalhona, confiante e nada afetada pelas câmeras sendo apontadas para ela. Como se as coisas inacreditavelmente cruéis que derrubaram o mundo dela na última semana não importassem nada.

Ela lidou com *eles* de maneira perfeita. E quando ela se vira para entrar, o ângulo do vídeo me dá um vislumbre do sorriso convencido de Saylor Rodgers que diz que ela imaginou esse jogo. Petulante, atrevida e, sem dúvidas, vai ser

minha.

Deus, sinto falta dela.

Ficamos dez anos sem nos falar, então, por que a minha proibição temporária auto imposta de não falar com ela por dez dias está me matando?

Porque desta vez, sei que é importante. Desta vez, não estou disposto a me afastar dela de novo ou deixá-la se afastar de mim. corri atrás dos meus sonhos. Segui a minha paixão. Fui bem-sucedido. Mas o que significa se não a tenho por perto no final de cada dia?

Para dar um beijo de olá.

Para rir com ela.

Para me sujar com farinha em um balcão.

Passando a mão no cabelo, reviso a agenda enviada para as entrevistas que serão realizadas depois de amanhã e verifico a lista de coisas que preciso fazer para dar andamento às surpresas que planejei.

E espero que tudo isso valha a pena. Que não falar com ela, não vê-la, não beijá-la, faça com que ela perceba o quanto sua vida sem mim é solitária.

Agora, vamos voltar às cantadas bregas no Twitter.

Se vou me constranger, é melhor que eu consiga a garota no final.



FALTAM QUATRO DIAS



Rio quando vejo seu mais novo tweet. Não posso evitar. Estou de pé com o quadril contra a bancada, a mão na boca e um sorriso nos lábios. Ele é implacável. E adorável.

Tem mais de um milhão de seguidores, está postando cantadas bregas e não parece preocupado com o que as pessoas vão dizer sobre isso. Talvez seja esse o ponto. Talvez ele queira que eu saiba que ele não se importa e nem eu deveria.

Dou uma olhada em minha própria conta, surpresa ao descobrir mais comentários positivos do que negativos desta vez, e noto muitas pessoas comentando sobre o meu incidente de destruir cupcakes com mais diversão do que crítica.

— Ele é adorável, sabia? — Olho para cima para ver DeeDee de pé na porta,

expressando meus pensamentos em voz alta, com um lenço de papel na mão e um sorriso no rosto. E talvez seja porque ele me amoleceu com seu humor, mas olho para ela por um momento e percebo o quanto eu sou sortuda por tê-la aqui para me ajudar a manter tudo em ordem: fazer a confeitaria funcionar e o caos que vem com Hayes. — Seus tweets, os posts e tudo mais... são adoráveis.

— Eu sei. Ele é a coisa mais próxima que já vi desses caras dos romances que você lê, Dee.

— É mesmo? Em todos os aspectos? — Suas sobrancelhas levantam e um sorriso tímido se forma em seus lábios quando me lembro da nossa conversa sobre mocinhos românticos e orgasmos garantidos.

— Sim. *Em todos os aspectos*.

— Droga. — É tudo o que ela diz e adoro que meu comentário tenha deixado a sempre-falante DeeDee sem palavras. — Sobre o que estávamos falando?

Rio com o rubor em suas bochechas.

— Seus adoráveis tweets, posts e... *tudo mais*.

— Poucos homens se dariam a tanto trabalho para tentar conquistar uma mulher.

— Eu sei. Ele está sendo ridículo.

— E você está amando cada segundo disso.

Concordo.

— Sim. Só queria que ele pegasse o telefone e falasse comigo. Ele já me conquistou.

— Mas não é esse o ponto?

— O que você quer dizer?

— Te conquistar é uma coisa. Mas agora, ele está dizendo ao mundo que está escolhendo você. Está fazendo uma declaração para que você não se esqueça. E eles também não.

O telefone toca no caixa, e ela hesita por um momento para se certificar de que ouvi o que ela disse. E eu ouvi.

Em alto e bom tom.





Não há como eu ter ouvido isso direito. Paro de misturar os ingredientes na bancada e vou para a frente da loja, onde DeeDee está conversando com um cliente.

— Posso ajudar?

Os olhos de Dee brilham para mim e me agradecem em silêncio por ter vindo até aqui.

— Sim. Uma das organizadoras do The Club disse que estava procurando uma confeitaria para fornecer o chá matinal na terceira quinta-feira do mês. Tenho certeza de que ela adoraria seus cupcakes. São a combinação perfeita de sabor e bela apresentação.

— Você disse o The Club? — Jurei ter ouvido isso quando estava nos fundos e sei que a ouvi claramente pela segunda vez, mas quero ter certeza.

— Sim, querida. Você sabe, o The Club. — Ela afasta o cabelo e sorri. — E me perdoe por perguntar, mas você não é parente de um dos membros?

Mais uma vez, fico à procura de uma câmera escondida. Isso tem que ser uma piada, certo? Mas não há câmera. Apenas os olhos de DeeDee se arregalando e os dentes mordiscando o lábio inferior enquanto ela segura um sorriso.

Essa mulher acha que sou parente da Sarah Estepe.

— Não, não sou.

— Ah, porque você podia ser a irmã da nora da organizadora. Você é a cara dela.

A ironia do século.

Engulo a risada sarcástica que ameaça transbordar e tento permanecer

paciente e profissional com essa cliente sem noção para o drama.

— Não. Não tenho irmã.

— Bem, que bom — ela sussurra, se inclina sobre o balcão e dá um tapinha na minha mão. — A nora é um pouco... como eu coloco educadamente? Pretensiosa? Conivente?

— Uma vaca? — ofereço a palavra para ela, que é muito educada para dizer isso sozinha. Suas bochechas coram instantaneamente e o sorriso diminuto que ela me concede diz tudo que eu preciso saber.

— Algo assim. Toda a família é, a propósito. — Ela balança a cabeça com indiferença e descarta o assunto. — Agora, onde estávamos? Ah, sim, cupcakes para o The Club. Seria ótimo para você conseguir esse contrato. Os membros têm muitas conexões valiosas e você pode se beneficiar. Na verdade, estou tão certa de que a organizadora vai adorar, que vou fazer um pedido para a reunião da semana que vem.

Meu sorriso se amplia para proporções épicas enquanto abaixo meu tom de voz como ela fez há pouco.

— Embora eu adoraria fornecer, você precisa informar a organizadora que estou com fila de espera para pedidos. Além disso — dou de ombros, tentando ser cordial, porque ela parece ser uma boa moça, o que é uma raridade para um membro do The Club —, acho que meus cupcakes podem ser um pouco doces demais para o gosto deles. Obrigada mesmo assim.

— Bem, acho que são deliciosos. É uma pena, mas vou avisar.

— Sim, por favor, faça isso — digo na minha melhor voz enquanto ela acena para mim em despedida antes de se virar para sair da loja. *Com uma caixa de cupcakes nas mãos.*

Adoraria ver o olhar no rosto da *Ursula Descontrolada* quando ela receber essa mensagem.



— Say, ligação para você.

Murmuro em concordância, mas mantenho a cabeça no lugar onde estou trabalhando em alguns projetos elaborados de cobertura. A gerente do buffet do centro de convenções solicitou algumas amostras para que elas pudessem decidir se éramos dignas de fazer parte da sua lista de fornecedores preferenciais.

— E não é do The Club.

— Rá. Engraçada. — E agora ela tem a minha atenção. — Você pode anotar o recado? Preciso...

— Não. Acho que você precisa atender.

Olho para cima, sua expressão de agitação cautelosa enquanto segura o telefone para mim. A curiosidade me faz ficar de pé e tirar o telefone dela.

— *Sweet Cheeks*, aqui é a Saylor. Como posso ajudar?

— Oi. Sim. Meu nome é Sally Destin e estou ligando em nome da organização Divorce Support California.

— Olá. — Semicerro os olhos para DeeDee e me sinto meio estranha, mas não sei exatamente como. — Como posso ajudá-la?

— Bem, eu estava explicando para sua assistente, mas ela achou que seria melhor se eu falasse com você. Você é a dona?

— Sim, o meu nome é Saylor. Como posso ajudá-la, Sally?

— Queria saber qual é a sua capacidade e alcance para entrega. Só fornece local ou em toda a Califórnia?

Pego uma caneta e um bloco para fazer anotações.

— Bem, isso depende da quantidade necessária. Se for algumas dúzias, então apenas local, mas se estamos falando de um volume maior, podemos entregar.

— Muito maior. — Ela ri e eu olho de volta para DeeDee, cujo sorriso está se alargando enquanto me observa. — Somos uma empresa que administra, gerencia e coordena a maior rede de grupos de apoio ao divórcio da Califórnia. Temos, em média, cinco eventos diferentes por semana em diferentes locais, com uma frequência média de cem ou mais membros.

— É muita gente. Então, como posso ajudá-los?

— Vimos um vídeo seu com aqueles cupcakes de separação e gostaria de fazer pedidos regulares.

Minha cabeça começa a rodar com os detalhes. Encontrar um serviço de courier respeitável. Embalagem para grandes volumes. Infinitas possibilidades. Balanço a cabeça em descrença esperançosa, a emoção saltando de DeeDee começando a fazer sentido.

— Está falando dos cupcakes do ressentimento?

— Sim, mas gostaríamos de nos referir a eles como *cupcakes de separação. Cupcakes de divórcio ou Cupcakes da liberdade*. — Ela ri. — Me desculpe, estou me adiantando e dando nomes a eles. Podemos decidir o nome depois, assim que agendarmos um pedido permanente para eles. Estou pensando em encomendar aproximadamente quinhentos por semana. E uma vez que estabelecermos essas demandas, estava pensando em criar algum tipo de parceria com você, onde quando, infelizmente, adicionamos um novo membro ao grupo, enviamos uma amostra como uma espécie de boas-vindas ao grupo.

Quinhentos por semana? Ouvi isso direito? Puta. Merda.

Acho que pisquei algumas vezes. Abro e fecho a boca enquanto tento

recuperar a compostura.

— Ah. Certo. Adoraria trabalhar com você e organizar algo assim. — Minha voz soa calma, mas minhas mãos trêmulas refletem minha excitação. — Tenho que ver o intervalo de entrega e ver com você o que gostaria que tivesse escrito... os detalhes... e depois posso enviar uma proposta.

— Parece ótimo. Estou no seu site agora, esse é o e-mail para enviar as informações?

— Hum. Sim. Perfeito.

— E sabe, alguém do nosso escritório principal sempre vai a cada uma das reuniões, então se alguns dos eventos estiverem fora do seu alcance de entrega, talvez você possa enviá-los para o escritório principal e o conselheiro ou o membro que for para o local da reunião pode levá-los. Só uma ideia.

— Perfeito. Obrigada, Sally. Estou ansiosa para receber as informações.

— Espero que não seja errado dizer isso, mas você passou por dificuldades nesta semana. Alguém precisa lhe dizer que a maneira como você lidou com tudo ontem — esmagando os cupcakes para as câmeras — foi inspirador. E a ideia é brilhante. Temos procurado por uma ideia como essa há um bom tempo. Adoraria dar a aprovação para emitir um contrato para sua empresa. É só uma questão de tempo até que outras empresas surjam e quero garantir que reservemos nosso lugar antes de você começar a recusar pedidos.

— Obrigada. De verdade. Muito obrigada. E estou ansiosa para fazer este trabalho.

Desligo o telefone com os olhos muito arregalados enquanto olho para DeeDee. Nós duas soltamos um gritinho ao mesmo tempo.

— Puta merda — sussurro.







— Você não estava brincando, não é? — Ryder pergunta quando desvia o olhar do e-mail para encontrar meus olhos.

— Não. Acredita nisso?

— É uma enorme quantidade de cupcakes. — Posso vê-lo calcular mentalmente o lucro e o que isso significa para a loja. — Enorme mesmo.

— Sim. Eu sei. Temos capacidade para fazer isso? — pergunto, sabendo que eu teria que adiar o pagamento dele, porque teria que redirecionar esses fundos para comprar os suprimentos extras necessários para que isso desse certo. Mordisco o lábio e espero que ele diga não.

— Se não tivermos, vamos conseguir — Algo na forma como ele me olha faz minha respiração falhar. É como olhar para o meu pai. A expressão em seu rosto é idêntica à que meu pai me dava quando ficava orgulhoso de mim. Meu corpo inteiro se preenche com seu apoio inabalável. — Cupcakes de término. Quem imaginaria?

— Eu sei. Recebemos cerca de dez pedidos deles hoje.

Isso chama sua atenção. Posso ver as engrenagens de sua cabeça girando.

— Precisamos atualizar o site o mais rápido possível. Dedicaremos uma página inteira a este produto e começaremos a analisar como vender oportunidades de franquia a outras lojas para ajudar com esse aumento da demanda. As vendas pela internet estão onde estão, e se conseguirmos fazer alguma coisa nessa frente, então...

— Uau. Devagar, turbo. — Rio, mas sinto a mesma empolgação

— Existem grupos de apoio ao divórcio como esse em toda a América, Say.

Você poderia explorar esse nicho.

— Uma coisa de cada vez. — Reviro os olhos para ele, mas solto um suspiro de alívio. Esse telefonema pode ser exatamente o que a confeitaria precisa para virar a maré para o sucesso e não para o fracasso.

— Talvez eu não o mate depois de tudo — Ryder resmunga enquanto eu saio da sala dos fundos.







FALTAM DOIS DIAS

— Cara, tem café nesse lugar?

Porra, estou cansado. E empolgado. Temendo o longo dia à frente, mas amando o fato de que poderei vê-la hoje. Sigo pelo corredor acarpetado em que eu costumava treinar beisebol e entro na cozinha. Está pintada de uma cor diferente agora, mas isso não apaga as memórias que ela guarda. De onde o vidro costumava ficar no balcão cheio de biscoitos que eu roubava da Saylor. Do armário à esquerda da geladeira onde a sra. Rodgers costumava esconder um estoque de doces onde todos nos esgueirávamos quando achávamos que ela não estava prestando atenção. De nos sentarmos para comer e sempre havia um lugar arrumado para mim, se eu pedisse para comer aqui ou não.

Ryder se senta no mesmo local de quando éramos crianças, mas em uma mesa diferente e levanta os olhos para encontrar os meus. Ele parece tão mal quanto eu me sinto — e aponta o dedo para a cafeteira no balcão.

— Obrigado. — Preparo um pouco de café, adoço, e em seguida me sento em frente a ele e penso que foi aqui que tudo começou para mim. *Meu amor por Saylor*.

Nós nos sentamos em um silêncio confortável. Os dois amigos que se conhecem a vida toda podem se sentar sem falar nada e descobrir como nos sentimos sobre o rumo dos acontecimentos.

— Você acha que a Jenna vai aparecer? — Ele levanta as sobrancelhas e empurra uma das revistas que estava olhando para o lado, para ver se as coisas estavam morrendo.

— Se ela sabe o que é bom para ela, vai.

— Humm.

— Minha dívida já foi paga? — Eu rio. Pensando naquela época – alguns

meses depois de eu ir para Hollywood e esperar as filmagens começarem – como ele ajudou minha mãe, separando sua confusão nas finanças quando meu pai veio atrás dela no divórcio. Eu não tinha dinheiro para pagá-lo, mas disse que cobraria alguns favores e conseguiu tudo que precisava para ajudá-la a se cuidar. E apesar das suas negações contínuas, sei que ele tirou dinheiro do próprio bolso para conseguir que isso fosse resolvido para mim.

— Faça ela chorar de novo, que ainda vou te dar um soco. Não me importo com o quanto você seja famoso.

— Já notei. — Aceno com a cabeça. Coloco a língua contra a bochecha e me preparo para o dia que vem pela frente. — Ela tem alguma ideia do que vai acontecer hoje?

— Nenhuma.

Bom.

Sinto falta dela.

Tenho certeza de que vai ser difícil pra caramba manter minha determinação e não falar com ela quando a vir.



FALTAM DOIS DIAS







Hayes Whitley
@HayesWhitOffcl

@SweetChks Orgulhoso de você. Foi perfeita no outro dia. A propósito, qual é a coisa mais importante em uma cozinha para você? #JogoNoAr #48Horas #AçõesValemMais

10:25 AM 21 Nov 18

874 RETWEETS **17,588** LIKES



Sweet Cheeks Cupcakery
@SweetChks

@HayesWhitOffcl Placa de granito na ilha. Com farinha. E açúcar. #HummmMeuDeus Podemos pular os próximos #2880minutos?

10:31AM 21 Nov 18

211 RETWEETS **400** LIKES



Hayes Whitley
@HayesWhitOffcl

@SweetChks, sou um homem de palavra. O que você vai fazer para tentar me convencer disso? #Decisões #MudançaNoJogo #AdoroCoberturaNoSeuCabelo

10:37 AM 21 Nov 18

555 RETWEETS **13,478** LIKES


Sweet Cheeks Cupcakery
@SweetChks
@HayesWhitOffcl tenho minhas maneiras de fazer você falar.
#HabilidadesExtraordinarias
#MudançaDeJogo
10:47AM 21 Nov 18
861 RETWEETS 874 LIKES


Hayes Whitley
@HayesWhitOffcl
Melhor fazer a sua melhor performance @SweetChks. A minha é mais forte.
#HayesVaiGanhar #MarinheiraVaiNaufragar
10:53 AM 21 Nov 18
877 RETWEETS 985 LIKES



FALTAM DOIS DIAS

É difícil ficar de mau humor quando se acorda e tem um flerte no Twitter com Hayes. É a primeira vez que ele responde e é ridiculamente bobo que a pequena interação me deixe nas nuvens.

No entanto, é o que acontece.

Entre a proposta para a organização do divórcio na qual passei a noite inteira trabalhando, enviei a Ryder para que ele desse a sua opinião, minha pequena conversa matinal com Hayes e o conhecimento de que vou falar (e espero vê-lo) em quarenta e oito horas — quando sua regra idiota de dez dias acaba — hoje parece que vai ser um bom dia.

Aproveito meu café devagar e levo um pouco mais de tempo para me arrumar. Sinto alívio e contentamento, o que é bem-vindo depois de alguns meses tumultuados.

— Say? Você vai querer descer e ver isso — DeeDee chama das escadas assim que termino de me arrumar. Há algo em sua voz que me lembra a primeira vez que Hayes veio até a *Sweet Cheeks*.

Fecho a porta do apartamento e corro pelas escadas para encontrar a confeitaria movimentada. Uma câmera foi posicionada em um canto. Homens de roupas escuras com fones de ouvido se amontoam em outro. Todas as mesas e cadeiras foram empurradas para o lado do salão, exceto por um conjunto. Uma bandeja dos meus cupcakes mais decorados foi colocada no topo.

O que está acontecendo?

A enorme quantidade de fotógrafos do lado de fora cresceu dez vezes, todos competindo por fotos do que está acontecendo dentro da loja.

— O que...? — Estou prestes a perder a paciência. Só porque as letras nos logotipos das suas jaquetas pertencem a uma das maiores redes de

entretenimento – não significa que podem entrar na minha confeitaria e assumir o controle sem perguntar.

É então que vejo o olhar no rosto de DeeDee — um enorme sorriso e excitação palpável — e Ryder, ao lado dela, parece tão empolgado quanto, mas com culpa misturada.

— O que está acontecendo? — Minhas mãos estão na cintura e há acusação no meu tom.

— O estúdio alugou o espaço pelo dia. Deixaram o Hayes fazer algumas entrevistas aqui para o seu próximo filme. — Ryder me desafia a discutir com ele, mas tudo o que ouvi foi *Hayes* e *aqui* e meu coração pulou na garganta.

— Ele vem aqui?

— Não quer que ele faça isso? — O sorriso nos lábios de Ryder é meio metido.

— Sim. Não, quero dizer, sim, ele pode vir. — Estou ridiculamente nervosa. Um milhão de perguntas e pensamentos passam pela minha cabeça, mas o que soa mais alto é *vou ver Hayes*.

Não penso na imprensa louca do lado de fora para quem menti quando disse que não havia nada de empolgante acontecendo aqui. Não me preocupo se a proposta do grupo de apoio ao divórcio é boa o suficiente. Não posso. Porque minha cabeça e meu corpo estão focados em Hayes Whitley e em voltar a vê-lo.

Na hora seguinte, vejo as pessoas na confeitaria se prepararem para a entrevista. Rearranjo os cupcakes na mesa preparada. Atormento meu irmão com o que parece ser um milhão de perguntas sobre como isso aconteceu, mas é claro, consigo tirar pouco dele. Reviro os olhos para DeeDee quando ela me diz que não tinha ideia até esta manhã. Sua resposta parece suspeita, considerando seu esforço extra para limpar tudo na noite passada.

E meus olhos continuam piscando para a frente da loja, esperando, desejando, depois esperando novamente para ver Hayes. *Faz muito tempo. Sinto falta dele*.

Os fotógrafos correm como ratos quando uma limusine preta entra no estacionamento e a pessoa que sai do carro é a última que eu esperava ver aqui.

Tiro as nãos do cabelo. Meus pés param de se mexer com antecipação. Aquela dor latente para conseguir vê-lo de novo queima. Cada parte de mim congela quando Jenna Dixon sai do carro.

Os fotógrafos ficam frenéticos. As câmeras disputam a melhor foto. E ela está lá, linda de calça skinny e top decotado, com seu cabelo brilhoso - liso e macio, e lábios perfeitos aparecendo em um sorriso experiente. Absorvendo completamente a atenção, da qual ela precisa quase tanto quanto o ar que respira.

Detesto essa vaca imediatamente.

— O que ela está fazendo aqui? — pergunto com sarcasmo, dizendo alto o

suficiente para que a equipe de câmera da emissora que está ali dentro ria em voz alta, me dizendo que eles estão mais do que conscientes da situação.

E em segundos, o caos do lado de fora preenche a confeitaria quando ela abre a porta e entra. A porta se fecha. O som silencia.

Mas seus olhos encontram os meus. Me encara. E tudo o que eu quero é expulsá-la. Dizer a ela para pegar suas mentiras e dar o fora da minha loja, porque *ela* não é bem-vinda aqui.

O que, no mundo, Hayes estava pensando ao montar a coletiva de imprensa aqui quando ela está participando? Ele é louco? Ele sabe o quanto a minha paciência se esgota rápido. Com certeza ele não quer que eu dê mais conteúdo para as revistas publicarem.

O salão fica em silêncio e a tensão se estende por ele todo. Me recuso a recuar e desviar o olhar primeiro. Fico surpresa quando ela vem até mim, o barulho dos seus saltos no chão é o único som que posso ouvir.

— Existe algum lugar em que possamos falar em particular? — Sua voz é rouca. Reservada. Distante.

Aturdida, mas ciente de todos os olhos em nós, respondo imediatamente.

— Certo. Aqui. Bem aqui atrás.

Eu a levo para a cozinha, em seguida, aponto para um banquinho caso ela queira se sentar e olho para ela enquanto a sensação de inquietação dentro de mim toma conta. Seus lábios franzem enquanto brinca com a alça da sua bolsa. Ela olha para o esmalte para não ter que olhar para mim. Não é difícil saber que ela está sem jeito por estar aqui.

— Quero me desculpar pelas coisas que falei. Não quis ofender e...

Limpo a garganta com a mentira descarada. Ela remexe os pés e olha ao redor da cozinha. O olhar de dor em seu rosto por ter que reformular seu pedido de desculpas, que já é difícil o suficiente, é inestimável.

Mas não vou recuar.

Enquanto algum bem pode ter rendido com a mentira que ela contou a meu respeito, também me fez questionar como me sinto sobre estar com Hayes. E por causa disso, além da miríade de outras coisas por que ela o fez passar, sinto um leve prazer em vê-la se contorcer.

Não tenho simpatia por ela.

— Se você vai se desculpar, seria bom que não parasse no meio.

Há um lampejo de raiva em seu olhar antes de se controlar.

— Peço desculpas por insinuar que você foi a razão pela qual Hayes e eu terminamos. — Ela cospe as palavras como uma criança egoísta se recusando a reconhecer que errou.

— E? — pergunto. Não sei por que, não me importo com o que essa mulher

diz, mas ainda assim, estou curiosa sobre como ela completará a frase.

— E?

Meu celular vibra no balcão. O som enche a cozinha enquanto olho para ela.

— Sim. E?

Ela emite um suspiro dramático e olha para mim.

— Sinto muito por qualquer problema que trouxe para vocês.

Torço os lábios enquanto olho para ela. A realeza de Hollywood na minha pequena cozinha, e eu *nunca* trocaria de lugar com ela por todo o dinheiro do mundo.

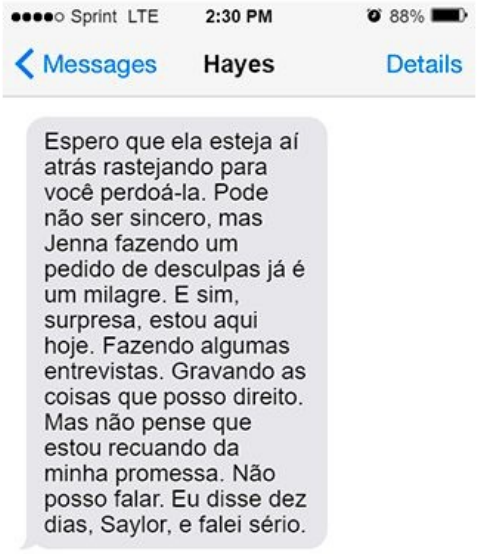
— Obrigada.

É tudo o que escolho dar a ela. Porque, embora eu não seja alguém que guarde rancor, também não perdoo alguém que magoou intencionalmente aqueles que amo.

Ela se vira com um balançar de cabelo digno de propaganda de shampoo e sai da cozinha a caminho da parte da frente da confeitaria. Só quando ela está fora de vista, caio contra o balcão e deixo o nervosismo que possuía o meu corpo desde o momento em que ela apareceu se dissipar. Solto o ar, digo a mim mesma para me recompor e fico feliz se nunca mais tiver que ver Jenna Dixon de novo.

No entanto, sei o quanto isso deve ter sido difícil para ela. Ou isso ou Hayes a ameaçou com alguma coisa... porque tenho um sentimento de que desculpa não é algo que ela está acostumada a pedir.

Meu telefone vibra de novo e me lembro que recebi uma mensagem durante aquela troca desconfortável. Quando o pego, sou recebida por uma mensagem de texto de Hayes.



Minha respiração fica presa na garganta quando percebo que, se Hayes sabe

que Jenna estava na cozinha, ele já está aqui. E, ao mesmo tempo, sou atingida pelas palavras da sua mensagem.

Ele não vai falar comigo? Vai ficar sentado lá o dia todo, disponível para todos os outros, trazendo uma enxurrada de paparazzi primeiro com Jenna e depois com ele na minha confeitaria e, ainda assim, não vai falar comigo?

Eu bufo. Tudo bem, certo.

Precisando ver por mim mesma, vou em direção ao café. Quando atravesso a porta e o vejo, todas as partes do meu corpo reagem. Meu coração. Minha respiração. Meus nervos. Minha libido.

E então. No segundo em que ele olha para cima e prende o olhar no meu, eles notam. Sinto como se o ar tivesse sido sugado para fora do salão, mas, da mesma forma, sinto como se pudesse respirar pela primeira vez depois de ser privada de oxigênio. Ele me dá um sorriso com o canto da boca, arqueia a sobrancelha e depois levanta o queixo de uma forma sutil. Meu Deus, ele é desejo personificado.

Mas com sua presença, meu corpo ganha vida. Eu quero. E preciso. Necessito tudo nele. O emocional e o físico. Sua atenção Sua risada Seu próximo minuto. *O seu para sempre.*

O tempo para nos segundos em que estamos conectados, tanto que no momento em que ele se afasta — uma pergunta feita a ele por um cara usando um fone de ouvido — me pergunto como vivi *sem esse sentimento*. Deus, sim, a situação atual é um problema, na melhor das hipóteses, e, no entanto, vale a pena por esse sentimento aqui. *Ele vale a pena* e fico maravilhada com a forma como essa conexão entre nós pode ser tão forte, tão rápida.

Mas, novamente, não esteve sempre lá?

Porque o amor é como mágica. Você pode questioná-lo — como isso acontece, quando vai acontecer, por que acontece, quando e como você existia antes de acontecer — mas você pode nunca conseguir a resposta.

Às vezes, você só tem que acreditar nele e em seu processo.



Observá-lo é uma tortura. Ouvir sua risada e captar seus olhares fugazes é reconfortante.

Aquela pequena energia quando nossos olhos se conectam antes que ele retorne sua atenção para o entrevistador é empoderadora.

É como se meu corpo estivesse conectado a uma corrente elétrica com ele aqui. Cada risada é um choque para a minha libido. Todo sorriso causa um arrepio no meu corpo. Cada toque da sua língua em seus lábios resulta em uma onda de desejo correndo por mim.

Então, opto por decorar cupcakes no balcão da frente hoje, sem vontade de me separar dele quando está sentado aqui no meu espaço. Finjo indiferença o tempo todo, prestando atenção. Ele é charmoso, cortês e engraçado durante as entrevistas. Presta muita atenção às perguntas, pensa antes de responder e é divertido. Também assume a liderança, sem deixar Jenna dizer muito, mas sorrindo educadamente quando ela o faz, exceto, é claro, quando surge a pergunta inevitável.

O *eu não estaria fazendo o meu trabalho se tivesse vocês dois juntos e deixasse de perguntar sobre o status do seu relacionamento, considerando os rumores ao longo das últimas semanas. Há algo que você gostaria de esclarecer?*

— Obrigado, mas é um assunto privado. — Se eu já não estivesse em plena atenção, com certeza, estaria com a resposta de Jenna.

A irritação cintila no rosto de Hayes pela primeira vez durante a entrevista. Percebo a quebra em sua máscara e ouço a falta de sinceridade em sua risada.

— É um assunto privado que se tornou público, então vou abordar isso. — Ele levanta as sobrancelhas. Olha diretamente para o entrevistador. — Jenna e eu namoramos. Terminamos há algum tempo, antes de ser de conhecimento

público. O relacionamento simplesmente seguiu seu curso. Eu não a traí ou fugi para uma ilha tropical para ter um encontro secreto com minha amante. No entanto, nos meses seguintes ao nosso rompimento, acabei reencontrando a minha namorada da época da escola que eu não via há quase dez anos. Ela havia se separado recentemente do noivo. Nos reaproximamos e ainda tínhamos sentimentos um pelo outro. O rumor de que eu traí Jenna, ou que a minha nova namorada fez alguma coisa desagradável é uma completa invenção feita por alguém para vender as fotos pelo maior lance. — Hayes afasta o olhar do repórter e olha para Jenna. Sua mandíbula se aperta enquanto ele espera que ela olhe em sua direção. — Não é verdade, Jenna?

Ela engole o desprezo evidente. O olhar que diz que ela quer que o que ele disse não fosse verdade, mas acena com a cabeça em concordância.

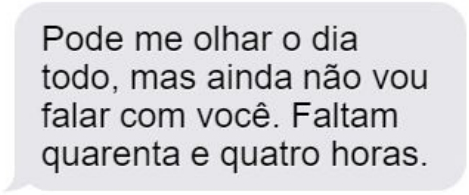
— Sim, é exatamente isso.

— Obrigado por ser tão sincero, mas gostaria de fazer algumas perguntas sobre essas questões...

— Não vamos — Hayes diz com um flash de sorriso antes de redirecionar habilmente o repórter para falar sobre o filme *The Grifter*. E algumas perguntas no redirecionamento, Hayes olha para mim, e nossos olhos se prendem por uma fração de segundo antes de ele se voltar para a entrevista. Mas vejo o surgimento de um sorrisinho em seus lábios. Pego *o viu, eu disse que ia consertar as coisas* em seu olhar.

O dia passa. Eles fazem uma pequena pausa entre as emissoras, onde Hayes conversa com Ryder e Jenna se ocupa com o telefone, antes de fazer um retoque na maquiagem e começar de novo. Os entrevistadores mudam, mas as perguntas permanecem as mesmas.

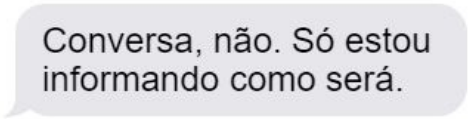
Recebo pedidos por telefone. Faço mais cupcakes. O tempo todo permaneço presente no caso de Hayes acidentalmente ter um deslize em sua resolução e querer falar comigo. É depois da quarta ou quinta entrevista que meu telefone avisa que tem uma mensagem.



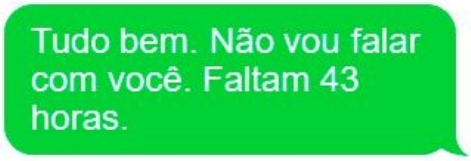
Ao que eu respondo:



A próxima entrevista acontece. Termina. A próxima leva de mensagens é trocada.



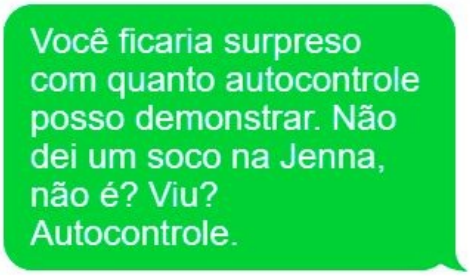
Como será? Uma parte de mim gosta deste lado dele. A outra, odeia isso. Respondo, então:



Observo Hayes se sentar para a próxima rodada, pegar seu celular na mesa, digitar alguma coisa e colocá-lo dentro do paletó. Só quando o repórter inicia a pergunta de abertura, meu telefone vibra com uma mensagem recebida.

É bom saber, mas duvido. Vou fazer você falar comigo antes do final do dia.

Quando olho em sua direção, ele tem uma sugestão de um sorriso brincando em seus lábios. Silenciosamente me provocando, e eu gemo em sinal de frustração. *Filho da puta arrogante.*



Para alguém que diz que não está falando comigo, com certeza, ele está se comunicando. Isso me diz que esse tratamento silencioso é tão torturante para ele quanto para mim.

Penso na nossa troca no Twitter esta manhã. E sorrio. Ele quer que eu faça o meu melhor desempenho?

Vou fazer isso.



— Vou subir. Devo ter deixado as anotações para a nova receita lá em cima.

— Tudo bem — DeeDee diz, seu sorriso permanente do dia ainda emplastrado em seu rosto. Ela está um pouco surpresa e muito fascinada com o exaustivo

processo de divulgação da imprensa que parece, ao mesmo tempo, monótono e estimulante.

— Estarei aqui. Assistindo. Desmaiando. Te odeio secretamente toda vez que ele te dá aquele olhar *eu te quero*.

Rio do comentário dela a caminho das escadas. Depois de alguns instantes, encontro minhas anotações, pego uma garrafa de água na geladeira e quando fecho a porta, Hayes está do outro lado.

Sua presença é inegável. Olhos escuros de desejo e seus dedos remexem na lateral de seu corpo como se ele estivesse com comichão para me tocar.

Seu perfume se impregna em meu nariz. A visão dele inflama cada nervo do meu corpo. Meus mamilos endurecem. Minhas coxas ficam tensas enquanto o delta entre elas dói. Abro a boca para falar — para dizer *oi, senti sua falta, que se dane as quarenta e poucas horas que nos resta* —, mas a curva sempre tão sutil nos cantos da sua boca me impede.

Me lembra.

Me impede.

Me diz que ele quer provar que estou errada.

Mordo a língua. A curiosidade divertida em seus olhos me pergunta se me lembro da mensagem em que eu jurava que não falaria.

Uma guerra visual salta entre nós enquanto nossos corpos agitam a bandeira branca e querem se render um ao outro. Ele levanta uma sobrancelha. Uma provocação não verbal. Respondo umedecendo o lábio inferior enquanto passo a mão na lateral do meu pescoço e entre os meus seios.

Ele remexe os pés enquanto seus olhos se fixam na minha mão. Ela desce pelo meu corpo. Mas é o meu olhar que está preso agora. Na frente da sua calça. Na flexão das suas mãos em sua cintura. Pelo gemido que ele emite em sua garganta e que reflete tudo o que sinto neste momento: desejo, frustração, querer, obstinação e necessidade.

Espero que você coloque em prática sua melhor performance, Whitley.



Ela quer jogar esse jogo? Me provocar? Ironizar com um não vou falar com você também? Como eu gostaria que fosse a minha língua deslizando sobre seu corpo ao invés da sua mão.

Não se mexe com um homem em uma missão, e minha missão é tê-la. Ela por inteira. De todas as maneiras possíveis na minha vida.

Agora mesmo, incluso.

Aquela mensagem? Foi como acender um isqueiro e a primeira faísca se dissipar. Planejo acender novamente e desta vez vou provocar um incêndio. Só que nos meus termos e no meu próprio tempo.

Ela me olha.

Não faça isso, Hayes.

Olhos interrogativos.

Você tem dez minutos, no máximo, antes da próxima entrevista.

Lábios franzidos.

Acenda o isqueiro, Whitley.

Os mamilos endurecem embaixo da sua blusa. Os dentes mordiscam seus lábios.

Mas ela mandou uma mensagem. Ela provocou.

O corpo todo chama por mim.

Acenda a chama.

Implora por mim.

Ela disse que não vai falar.

Lábios se entreabrem. Peito levanta.

Sim, ela vai.

Limpo a garganta e sei onde isso vai levar. Quão doloroso será para mim, mas vou amar do mesmo jeito.

Seu olhar desce e observa meu pau, completamente duro para ela. Sua língua umedece os lábios. Ela inspira e depois olha de volta para mim.

Levanto uma sobrancelha. *Não vou falar, você vai?*

Ela levanta o queixo e só por uma fração de segundo eu me lembro da aposta no campo, atrás da sua casa e seu desafio frequente para provar um ponto. Sempre achei isso frustrante. Mas, agora? Agora com ela de pé diante de mim — curvas, sexo, desejo e luxúria em um pacote perfeito — acho seu desafio irresistível.

Nossos olhos se prendem. Fazem uma guerra sufocada em silêncio, mas carregada de desejo.

E querer.

E luxúria.

E necessidade.

Há uma fração de segundo de hesitação em que o autocontrole é testado, provocado e tentado.

Dou um passo para mais perto. *Acenda o isqueiro*.

E então o autocontrole é quebrado.

Colamos um no outro. Lábios, dentes, mãos e corpos. Seu gemido. Meu gemido. Suas unhas me marcando. As pontas dos meus dedos apertando.

Os dois querendo mais. E nem perto de conseguir o suficiente.

Suas costas atingem a parede. Não posso respirar. Não posso pensar. É ela. Tudo que mais quero. Tudo que eu penso.

E, ainda assim, não digo nada. Nem ela. De alguma forma, ainda estamos jogando o jogo, ainda travando a guerra.

Seus dedos se atrapalham com o meu cinto. Minha mão espalma seus seios. Ela suspira quando minha boca reclama seu pescoço. Caramba. A mulher tem gosto de paraíso. Como um vício que não quero largar.

Minhas mãos seguem para o cós da sua saia. Ela puxa meu zíper. Meus dedos tocam seus pelos, parte da sua fenda e, em seguida, deslizam para baixo da linha da sua vagina.

Agora, isso? Isso é o paraíso. Seu calor. O quanto ela está molhada. Entro sem aviso. Dedos enterrados ao máximo.

Ela grita. Não é um nome. Nenhuma palavra. *Apenas um som.*

E então ela se aperta em volta de mim. Agarra meus dedos enquanto encharca minha mão.

Não tem como eu ser capaz de me conter.

Foda-se o plano. Dane-se a entrevista. Faça-os esperar.

E quando ela envolve a mão inteira ao redor do meu pau e desliza por ele todo, congelo. Com meus dedos ainda enterrados em sua boceta e seu calor

contra a minha mão, sou a porra de um caso perdido.

Ela levanta a mão, faz um pequeno movimento de torção sobre a cabeça e ataca os nervos de lá da melhor maneira possível.

Fecho os olhos. Aceito o prazer. Gemo em êxtase.

E então eu a ouço rir. Sabe que ela está me colocando no meu jogo, mas não estou nem aí por ela ter acabado de levar vantagem. *O que posso dizer? Esta mulher está com a mão no meu pau*. Já faz oito dias desde que estive dentro dela.

Oito.

Dias.

Inteiros.

Cerro os dentes tentando manter o autocontrole. *Puta merda*, *Saylor*, quero gemer e tentar processar os pensamentos que ela está apagando a cada toque.

Mova-se, Hayes.

Um toque para cima. Uma virada da mão dela. Um aperto dos seus dedos. Um arranhão de unhas na parte de baixo das minhas bolas.

Não a deixe fazer você falar.

Minha cabeça se inclina para trás, mas meus dedos estão dentro dela. Um lembrete do que pretendo reivindicar. Tomar. Usar a meu favor.

Caramba. Ela. Me. Possui.

É só quando ela se mexe, quando meus dedos escorregam da sua boceta e uma risada rouca sai de seus lábios, percebo que ela está ficando de joelhos.

Para chupar meu pau. Para envolver seus lábios ao redor dele. Usar sua língua. E pegar o que dou a ela.

Ela está ganhando a guerra.

Tenho que recuar. Fazer o sacrilégio: rejeitar o boquete que sei que vai agitar meu mundo. E me fazer falar. Porque se colocar uma boca quente e úmida e uma língua hábil no pênis de um homem não há como controlar o que ele diz ou o quanto ele apertará seu cabelo.

Com um gemido de dor, coloco a mão em seu ombro e a empurro contra a parede para parar sua descida. Seus olhos — tão lindos com as pálpebras entreabertas — piscam e se prendem aos meus. O sorriso brinca em seus lábios. Sua determinação em me fazer falar está escrita em todo o seu rosto.

Então eu a prendo lá com os olhos e a mão em seu ombro, e deslizo os dedos de volta nela. Começo a acariciá-la em um frenesi. Com meus dedos e o polegar. Dentro e fora, e sobre o clitóris. Deslizo, toco, passo o dedo e esfrego. Então tudo de novo.

Todo o tempo seu olhar está no meu. Seus lábios se separam. Seus quadris se contraem mais na minha mão. Seus dedos fincam mais fundo no meu ombro. Sua respiração fica ofegante.

Mantenho o ritmo quando sinto sua boceta começar a apertar em torno de mim. É agora ou nunca. Então acaricio o lugar que eu sei que ela gosta. Aquele que faz ela perder a cabeça.

— Ah, caramba — ela murmura.

É o som da vitória. O isqueiro acendeu o fogo.

E paro todos os movimentos instantaneamente.

Fico em pé enquanto ela me encara — os ombros caídos contra a parede, os olhos descontroladamente sensuais, as bochechas vermelhas, o peito arfando — e sorri. Então, casualmente, olho para o meu relógio antes de me concentrar em enfiar meu pau, duro como pedra, em minha calça e fechar o zíper. *Com cuidado*.

— Seu cretino — ela sussurra com diversão, frustração e descrença.

E não posso me impedir de me sentir do mesmo jeito quando olho para ela. Levo a língua na minha bochecha enquanto nos encaramos. Minha necessidade por ela é tão forte que dói. E então, com um aceno de cabeça, saio e fecho a porta atrás de mim sem dizer uma palavra.

Só deixei Saylor duas vezes antes. A primeira, foi brutal, porque não voltei. Esta segunda é tão brutal quanto, mas, pelo menos, *sei* que vou voltar.

Levo um minuto no topo das escadas para esperar meu pau se acalmar. Puxo o telefone do bolso e com meus dedos ainda molhados dela, digito uma mensagem.



E estou pagando o preço indo embora com o cheiro dela nos meus dedos e seu gosto nos meus lábios.



Seu melhor desempenho? É muito bom, Marinheira. Você quase me ganhou. Mas o meu é melhor. Viu, posso mostrar autocontrole. Revanche em cerca de 40 horas?

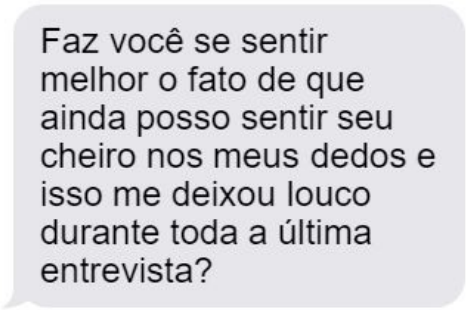
Olho para a mensagem pela centésima vez, meu corpo ainda está tenso pelo seu toque e o sorriso ainda é largo em meus lábios. Estou sexualmente frustrada mas muito contente porque ele me ama. Nenhum homem passaria por tantos problemas se não amasse.

Você é um cretino.

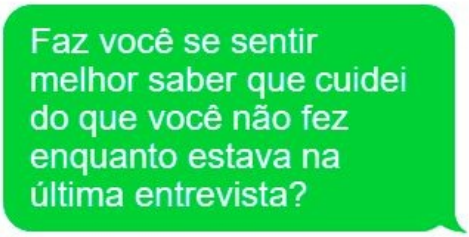
Considero continuar. Reivindicar meu orgasmo que ele deixou inacabado, mas sei que metade da diversão é fazê-lo com ele. Então, em vez disso, me sento no silêncio do meu quarto, com os paparazzi clamando do lado de fora e a imprensa filmando no andar de baixo. Com uma proposta de um bom negócio na caixa de itens enviados do meu e-mail, e um homem que nunca pensei que voltaria, se apropriando dos meus pensamentos... e me pergunto como, de repente, esta é a minha vida.

E então ele manda outra mensagem.

Não. Isso não me faz sentir melhor. Minha vez:



Mas isso, com certeza, faz.



Olho o relógio. Deixo passar três minutos enquanto o imagino cerrando os dentes enquanto pensa em mim aqui em cima, gozando sem ele. E em seguida, envio outra mensagem.





FALTA ZERO DIAS — FINALMENTE



Olho para o post por mais tempo. Quero saber mais sobre a trama do filme *Undeniable* para ver o que ele quer dos fãs com a pergunta. Tenho certeza de que tem um propósito. Só não sei qual é.

Digito várias respostas para o post, mas depois as excluo. Qualquer coisa que eu poste é para exibição pública, e quero manter nosso relacionamento o mais privado possível.

Então leio os comentários de outras pessoas. Tento passar tempo enquanto espero o que quer que seja de Hayes. Olho minhas outras contas de rede social, verifico meu telefone, mas não há nada nelas. Nenhuma contagem regressiva até eu vê-lo. Nenhuma cantada brega.

Nada.

Apenas silêncio.

Dois dias completos para ser exata. Ele deixou a confeitaria para dar uma última entrevista a um importante jornalista de entretenimento durante um jantar. E, claro, o cretino arrogante não me deu mais que um aceno de cabeça e um

sorriso torto nos lábios quando fechou a porta atrás de si.

Mas há lembretes dele em todos os lugares: no abajur torto que ficou assim por causa da nossa sessão de amasso. Na mobília da confeitaria, que decidi reorganizar quando a colocamos no lugar depois que as entrevistas terminaram. E na ausência de paparazzi na frente, mas na presença de uma fila de pessoas esperando para comprar cupcakes hoje.

Uma fila. Essa é a primeira vez.

Então estou cozinhando como uma mulher louca. DeeDee está me ajudando também, junto com uma amiga que ela trouxe, para que possamos atender à demanda. É um bom problema para se ter.

No entanto, uma parte de mim continua olhando em volta, esperando que Hayes apareça e me diga que os dez dias acabaram para que eu possa responder a sua pergunta e dizer a ele sim para todos os itens acima, seja lá o que for.

Digo a mim mesma que não é grande coisa. Que ele fez o suficiente e a única coisa que realmente quero é ele. Mas estou frustrada. Droga, se ele ainda está tentando provar seu ponto de vista, está provado. Podemos sobreviver aos paparazzi. Podemos lidar com a loucura. E mesmo quando estamos cercados pelos dois, ainda o quero. Ainda preciso dele. Ainda escolho a ele.

O trabalho nos consome. O volume de clientes hoje é ridículo. O tempo passa rapidamente, mas Hayes é sempre uma constante em minha mente. Olho para cima toda vez que o sino toca, pego meu telefone toda vez que ouço um alerta de mensagem e me pergunto de forma obsessiva quando este espetáculo ridículo, jogo ou exercício de força de vontade terminará.

— Puta merda — DeeDee fala, enquanto cai exausta em um dos bancos quando temos a primeira calmaria do dia. — Hoje foi incrível! — Sorrio, porque ainda estou espantada. Me juntando a ela em um banquinho, deixo a cabeça cair em minhas mãos e fecho os olhos por um momento apenas para absorver tudo. Quando olho para cima, DeeDee está lendo algo em seu telefone e seu sorriso fica cada vez maior.

— O que foi? — pergunto curiosa, mas exausta e de repente percebendo que ainda não ouvi falar de Hayes.

Quando ela olha para mim, há lágrimas em seus olhos que contradizem o sorriso de orelha a orelha em seu rosto.

— Aqui. — Ela empurra o telefone para mim.

Quando olho para a tela, exibe uma nova postagem na página do Facebook de Hayes. E este é destinado a mim.



Meus olhos piscam para DeeDee, e não consigo levantar do banco ou pegar as chaves do carro com rapidez suficiente.



Está escurecendo quando corro pelo caminho da antiga casa na árvore. Evito a casa e o carro de Ryder na garagem. Minha cabeça está focada em uma coisa — chegar até Hayes. E quanto mais me aproximo, mais meus olhos se arregalam. A estrutura recebeu uma nova camada de tinta e os degraus de ripas foram substituídos.

A casa que meu pai construiu há muito tempo, nunca pareceu melhor, e não posso deixar de sentir que é apropriado que Hayes a tenha terminado. Quase como se me trazendo para cá, meu pai, de alguma forma, esteja passando a minha mão para a de Hayes e dizendo que é melhor ele cuidar bem de mim.

Emocionada, fico embaixo dela e olho por um momento. A primeira vez que Hayes subiu lá comigo volta para mim. É engraçado como aquele frio na barriga continua ali todo esse tempo depois. E aumenta mais a cada passo que dou.

A porta se abre antes que eu possa fazer isso sozinha e ele aparece com a mão estendida para me ajudar a subir última parte. Ele me puxa para cima e o engraçado é que, desta vez, adoro os pequenos limites da casa, porque isso significa que ele está ao alcance do meu braço onde quer que esteja.

— Oi — digo e pressiono os lábios nos dele sem preâmbulo. E ele reage me beijando de volta com aquele toque ardente dos seus dedos, suaves, mas exigentes, cheios de desejo, tocando meu cabelo, minhas mãos deslizando por suas costas em um beijo que parece dizer que não quero que isso acabe nunca.

E quando termina, quando estou mole e suave com a tempestade de emoções que acabou de acontecer no encontro das nossas bocas, Hayes se inclina para trás, afasta uma mecha de cabelo da minha bochecha e abre aquele sorriso tímido que reserva só para mim.

— Olá, Marinheira.

Abro um sorriso de orelha a orelha.

— Está falando comigo agora?

— Sim, tenho algumas coisas para dizer. — Ele dá de ombros e rouba outro beijo carinhoso dos meus lábios. — Obrigado por me encontrar aqui.

— Obrigada por me convidar.

— Não tinha certeza se você veria o post.

É a minha vez de rir.

— Você meio que me tornou uma viciada em redes sociais nas últimas duas semanas. Sabe, tem um garoto que eu gosto... ele está se recusando a falar comigo pessoalmente. Mas como só falava comigo online, me tornei uma daquelas pessoas chatas que olham para o celular a cada cinco segundos.

— É mesmo? — Sua voz é tímida. Sua expressão finge inocência.

— Aham.

— Você só *gosta* dele?

Mordisco o lábio. Franzo o nariz. Finjo que tenho que pensar nisso.

— Humm. É mais do que gostar. Definitivamente, é amor.

Ele me concede um rápido sorriso.

— Tem cobertura no seu cabelo. — Ele estende a mão e toca antes que seus olhos encontrem os meus novamente.

— Sinto muito.

— Eu não ia te querer de outra maneira. Você não sabe disso ainda?

E essas palavras.

A simples aceitação de quem eu sou, faz coisas engraçadas dentro de mim ou talvez seja o homem que disse isso.

Sorrio suavemente para ele, estendo a mão e entrelaço meus dedos aos dele.

— Obrigada.

— Não. Não precisa me agradecer, Saylor. Você nunca deveria ter que se desculpar por ser você. Porque você... é linda, inteligente, sexy, desafiadora, criativa, tonta e louca – engraçada e espontânea. Amo cada uma dessas coisas em você, além de todas as outras que esqueço até que você as faça e então isso me faz lembrar delas. — Ele sorri de novo e aperta minha mão. Meu coração incha. — Fui embora há dez anos pensando que poderia te esquecer. Que eu poderia correr atrás dos meus sonhos e seguir em frente. Aquele primeiro amor nunca poderia ser o último. Deus, como eu estava errado. Há algo a ser dito por

se apaixonar por alguém com quem se cresceu. Conheço todas as suas falhas, Saylor. Suas fraquezas. Suas forças. Seus medos. Seus erros. E te amo por cada um deles. Eles fazem você ser quem é. E, por sua vez, nos fazem, nós.

— Hayes. — Seu nome é um suspiro de carinho em meus lábios.

— Não. Shh. Eu sou o ator, estou no palco agora. — Rio como ele. Sei que ele está brincando e concordo com a cabeça.

— Por que os atores gostam tanto de atenção?

— Engraçado. Muito engraçado — ele brinca antes de se inclinar e me beijar novamente. Desta vez, porém, ele desliza a língua entre meus lábios e leva o beijo um pouco mais a fundo. Suas mãos tremem enquanto emolduram meu rosto, e essa pequena ação me diz tudo o que preciso saber. Se ele está nervoso, isso é importante para ele, e eu valho a pena. — O que eu tenho com você, Saylor, não quero com mais ninguém. Você me marcou. Não apenas meu coração com seu amor ou minha mente com suas palavras, mas a minha alma com tudo que você é. Tudo o que você aspira ser. E tudo que você acha que podemos ser juntos.

Ele coloca um dedo nos meus lábios quando começo a falar. Tento dizer a ele que isso é demais, gentil demais, excessivo quando, por muito tempo, não havia nada além de vazio sem ele. Mas como posso fazê-lo para parar quando meu coração se sente tão cheio, minha alma tão completa, quando não consigo me lembrar de nunca ter me sentindo assim antes?

— Sei que foi repentino e que tudo isso surgiu do nada. Nos atingiu com flashes brilhantes das câmeras dos paparazzi. Mas é real, Saylor. *Somos reais* A coisa mais real que já tive na vida. — Ele olha para os nossos dedos entrelaçados antes de erguer os olhos para os meus e sorrir com suavidade. — Não posso prometer que será fácil, porque você já teve um gostinho da minha loucura, mas posso prometer que vamos fazer dar certo. Vamos encontrar um caminho. Comprar uma casa entre nossos empregos. Ou abrir uma segunda confeitaria em Hollywood. Comprar a porcaria de um helicóptero, se necessário, para que você possa fazer suas entregas. Vou fazer o que for preciso, porque não quero enfrentar outro dia sem saber que você é minha. Já perdemos muito tempo e não quero perder mais nada. Então, o que me diz, Marinheira? Quer tentar fazer essa coisa funcionar a longo prazo para nós?

Todo o meu corpo estremece com a verdade em suas palavras e a honestidade em seus olhos. Lágrimas borram minha visão, mas quando olho para ele, lembro do garoto desengonçado e uma obsessão por *Guerra nas Estrelas*. Me lembro do nosso primeiro beijo e do nervosismo que compartilhamos na primeira vez juntos. Então, penso nas poucas ocasiões em que ele me abraçou enquanto eu chorava e nas inúmeras vezes em que rimos tanto que nossas barrigas doíam. E

vejo o homem em que ele se transformou. O homem atencioso, engraçado, inteligente, romântico que ele é, e sei, sem dúvidas, que podemos fazer isso dar certo.

Ele é a minha alma gêmea.

Só um amor importa mais do que o seu primeiro amor: *o último*. Quanto eu sou sortuda pelos dois serem a mesma pessoa? Com esse pensamento em mente, eu me inclino para frente e pressiono o mais doce dos beijos contra seus lábios. Inclino a testa contra a dele. Fecho os olhos. E me sinto em casa.

— Sei que você diz que as palavras não têm valor, mas essa que você acabou de dizer? Essas palavras foram inestimáveis, Hayes Whitley.

— Assim como você. — Ele me abraça e me puxa para mais perto de si.

— E acho que a longo prazo me serve muito bem.

— Ótimo. Porque eu não ia aceitar um não como resposta. Posso colocar meu melhor desempenho em prática novamente e você sabe como ele é bom.

Minha risada enche o espaço ao nosso redor. Tantas coisas se encaixam bem no nosso mundo.

— Quanto a isso... parece haver alguns negócios inacabados que precisam ser resolvidos....

E assim, à luz da lua nascente, no lugar em que compartilhamos nosso primeiro beijo, também compartilhamos muito mais com nada além de amor e possibilidade entre nós.



UM ANO DEPOIS

Para onde você está me levando? — Rio, enquanto a brisa sopra contra minhas bochechas e o chão sob meus pés se torna irregular.

— Você vai ver — Hayes murmura, suas mãos cobrindo meus olhos sobre o lenço que ele está segurando para garantir que eu não dê uma olhada. — Uma surpresinha de aniversário nunca machucou ninguém.

Estamos dirigindo há uma eternidade. Gostaria de dizer que sou boa com direção e qual caminho pegamos, mas pelo que sei, dirigimos em círculos por horas e ele acabou de me levar de volta para a casa que compartilhamos, aninhada nas colinas de Hollywood para mexer com a minha cabeça. Tentei ser paciente. Tentei relaxar e esperar a surpresa que ele reservou para mim, então me ocupei pensando nos suprimentos que precisava pedir para a loja de Brentwood. E quando terminei isso, passei para a lista que DeeDee tinha enviado para a loja principal, localizada na State Street, que ela administra agora.

Se desligue, Saylor. Aproveite a antecipação. Curta o momento. Ame seu homem. Aprecie que Hayes ainda está tentando ser espontâneo e fazendo algo especial para você. Ainda tenta te colocar em primeiro lugar, apesar da sua agenda agitada e as exigências ridículas que todo mundo coloca sobre ele.

— Vamos pegar um cachorrinho? — Há diversão na minha voz sobre a nossa brincadeira com relação a relacionamento de longa duração. Como o fato de um filhote de cachorro ser permanente, assim como a morte de tantos casais quando percebem o quanto é difícil misturar dois ideais diferentes para criar algo juntos.

— Eu te disse, não vamos pegar um filhote de cachorro. Não preciso de um teste com você, Marinheira. Sei que você é boa para isso quando decidirmos aumentar a família.

Rio em voz alta enquanto ele me segura firme quando tropeço.

— Você quer dizer como uma tartaruga marinha?

— Se você quer aprender como colocar um ovo, então fique à vontade. Podemos fazer tartarugas marinhas, mas estava pensando em algo como uma menina de cabelos loiros e olhos azuis algum dia.

— Ah. Tudo bem. — Lá vai ele derretendo meu coração e me deixando sem palavras. O homem leva jeito para me deixar assim.

E eu, com certeza, não vou reclamar.

— Mais alguns passos.

— Certo. — Conto dez passos e me pergunto quantos mais são sua definição de poucos, já que o suspense está me matando. E assim que penso nisso, ele me manda parar.

— Bem aqui — ele diz, quase como se estivesse se esforçando muito para se concentrar como às vezes faz quando ensaia falas. — Está pronta?

Eu rio. Ele parece nervoso de repente. As mãos dele estão tremendo?

— Sim.

O calor do seu corpo deixa o meu.

— Pode olhar agora.

Tiro o lenço preto lentamente e quando o faço, a visão diante de mim me tira o fôlego. Minha boca se abre, meus olhos se arregalam e minha cabeça se move de um lado para o outro para que eu possa absorver o que me rodeia.

É tão perfeito, tão incrível, que levo alguns momentos para absorver tudo.

Estamos na base da casa da árvore, está anoitecendo e potes de conserva estão pendurados nos galhos das árvores com velas acesas dentro. Cordão de luzes brilham dentro da folhagem da árvore e também estão iluminando o campo de grama além dela. Há flores também. A favorita da minha mãe — hortênsias em suas várias cores — transbordando de recipientes galvanizados e pátina enfeitadas com laços e estopa. É maravilhoso.

Estou impressionada, maravilhada e, quando me viro de novo, fico com lágrimas nos olhos. Ryder, DeeDee, a mãe de Hayes e outros amigos em comum de Santa Barbara e Los Angeles também estão aqui.

É como se meu cérebro estivesse tão sobrecarregado por esse espetáculo perfeito de tirar o fôlego, que pude processar o lugar, mas só depois de analisar a totalidade da imagem, posso, finalmente, processar o porquê.

Esta não é uma festa de aniversário surpresa..

Minha mão voa para a boca. Meus olhos se arregalam e se enchem de lágrimas a medida que a compreensão me atinge e olho de volta para Hayes na minha frente. *Como ele sabia que esse era o meu sonho?*

Porque ele me conhece por dentro e por fora.

Sempre conheceu.

Agora, ele sempre irá conhecer.

— O que você fez, Hayes? — Minhas palavras saem em um sussurro abafado.

Seu sorriso se amplia. Tem um toque de nervosismo, mas seu olhar sugere que é do tipo bom. Do tipo *isso é importante*.

Ele olha para a mulher desconhecida à minha direita e quando ela acena para ele, a absoluta adoração em sua expressão quando ele se aproxima de mim causa arrepios em toda a minha pele. Ele estende a mão e pega a minha.

— Surpresa — ele sussurra enquanto me apaixono perdidamente de novo.

— É o que estou pensando...? — Minha voz falha quando olho em volta de novo. Encontro os olhos de Ryder, que se aproxima de Hayes e entrega algo a ele, seu sorriso tão cheio de amor e orgulho que eu sei a resposta para a minha pergunta imediatamente.

— Estou no palco, Marinheira. Você sabe como nós atores gostamos de chamar a atenção.

Minha risada é instantânea. Minhas mãos tremem em descrença, e minha mente tenta descobrir o que foi que ele pegou.

— Tentei pensar em quando me apaixonei pela primeira vez por você, Saylor. Achei que talvez tivesse sido naquele primeiro dia que bati na sua porta, perguntando se o Ryder estava em casa, e você me olhou, com os óculos e uma coroa de princesa na cabeça, o casco de Tartaruga Ninja na costas e o sapato de salto alto da sua mãe que era uns cinco tamanhos maior que seus pés. Mas então me lembrei daquela vez no colégio, quando abandonamos a escola e fomos para o lago. Você foi a única garota que subiu na árvore conosco e pulou do galho de cima para o lago sem pensar duas vezes. Os outros caras achavam que era muito legal você fazer isso, e eu me lembro de pensar o quanto eu estava orgulhoso por você estar comigo.

— Ou naquela vez no ensino médio, quando Nick Ramos continuava se gabando de como uma garota nunca arremessaria com força o suficiente para impressioná-lo. Como você pediu a mim e a Ryd que te ensinassem a jogar uma bola com força para que você pudesse calá-lo. Como seu pai nos deixava ficar do lado de fora, mesmo quando a luz da rua se acendia para que pudéssemos praticar. E como quando Nick falhou naquele terceiro lance – e você arrasou na jogada – e a arquibancada inteira rugiu quando você o colocou no lugar dele.

Olho para Hayes. As coisas das quais não me lembrava voltam para mim. Estou tão emocionada que não posso fazer nada além de ficar fascinada ouvindo.

— Percebe como tentei me lembrar do momento em que soube que te amava pela primeira vez, mas percebi que há muitos deles para escolher? Porque me apaixono perdidamente por algo diferente em você todos os dias, Marinheira. Você nunca deixa de me surpreender. E está sempre me fazendo te ver sob uma

nova perspectiva.

— Então, eu te trouxe aqui hoje porque você é especial, Saylor. Você sempre foi especial. E não quero esperar mais um dia para te dizer isso. Não quero passar por um ano de detalhes e planejando ter um casamento. Não somos assim. Somos espontâneos, despretensiosos e só nos importamos com o que a nossa família e amigos pensam... e não quero te pedir para se casar comigo e depois ter que esperar uma eternidade para torná-la oficialmente minha. Queria fazer isso de uma só vez, porque esperar? A coisa mais importante que aprendi com seus pais é isso: não espere o momento perfeito para dar uma chance aos seus sonhos. *E você é o meu sonho, Saylor*.

Sem palavras, inundada de amor e muito espantada com ele e com essa ideia, faço a única coisa que posso. Me aproximo dele e dou um beijo em seus lábios. Os convidados gritam e aplaudem enquanto Hayes desliza as mãos ao redor da minha cintura e me puxa para perto enquanto continuamos nos beijando antes dele me afastar e rir.

— Boa tentativa, mas ainda não terminei.

Ele recua e, com amor nos olhos, limpa a garganta.

— Saylor Rodgers, prometo passar a vida toda te amando como da primeira vez que te vi, te tratar como a princesa que você é, respeitando o fato de você ser uma super-heroína que pode cuidar de si mesma, e amar isso, assim como você é uma mulher, existe uma garotinha aí dentro que ainda gosta de brincar também.

Meu coração não aguenta mais. Está tão cheio que pode explodir. Lágrimas grossas deslizam pelas minhas bochechas para encontrar o sorriso nos meus lábios. Um soluço se prende no meu peito enquanto olho para o homem incrível na minha frente. Ele aperta minha mão e seus olhos se enchem de lágrimas antes de olhar para a casa acima de nós. Para onde minha mãe ou meu pai costumavam sair para o pátio e nos chamar. A maneira deles de se certificarem de que sabíamos que eles estavam observando, no caso de estarmos fazendo coisas que não deveríamos, mas, provavelmente, estaríamos. Seu sorriso suaviza quando ele encontra meus olhos novamente e sei que está se lembrando deles também.

E parece que eles estão aqui conosco agora.

— Quero criar mais memórias com você. Memórias como *beijos em uma tempestade, cobertura no seu cabelo, lantejoulas na noite do Oscar, pizza de pepperoni com jalapeños, sentar no chão assistindo a filmes com um cachorro dormindo aos nossos pés e crianças rindo*. Você é tudo para mim, Saylor. Sempre foi. E sempre vai ser.

— Sei que não precisamos de um documento oficial ou anéis nos dedos para nos dizer que pertencemos um ao outro, porque sempre soubemos disso. Sempre vamos nos pertencer. Mas o meu lado que te olha todas as manhãs e tem o

orgulho de chamá-la de minha, quer que todos saibam disso também. Então eu te trouxe aqui e falei com meu coração para fazer uma única pergunta. Aceita?

Pisco várias vezes como se ainda estivesse tentando acreditar que isso é real... e está acontecendo. Mas quando olho e encontro um anel, que nem percebi que ele tinha, sendo colocado no meu dedo, sei o que é. O anel brilha com um diamante inserido no conjunto e as luzes ao nosso redor refletem nele. E melhor ainda, enquanto o vejo colocá-lo, percebo que ele já tem uma aliança no dedo.

Arqueio a sobrancelha e olho para ele.

— Eu não ia te dar nenhuma chance.

— Estou vendo. — Olhando para ele, não há uma única dúvida em minha mente de que quero passar o resto da minha vida com ele. Nenhuma. Olho para as nossas mãos juntas. Nossas alianças. Nossos dedos se entrelaçam. Então respondo para ele. — Hayes Whitley, eu aceito.

Nossos amigos e familiares se animam quando me aproximo dele e o beijo com todo o amor que tenho dentro de mim. Meus braços estão em volta do seu pescoço. Suas mãos emolduram meu rosto. Nossos corações batem um contra o outro como um só.

Quando ele se inclina para trás, seus olhos cor de chocolate cintilam com o amor que sente por mim.

— Saylor Rodgers, eu também.

Nos beijamos de novo, como se fôssemos o ar um do outro. Até que minha risada borbulha e meus lábios se abrem em um sorriso contra o dele.

Então, esse é o gosto do para sempre.

— Você realmente fez sua melhor performance dessa vez. — Ele inclina a cabeça para trás e ri.

Longe do brilho e do glamour, e em um campo onde uma vez corremos quando crianças. Sob uma casa na árvore, compartilhamos nosso primeiro beijo, e na propriedade que foi dos meus pais e que eles a preencheram com seu amor inconfundível. Com um pequeno círculo de amigos e familiares diante de nós, as luzes brilhando ao nosso redor...

Casei com meu melhor amigo.

O garoto que roubou meus cookies de gotas de chocolate.

Meus Kisses.

Meu tempo.

Meu amor.

O meu era uma vez, na vida.

O homem que tem meu coração para sempre.

Meu felizes para sempre.

Fim.

Agradecimentos

Obrigada...

Aos leitores que me acompanham desde sempre, obrigada por me deixarem abrir as minhas asas e escrever algo novo. Espero que vocês se apaixonem perdidamente por Saylor e Hayes, como se apaixonaram por alguns dos meus outros personagens. Obrigada pelo apoio contínuo. Vocês nunca deixam de me surpreender.

Aos novos leitores, sejam bem-vindos e obrigada por ler Doce Tentação. Espero que tenham gostado da história e que você também dê uma chance a alguns dos meus outros personagens.

Aos blogueiros e leitores que me ajudam a promover os livros. Para minha família por aguentar meu mundo caótico e louco.

Para vocês.

Table of Contents

Prólogo
Um
Dois
Três
Quatro
Cinco
Seis
Sete
Oito
Nove
Dez
Onze
Doze
Treze
Catorze
Quinze
Dezesseis
Dezessete
Dezoito
Dezenove
Vinte
Vinte e Um
Vinte e Dois
Vinte e Três
Vinte e Quatro
Vinte e Cinco
Vinte e Seis
Vinte e Sete
Vinte e Oito
Vinte e Nove
Trinta
Trinta e Um
Trinta e Dois
Trinta e Três
Trinta e Quatro

Trinta e Cinco
Trinta e Seis
Trinta e Sete
Trinta e Oito
Trinta e Nove
Quarenta
Quarenta e Um
Quarenta e Dois
Quarenta e Três
Quarenta e Quatro
Epílogo
Agradecimentos